

NICOLE JORDAN

Êxtase





Extase

NICOLE JORDAN

Êxtase

Tradução
Júlio de Andrade Filho

Copyright © 2002 by Anne Bushyhead
Título original: *ECSTASY* by *Nicole Jordan*
Este livro foi negociado através de Ute Körner Literary Agent, S.L., Barcelona
www.ukliag.com e Books Crossing Borders Inc., Nova York

Preparação: Alyne Azuma

Revisão: Gabriela Ghetti

Capa: Thiago Sousa | all4type editorial

Diagramação: Gabriel Henrique | all4type editorial

Imagem de capa: mark wragg | Getty Images

Produção digital: Hondana

CIP- CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J69e Jordan, Nicole
Êxtase / Nicole Jordan ; tradução Julio de Andrade. - 1.
ed. - São Paulo : Planeta, 2014. il.
Tradução de: Ecstasy
ISBN 978-85-422-0320-2
1. Ficção americana. I. Andrade, Julio de. II. Título.
13-07223

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

2014

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3º andar – conj. 32B
Edifício New York
05001 -100 – São Paulo -SP
www.essenciallivros.com.br
www.editoraplaneta.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

Para minha livreira favorita Gail
Stordahl-Brown, muito obrigada.

Kell abriu a porta e logo se colocou de lado para permitir que Raven entrasse...

Ele permaneceu quieto onde se encontrava, consciente da prudência de saber despedir-se a tempo. Tinha observado Raven durante toda a noite enquanto ela dançava e encantava os presentes, uma enorme multidão de juízes. Ela esteve rindo, demonstrando sua inteligência e beleza e comprovando que podia atrair a metade da população masculina quando quisesse, como tinha feito durante o verão.

Ele mesmo havia sentido uma irracional faísca de ciúmes...

Raven era uma tentação, cheia de vida e sensualidade.

E agora era sua esposa...

Kell sentiu que todos os músculos de seu corpo ficavam tensos com sua inquietante proximidade; seu instinto de perigo lutava contra a poderosa necessidade de tomá-la entre seus braços. Ele sabia que não devia tocá-la, entretanto o impulso era irresistível. Ele a agarrou suavemente pelos ombros e a puxou para si...



Londres, novembro de 1813

Ele surgiu nu da espuma, com o corpo molhado e musculoso brilhando sob o sol do Caribe. Com a silhueta recortada contra o brilhante mar turquesa, parecia um deus pagão. Mas não era nenhum deus. Era o pirata que tinha roubado a sua virtude, e depois o seu coração.

Calor, vitalidade e perigo vibravam enquanto ele se levantava acima da água cristalina diante da praia branca, o senhor de tudo o que contemplava. Sua carne masculina intumescida proclamava muito às claras a excitação e a fazia ofegar.

Como se tivesse ouvido a respiração alterada da mulher, ele fixou nela seus olhos escuros. Ela se sentia arrebatada a cada vez que o homem a olhava, embora não pudesse distinguir seus traços. Nunca conseguia ver seu rosto, só seus olhos negros, que eram intensos e flamejantes.

Ele se aproximou, resoluto em cada passada. A areia estava cálida nas costas da mulher enquanto ele a estendia no chão, e sua boca voraz reclamava a dela.

Seu beijo foi devastador, não só pela intensidade, mas também pelas consequências; seu contato era perigoso, selvagem e sensual, enquanto suas mãos percorriam o corpo dela sem descanso.

O pirata bebeu de sua boca e logo levou suas carícias mais abaixo, rude e suave ao mesmo tempo. Pressionou a cabeça dela para trás e beijou a curva de seu pescoço, sua clavícula, seus seios nus... Os lábios dele queimavam mais do que o sol sobre sua pele nua, e o calor abrasador ardia em sua carne. Ele tomou o bico de um seio e o chupou com força, enviando ondas de prazer até lá, para o úmido centro feminino.

Ela gemeu e abriu as pernas para ele, suspirando enquanto o pirata alojava seu membro na cavidade macia da mulher, a dor latejante entre suas coxas apaziguada e, ao mesmo tempo, despertada.

– Por favor... – implorou ela.

Compreendendo sua necessidade urgente, o homem deslizou seu enorme membro de maneira implacável para dentro dela, preenchendo-a e fazendo-a desejar chorar de êxtase.

Mas logo ele ficou imóvel, negando a liberação que ela tanto ansiava. A ardente escuridão de seu olhar a imobilizou com tanta determinação quanto sua palpitante carne masculina que a penetrava.

– Como pode se casar com ele? – perguntou ele secamente. – Como pode pensar em se entregar a ele?

– Eu preciso fazer isso. Não tenho escolha. Fiz uma promessa.

O homem fixou nela seu olhar flamejante.

– Seu duque é frio, insensível. Não pode fazê-la sentir o mesmo que eu faço. Não pode fazer ferver o seu sangue como eu faço.

Ela virou a cabeça para um lado, sabendo que o que ele dizia era verdade. Ao pensar em seu iminente casamento, experimentava um sentimento de desespero. Sua vontade era esquecer... Entretanto, seu pirata não a permitia.

A mão dele agarrou seus cabelos, seus dentes reluziam selvagens.

– Você pertence apenas a mim. Você é minha, ouviu? E eu sou seu. Você me criou. Sua possessividade a fazia estremecer e a excitava.

– Sim – respondeu ela apenas.

Ele retirou o membro escorregadio e o afundou de novo nela, estocando com força dentro dela.

– Quando estiver com ele, é de mim que vai se lembrar. Meu toque, meu sabor, meu membro duro penetrando você profundamente, fazendo-a gritar de desejo.

– Sim. Sim... Só você.

Ela trouxe a boca dele para si, precisava saboreá-lo, senti-lo...

A íntima ferocidade de seu corpo prendeu-se no interior do corpo dela, e ele começou a se mexer de novo, possuindo-a, reclamando-a. Não era delicado, mas ela não desejava delicadeza. Ao contrário, ela levantou os quadris para receber mais profundamente seus ataques, respondendo com todo o vigor de seu corpo trêmulo.

– Mais – rugiu ele roucamente com a boca presa na dela. – Me dê mais. Se entregue...

O clímax explodiu dentro dela com tremores intensos uma e outra vez, até que ele próprio encontrou também sua própria liberação. Por fim, ele desabou sobre ela, misturando o próprio resfolegar com a respiração dela, seu feroz apetite satisfeito naquele momento.

Ela ficou ali quieta, de costas, satisfeita também, enquanto ondas sedosas quebravam com suavidade contra seu corpo, resfriando sua pele aquecida e a paixão acesa que tinha surgido entre eles...

Raven Kendrick passou lentamente da fantasia à consciência e reconheceu o quarto. A fria luz das primeiras horas da manhã era filtrada pelas cortinas de tecido adamascado enquanto ela continuava deitada na cama, com o corpo ainda pulsando depois de seu poderoso clímax e da lembrança de seu pirata. Ele era um fogo doce e selvagem aquecendo seu sangue... E era apenas uma mera ilusão.

Com um suspiro de desejo insatisfeito, Raven se revirou na cama e apertou um travesseiro contra os seios ainda formigando. O pirata era tudo o que ela poderia ter de autêntica paixão.

Seu amante existia apenas em sua imaginação, embora às vezes parecesse tão real quanto um homem de carne e osso. Ele não tinha identidade nem passado, além daquele que ela havia criado. O pirata havia desembarcado em seus sonhos em uma radiante manhã caribenha, para saquear seu corpo e capturar seu coração...

Raven fechou os olhos para preservar a lembrança de seu encontro mais recente. Ainda estava quente e úmida entre as pernas por se imaginar possuída por ele, mas na vida real nunca havia sentido o êxtase da carne de um homem a penetrando, queimando profundamente dentro dela.

Ainda que pudesse imaginar isso. De fato, ela sabia de coisas que nenhuma mulher virgem deveria saber. O estranho e erótico livro que sua mãe tinha deixado ao morrer, *Uma Paixão do Coração*, tinha sido entregue a Elizabeth Kendrick pelo homem que ela amara desesperadamente e a quem se viu obrigada a renunciar... Um presente de despedida para manter viva sua lembrança.

Escrito por uma francesa anônima, o diário era uma história de amor verdadeira e trágica e estava repleta de deliciosos detalhes de desejo carnal. Tinha dado consolo à mãe de Raven durante anos porque, embora a fizesse recordar sua dor, a vívida história narrada

naquele livro também a fazia reviver sua paixão perdida.

Entretanto, era um livro escandaloso para estar em poder de uma jovem dama virtuosa.

Raven franziu a testa de modo desafiador. Talvez ela tivesse sido um pouco imoral ao alimentar ilusões tão vívidas com seu pirata, mas em suas fantasias ela podia ser tão despreocupada e livre quanto quisesse. Podia satisfazer sua profunda inquietação interior, permitir-se qualquer apetite proibido sem as graves consequências de um escândalo na sociedade. Podia entregar-se por completo a um amante com o máximo de paixão, sem o temor de perder o coração e a alma, tal como tinha acontecido com sua mãe.

Raven fechou as mãos em punhos de maneira involuntária enquanto o terror familiar pulsava dentro dela. Nunca entregaria seu coração a um homem de verdade. Tinha visto como o amor destroçara sua mãe, transformando-a na escrava de uma lembrança turva. Durante anos, sua mãe soluçou todas as noites no travesseiro, lamentando o amor perdido. De dia, estudava com atenção aquele precioso livro, memorizando cada frase comovente daquela história.

Ela tirou da gaveta do criado-mudo o livro preciosamente encadernado, com olhar perdido enquanto recordava. Ver a mãe desperdiçar a vida, até no leito de morte desejando um homem que nunca poderia ter, havia afligido o coração de Raven infinitamente.

A perda de sua mãe havia deixado Raven dolorosamente abalada, mas também cheia de determinação. Ela não cometeria o mesmo engano, tornar-se vítima de um amor sem esperanças. Nenhum homem jamais possuiria sua alma. Só ela controlaria seu destino. Podia até ter decidido se casar, mas o amor nunca faria parte de sua vida.

Uma batida na porta do quarto tirou Raven de seu devaneio sombrio. Devolvendo com rapidez o livro à gaveta, autorizou a entrada da sua criada pessoal, que trazia uma bandeja.

– Bom-dia, senhorita – disse Nan com um inconfundível tom animado. – Trouxe um esplêndido café da manhã, a senhorita precisa comer adequadamente. Ainda faltam muitas horas para o banquete de casamento.

De maneira inexplicável, Raven sentiu o coração disparar diante daquele aviso. Por fim, havia chegado o dia de seu matrimônio.

Ela se levantou com calma da cama e esperou que Nan colocasse a bandeja em seu colo, embora não estivesse com o menor apetite.

A criada serviu uma xícara de chocolate sem parar de falar.

– Imagine, senhorita Raven! Logo será uma duquesa. É como um conto de fadas – Nan suspirou com uma expressão sonhadora e cheia de reverência, antes de se recompor novamente. – Perdoe-me, senhorita. Não deveria soltar a língua desta maneira. Mas é que nunca conheci uma duquesa de verdade antes.

Raven esboçou um sorriso que não sentia, de fato.

– Não é nada, Nan. Eu também estou um pouco impressionada com tudo.

A criada se virou para a lareira, atçou o fogo que quase se apagara, para combater o frio de novembro, e logo fez uma reverência.

– A água já está esquentando, senhorita Raven. Se precisar, voltarei em meia hora para ajudá-la a se banhar e se vestir.

– Sim, obrigada, Nan.

Quando a criada saiu do quarto, Raven empunhou o garfo obedientemente, mas logo voltou a deixá-lo na bandeja. Seu estômago estava embrulhado. Em poucas horas estaria casada com o homem que tinha escolhido, um destacado fidalgo que gozava de respeito nos

mais elevados escalões da sociedade. Fazia meses que esperava ansiosa por esse dia... Por que então se sentia como se, de certo modo, estivesse indo para sua execução?

O nervosismo normal das noivas. Sua ansiedade podia ser simplesmente atribuída a isso. Todas as noivas tinham receio no dia do casamento.

Ela balançou a cabeça, decidida a desfazer o nó que sentia no estômago. Era absurdo alimentar dúvidas no último momento a respeito do plano que ela mesma tinha determinado para seu futuro. Seu casamento com o duque de Halford não seria somente a realização do desejo mais profundo de sua mãe – assegurando assim seu legítimo lugar entre a nobreza –, mas também significaria que Raven não seria mais uma intrusa.

Por fim *pertenceria* a algum lugar.

Como duquesa, seria aceita pela fina flor e pela nata da sociedade... A sociedade em que sua mãe teve a presença negada depois de ser banida das Antilhas há mais de vinte anos por um pai furioso.

Raven levou a xícara de chocolate aos lábios, tratando de ignorar sua náusea. Seu futuro marido, o duque de Halford, podia ser um aristocrata orgulhoso e obstinado – com o dobro de sua idade – e que, além disso, tinha enfrentado a desgraça de enterrar duas jovens esposas depois de acidentes trágicos. Mas, como sua esposa, já não seria obrigada a lutar contra os desesperados sentimentos de solidão que a haviam assombrado durante grande parte da vida.

Ela podia se considerar afortunada por ter atraído Halford, pensando nas desvantagens que enfrentava. Apesar de ser cidadã inglesa, tinha nascido nas Antilhas, e não havia visitado a Inglaterra até a primavera passada, um ano depois da morte de sua mãe. Engolindo sua relutância, reconciliou-se com sua distante família – o idoso avô visconde e a bruxa da tia-avó, que havia patrocinado sua temporada londrina de verão como debutante na sociedade.

Desde então, Raven compreendia cada vez mais o quanto a aceitação significava para si mesma, quão profundamente acalentava o sentimento de pertencer a alguém ou a alguma coisa.

Para seu alívio e sua gratidão, sua primeira temporada foi um triunfo. Tinha sido procurada por incontáveis admiradores e recebido meia dúzia de apreciáveis propostas de casamento, junto com várias outras totalmente inadequadas. Havia enganado inclusive os mais rigorosos paladinos do comportamento com seus esforços de comportar-se com recato. Com um escândalo oculto em seu passado, não podia dar à alta sociedade nenhuma razão para impedir seu ingresso em suas altas rodas, por mais que tivesse gostado de rir na cara deles. Não se quisesse fazer parte desse mundo.

Raven estava muito consciente de que sua educação pouco convencional era um inconveniente. Sua educação na ilha caribenha de Montserrat tinha lhe permitido desfrutar de uma liberdade sem igual, ela havia passado a infância nadando em baías isoladas, brincando de pirata e cavalgando ao vento. Até seu nome era pouco ortodoxo, tinha sido batizada assim por causa da cor de seu cabelo, em memória a um antepassado espanhol de seu verdadeiro pai.

Mas, uma vez na Inglaterra, Raven se esforçou para controlar sua audácia natural, reprimindo todo indício de paixão para poder suportar a sufocante normalidade de uma conduta apropriada, porque estava totalmente decidida a ser aceita pela sociedade.

Uma das poucas concessões a seu espírito inquieto eram suas cavalgadas no parque logo cedo. E, quando ansiava pela paixão, recorria a suas fantasias e a seu amante pirata imaginário. Embora fosse só uma ilusão – que algumas vezes a deixava ardendo de um

desejo insatisfeito –, tinha certeza de que seu pirata poderia apaziguar seus mais profundos apetites com muito mais intensidade do que seu duque da vida real poderia ou viria a fazer...

Raven estremeceu ao notar de repente o frio da manhã de inverno. Reprimiu a apreensão, colocou a bandeja de lado e se levantou da cama. Se aquele fosse um dia como qualquer outro, estaria cavalgando naquele mesmo momento, mas hoje precisava se preparar para seu casamento.

Tinha acabado de colocar um xale de lã sobre os ombros quando bateram na porta. Com grande surpresa, viu sua tia-avó entrar no quarto.

Catherine, lady Dalrymple, era imponente: alta, elegante, de belos traços e cabelos prateados que lhe conferiam um ar majestoso.

– Algum problema? – perguntou Raven, franzindo a testa. Jamais, em todos esses meses, tinha recebido uma visita semelhante. E tampouco sua tia-avó estava acostumada a levantar-se tão cedo.

Tia Catherine esboçou um sorriso forçado.

– Nenhum. Simplesmente vim lhe trazer um presente de casamento – estendeu uma caixa de cetim. – Pertenceu à sua mãe. Imagino que Elizabeth gostaria que fosse seu.

Raven sentiu o coração ficar apertado diante da menção de sua mãe. Abriu a caixa com curiosidade e ficou boquiaberta ao ver um assombroso colar e um par de brincos com pingente de pérolas, não muito grandes, mas com um brilho lustroso que indicava o grande valor.

Então dirigiu um olhar inquisitivo à tia-avó, perguntando-se o que teria causado essa demonstração de generosidade. Lady Dalrymple estava acostumada a tratá-la com uma frieza que beirava o desagrado.

– Sempre tive sérias dúvidas de que este dia fosse chegar – respondeu a tia à pergunta não feita. – Mas agora que seu casamento será realmente realizado, acredito que tem direito de tomar posse disso.

– Eles são lindos – murmurou Raven.

– Elizabeth se negou a levá-los quando partiu – prosseguiu a tia Catherine com evidente desaprovação. – Sua rebeldia foi imprudente, considerando que ela podia tê-los vendido por um preço considerável. Mas presumi que você desejaria usá-los no dia do casamento.

Surpresa, mas agradecida pelo presente da tia, Raven suavizou sua resposta.

– Sim, obrigada. Eu gostaria muitíssimo de usá-los.

Sem dizer nada mais, tia Catherine se virou a fim de partir, mas, em seguida, se voltou arqueando uma sobrancelha com elegância.

– Confesso que você me surpreendeu positivamente, Raven. Nunca imaginei que teria um casamento tão vantajoso.

– Por que não? – Raven não pôde deixar de perguntar. – Porque não acreditava que eu devesse mirar tão alto, tendo em vista a ilegitimidade de minhas origens?

– Pouca gente conhece o segredo de suas origens, graças aos céus. Não, com sinceridade, não acreditei que tivesse o bom senso de aceitar Halford como marido. Você tinha muitos pretendentes... Temi que escolhesse alguém inaceitável só para nos desafiar.

Realmente, Raven tinha tido numerosos pretendentes. De fato, um deles em particular a havia perseguido com tenacidade, inclusive depois que seu compromisso com Halford se tornou público, quase provocando um escândalo. Por sorte, sua tia não sabia nada daquele quase desastre.

– Não me comportaria com tanta precipitação, tia... Apesar de sua opinião sobre mim.

– Talvez não – retrucou a mulher –, mas, mesmo assim, eu duvidava de que seu compromisso com Halford durasse todos esses meses, dada a grande disparidade que existe entre vocês – lady Catherine franziu a boca em um simulacro de sorriso. – Inclusive eu mesma considero Sua Graça alguém muito conservador e pomposo. Quanto à disposição, pelo menos, ele não me parece em absoluto ser o homem adequado para você.

– Ele não está tão mal assim – disse Raven em defesa dele. – É verdade que Halford é reservado e bastante correto, mas, sob a pompa de sua posição, é um homem muito amável.

– Bem, me alegro de que não alimente ideias tolas como a de casar-se por amor. O amor não assegura felicidade, como sua mãe descobriu, para seu eterno pesar.

Raven sentiu o corpo enrijecer.

– Sim, muito pelo contrário – disse ela. – O amor pode trazer grande desgraça. Aprendi essa lição muito bem, tia Catherine.

– É evidente que você tem muito mais bom senso que sua mãe.

Raven olhou para baixo para ocultar a ira que sentia, detestando aquela conversa. Não desejava falar de sua mãe nem desenterrar todas as dolorosas lembranças.

A velha dama franziu os lábios.

– Pelo menos agora, você terá o futuro que Elizabeth esperava que tivesse. Um lugar na sociedade que sua própria insensatez a impediu de assumir.

Ferida de maneira insuportável, Raven levantou o queixo e lançou um olhar penetrante à tia.

– Um lugar que lhe foi *negado* quando sua própria família a renegou, quer dizer – replicou, incapaz de ocultar a amargura de seu tom de voz.

Catherine franziu a testa.

– Não tivemos escolha senão obrigá-la a se casar. Ela estava diante da ruína absoluta de sua reputação. Seu comportamento foi extremamente escandaloso; envolver-se com um homem casado e permitir que ele a engravidasse.

Raven se irritou por ouvir alguém falar de maneira tão depreciativa sobre os pecados de sua mãe.

– Vovô não deveria tê-la renegado e a enviado ao outro lado do oceano!

– Talvez não. – A expressão de Catherine ficou ainda mais glacial. – Mas Jervis tomou a decisão correta. Ninguém poderia esperar que ele, como pai, tolerasse a vergonha de ver sua filha grávida fora do casamento.

– Por isso ele a obrigou a casar-se com um homem que a desagradava e que logo a tirou de vista?

– Asseguro-lhe que Elizabeth compreendeu que o casamento era a sua única salvação. Ao casar-se com Kendrick, ele a resgatou da desgraça e impediu você de nascer bastarda!

Raven estremeceu diante da culpa familiar que se retorcia em seu interior. Ela compreendia muito bem o sacrifício que sua mãe tinha feito por sua filha não nascida. E entendia também como ela própria tinha sido culpada pela desgraça da mãe pelo mero fato de existir. Mas a necessidade daquele casamento não era desculpa para seu avô e sua tia terem sido tão cruéis e implacáveis com ela.

– Se minha mãe não tivesse sido obrigada a viver entre desconhecidos – disse Raven com a voz tensa –, se estivesse cercada pela família, pelos amigos e por sua vida

familiar, talvez tivesse sido capaz de superar sua paixão impossível. Tal como aconteceu, minha mãe morreu ansiando um amor que não podia ter.

– Ela só teve a si mesma para culpar por sua infelicidade. E logo lamentou seu grave erro de julgamento.

– Tia, me perdoe se parecer desrespeitosa – replicou Raven com sarcasmo –, mas como a senhora pode saber disso?

– Porque ela me disse isso em suas cartas. Elizabeth me escrevia de vez em quando ao longo dos anos.

Raven ficou olhando, surpresa com aquela informação.

– Nunca soube que mamãe lhe escrevia.

– Pois ela fazia isso, sem dúvida. – Os olhos de Catherine continuavam frios. – Suas últimas cartas demonstravam com clareza que ela havia recuperado o bom senso. Lamentava amargamente ter caído em desgraça e ter perdido a posição social e os privilégios com os quais tinha sido criada. Sentia falta da vida que podia ter tido e que acreditava que você merecesse... Exatamente por isso ela estava determinada que você tivesse um destino diferente.

Raven pensou sombriamente que aquilo de fato parecia ser verdade. Sua mãe havia ficado quase obcecada em corrigir aquele engano. Elizabeth tinha passado incontáveis horas – na verdade, toda tarde à hora do chá – tratando de ensinar à filha as obrigações de uma dama, para que Raven pudesse assumir por fim sua posição na sociedade inglesa. Em seu leito de morte, a mãe a tinha feito jurar que se casaria com um nobre...

– A senhora tem as cartas de minha mãe? – perguntou Raven, ansiando mudar de assunto.

– Não, eu não as guardei. Mas tenho certeza de que ela ficaria aliviada se soubesse que você conseguiu um duque por marido.

– Ela ficaria aliviada – corrigiu Raven – ao saber que não precisei me preocupar em ser considerada uma bastarda. Minha mãe sabia que a alta sociedade poderia ser cruel e desejava que eu estivesse protegida pela posição social e riqueza se por acaso o meu passado fosse revelado. Uma duquesa não seria tão vulnerável como uma simples senhorita Kendrick.

– Bem, e eu estou aliviada que você não tenha feito nada para envergonhar nossa família, como ela.

Raven apertou os punhos, esforçando-se para se controlar.

– Se estava tão preocupada que eu pudesse envergonhá-la, minha tia, não entendo por que me deu um lar e me amparou nessa temporada.

– Porque estava decidida a manter as aparências, certamente. E porque seu avô não aceitaria outra coisa – lady Catherine deixou escapar um elegante suspiro. – Na minha opinião, Jervis se comportou como um tolo completo, adulando-a como se fosse sua filha pródiga. Mas, quando Elizabeth morreu, ele teve a absurda ideia de que tinha sido muito severo...

– Porque ele tinha, *sim*, sido muito severo – interrompeu-a Raven.

Seu avô, Jervis Frome, visconde de Luttrell, sofreu uma grande mudança de sentimentos ao descobrir a morte de sua filha, lamentando não ter se reconciliado com ela. Quando sua saúde começou a se deteriorar, convidou Raven a ir para a Inglaterra, desejoso de conhecer sua única neta e de reparar sua intransigência e sua prolongada separação de Elizabeth durante todos aqueles anos.

Ao que parecia, tia Catherine havia dito tudo o que tinha a dizer, porque deu

meia-volta e se dispôs a levar dali até o último fragmento de sua arrogante presença.

– Já chega de perder tempo. É melhor você se apressar. Não seria adequado deixar o ilustre duque esperando no altar.

– Não – obrigou-se a dizer Raven com frieza. – Como uma das principais autoridades das regras da sociedade, tia, a senhora sabe muito bem como são essas coisas.

Quando ficou a sós, Raven contemplou todas aquelas pérolas, sentindo ainda a pontada do menosprezo da tia. Ser menosprezada era uma experiência familiar para ela.

Elizabeth tinha enfurecido a sua altiva família e colocado em perigo sua reputação ao se apaixonar por um armador americano casado e ao conceber um filho dele fora do casamento. O desastre só foi evitado porque ela se casou com o empobrecido filho mais novo de um vizinho, que a tratou sempre com desprezo, assim como à sua filha bastarda.

Raven se encolheu de vergonha ao recordar o homem que todos supunham ser seu pai, Ian Kendrick. Até então, e durante vinte anos, ela foi a senhorita Kendrick em público, mas em particular ele nunca a tinha aceitado como filha. Nunca tinha permitido que ela esquecesse que, na verdade, não passava de uma bastarda.

Aquele homem a tinha deliberadamente feito se sentir manchada, indigna... Alguém a ser culpada de alguma forma tanto pela debilidade de sua mãe como pela desgraça de seu padrasto. As condições de seu contrato matrimonial eram claras: uma pequena propriedade agrícola e uma renda mensal em troca de permanecer no Caribe com Elizabeth. Entretanto, até o momento de sua morte em um acidente a cavalo, oito anos antes, Ian Kendrick havia se rebelado contra seu destino – viver afastado em uma ilha, com meios insuficientes para manter o estilo de vida de que gostava – enquanto sua esposa adoecia, desesperada pela infelicidade do amor perdido há tanto tempo. Quanto à sua filha...

Raven endireitou os ombros, forçando-se a se acalmar. Havia suportado a secreta vergonha de sua concepção desde que crescera o bastante para compreender a palavra “bastarda”. E, embora tivesse um irracional temor de que esse segredo pudesse ser descoberto, era essa a principal razão pela qual tinha preferido Halford entre todos os outros candidatos que a tinham cortejado de maneira tão assídua. E por que evitara com o máximo cuidado os candidatos inadequados. Se conseguisse um casamento de classe, com um nobre poderoso e importante, então estaria protegida de seu duvidoso passado.

Certamente, era culpada por ocultar suas origens de seu futuro marido. Mas Halford conseguiria exatamente o tipo de esposa que esperava, pensou Raven desafiante. Ela era pura e imaculada, tinha uma aparência relativamente atraente, uma família de sangue nobre e com boas conexões e uma educação adequada para desempenhar o papel de duquesa. E conceberia de bom grado os herdeiros que Halford desejava.

Ela também conseguiria exatamente o que queria: ser aceita por aquele mundo da alta sociedade que nunca a tinha considerado ser boa o suficiente para fazer parte dele. E um marido que era seguro. Nunca cometeria o engano de sua mãe. Melhor um contrato frio, sem amor, do que uma paixão avassaladora que pudesse deixar seu coração em frangalhos.

Ela não corria o perigo de se apaixonar pelo duque, embora alimentasse algumas esperanças de chegar a sentir afeto por ele e consolidar uma satisfatória amizade. Às vezes, conseguia inclusive penetrar a tensa e pétrea reserva de Halford e fazê-lo sorrir.

Mas o casamento deles seria de conveniência, nada mais que isso. Viveriam juntos em civilizada harmonia, compreendendo ambos, com exatidão, o que deles se esperava.

Em todo caso, seu amante imaginário a manteria satisfeita. E se tivesse que recorrer à fantasia para sentir alguma paixão, de experimentar o desejo, o calor e a satisfação...

Bem, ela o faria, afinal com certeza iria precisar dessa válvula de escape se esperava compartilhar toda uma vida de rígida formalidade britânica junto a seu ilustre marido.

Na verdade, suas fantasias não representariam prejuízo algum para ele nem para seus votos matrimoniais. Raven seria totalmente fiel a Halford... Exceto em sua imaginação.

Respirando profundamente, ela renovou sua determinação enquanto se virava para chamar a criada. Tinha feito sua própria cama, como dizia o dito popular. Seu prometido logo a estaria aguardando na igreja de St. George, na Hanover Square, junto a centenas de amigos e conhecidos, a fina flor da alta sociedade. E ela se propunha a brilhar naquele dia especial.

Duas horas mais tarde, Raven descia a escada rumo ao salão de entrada onde, apoiado em uma bengala, estava seu avô junto a Catherine, a irmã dele. O velho visconde preferia ficar ali nas raras ocasiões em que vinha até a cidade, em vez de abrir sua imensa mansão.

Lorde Luttrell era alto e tinha cabelos grisalhos como sua irmã, embora não tão bonito. Esteve doente durante longo tempo e tinha o coração fraco.

Quando Raven se aproximou, viu lágrimas nos olhos do avô.

– Quer dizer que o senhor me dá sua aprovação, vovô? – perguntou ela, abrindo-lhe um sorriso.

Ela não o podia perdoar totalmente por ter repudiado sua mãe tantos anos atrás, mas os dois tinham chegado a fazer as pazes durante os quase oito meses desde que Raven chegara à Inglaterra.

Com a mão trêmula, o velho tomou a dela.

– Sim, muito, menina. Você está lindíssima.

Raven achava que seu aspecto era, de fato, agradável. Seu vestido império era de seda brilhante de um tom amarelo pálido, com uma sobressaia de tule marfim salpicada de fios de ouro. Usava as pérolas de sua mãe, e os cabelos negros estavam presos no alto, em um elegante penteado.

Junto ao visconde, a bruxa da sua tia-avó se mostrava de acordo, embora bufasse em desaprovação.

– Ela está realmente bonita, Jervis, mas você vai transtorná-la com tantas adulações. E Raven já não é uma menina. Fez vinte anos faz uns meses.

Como de costume, o avô ignorou o tom mordaz da irmã e deu um tapinha na mão de Raven.

– Nunca estive tão orgulhoso de você. Você será uma grande duquesa.

Raven reprimiu uma réplica instintiva. Segundo a opinião de seu avô – e de praticamente boa parte do mundo –, o valor de uma mulher era medido pela posição de seu marido na sociedade. Embora, em favor do avô, era preciso dizer que ele desejava apenas que sua neta estivesse bem-posta na vida.

Apesar do estresse que havia caracterizado seus primeiros encontros, lorde Luttrell a tinha recebido com um carinho comovente, fazendo-a sentir-se como um membro querido da família. E para Raven, isso a tinha alegrado imensamente. Ele e lady Dalrymple eram os únicos parentes de sangue que lhe restavam, além de um meio-irmão americano que ela nunca poderia reconhecer publicamente. Raven nem sequer tinha conhecido seu verdadeiro pai, o rico armador americano falecido alguns anos antes.

E ela sabia que o visconde chorava com sinceridade sua falecida filha e que lamentava seu passado intransigente.

– Sinto que sua mãe não esteja aqui para vê-la – disse o homem, com voz trêmula. Raven sentiu um nó se formar na garganta. Também gostaria que a mãe estivesse ali para assistir à sua triunfante união.

– Jervis, se já tiver acabado de se refestelar em sentimentalismos – objetou cruamente tia Catherine –, temos uma cerimônia para realizar.

– Sim, sem dúvida – grunhiu Luttrell, dirigindo um olhar irritado para a irmã.

Depois de receber sua capa do mordomo de Dalrymple, Raven permitiu que seu avô a conduzisse lentamente pelos degraus da residência de sua tia até a grande carruagem que esperava para transportá-los à igreja.

Para sua felicidade, seu mordomo de tanto tempo, Michael O'Malley, a aguardava junto à carruagem para despedir-se dela.

– Que bela visão, senhorita Raven – disse radiante o irlandês com seu melodioso sotaque quando ela se aproximou. – E será um dia magnífico, com certeza.

Com um sorriso luminoso, Raven se deteve para abraçar o empregado robusto e de cabelos grisalhos.

– Obrigada, O'Malley – disse ela, com a voz um tanto rouca pela emoção.

Dizendo isso, beijou a bochecha enrugada, ignorando o repentino enrijecimento da tia e o evidente olhar de desaprovação do avô. Durante boa parte de sua infância, O'Malley tinha sido mais pai que empregado e a havia acompanhado à Inglaterra vindo das Antilhas quando a garota veio encarar seus altivos e desconhecidos parentes. Sentia-se imensamente reconhecida que ele continuasse sendo seu amigo.

Então Raven se virou e permitiu que O'Malley a levasse pelo cotovelo para ajudá-la a subir na elegante carruagem. De repente, quando ouviu uma súbita comoção, Raven olhou com curiosidade para o outro extremo da rua, onde distinguiu uma carruagem fechada que corria em direção deles com as janelas baixadas e o cocheiro com o capuz sobre o rosto, o que lhe dava um aspecto fantasmagórico.

Estranhamente, o veículo reduziu a velocidade ao aproximar-se, e se fez ouvir na rua até parar diante da carruagem de lorde Luttrell, ao mesmo tempo que três homens armados e mascarados saltavam. Para grande choque de Raven, dois deles apontaram suas pistolas diretamente para ela, enquanto o terceiro agitava um porrete.

– Você vem com a gente – disse um deles com voz áspera, gesticulando para ela.

– Quem diabos são vocês? – perguntou lorde Luttrell.

Raven ficou paralisada pelo susto, e o líder do bando se jogou sobre ela e a agarrou pelo braço, arrastando-a para a carruagem fechada.

O'Malley tentou intervir com um feroz rugido, mas o homem de porrete se colocou na sua frente, agitando com ferocidade sua arma e evitando que o criado pudesse ajudar a jovem.

Por um instante, Raven se perguntou se estaria imaginando aquele pesadelo, mas a dor que sentia no braço enquanto a arrastavam para a porta aberta da carruagem era muito real.

– O que significa este ultraje? – exclamou sua tia com a voz mais aguda. – Exijo que libertem minha sobrinha!

Entretanto, o raptor de Raven não deu nenhuma importância a essa ordem. Em vez disso, ele a girou e a segurou pela cintura por trás com seu braço forte, levantando-a do chão.

Ofegando de raiva, Raven se defendeu esforçando-se para se livrar do abraço, mas os saltos de seus sapatos não produziram nenhum efeito no queixo robusto do homem.

Quando ela, desesperada, inclinou a cabeça e mordeu o ombro dele através de sua jaqueta de tweed, a agressão lhe rendeu uma pancada na têmpora gerada pelo punho do atacante, um golpe tão violento que a fez ver estrelas.

Aturdida, olhou para trás e viu a expressão horrorizada da tia e o temor no rosto do avô.

Seu próprio medo aumentou ao dar-se conta da gravidade da situação. Estava sendo raptada em plena luz do dia!

Logo viu como eles derrubaram O'Malley com o porrete. Raven deixou escapar um grito angustiado de protesto, um grito interrompido quando foi empurrada com brutalidade para dentro da carruagem e arremessada de bruços no chão. Sentiu que o vestido se rasgava no ombro enquanto a porta do veículo se fechava com brutalidade.

Aturdida, sem fôlego, Raven mal compreendia os gritos que vinham de fora enquanto o veículo dava inclinações bruscas para a frente e começava a se mover. Agarrou-se ao assento para se segurar e, meio tonta, subiu a um dos assentos traseiros de couro.

Ela não estava sozinha.

– Você! – exclamou ao reconhecer o cavalheiro moreno que se sentava diante dela.

Era o mesmo homem grosseiro e obsessivo do qual já tinha escapado com dificuldade em outra ocasião: um pretendente indesejado que a havia abordado depois que ela se negara a aceitar seu cortejo. Da última vez que o tinha visto, o homem acabou lutando com O'Malley, que tinha ido salvá-la.

O sorriso selvagem de Sean Lasseter continha uma inconfundível ameaça, mas a pistola apontada para seu peito foi o que fez seu coração disparar.

– Quer dizer que, depois de todos esses meses, a senhorita Kendrick lembra-se de mim. Sinto-me lisonjeado.

– O que deseja? – perguntou ela sem fôlego, olhando a pistola.

– Apenas vingança – respondeu o sequestrador com suavidade.

– Vingança? Por quê?

Ele tirou um frasco do bolso da jaqueta, levou aos lábios e bebeu longamente. Raven pôde sentir o forte cheiro de álcool nos reduzidos confins da carruagem e conseguiu distinguir a expressão alcoolizada nos olhos vidrados do homem.

– Certamente a senhorita sabe o porquê – devolveu ele com a voz turva.

De repente, ele levantou a coronha da pistola, e Raven se encolheu, sabendo que seria golpeada. Ela levantou os braços freneticamente para proteger o rosto da ameaça, mas ele a golpeou com a coronha em um lado do crânio, e ela não viu mais nada.



– Sem dúvida você deve ter uma boa razão para me fazer vir até aqui quando eu estava a ponto de empatar – observou Kell Lasseter calmamente enquanto chegava ao segundo andar de sua casa de jogo.

Sua linda anfitriã, Emma Walsh, o esperava no alto da escada.

– Uma razão muito urgente – respondeu ela com evidente agitação. – É seu irmão...

Kell ficou alarmado, seus sentimentos protetores foram despertados de repente.

– O que houve? Ele está ferido?

– Não, não está ferido. Mas trouxe uma mulher até aqui, Kell, e temo que pretenda machucá-la. Está com um chicote e a amarrou na cama.

As sobrancelhas pretas de Kell se uniram, e um alarme um pouco diferente dos outros atravessou seu corpo. O charmoso vagabundo que era seu irmão mais novo podia ser selvagem em algumas ocasiões, até perigoso quando estava propenso, mas Kell nunca soube de um comportamento violento contra uma mulher. Entretanto, durante os últimos meses, os aspectos sombrios da personalidade do irmão estavam aparecendo com cada vez mais frequência...

– Nossa reputação – estremeceu Emma horrorizada. – Se ele a violentar...

Emma desejava proteger o nome do clube tanto quanto ele, pensou Kell sombriamente, mas devido ao seu próprio passado desagradável, ela sem dúvida seria solidária a qualquer mulher vulnerável. E Kell sentiu um nó se formar no estômago ao ouvir falar em estupro.

– Você precisa detê-lo, Kell. A senhorita Kendrick é muito conhecida na sociedade e tem relações importantes.

Ao ouvir o conhecido sobrenome, Kell ficou tenso. A senhorita Raven Kendrick era a queridinha da alta sociedade e, durante algum tempo no verão, tinha transformado a vida de seu irmão em um inferno, entregando-o à inenarrável brutalidade da Marinha britânica.

– Onde eles estão?

– No seu quarto.

Kell apertou a mandíbula, esforçando-se por não tirar conclusões precipitadas. Sean tinha lutado contra seus demônios interiores durante anos, mas desde seu recrutamento forçado pela Marinha, tinha estado amargurado, pensativo e com ânimo vingativo. A tortura que havia sofrido durante o serviço obrigatório o teria feito perder a cabeça?

Kell atravessou o corredor com rapidez até o quarto que estava acostumado a utilizar quando passava a noite em seu clube. O Golden Fleece era um elegante antro de jogo, mas a jogatina acontecia no térreo, enquanto naquele piso só havia uma série de quartos particulares.

Descobriu que a porta do quarto estava trancada. Kell a golpeou com dureza, chamando seu irmão com voz sóbria.

– Sean.

Quando não obteve resposta, girou nos calcanhares, dirigiu-se ao estúdio adjacente e logo percorreu o cômodo até uma segunda porta que se conectava com seu quarto. Encontrou-a aberta, e a atravessou, detendo-se de repente para contemplar o cenário.

Na cama, deitada de lado, estava uma mulher seminua e com as mãos estendidas sobre a cabeça, amarradas na cabeceira. Não estava nua por completo, mas tinha a malha de cambraia transparente do vestido levantada acima dos joelhos, deixando descobertas suas longas e elegantes pernas, enquanto seu cabelo preto como o ébano caía em selvagem desordem sobre seus ombros.

Kell sentiu seu coração balançar. Então aquela era a senhorita Raven Kendrick. A deslumbrante garota que dava os primeiros passos na alta sociedade e que tinha merecido todas as celebrações dos nobres. Seus caminhos nunca se cruzaram de maneira direta, até aquele momento, provavelmente porque ele se esquivava de sua classe social e dos círculos mais elevados, ao contrário de seu irmão, que aspirava seriamente unir-se à elite.

A mulher tinha os olhos fechados e não se movia. Entretanto, era claramente uma mulher em perigo.

O primeiro impulso de Kell foi resgatá-la daquela grave situação, mas lutou contra seus instintos naturais: choque, horror, fúria por seu irmão tratar uma mulher com tanta crueldade. Tinha que se lembrar de quem era ela. Uma tentação terrível, com um coração de gelo, que atraía os jovens impressionáveis à sua perdição apenas por esporte. Ela merecia ser castigada de alguma maneira pela desgraça e pelo sofrimento que tinha causado a seu irmão, embora aquela fosse sem dúvida uma pena muito dura.

Kell desviou o olhar para Sean, que estava jogado em uma poltrona junto à lareira, segurando uma garrafa de uísque em uma mão e um chicote na outra. Três longos arranhões marcavam a parte esquerda de seu rosto.

De maneira involuntária, Kell levantou a mão para tocar seu próprio rosto e a desagradável cicatriz que havia nele. Mas essa cicatriz era antiga e já não doía, ao contrário das que seu irmão exibia, tanto as visíveis quanto as ocultas.

No exterior os dois eram muito parecidos, de cabelos pretos como azeviche e constituição atlética, embora Sean fosse menor, e seus olhos fossem verdes como um trevo, em vez de quase negros, como os de Kell.

Sean levantou então o olhar, com o branco dos olhos injetados em sangue, como se estivesse profundamente ébrio.

Kell conteve suas agitadas emoções, sabendo que precisaria permanecer tranquilo se quisesse enfrentar aquela situação complicada.

– Você se importaria de me explicar por que veio se esconder em meu quarto desta maneira? – perguntou Kell, entrando por fim no quarto e fechando a porta.

Sean agitou a garrafa para a beleza que repousava na cama.

– Esta é minha vingança – murmurou, resmungando as palavras. – Eu a raptei. Arruinei seu nobre casamento. Seu maldito duque agora não a terá.

– E o chicote? – perguntou Kell.

– É para açoitá-la. Como me açoitaram. É um chicote comum, não um chicote de nove tiras. Não vai machucar tanto, o que é uma lástima – Sean emitiu um som de zombaria do fundo da garganta. – O mais curioso é... Que não consegui fazer isso sóbrio... Tive que beber – e levantou a garrafa.

Kell sentiu certo alívio por ouvir que seu irmão não conseguiu levar a cabo aquela vingança planejada a sangue frio, mas teve que se inundar de bebida antes, mergulhando no atordoamento da embriaguez. Sean era um malandro encantador e temerário, com uma língua endemoninhada e um temperamento explosivo, fruto sem dúvida de seu sangue meio irlandês; mas sua sombria natureza era puramente resultado de suas terríveis experiências inglesas.

Neste caso, a amargura de Sean era inteiramente justificada. Em junho passado, a traiçoeira senhorita Kendrick tinha enviado um serviçal para dar uma surra nele por querer casar-se com ela. Depois de ficar inconsciente nas ruas de Londres, Sean foi recolhido por uma turma de recrutores da Marinha britânica e obrigado a servir durante quatro meses brutais, uma experiência que deixou lívidas cicatrizes nas suas costas.

Kell não podia pensar naquele tempo sem sentir temor e culpa. Quando seu irmão desapareceu de repente, ele o buscou desesperadamente por todos os lados, até que por fim conseguiu resgatá-lo da desumana Marinha britânica. Mesmo assim, Kell se culpou uma vez mais, amaldiçoando-se por não ter evitado os sofrimentos de Sean e por não tê-lo protegido, como tinha jurado.

De repente, os olhos verdes de Sean se encheram de lágrimas antes de baixar a cabeça.

– Eu a *amava*, Kell. Por que ela teve que fazer aquilo comigo? Ela me criticou, zombou de mim e logo me rejeitou para casar-se com seu duque. Ela me dispensou como se eu fosse lixo. É uma vadia desumana.

O próprio Kell também estava cheio de raiva daquela maliciosa sedutora que, com tanta crueldade, tinha orquestrado o serviço militar obrigatório de seu irmão. Mesmo assim, chicoteá-la agora seria imperdoável.

Chegando perto do irmão, Kell alcançou o chicote.

– Você não deseja açoitá-la de verdade, Sean. Não importam os erros dessa mulher, você não pode se rebaixar e tratá-la com brutalidade.

Quando o chicote foi retirado, Sean protestou imediatamente.

– Sim, posso fazer isso... Ela é minha refém. Vou machucá-la do mesmo jeito que me machucou.

Kell atirou o chicote numa mesa próxima e reparou nas outras armas que seu irmão tinha colocado ali: uma pistola e uma navalha de aspecto mortal. Era evidente que Sean tinha se preparado para qualquer eventualidade.

Foi nesse momento que a mulher que estava na cama se mexeu, deixando escapar um leve gemido. Kell agarrou a navalha e foi até ela. O nobre semblante da mulher estava ruborizado, e ela parecia febril, mas ele afastou seus sentimentos de compreensão, recordando-se de sua traição, enquanto cortava com cuidado suas ataduras e liberava suas mãos.

Por um instante, ela abriu os olhos e o observou com expressão ausente, e Kell ficou petrificado. Cílios longos e negros rodeavam olhos incrivelmente azuis, fazendo-o compreender de repente o efeito enfeitiçante que tinha causado em seu irmão.

Pelo tamanho dilatado de suas pupilas, Kell compreendeu com rapidez que a jovem tinha sido drogada. Ela agitou os cílios contra sua pele marfim. Logo, girando o corpo na cama com um fraco gemido, pressionou o rosto contra o travesseiro.

Deliberadamente, Kell atirou a colcha sobre ela, tanto para proteger sua nudez quase total como também para aquecê-la. Ele não tinha intenção de tornar-se vítima de sua perigosa atração, como tinha acontecido com seu irmão.

– O que deu a ela, Sean? – perguntou por cima do ombro.

– Um afrodisíaco. Eu a fiz beber à força. Foi então que ela me arranhou.

– Não seria pó de cantáridas? – perguntou Kell alarmado. – Você deu cantáridas para ela?

– Não... Não era isso. Algo oriental. Devia funcionar também. Consegui com a madame Fouchet.

Kell sentiu mais uma onda de alívio. Madame Fouchet era a proprietária de um bordel de alta categoria que Sean frequentava e devia estar bem inteirada dos afrodisíacos e das doses apropriadas de cada um. Mais importante ainda, já devia estar evitando a cantárida, que, conforme se dizia, podia ser mortal. Mesmo assim, provavelmente passariam muitas horas até que aquela droga, seja lá o que fosse, se dissipasse.

Kell passou a mão pelos cabelos com impaciência, perguntando-se o que fazer diante daquela situação problemática.

– Por que um afrodisíaco? – perguntou distraído. – Por que não uma simples poção sonífera, se você queria que ela ficasse incapaz de resistir?

– Para fazer que me desejasse – Sean abriu um sorriso triste. – Como acontecia em outros tempos. Ela me desejava, Kell. Era tão fogosa... Nunca se cansava de mim.

Com essas palavras, Sean se esforçou para ficar em pé e foi para a cama com a decisão estampada no rosto.

– Vou usar o corpo dela como ela usou o meu...

Kell se colocou em seu caminho com determinação.

Sean piscou diante dele e logo franziu a testa.

– Você pretende me impedir, é isso?

– Você não pode ficar violando jovens damas, por mais repreensíveis que possam ser, Sean.

– Mas ela não é uma dama! – devolveu Sean, lastimando-se. – Parece inocente, mas essa mulher me deu seu corpo. E não se esqueça, ela é inglesa.

O lembrete foi como girar uma navalha dentro de Kell. Supostamente, a senhorita Kendrick tinha recusado a proposta de casamento de seu irmão não só porque Sean não tinha títulos de nobreza, mas porque era irlandês.

Kell notou que apertava os próprios lábios com fúria. Sem dúvida, a altiva e tentadora dama sentia o mesmo desdém desumano por aqueles que se encontravam em um nível social abaixo do dela, da mesma forma que os desdenhosos Lasseter tinham demonstrado por sua mãe irlandesa. O mesmo desdém que tinha levado à morte de sua mãe e que ainda o enfurecia.

Olhando por sobre o ombro, ele hesitou entre o legítimo desejo de seu irmão de fazer justiça e seu próprio dever de proteger a indefesa jovem que estava em sua cama.

Balançou a cabeça por causa dessa sua vulnerabilidade: sua preocupação excessiva pelos fracos e os indefesos. Como era possível que pudesse sentir solidariedade por uma mulher tão fatal que, de maneira tão desumana, tinha deixado um rastro de corações destroçados por meia Inglaterra? Especialmente quando ele tinha jurado anos antes não permitir que ninguém mais magoasse seu irmão?

Entretanto, mesmo assim... evitando a vingança ele estaria protegendo Sean. Evidentemente, seu irmão tinha planejado seduzir e abandonar a bonita Jezebel, mas o preço a pagar por isso seria enorme.

– Você não quer vê-la torturada de verdade – afirmou Kell em voz baixa.

– Sim, quero sim!

– E o que vai ser do clube? Você quer que minha reputação seja destruída por causa de um ataque violento a uma dama conhecida?

Com uma careta, Sean levou a garrafa aos lábios.

– Não me importa – murmurou.

Kell, apertando os olhos, perguntou-se tardiamente por que Sean tinha levado a senhorita Kendrick ali, em vez da própria casa. Talvez, no fundo, quisesse ser impedido de

levar adiante sua vingança. Ou talvez tivesse envolvido Kell de propósito em suas maquinações porque tinha em mente outro tipo de vingança...

Sentindo uma dor familiar diante do inflamado ressentimento de seu irmão, Kell colocou uma mão em seu braço.

– Você deveria ir para casa, Sean. Não terá nenhum tipo de satisfação em ferir essa mulher. A reputação da senhorita Kendrick já está suficientemente arruinada. É uma vingança bastante adequada, não lhe parece?

Com um grunhido, Sean se libertou da mão que o prendia.

– Não! Não é o suficiente!

Kell lançou um olhar firme e determinado ao irmão.

– Sean – disse ele, com voz dura e autoritária.

O jovem inclinou a cabeça como se de repente fosse chorar. Depois de olhar a mulher indefesa deitada na cama, assentiu, alcoolizado.

Kell acompanhou o irmão caçula até a porta do quarto e a destrancou, satisfeito por encontrar Emma aguardando ansiosa no corredor.

– Faça alguém levá-lo para casa – murmurou. – Falarei amanhã com ele, quando estiver mais lúcido.

– Sim, claro – respondeu Emma, passando um braço pela cintura de Sean para apoiá-lo e guiá-lo até a escada distante.

Depois de vê-los partir, Kell fechou a porta com suavidade, mas respirou fundo antes de se virar para enfrentar seu dilema. Que diabos poderia fazer com aquela mulher inconsciente que estava em sua cama?

Certamente, não podia devolvê-la à família naquela condição lamentável. E, pela própria segurança dela, teria que a manter em vigilância constante. Se o afrodisíaco tinha metade do poder das cantáridas, ela estaria movida por uma autêntica luxúria. E se a deixasse por conta própria, a mulher poderia agarrar qualquer homem com quem cruzasse na rua...

Não. Melhor que os efeitos da droga desaparecessem enquanto ela dormia e a devolveria à família pela manhã.

Kell franziu a testa. Raven Kendrick tinha afastado a colcha e agitava as pernas nuas de maneira febril, movendo a cabeça de um lado para outro no travesseiro. Armando-se de coragem, ele aproximou-se da cama.

Ela havia se virado de costas, e sua fina camisola fazia pouco para ocultar seus seios formosos e firmes com mamilos cor de rosa, ou a escura mecha de cachos que tinha entre as coxas. Mas foi a gloriosa cabeleira negra que emoldurava seu rosto em forma de coração que deixou Kell enfeitiçado por um momento...

De repente, ela agarrou seu braço com uma força surpreendente enquanto o encarava com olhos desfocados e muito arregalados. Kell se viu encarando aqueles dois profundos lagos azuis emoldurados por cílios espessos.

Ele amaldiçoou a si mesmo, condenando o repentino estímulo entre suas pernas.

Entretanto, como se vê-lo tivesse bastado para acalmá-la, Raven se tranquilizou de repente e fechou os olhos.

– Meu pirata – sussurrou.

O fraco sorriso que se esboçou em seus delicados lábios possuía uma incrível sensualidade...

Por todos os infernos. Era quase impossível não amolecer diante daquela refém linda e involuntária. Mas era preciso endurecer o coração se quisesse ter alguma chance de

passar ileso por aquela noite, sem se tornar vítima daquela mulher.

Soltando o braço do aperto surpreendentemente forte dela, Kell foi verificar se a bacia e o jarro tinham água suficiente para refrescar o corpo febril da jovem. Tinha visto os efeitos de uma droga parecida antes, numa farra libertina durante seus anos loucos. O corpo dela ia ficar tão quente quanto um vulcão, contorcendo-se de necessidade sexual e ameaçando explodir a qualquer momento. Independentemente da dor que tivesse suportado nas mãos de seu irmão, isso empalideceria em comparação com o tormento que viria por causa da droga se não encontrasse alívio. E se ele tivesse a mínima compaixão, teria que providenciar esse conforto para ela, ajudando-a a amenizar seus sofrimentos...

Kell olhou pelas janelas, onde ainda brilhava uma luz cinzenta do inverno, alertando que estava quase anoitecendo. Foi para a lareira, atiçou a brasa e acrescentou uma pá de carvão para rebater o crescente frio da noite que se aproximava. Mais tarde, pediria a Emma que servisse o jantar.

Na cômoda, serviu-se de um generoso copo de uísque de uma licoreira de cristal. E então, apertando os dentes, largou-se na poltrona para esperar, sabendo que, sem dúvida, seria uma longa noite.



Raven arqueou o corpo contra a mão de seu amante, procurando com desespero o delicioso alívio de seu contato. Seus sentidos estavam dolorosamente em alerta. Sentia a pele tensa, sensível, e a dor entre suas pernas era insuportável.

– Por favor – implorou ela. – Faça isso parar.

Ela sentia-se tão febril, tão ardente, que oscilava entre a ilusão e a consciência.

– Fique calma – murmurou Kell em resposta, como se estivesse apaziguando uma égua inquieta.

A mão dele deslizou para dentro da roupa dela, e seus dedos acariciaram a tenra carne dos seios com suavidade, brincando com os mamilos duros. Ela suspirou com a relaxante ternura da mão que lhe oferecia alívio.

Sua fantasia nunca tinha sido tão vívida, tão intensa. Ela estava profundamente consciente de seu amante pirata como nunca. O calor animal que irradiava de seu corpo, o almiscarado perfume masculino de sua pele, o delicioso sabor de sua boca. A deliciosa ternura de suas carícias... Quase tremendo de desejo, ela o buscou com uma necessidade cega e feroz.

Ele a desejava também, Raven podia perceber. Não havia se despido por completo, mas, sob suas calças, ele estava duro, grosso, disposto a possuí-la. Entretanto, quando ela tocou sua virilha, seu pirata ficou rígido e retrocedeu, agora fora de seu alcance.

A mão dele se moveu para baixo, alisando seu corpo e por entre suas coxas, como se soubesse com exatidão o que ela ansiava.

– Deixe-me ajudar...

Raven mal compreendia suas palavras, mas a voz dele soava como poesia: grave, sensual, excitante. Choramingando, elevou os quadris para ele e afundou os dedos na colcha.

As mãos dele eram mágicas sobre sua carne úmida e desejosa, aliviando a terrível dor deliciosa que a consumia. Quando ele aumentou a pressão implacável, provocando uma selvagem vibração dentro dela, Raven deixou escapar um grito de desejo.

Sem deixar de acariciá-la, o homem inclinou-se sobre seu corpo, procurando com os lábios o bico do seio através de sua camisola. Um calor úmido a atravessou pela fina malha.

Raven gemeu alto de prazer enquanto os dedos do homem continuavam a fazer sua feitiçaria, encantando-a com sua ternura.

Suas carícias aqueceram o sangue dela como se fosse fogo líquido. Ela estava ardendo de desejo, tomada por um sentimento desenfreado e poderoso. Raven se arqueou numa tentativa de escapar daquela intensidade, mas o sombrio veludo da voz masculina a convenceu a seguir adiante.

– Isso, não resista...

Agitando a cabeça, ela se forçou contra a mão, rogando que o pirata a possuísse. Como desejava sentir aquele homem dentro dela! Mas ele continuava recusando. Para seu alívio, ele deslizou os dedos profundamente em seu interior, penetrando em sua escorregadia abertura. Raven sentiu sua pulsação acelerar, o sangue pulsar diante da voluptuosa e tórrida sensação. Estava enlouquecida, gemendo ansiosa por atingir a

satisfação. Retorcia-se com a necessidade frenética que percorria seu corpo enquanto seus quadris se elevavam e abaixavam.

O fluxo de sensações se intensificou, e ela ficou enlouquecida de excitação. Um instante depois, gritou enquanto um prazer angustiante desintegrava seus sentidos, em violentas ondas, com um clímax tão prolongado que acreditou que ia morrer de dolorosa felicidade.

Durante um momento interminável, Raven agitou-se em incontáveis espasmos enquanto ele continuava torturando até a última gota do implacável prazer em sua carne trêmula. Finalmente, ela se deixou cair na cama, um êxtase delicioso correndo por seu corpo exausto. Braços e pernas frouxos, pesados e completamente sem energia enquanto seu corpo esfriava do calor...

Virando-se para ele, Raven aproximou agradecida o rosto daquele forte muro do peito masculino e deixou-se cair no sono.

Kell reprimiu uma maldição muda, muito consciente do efeito que o corpo quase nu de Raven Kendrick exercia nele. Depois de quase quatro horas ocupando-se dela, a dor em sua virilha era insuportável.

Tinha feito tudo o que era humanamente possível para aliviar o sofrimento dela, mas não podia aliviar os seus próprios. Aquela mulher era sua cativa, estava à sua mercê por completo. Que tipo de sujeito descarado se aproveitaria dela estando drogada daquele jeito? Ainda que *ela* desejasse loucamente ter um homem entre suas pernas?

Fosse qual fosse o afrodisíaco, era mais poderoso do que todos que ele conhecia. Aquilo a havia tornado sexualmente insaciável, e ela estava louca para conseguir um amante. Com sua experiência e habilidade, Kell sabia que o estímulo manual não bastaria para satisfazê-la. Ela precisaria de mais, iria *exigir* mais...

Ele recuou, afastando-se do seu calor, mas aquela pequena distância não foi de fato uma melhoria na situação. Ele deveria ter apagado o abajur. A camisola da jovem estava umedecida pelas múltiplas vezes que ele tinha molhado sua pele febril com água fresca, e a cambraia agora quase transparente, envolvendo o corpo dela, moldando os bicos rígidos dos seios, enrijecidos contra o tecido delicado.

De maneira involuntária, ele olhou para baixo, para os quadris e as coxas esbeltas, e mais abaixo, onde a roupa estava levantada. Aquelas pernas longas e elegantes eram encantadoras. Era muito fácil imaginá-las envolvendo-o enquanto ele a possuía e...

Sua excitação pulsou em antecipação.

Kell soltou um lento suspiro, tentando aliviar a tensão brutal de seu corpo. Era provável que ela continuasse assim durante horas, e ele precisava encontrar forças para resistir ao seu encanto.

Desviando o olhar do corpo, concentrou-se no rosto. No sono, ela não parecia uma bruxa desumana. Pelo contrário, parecia vulnerável de uma maneira encantadora, com os longos cílios sombreando as suaves maçãs do rosto.

Poucas vezes ele tinha visto uma mulher tão atraente e fascinante, mas a beleza de Raven não era convencional: era pura, expressiva, totalmente encantadora. E a boca... Aquela boca sensual e provocadora estava entreaberta enquanto dormia.

Apesar de ter tentado evitar beijá-la, ela se apertou contra Kell, levantando o rosto, implorando. E, em um lamentável momento de fraqueza, cedeu saboreando seu calor.

– Tolo insensato – ele murmurou, censurando-se. E desejou que a mulher não fosse tão doce e tão quente.

Então, ela se aproximou mais dele, e Kell se retesou. Tirou as botas e a jaqueta, mas

ficou vestido com o restante, como se fosse uma barreira entre eles, para não ser tentado pelo contato íntimo da pele contra a pele. Mas a roupa não era proteção suficiente.

– Meu esplêndido pirata... – murmurou ela, curvando os dedos em seu peito.

Pirata? Era a segunda vez que ela o chamava assim. Kell arqueou uma sobrancelha enquanto agarrava a mão e a retirava rapidamente de seu corpo. O que uma debutante daquelas, de sangue azul, saberia sobre piratas? Mas era evidente que Raven tinha muito mais experiência do que se esperava de uma jovem dama solteira.

A verdade era que Kell tinha ficado francamente surpreso com o evidente conhecimento carnal da jovem... E por sua audácia. Podia compreender perfeitamente agora como ela havia conseguido provocar e atormentar seu irmão até fazê-lo esquecer seu próprio nome.

Raven se agitou contra ele novamente, e Kell compreendeu que sua trégua momentânea tinha acabado. Com um suspiro de resignação, aproximou-se para dar o que ela ansiava.

Sua mão reclamava a suavidade da mulher e, imediatamente, sentiu a umidade, sedosa e quente, envolver seus dedos. Quando ele os deslizou por sua fenda encharcada, ela gemeu agradecida.

Ele a acariciou por alguns instantes e logo a penetrou com os dedos, deslizando-os pela vagina em chamas. Raven gemeu e se retorceu sob suas carícias, agarrando-se a seus ombros enquanto tentava se aproximar ainda mais.

O movimento do corpo só serviu para aguçar seu desejo, e Kell travou o queixo diante da dor que sentia. Ela era como fogo a cada contato dele: linda, ardente, selvagem.

O próprio Kell estava ofegante no momento em que ela chegou ao orgasmo pelo que pareceu ser a centésima vez aquela noite. Com um grito agudo e angustiante, o corpo arqueou e tremeu entre seus braços, que a envolviam.

Ele a manteve apertada contra seu corpo até que a tempestade febril que a assolava se acalmasse. Assim que ela relaxou, Kell se afastou, perguntando-se quanta tortura mais poderia suportar.

Aproveitando a trégua, ele fechou os olhos, precisando de um momento de descanso. O que deveria fazer era buscar seu próprio alívio para acalmar aquela sensação dolorosa...

Kell devia ter pegado no sono, porque despertou com as mais incríveis sensações. Uma mulher de cabelos escuros estava inclinada sobre ele, atacando deliciosamente seu corpo indefeso. Ela tinha desabotoado a parte dianteira de sua calça e estava deslizando os lábios sobre sua volumosa ereção, arrebatando-o enquanto dormia...

Ele fechou a mão sobre os cabelos pretos, instigando-a para continuar...

Mas o sobressalto de uma constatação o fez ficar rígido.

Já totalmente acordado, Kell agarrou as mãos dela e as colocou para o lado.

Compreendeu na hora que tinha sido um engano, porque ela se aproximou ainda mais, oferecendo uma perfeita visão de seus seios firmes e nus, que escapavam pelo decote da camisola. Deliciosos e rosados, eles estavam ali, prontos para receber as carícias de um homem... As carícias dele.

Um acesso repentino de desejo tomou conta dele.

Desviando os olhos daqueles seios sedutores, ele se flagrou contemplando as profundas safiras daqueles olhos, vidrados de paixão.

– Juro que nunca o amarei, juro – murmurou ela com voz rouca. Raven se aproximou ainda mais, sua tentadora boca pairando sobre ele. – Sou sua, somente sua...

– Com mil demônios – resmungou Kell. Ele se recusava a se aproveitar de Raven Kendrick quando estava dopada, mas ela tinha feito exatamente isso em sua fome por um homem.

E ele não era um santo, muito longe disso. A tentação de possuí-la era muito grande; Kell sentiu que se rendia ao desejo.

Então ela o beijou, deslizando sua tentadora língua em sua boca, procurando-o. Numa tentativa de resistir ao ataque, ele moveu as mãos para afastá-la, mas os mamilos dela se fizeram sentir nas suas mãos.

Kell gemeu. Quando ela montou em seus quadris, ele já não conseguia reunir forças para resistir. A mulher estava febril de desejo, cada centímetro de seu corpo fegoso já pronto para ser possuído, e o homem se via disposto a permitir que ela conseguisse o que desejava.

Agarrando seus quadris, ele levantou-a ligeiramente e a acomodou sobre sua enorme ereção, soltando um violento suspiro diante da deliciosa sensação do calor de sua fenda...

De repente, ela ficou tensa. Com um movimento brusco e oscilante, tentou fazer aquele membro rígido preenchê-la, mas logo se deteve com uma expressão de surpresa trêmula no rosto.

Uma surpresa que Kell compartilhou. A certeza de sua virgindade intacta. Aquela mulher não tinha sido tocada por nenhum homem...

Girou rapidamente os quadris, retirando-se de seu corpo casto e afastando-se dela.

Raven olhou para ele desconcertada, com os cabelos emaranhados ao redor de seu belo rosto e os frágeis olhos implorando.

– Por favor... – sussurrou.

Sem esperar por ele, Raven apertou-se contra sua musculosa coxa, a pélvis movendo-se de maneira selvagem contra ele em uma necessidade cheia de agonia.

Com cuidado, Kell agarrou a carne firme e suave de suas nádegas e a ajudou, estabelecendo um ritmo firme e constante até que ela voltou a explodir de prazer mais uma vez, gritando e desabando inerte sobre ele.

Deitado ali com a dolorosa sensação que se seguiu, Kell segurava aquele precioso corpo feminino como se fosse de cristal, quase como se temesse tocá-lo.

Como diabos era *possível* que aquela mulher ainda fosse virgem? Com aqueles cílios de cortesã, a boca sensual e a reputação de sedutora, ele naturalmente esperava que ela tivesse experiência de alcova. Aquela luxúria desesperada podia ser devido ao afrodisíaco, claro, mas não havia nada de inocente nem de virginal em seus beijos experientes nem em suas carícias ousadas.

Um jogador profissional teria apostado a metade de sua fortuna que ela não era virgem. Uma aposta que evidentemente teria perdido.

Diabos! Seu ansioso ataque à sua virilidade sugeria com clareza que ela não desconhecia o corpo de um homem...

Sim, talvez ela tivesse experiência carnal, mas sem dúvida tinha conservado a virgindade para o marido. O marido *nobre*. Kell franziu a testa de repente, recordando que a senhorita Kendrick deveria ter se casado com seu duque no dia anterior. De fato, foi aquele celebrado evento o que tinha impulsionado seu irmão a finalmente agir, levando a cabo sua vingança.

Kell respirou fundo, tentando se acalmar e inspirando sem querer a delicada fragrância do cabelo dela. Em que confusão seu volúvel irmão mais novo o tinha metido? E

que diabos devia fazer com a jovem agora?

Naquele exato momento, ela suspirou e afundou o nariz em seu ombro, produzindo um som similar ao miado de um filhote de gato. Uma estranha ternura inundou Kell, uma resposta totalmente involuntária que lhe deu nos nervos.

Ainda estava furioso por ela ter ferido seu irmão de maneira tão brutal, mas pela primeira vez começava a questionar a sinceridade de Sean. A afirmação de que ele tinha desfrutado de seus favores sexuais, de que tinha experimentado o corpo daquela mulher, era claramente uma mentira. Seria possível que Raven Kendrick não fosse de fato a feroz Jezebel que ele havia descrito?

Sem dúvida, os sentimentos de Sean por ela estavam deformados por seu recente e brutal recrutamento forçado. Entretanto, a parte mais sombria de sua personalidade já existia desde muito antes, Kell reconhecia com pesar. Pior ainda, o irmão guardava um constante ressentimento contra Kell, acusando-o de tê-lo abandonado às perversões de seu tio mais de doze anos antes.

Kell fechou os olhos com força diante da conhecida angústia. Desde a inesperada morte de sua mãe, quando ele tinha quinze anos, ele se sentia responsável por Sean, cinco anos mais novo, embora seu tio paterno tivesse assumido a guarda legal de ambos. Mas ele tinha falhado estrepitosamente em seu dever de proteger o irmão mais novo ao deixá-lo, impensadamente, submetido à depravação do tio.

Ele tinha tentado desesperadamente remendar a situação. Ao se lembrar disso, Kell levou os dedos ao rosto. Sua cicatriz era o resultado de um violento confronto com o tio, quando descobriu o crime sórdido de William Lasseter. Apesar da vontade de matar aquele desgraçado, ele fugiu com Sean para Dublin, prometendo mantê-lo a salvo.

Durante algum tempo, não conheceram outro lar que não fosse a rua, mendigando para sobreviver, lutando pela existência. Kell aprendeu rapidamente a contar com suas excepcionais habilidades no jogo para encher as duas barrigas vazias. Só tinham um ao outro. Mas, então, seu tio os perseguiu até a Irlanda...

Kell se forçou a abandonar a sombria lembrança. Mas não podia reprimir seus crescentes receios sobre seu irmão, nem desprezar a suspeita de que a vingança de Sean estivesse não só centrada em Raven Kendrick, mas também em si mesmo.

Ele teria dado a vida pelo irmão se fosse necessário. Doía-lhe pensar que Sean pudesse ter procurado destruir de maneira deliberada a frágil reputação que Kell lutou tanto para conseguir para sua casa de jogo.

Mas por qual outra razão ele teria levado a senhorita Kendrick para lá, se não para se vingar?

Ao se lembrar da sereia de olhos azuis que tinha entre os braços, Kell fez uma careta. Seus cabelos tinham coberto as costas de suas mãos como se fosse um tecido de seda, os seios macios e as coxas esbeltas encostavam-se nele como carvão em brasa, provocando poderosas emoções em seu interior que ele não queria sentir...

– Diabos! – exclamou outra vez, amaldiçoando a mulher e o irmão.

A ela, por ter provocado nele o desejo mais selvagem que já tinha conhecido até então. A Sean, por criar aquela situação terrível.



Lutando para sair da enevoada inconsciência, Raven abriu os olhos e se viu contemplando um fogo quente e crepitante. Permaneceu imóvel por um momento, passeando os olhos pelo quarto desconhecido. Embora elegantemente decorado, não havia nada de feminino na mobília de mogno reluzente e detalhes dourados. Era o quarto de um homem. Céus!

Desorientada, levou a mão à dolorida têmpora, enquanto lembranças perversas de seu amante pirata dançavam em sua mente confusa. Por Deus, onde estava?

– Que bom que você despertou! – murmurou uma agradável voz feminina.

Raven virou a cabeça depressa, fazendo uma careta, e logo ficou paralisada ao reconhecer a elegante mulher de cabelos dourados que se levantou de uma cadeira para se aproximar da cama.

Essa mulher tinha tentado ajudá-la, lembrou-se. *Meu Deus, então o pesadelo tinha sido real?*

– Eu não estava sonhando, estava? – conseguiu perguntar com a voz baixa e rouca.

– Não, infelizmente, não.

Raven empalideceu ao ver seus temores confirmados.

– Como se sente?

Sentia-se horrível. Era como se, dentro de sua cabeça, as rodas de uma carruagem estivessem passando sobre paralelepípedos, e a boca era como se tivesse engolido serragem... Com muito cuidado, tocou o couro cabeludo e descobriu um calombo na têmpora esquerda. Além disso, tinha machucados e arranhões nos punhos, e percebia uma crua fragilidade entre as pernas...

Esquivando-se daquela assustadora compreensão do que havia acontecido, Raven contemplou a mulher.

– Onde... estou? Quanto tempo...?

– Em um clube de jogo da St. James Street. O Golden Fleece. Eu sou Emma Walsh, a encarregada e anfitriã. Você foi trazida ontem.

As lembranças a inundaram de repente em uma torrente vívida, fazendo-a estremecer. Tinha sido raptada no dia de seu casamento por um pretendente indesejável que a havia golpeado na cabeça de maneira desumana. Quando recuperou a consciência, estava amarrada a uma cama, e Sean a obrigou a ingerir uma bebida repugnante. Depois disso, tudo ficara confuso, mas seus sonhos tinham sido eroticamente repletos de deliciosos atos amorosos com seu pirata...

Raven apertou os olhos com força, desejando desesperadamente estar equivocada sobre os ousados acontecimentos da noite anterior. Mas tinham sido muito reais. A paixão, o calor, as suaves carícias... Horrorizada, ela balançou a cabeça, em negação.

– Agora, você está a salvo – tranquilizou-a Emma.

Raven se esforçou para abrir os olhos.

– Eu me lembro de você – disse finalmente. – Você tentou impedi-lo.

– Sim, mas infelizmente não tive muito êxito. – A anfitriã viu Raven apertar a boca, como se estivesse se lembrando. – Então, tive que chamar Kell.

– Kell?

– Kell Lasseter, o irmão mais velho de Sean. É o proprietário do clube. Ele sabe como controlá-lo quando Sean entra nesses períodos mais sombrios.

– Kell... Foi ele quem... Esteve comigo ontem à noite?

– Sim. Se não fosse por ele, Sean poderia tê-la machucado ainda mais.

Raven desviou o olhar, as bochechas enrubescidas pelo calor, enquanto recordava o amante que compartilhara sua cama na noite anterior. As coisas imorais que tinha feito, e as liberdades que tomou com seu corpo. E a sua resposta despidorada. Meu Deus! Ela achava que havia sido seu pirata...

Tentou deixar essas lembranças de lado enquanto outra ideia lhe ocorreu.

– Minha família... Eles sabem onde estou?

– Suponho que não.

– Mas devem estar terrivelmente preocupados. Meu avô sofre do coração... –

Raven deixou escapar um suspiro agudo. – Deus! O que vou dizer a ele?

– Talvez agora não fosse bom preocupar-se com isso. Trouxe seu café da manhã. Você acha que consegue comer um pouco? Ontem você não estava em condições de ingerir alimentos.

Forçando-se a prestar atenção, Raven olhou a bandeja sobre a mesa, surpresa ao sentir-se tão faminta.

– Sim... Obrigada.

– Também trouxe um roupão. Acho que sou mais alta que você, mas minha roupa servirá se for necessário – Emma observou o corpo de Raven. – Talvez fosse bom que eu lavasse sua roupa.

Raven estremeceu ao recordar o que tinha acontecido com seu lindo vestido de noiva. Sean Lasseter o havia rasgado em pedaços enquanto ela lutava com todas as forças para se livrar dele. E ele tinha arrancado seu colar de um golpe...

Levou a mão à garganta.

– As pérolas de minha mãe!

– Não se assuste. Estão guardadas. O fecho está quebrado, mas acho que pode ser consertado.

Para seu desalento, Raven sentiu de repente seus olhos se encherem de lágrimas e fez o possível para contê-las.

Com um sorriso compreensivo, Emma apertou a mão da garota.

– Você vai se sentir melhor depois que se refrescar um pouco. Há um urinol sob o lavatório e água quente no jarro. Mas suponho que vai preferir tomar um banho. Vou providenciar isso agora mesmo. E encontrarei também algo para você vestir.

Com um sinal de agradecimento, Raven se esforçou para levantar.

– Normalmente não sou assim.

– Claro que não. Mas você passou por uma experiência terrível, que teria feito a maioria das jovens sucumbir ao choque.

Raven conseguiu esboçar um sorriso débil.

– Eu ainda posso sucumbir ao choque.

Emma soltou uma gargalhada cálida e suave.

– Bem, estou segura de que Kell fará o possível para ajudá-la a endireitar as coisas.

Raven gemeu por dentro. Ela não conseguiria encontrá-lo de novo. Não depois do que tinha ocorrido entre os dois na noite anterior. Ao que parece, ele tinha sido seu salvador e, no entanto, aproveitou-se de sua situação, aquele canalha.

Quando viu que Emma estava lhe oferecendo o roupão, Raven tirou a camisola e se cobriu com a peça de seda azul murmurando um obrigado.

– Não tem por que agradecer – respondeu Emma. – Kell me deu instruções para atender às suas necessidades. Ele deseja falar com você quando estiver bem para isso.

Mas eu não quero falar com ele, pensou Raven em silêncio.

Quando ficou sozinha, ela saiu da cama lentamente. Ainda estava tremendo, com os resíduos da droga no corpo, enquanto sentiu um nó de pânico tenso e frio se instalar no estômago ao considerar o futuro. Teria que enfrentar o desastre...

Negando-se a pensar em sua grave situação, lavou o rosto e logo se sentou na cadeira, diante da lareira, e mordiscou o café da manhã que Emma tinha trazido.

Sentiu-se um pouco melhor depois de comer uma torrada e um ovo cozido, mas nada podia amortecer a caótica palpação de seus pensamentos. O próprio ato de comer recordou-lhe o homem que a tinha socorrido na noite passada, a sua ternura. Lembrou-se de que ele havia oferecido água com limão para refrescar sua garganta ressecada, e como tinha molhado seu corpo febril repetidas vezes...

Raven gemeu de novo com a lembrança atormentadora.

Naquele exato momento soou uma firme batida na porta do quarto. Ela deu um sobressalto e olhou por cima do ombro, temendo ter de responder. Antes que pudesse decidir se autorizava ou não a entrada de quem quer que fosse, a porta se abriu, e um homem apareceu.

Céus, então ela não tinha sonhado! Ele era alto e tinha constituição atlética, com cabelos pretos, espessos e ondulados. Sobre a larga fronte, um cacho caía com descuido, atraindo a atenção para seus traços e para uma boca que era alarmantemente sensual. Entretanto, era seu olhar o que mais a inquietava. Aqueles intensos olhos escuros enquadrados por cílios negros eram tão familiares.

Raven ficou observando. A semelhança com seu amante imaginário era incrível...

Mas havia diferenças. Uma cicatriz atravessava o lado esquerdo de seu rosto, fazendo-o parecer mais perigoso do que seu pirata dos sonhos. E não havia nenhuma ternura nos bem-definidos traços de seu rosto.

Ele fechou a porta e encostou um ombro nela com displicência, observando-a com um olhar frio.

Raven sentiu o rubor subir-lhe ao rosto enquanto ele avaliava sua vestimenta. O homem devia saber que estava nua debaixo do roupão.

Ela ficou em pé e o enfrentou, apertando as bordas do roupão contra o pescoço. Seu amante dos sonhos também nunca a tinha feito sentir-se ameaçada.

– O que está fazendo aqui? – reclamou por instinto, pensando que era melhor a ira do que a vulnerabilidade.

– Bem, acredito que este seja o meu quarto – A resposta tinha um toque de ironia.

– Um cavalheiro não entraria desta maneira no quarto onde está uma dama.

A beligerância da jovem o fez erguer uma sobrancelha.

– Isso supondo que eu seja um cavalheiro.

Certamente, ele falava como se fosse. Seu timbre de voz era firme e educado, a mesma voz que a tinha consolado e tranquilizado durante toda a noite. Entretanto, vestia-se de maneira informal, um colete marrom sobre uma camisa branca e a mesma calça de antes com botas, sem casaco nem lenço.

O homem afastou-se da porta e avançou na direção dela. Raven pensou distraída que ele devia ser esportista para ter um corpo tão ágil e musculoso. Dele emanava uma crua

masculinidade que aturdiu seus sentidos...

Ansiando por afastar aquela sensação inquietante, Raven se manteve firme no lugar enquanto ele se detinha bem diante dela.

– Você não deveria estar aqui quando não estou vestida.

– Considerando a noite passada, é um pouco tarde para preocupar-se com as convenções. Vi todos os seus encantos enquanto aliviava suas febres noturnas.

– Você chama o que fez de “aliviar”?

– O que *fiz* aliviou seus sofrimentos, senhorita Kendrick. Acredite, teria sido muitíssimo pior se eu não tivesse decidido intervir.

Raven apertou os dentes com o ar de zombaria naqueles olhos escuros. Ela nunca tinha visto um homem tão bonito e insolente como aquele... Exceto em suas fantasias. E, para sua consternação, sentiu que voltava a ruborizar.

– Por acaso eu... Nós...?

Ele compreendeu as perguntas entrecortadas.

– Sim, você me atacou. A única coisa que pude fazer foi evitar que me violasse.

Mas não, nós não tivemos contato sexual. Você não está ilesa por completo, mas continua virgem.

Diante do olhar lento e deliberado, suas bochechas voltaram a ficar vermelhas, e Raven teve que desviar os olhos.

– Não é uma representação muito convincente, senhorita Kendrick.

O tom de desprezo em sua voz a fez levantar o queixo de novo.

– O que quer dizer com isso?

– Sua farsa de vítima ofendida não é nem um pouco convincente. Você até pode ser virgem, mas não é nada inocente. Não se pode esperar que alguém acredite que você nunca esteve com um homem.

Raven se sentiu pressionada a responder. Nunca havia estado com um homem *real*, certamente. Mas sem dúvida o conhecimento que tinha obtido daquele livro a fizera parecer alguém com muito mais experiência do que na verdade possuía.

– O que você acredita ou deixa de acreditar não tem importância para mim – respondeu ela, com a humilhação fazendo-a soar ofegante. – Não tenho por que lhe dar explicações.

Ela teve que se fechar mentalmente contra o impacto do duro olhar dele. De repente, sentiu-se enjoada, virou o corpo e se deixou cair de novo na cadeira, afundando a cabeça entre as mãos.

De maneira bastante surpreendente, havia no tom de Kell uma nota de compaixão quando perguntou se ela estava bem.

– Oh, sim, na verdade estou transbordando saúde! – murmurou ela com um pouco de sarcasmo. – Tenho o costume de ser raptada, espancada e drogada.

Ele se aproximou mais. Colocou um dedo sob o queixo da jovem e levantou seu rosto na direção dele, encarando-a de maneira intensa e penetrante com aqueles olhos negros.

– Como poderia me sentir bem depois de tudo o que seu irmão me fez? – perguntou Raven com voz trêmula. – Primeiro ele me golpeou com a coronha de sua pistola e me deixou inconsciente. Depois, me amarrou à cama e me obrigou a beber uma poção asquerosa...

Levantou os braços mostrando as marcas de machucados nos pulsos.

– Seu irmão me *agrediu*!

Um sorriso furtivo franziu a boca de Kell por um instante, mas logo ele o reprimiu de maneira visível.

– Lamento o que meu irmão lhe fez, senhorita Kendrick. Foi de fato imperdoável. Mas a senhorita também não é totalmente inocente, tendo em vista que se dedica a seduzir jovens ingênuos por esporte.

Raven franziu a testa e semicerrou os olhos.

– Isso é mentira! Nunca seduzi ninguém, e muito menos seu irmão. O máximo de que posso ser culpada é de ter-lhe oferecido a minha amizade.

– Você o evitou por ter sangue irlandês e por sua falta de títulos de nobreza, porque o considerava indigno de sua atenção.

– Evitei seu cortejo, sim, e, além disso, quando ele me propôs casamento, eu já estava prometida a outro.

A expressão de Kell Lasseter endureceu, seu olhar permaneceu firme, implacável.

– Mas mandou baterem nele por atrever-se a colocar os olhos em você.

– Claro que não! Uma tarde, quando eu estava nos jardins Vauxhall com amigos, seu irmão apareceu bêbado. Ele me abordou, rasgou meu vestido e quase me violentou ali mesmo...

– Então, você nega que mandou seu mordomo atacá-lo?

– Sim, nego! – Raven lançou um olhar feroz. – Meu criado só interveio para me proteger, pelo que sou extremamente agradecida a ele. Do jeito que as coisas estavam, escapei de um escândalo com muita dificuldade.

– Mas mandou primeiro que Sean fosse surrado até ficar desacordado.

– Afirmo que não foi isso o que aconteceu. O'Malley o esmurrou, sim, mas só o fez para que seu irmão me soltasse.

– Então seu empregado passeava casualmente por Vauxhall com você, senhorita Kendrick? – perguntou ele em um tom sarcástico.

– Não, ele estava me vigiando caso eu tivesse dificuldades. Seu irmão me atormentou durante tanto tempo que se tornou uma pessoa perigosa. Durante a queima de fogos, ele me afastou de meu grupo e me arrastou para o bosque. O'Malley nos seguiu. Não estou bem certa do que ocorreu a seu irmão depois disso, eu estava muito agitada. Mas pelo que pude entender, O'Malley o deixou ali para que sua bebedeira passasse.

Um músculo se moveu na mandíbula de Kell.

– O que você está dizendo não se parece em nada com a história que Sean me contou.

– Pois então ele o esteve enganando... Distorceu a verdade totalmente.

– As cicatrizes em suas costas não são nenhuma distorção, senhorita Kendrick.

– Que cicatrizes?

– Das açoitadas brutais que ele recebeu. Cortesia da Marinha real britânica. Naquela noite Sean foi capturado por um grupo de recrutadores da Marinha e passou quatro meses no inferno. Você tem ideia da dor que um chicote de nove tiras pode infligir na carne de um homem? Essas cicatrizes estarão com ele até o dia de sua morte.

Raven o olhou fixamente sem saber o que dizer.

– Não é lógico que Sean quisesse se vingar depois de suportar tal selvageria? – perguntou Kell com raiva.

Ela engoliu em seco, sentindo uma culpa inexplicável.

– Bem, se isso for verdade, lamento muito. Mas juro que não foi intencional. Eu não tinha ideia do que tinha acontecido. Depois daquela noite, ele nunca mais voltou a se

aproximar de mim. Francamente, fiquei grata por não o ter mais me perseguindo, estava a ponto de ficar louca, mas não voltei a vê-lo até ontem.

Kell a observou cético, analisando todas as emoções que passavam por seu lindo rosto, que estava pálido por causa da terrível experiência sofrida, ressaltado agora pelos indícios de ira e humilhação que ardiam em suas bochechas.

Seria possível que sua versão dos acontecimentos fosse verdade? Que não tinha sido culpada pelo recrutamento à força de Sean? Ou era simplesmente uma excelente atriz, com habilidade suficiente para enganá-lo e a qualquer outro tolo que encontrasse? Ainda que não tivesse planejado de maneira intencional a ruína de Sean, ao menos se importava de ter enviado um inocente para a ruína?

– Talvez você não conheça seu irmão tão bem como pensa – murmurou ela na defensiva, interrompendo seus pensamentos.

Para Kell, foi difícil rebater essa observação. Sean era realmente a vítima naquele maldito conflito... Ou seria ela? Uma vez mais, Kell sentiu uma onda de raiva pelos dois.

– Seja como for – prosseguiu Raven com a respiração vacilante –, ele deveria estar muito satisfeito com sua vingança, já que arruinou minha reputação completamente.

De repente, o lábio inferior dela tremeu, o primeiro sinal de fragilidade que pôde ver nela. Ao ver que Raven piscava para conter as lágrimas, Kell sentiu seu coração ficar apertado. Sua vulnerabilidade o afetou de uma maneira que não acreditava mais ser possível.

Raven endireitou os ombros, armando-se de sua dignidade. Com os olhos brilhando, continuou encarando-o com orgulho desafiador.

Kell amaldiçoou-se entre dentes pela involuntária reação de seu corpo diante da beleza da mulher. Aqueles olhos, de um azul tão vibrante e surpreendente, tinham a cor de um selvagem mar irlandês. Eles o assombravam tanto quanto a lembrança dos bicos dos seios dela elevando-se ansiosos para sua boca na noite anterior.

Ainda sentindo o impulso daqueles quadris macios contra sua virilha e a suavidade de seus seios apenas cobertos pelo fino tecido da camisola, Kell cerrou os dentes. A luxúria era perigosa, tanto quanto a solidariedade por ela.

– Onde está seu irmão? – perguntou ela de repente.

Seu interesse o fez franzir a testa.

– O que isso importa?

– Importa porque ele deveria enfrentar a punição por seus crimes. Que tipo de covarde ele é, para comportar-se de maneira tão depravada e logo depois fugir, deixando você para lidar com as consequências?

– Ele não fugiu. Eu o mandei ir embora.

Raven apertou os punhos, claramente indignada.

– Bem, posso garantir que ele não escapará do castigo. Deveria ser levado à força pelo que me fez.

Kell sentiu todos os músculos de seu corpo se retesarem. Sabia que a situação acabaria chegando a isso. Que a senhorita Raven Kendrick provavelmente exigiria a punição de Sean. E, para ser honesto, ela merecia reparação. O que seu irmão tinha feito o enojava. Mesmo assim, tinha passado grande parte da noite pensando em como livrar Sean daquele desastre.

Mesmo que Raven Kendrick não fosse tão má como se supunha – o que no momento parecia provável –, o perigo que Sean corria era extremo. Talvez não fosse enforcado por ter realizado sua vingança, mas, com as poderosas relações da família de

Raven, ele poderia muito bem acabar na prisão.

Com mil diabos! Sean merecia ser castigado, sem dúvida, mas a cadeia o destruiria.

Kell sentiu sua determinação aumentar. Não poderia permitir que seu irmão enfrentasse aquele destino. Se Raven Kendrick pretendia fazer a acusação... Bem, ele teria simplesmente de persuadi-la a reconsiderar. O que significava decidir que possível compensação poderia oferecer à jovem.

Ao ver que Kell estava em silêncio, ela o olhou em desafio.

– Gostaria de ir para casa agora.

Ele hesitou por um instante.

– Sinto muito, mas não posso permitir que se vá ainda.

Ela o encarou.

– Mas por que não? Minha família deve estar terrivelmente preocupada comigo.

– Não posso devolvê-la assim a sua família. Parece ter sido arrastada por um tornado.

– Quer dizer, arrastada por seu irmão.

– Talvez, mas ainda não estou convencido de que você seja a vítima neste caso.

– Sua opinião não tem a mínima importância.

– Ainda assim, por enquanto, você deve permanecer aqui.

– Por quê? Para que você possa me atacar de novo?

– *Atacá-la*, senhorita Kendrick? – Kell a observou. – É essa a gratidão que mereço por meus esforços na noite passada?

A jovem ruborizou ao se lembrar.

– Não acho que eu lhe deva alguma gratidão...

– Não? Pois eu me lembro de você me implorando para satisfazê-la.

– É evidente que eu não tinha consciência do que estava fazendo.

Ele abriu um sorriso zombeteiro para Raven, com a intenção de despertar sua raiva. Se ficasse com raiva dele, ela provavelmente deixaria de concentrar sua fúria no irmão.

– Seja como for, você não tem nada a temer. Prometo que não voltarei a tocá-la.

Isso a deixa desapontada?

Kell a estava provocando de maneira intencional, e ela mordeu a isca. Os olhos de Raven faiscaram de revolta.

– Se eu fosse um homem...

Kell arqueou uma sobrancelha.

– O que faria?

– Iria desafiá-lo para um duelo, para defender minha honra.

– Você perderia.

Ela ficou em pé, sentindo a fúria em cada parte do corpo.

– Você não pode me manter aqui!

– Acho que posso. E, evidentemente, você precisa de algum tempo para aplacar sua ira.

Um exemplo de como Raven estava com os nervos à flor da pele foi como reagiu ao tom arrogante dele, de modo mais irracional, jogando o braço para trás a fim de apagar com uma bofetada o ar de zombaria daquele lindo rosto. Ele agarrou sua mão antes que pudesse causar dano, seus dedos uma corrente aveludada prendendo o punho da mulher.

Raven fez um gesto instintivo de dor diante da pressão sobre sua carne machucada. Instantaneamente, ela viu que a dura intensidade do olhar de Kell se abrandou e imediatamente notou que uma nova tensão pairava sobre o ambiente. O olhar dele era

insuportavelmente íntimo, enquanto seu contato parecia queimar sua pele nua.

Raven deixou escapar um suspiro profundo. Como era possível que aquele homem se parecesse tanto com seu amante pirata? Desviou o olhar para a boca sensual, de expressão dura. Como podia sentir tamanha vontade de que ele voltasse a beijá-la?

Ela se forçou a desviar o olhar da boca dele. Desejava odiá-lo, em vez de sentir aquela poderosa onda de desejo.

Como se tivesse notado a repentina labareda de desejo em seus olhos, Kell soltou a mão dela abruptamente e lhe deu as costas.

Sem dizer nada, dirigiu-se para a porta lateral do quarto, trancou-a e colocou a chave no bolso. Logo caminhou para a outra porta e se deteve.

– Primeiro, acabe de tomar o café da manhã e tome um bom banho. E então conversaremos.

Quando saiu do quarto, Raven ouviu a chave girar na fechadura. Tinha trancado essa porta também.

Ela ficou olhando a porta, desejando gritar de frustração enquanto, ao mesmo tempo, lutava para dominar o crescente pânico. Estava ali presa, à mercê de um canalha. Talvez ele a tivesse salvado de seu irmão, mas Kell Lasseter emanava uma sensação de perigo real. Por isso não acreditava que ele a soltaria e simplesmente a devolveria totalmente ilesa à família.

E depois que ela voltasse?

Raven levou uma mão à têmpora enquanto os desastrosos acontecimentos das horas passadas voltavam à sua mente. Mesmo que seu avô adoentado não tivesse morrido por causa do choque, as consequências da noite anterior seriam inevitáveis. Ela tinha sido completamente prejudicada, sua excelente reputação, destruída. Halford sem dúvida a repudiaria. Qualquer possibilidade de um bom casamento tinha sido anulada por completo. Sua vida estava destroçada, assim como os sonhos de sua mãe.

Um soluço subiu em sua garganta espontaneamente. Sentia-se gelada, doente por dentro...

Chacoalhando o corpo com energia, levantou o queixo e endireitou a coluna. Não podia se permitir cair no desespero. Sua prioridade era escapar. Não ficaria ali, prisioneira de Kell Lasseter.

Foi até uma das janelas e olhou para baixo. Dois andares não representavam uma descida muito perigosa se fizesse uma corda com os lençóis. E depois o quê? Não tinha roupa nem sapatos nem dinheiro para pagar um carro de aluguel. E nunca poderia perambular pelo Mayfair vestida como estava e totalmente indefesa...

Tentando desesperadamente pensar, Raven se virou para andar desconsolada pelo quarto e se viu no espelho de corpo inteiro. Por todos os santos! Mal reconheceu a mulher ali refletida. Era alguém selvagem e libertina, com os cabelos alvoroçados soltos sobre os ombros, as bochechas e a boca vermelhas, como se tivesse acabado de passar uma noite fazendo amor – o que de fato havia acontecido, com Kell Lasseter.

Soltou mais um gemido. Não era à toa que ele acreditasse que Raven tinha seduzido seu irmão por diversão. Aquela criatura desavergonhada que estava no espelho parecia perfeitamente capaz dessa crueldade.

Ao se recordar de Lasseter, Raven travou os dentes. Seu comportamento estava longe de ser cavalheiresco. Não só a havia tratado com desdém, mas também parecia ter a intenção deliberada de irritá-la... E estar se divertindo com suas respostas zangadas. Como teria gostado de apagar aquele sorriso zombeteiro de seu rosto! Mas no momento não podia

fazer nada. Olhou ao redor pelo quarto. O que ela precisava era de algum tipo de proteção, uma arma...

Procurou primeiro no armário e depois nas gavetas da cômoda. Quase gritou de alegria ao encontrar uma pistola. Parecia-se muito com a que Sean tinha usado para ameaçá-la no dia anterior. E estava carregada. Um sorriso tenso comprimiu os lábios de Raven. Ela ainda poderia não ter os meios de retornar para casa, mas, estando armada, sentia-se menos indefesa. E agora teria uma vantagem sobre Lasseter. Poderia obrigá-lo a atender seus pedidos.

Animada por uma onda de esperança, Raven se acalmou. No momento em que dois criados trouxeram uma banheira de cobre e numerosas bacias de água quente, conseguiu controlar um pouco suas emoções. Mesmo assim, parecia difícil manter sua dignidade. Embora os serventes, de maneira cortês, desviassem os olhos, Raven teve que sofrer a vergonha de ser vista naquelas circunstâncias terríveis. E a incomodou ver que, ao partirem, eles trancaram de novo a porta, reafirmando seu encarceramento.

O banho aliviou suas dores e seus machucados, mas fez os diversos arranhões e as áreas em carne viva arderem de novo. Uma viva lembrança dos ultrajes perpetrados contra ela no dia anterior. Ao notar que começava a enfurecer-se de novo, lavou com cuidado o corpo e a cabeça. Passou a meia hora seguinte escovando e secando os cabelos diante do fogo, atizando de maneira constante sua ira contra Kell e seu perverso irmão. Pelo menos, o fato de possuir um alvo para sua raiva impediu que o desespero tomasse conta.

Como não conseguiu encontrar grampos para o cabelo, prendeu-os com um nó na nuca. Depois de pronta, ainda não havia nenhum sinal do senhor Lasseter, nem de roupas para ela. Seu humor começou a ferver a fogo lento.

Quando por fim ele apareceu, Raven estava sentada na cadeira diante da porta, com a pistola oculta sob as dobras de seu roupão.

– Por fim se dignou a aparecer – disse Raven com muita aspereza. – Talvez tenha me esquecido de informá-lo, senhor, de que eu não aprecio ser mantida prisioneira.

– Você não é uma prisioneira, senhorita Kendrick, está apenas desfrutando de minha hospitalidade.

– É mesmo? – retrucou ela, incrédula. – Pois sua hospitalidade deixa muito a desejar. Primeiro, me deixa trancada e, depois, me mantém horas esperando.

– Foi apenas uma hora.

– Uma hora mais longa do que o necessário... E não tenho nada para vestir. A senhorita Walsh me prometeu faz séculos que me daria algo decente para usar.

– Ordenei que se atrasasse. Não desejo que você desapareça antes que tenhamos oportunidade de discutir a sua situação.

– Não temos nada que discutir. Desejo voltar para casa imediatamente.

Seus olhos pretos como a noite a contemplaram especulativos.

– Eu esperava contar com sua generosidade.

– Neste momento, senhor, isso não parece possível.

O meio sorriso com que ele a olhou possuía um encanto irônico que talvez não fosse intencional.

– Eu tenho um nome, senhorita Kendrick.

– Não duvido. Canalha, patife, ordinário...

O sorriso se converteu em uma careta.

– Posso compreender sua reação depois ter sofrido um tratamento tão pouco amável...

– Um tratamento pouco amável! É assim que qualifica o que você e seu irmão fizeram comigo?

Ele prosseguiu como se não tivesse sido interrompido.

– Mas você me parece bastante inteligente. Deveria compreender o apuro em que se encontra.

– Oh, eu compreendo perfeitamente – ela desviou o olhar por um momento, esforçando-se para manter a calma. – Estou diante de uma catástrofe.

– Seria benéfico para ambos se nós pudéssemos chegar a algum tipo de acordo mútuo. O que seria necessário para que você esquecesse que esse incidente ocorreu?

O olhar de Raven voou para ele.

– Você pretende me subornar para garantir o meu silêncio? – Ela lançou um olhar penetrante. – Se espera que eu deixe que seu irmão não seja punido, está louco. E, mesmo que eu estivesse disposta a perdoar suas transgressões, o que não é o caso, meu avô estará furioso o bastante para processá-lo. O descarado de seu irmão poderá considerar-se sortudo se não vier a passar o resto da vida na prisão.

Lasseter entreabriu os olhos e a examinou, por entre seus densos cílios negros.

– Naturalmente você deseja uma reparação por seus incômodos. Mas eu sou um jogador. E apostaria que você preferiria encontrar uma maneira de sair-se bem desta catástrofe.

– Claro que eu gostaria disso. Mas não existe nenhuma maneira possível de ocultar um escândalo dessa natureza.

– Você poderia viajar ao estrangeiro até que a tempestade se acalmasse. Sou um homem rico. Eu poderia financiar uma estadia prolongada.

Raven exibiu um sorriso desdenhoso.

– Você não entendeu... Nenhuma quantidade de dinheiro nem de tempo poderá salvar a minha reputação.

Ele hesitou.

– Sempre existe o casamento.

Raven o olhou, assombrada.

– Você está louco?

– Não é nenhuma loucura; absolutamente. Dadas as circunstâncias, talvez seja sua única alternativa.

– E com quem propõe que eu me case? Que cavalheiro estaria disposto a se casar comigo agora que... – furiosa, Raven reprimiu as lágrimas que de repente a ameaçavam – ... Agora que sou uma mercadoria danificada?

A expressão de Kell permaneceu enigmática.

– Imagino que se poderiam encontrar alguns candidatos aceitáveis para uma mulher com suas... vantagens. Talvez sem o título nem a riqueza de seu duque, mas...

– Não, um título sem dúvida agora está fora de meu alcance – respondeu ela com amargura.

Ao perceber a humilhação que tremia em sua voz, Raven se recompôs, negando-se a chorar. Em vez disso, levantou-se e apontou a pistola diretamente ao homem que a torturava.

– Eu gostaria de ir para casa agora, senhor.

De repente, o olhar de Kell se endureceu, observando-a inquisidor.

– Não sou homem que gosta de ser ameaçado, senhorita Kendrick.

– Francamente, senhor, não me importo com o que goste. Você fará o que eu digo e

me deixará ir embora daqui.

O homem soltou uma risada diabólica, ignorando solenemente a raiva da jovem.

– Ou o quê? Vai atirar em mim?

– Sim, exatamente. Você dirá a Emma que me traga um vestido e que providencie uma carruagem fechada para me conduzir à minha casa.

– Não, não acho que será assim.

– Não estou blefando, senhor Lasseter. Sou considerada uma experiente atiradora.

Ele cruzou os braços, adotando uma postura desafiante.

– Você pretende atirar em mim a sangue frio? Duvido.

Sua suprema arrogância estimulou o temperamento de Raven, já bastante alterado.

Ela não se lembrava de ter estado tão irritada assim.

– Vá em frente, então – disse ele, zombeteiramente. – Atire.

Ver aquele sorriso desdenhoso em sua boca sensual foi o ápice de todas as horas passadas de temor, frustração e desespero. A ira de Raven transbordou.

Despachando-o à perdição, ela apontou com cuidado e apertou o gatilho.



A explosão foi ensurdecedora. Com um grunhido de dor assombrado, Lasseter se dobrou, apertando a coxa esquerda. Quase ao mesmo tempo, uma mancha vermelha se estendeu sob seus dedos e manchou sua calça.

Horrorizada, Raven levou a mão à boca quase sem poder acreditar que tivesse disparado de fato. Seu olhar se fixou no rosto dele, cujo olhar a atravessava ameaçadoramente. Com aquele lindo rosto marcado por uma cicatriz e os olhos pretos como carvões, ele parecia muito perigoso.

Kell avançou para ela, e Raven recuou um passo, na defensiva. A cicatriz do homem se converteu em uma forte linha branca e, por um momento, ela pôde ver a promessa de vingança nos olhos dele. Entretanto, em vez de dirigir-se para onde estava a mulher, ele foi tropeçando para a cama, onde se recostou na cabeceira com uma careta de dor.

Raven viu horrorizada que o sangue já estava encharcando os lençóis enquanto ele agarrava alguns e os comprimia contra o ferimento.

– Você está muito ferido? – murmurou ela com voz fraca.

Lasseter lançou um olhar incendiário. Raven teve que se esforçar para não desfalecer diante da ardente intensidade de seus olhos.

Desejando poder ajudar, ela se aproximou, mas observou um brilho de advertência em seu olhar, que se fixou na pistola que ela ainda segurava na mão.

– Por Deus, largue essa maldita arma antes que cause mais danos!

Nesse exato momento a porta se abriu, e Emma Walsh apareceu, com uma expressão de alarme em seus lindos traços.

– O que aconteceu? – perguntou ela, olhando alternadamente para Raven e para o homem que estava ferido na cama. – Ouvi um disparo.

– Nada aconteceu à senhorita Kendrick – resmungou Lasseter –, se for isso o que a preocupa. Embora tenha me ferido mortalmente.

– Por todos os santos! – exclamou Emma, avançando um passo em direção à cama. Ele estendeu a mão abruptamente para deter a mulher.

– Ficarei bem... Só preciso de algumas ataduras.

Quando a mulher saiu às pressas, Raven disse num tom contrito:

– Você falou sério? Ficaré bem de verdade?

– Não, com todos os diabos – replicou ele. – Aposto que ficarei aleijado pelo resto da vida.

Cheia de remorso, Raven deixou a pistola na mesa e se aproximou da cama.

– Deixe-me ver.

Ao ouvir que ele grunhia uma resposta e fazia o movimento de levantar-se, ela o fez recostar com a palma da mão, notando seu musculoso peito firme sob a camisa de tecido leve. Bastante consciente de sua masculinidade, inclinou-se sobre ele e tirou a mão de Kell de cima da perna, para poder examiná-la. Descobriu uma ferida de possivelmente uns dois centímetros e meio de comprimento de um lado da coxa.

– Não parece muito profunda... Sem dúvida não é uma ferida mortal como você

havia dito.

– Estou arrasado por decepcionar você.

A resposta foi áspera pela dor e revelava certo tom de hostilidade.

– Não há necessidade de ser tão desagradável, senhor Lasseter. Lamento tê-lo machucado e...

– Por que será que não acredito nisso?

O rosto de Raven ficou vermelho de raiva.

– Pois acho que meu disparo foi completamente justificado.

– Isso é só questão de opinião. Você poderia ter me privado de minha virilidade. Ou mesmo ter colocado um ponto-final na minha existência.

– É só uma ferida superficial – respondeu ela na defensiva. – Poderia tê-lo ferido muito mais profundamente, se assim o desejasse.

– Bem, infelizmente terá que se conformar em me ver sangrar até a morte.

Ela semicerrou os olhos ao virar-se para Lasseter.

– Você está tentando me fazer sentir culpada, certo?

– Esse pensamento de fato passou por minha mente.

Ele respondeu com um sorriso irônico ao olhar incendiário da mulher, o que só aumentou a irritação dela. Quando os dedos de Raven se fecharam na coxa dele por reflexo, Kell se encolheu de dor e segurou sua mão para afastá-la.

De repente Raven ficou imóvel. A certeza de outro tipo de perigo preencheu o ambiente quando os olhares se encontraram.

Kell também o notou e o amaldiçoou em silêncio. Sua ferida estava muito longe de ser letal, mas era suficientemente dolorosa para deixá-lo irritado. Então, como era possível que ficasse excitado apenas com seu contato? Mas não havia dúvida de que seu membro estava crescendo no que era uma inconfundível ereção. A única desculpa era que tinha acabado de passar uma noite longa e insuportável de apetite não satisfeito com aquela mulher impulsiva de olhos azuis.

Apertando os dentes, ele a amaldiçoou por lhe causar tanta dor, e amaldiçoou-se ao mesmo tempo por desejá-la tanto. Decidido a afastá-la dali, Kell puxou com vontade a camisa de dentro das calças. Para sua satisfação, Raven Kendrick deu um sobressalto e pulou para trás.

– O que está fazendo?

– Tirando a calça para poder examinar minha ferida. – Dirigiu a ela um olhar desafiante. – Não se preocupe, senhorita Kendrick. Não pretendo abusar de você. Prefiro que minhas mulheres estejam dispostas e com vontade.

Ela levantou o queixo.

– Quer fazer o favor de parar de me chamar de senhorita Kendrick com esse tom odioso?

– E como quer que eu a chame? De megera, de demônio dos infernos?

Ao ver que ela apenas lhe dirigiu um olhar assassino, Kell sorriu.

– Se não deseja ter sua sensibilidade ofendida, é melhor ficar de costas. Mas primeiro me traga aquela bacia e a jarra de água.

Com uma insólita docilidade, Raven fez o que ele pediu e levou a bacia até a mesa que ficava junto da cama e logo pegou a jarra e uma toalha. Diante de um olhar duro de Lasseter, foi para o outro lado do quarto, sentando-se diante da lareira e mantendo-se de costas para ele.

Ela distinguiu o farfalhar das roupas e logo o ouviu praguejar enquanto tirava as

roupas e examinava a ferida.

Raven mordeu o lábio inferior. Não tinha desejado feri-lo com gravidade, só ameaçá-lo. Mas sua pontaria desviou do alvo, ou ele se moveu no último momento.

– Eu realmente sinto muito – desculpou-se em voz baixa.

– Acredito que sim – respondeu ele soltando um suspiro de desgosto. – Mas suponho que a culpa é tão minha quanto sua. Deveria ter evitado provocar uma mulher zangada e armada com uma pistola.

Para surpresa de Raven, havia um toque de humor negro em sua voz. Sua pergunta seguinte também a surpreendeu.

– Onde aprendeu a atirar assim?

– Foi meu criado quem me ensinou. O'Malley me instruiu em diversas habilidades, em especial cavalgar e atirar.

– O'Malley? – A voz do homem voltou a soar com dureza. – O mesmo O'Malley que deu uma surra em meu irmão e o largou para os homens do recrutamento forçado?

Por sorte, ela não precisou responder porque Emma Walsh entrou com os braços carregados de ataduras e pomadas.

Raven olhou por cima do ombro e viu a mulher depositar os suprimentos na cama e então inspecionar a ferida ensanguentada na perna de Lasseter. Ele havia tirado a calça e a usado para cobrir a virilha, entretanto, ao ver a encantadora cabeça loira da mulher inclinada sobre a coxa nua de Lasseter, Raven surpreendeu a si mesma ao sentir uma pontada de ciúmes. Ela não deveria se incomodar com o fato de eles se comportarem com a intimidade dos amantes.

– A ferida não parece muito grave – disse Emma com suavidade. – Quer que o ajude a enfaixá-la, Kell?

– Posso me virar sozinho – respondeu ele secamente. – Mais tarde, arrume esta bagunça, se puder – ele se calou, e Raven sentiu de repente que dirigia seu olhar para ela. – E peço que faça algo pela senhorita Kendrick. Leve-a ao seu quarto e a ajude a se vestir. Eu a levarei logo para casa, antes que tenha chance de causar mais danos.

Raven deixou escapar um lento suspiro de alívio, embora sentisse uma inesperada sensação de pesar. Ao atirar contra Kell Lasseter, ela havia conseguido exatamente o que desejava. Mas, então, por que sentia tão pouca satisfação por ter ferido aquele homem insuportável?

Meia hora depois, Raven usava um vestido emprestado de caxemira vários centímetros mais comprido e um pouco solto nos seios. Mas pelo menos o alto decote a cobria e a fazia esquecer-se dos apuros que havia passado pouco tempo antes. E, mais importante ainda, ela pôde guardar as pérolas de sua mãe no bolso de sua própria capa, que Emma também tinha conseguido resgatar na noite anterior.

Souou uma batida na porta do quarto, e a mulher a abriu, deixando passar seu patrão. Kell estava mancando de leve, Raven notou ao desviar o olhar para a coxa esquerda e perceber que ele vestia outra calça. Quase não se reparava o contorno da faixa sob o tecido ajustado.

– Parece que o ferimento não foi tão profundo – observou ela mordazmente – se pode caminhar sem ajuda de uma bengala.

Ele curvou a boca em um meio sorriso.

– Sobreviverei, minha doce megera. Mas não cometa o engano de pensar que a perdoei.

Qualquer arrependimento que ela pudesse começar a sentir sumiu imediatamente.

Sua irritação apenas se exacerbou quando ele examinou com atenção seu vestido, grande demais, demorando-se em seus seios, como se pudesse ver sob o excesso do tecido. Seu olhar inquisitivo tomava liberdades com seu corpo como nenhum outro homem havia se permitido, o libertino.

Raven fechou a capa e levantou o queixo desafiante.

Mesmo assim, foi difícil manter uma aparência de dignidade enquanto ele a acompanhava pelo corredor, e ela se via obrigada a levantar a saia, longa demais, para evitar tropeçar. Mais difícil ainda era ignorar o remorso, porque o andar incerto de Lasseter era claramente autêntico, e ela sabia que devia estar doendo muito.

O homem se deteve no final do corredor e a surpreendeu ao levantar o capuz da capa sobre seu rosto.

– Não imagino ter nenhum cliente a esta hora do dia, mas não vejo necessidade de revelar sua identidade.

Raven sentiu seu coração se apertar diante da lembrança de sua grave situação, mas decidiu não pensar nisso.

Quando desceram a grande escadaria, ela viu o saguão da entrada e as salas que havia mais adiante. Em se tratando de um antro de perdição, a decoração parecia surpreendentemente elegante, o brilho de ricas madeiras, prata polida e cristal cintilante atraindo o seu olhar. Só o enorme lustre da entrada devia ter custado uma fortuna. Sem dúvida o Golden Fleece era um empreendimento próspero.

Ela lançou um olhar furtivo para o enigmático proprietário, perguntando-se como um homem que tinha todo o aspecto exterior de um cavalheiro tinha se envolvido em um negócio de tão má reputação. Lasseter não era o canalha diabólico que ela havia imaginado, a julgar pelo seu ar perigoso e pela propensão de seu irmão à violência. E, apesar de seu temperamento, não a tinha estrangulado quando levou o tiro. Isso sem contar que, na noite anterior, ele a tratara com a ternura de um amante...

Raven sufocou imediatamente os sentimentos cálidos que tinha sentido tão brevemente. Kell Lasseter não merecia sua admiração. Era apenas um jogador que, sem dúvida, só a tinha salvado porque não queria que seu irmão fosse aprisionado para o resto da vida. E, além do mais, ele a mantivera prisioneira contra sua vontade. Raven deveria detestá-lo pelo tratamento desprezível que havia recebido.

Uma carruagem fechada esperava na rua. Quando perguntaram, Raven deu ao cocheiro o endereço da casa de sua tia-avó e permitiu que Lasseter a ajudasse a subir.

Ele se sentou junto a ela sem dizer uma palavra e ficou em silêncio durante o caminho. Raven quase desejou perversamente que ele falasse com ela, nem que fosse apenas para reclamar de novo que tinha atirado nele. Precisava distrair-se. O nó que sentia no estômago tinha retornado com fúria, fazendo-a recordar o futuro sem esperança que a aguardava.

O desastre a encarava de frente. Sua reputação estava arruinada, seus sonhos, destruídos. Seu avô sem dúvida a renegaria como tinha feito com a própria filha. E sua mãe... Sua mãe teria ficado desolada ao vê-la enlameada pelo escândalo e pela desgraça.

Raven fechou os olhos, recordando os últimos momentos de sua mãe, seu lindo rosto de outrora agora consumido pela febre, suas forças esgotadas pela enfermidade fatal. Mas suas mãos ainda se fecharam com força no pulso da filha enquanto rogava, com a voz entrecortada pelo desespero:

– Prometa-me isto, Raven. Jure para mim que se casará com um nobre que possa lhe proteger de minha loucura.

- Eu prometo, mamãe. Claro que prometo.
- Os lábios pálidos da mãe tinham esboçado um frágil sorriso de alívio.
- Agora, posso morrer em paz.
- Oh, mamãe!*

As lágrimas brotaram do fundo da garganta de Raven com essa recordação, enquanto o caos de suas emoções ameaçava afligi-la de novo. Elizabeth Kendrick tinha vivido para o dia em que sua filha pudesse retornar à Inglaterra e ocupar seu lugar na sociedade, sem temor de ser apontada como bastarda. E agora aquele sonho havia se transformado em cinzas.

A dor a atravessou quando foi preenchida por uma doentia sensação de impotência. Agora não tinha nenhuma maneira de cumprir sua promessa. E não havia ninguém a quem recorrer. Sentia-se desesperadamente sozinha, carente de qualquer orientação ou propósito.

- Tome – ouviu uma firme voz masculina murmurar junto a ela.

Raven pegou o lenço que Lasseter oferecia e reprimiu um soluço com grande esforço, amaldiçoando-se por ser tão fraca. Ao notar o penetrante olhar dele em si, desviou o rosto e apertou a boca até doer.

Ela estava mais controlada quando a carruagem parou. Mas continuou sentada por um tempo, olhando pela janela, consciente de que não haveria maneira de evitar uma tempestade quando enfrentasse seus parentes.

- Você precisa de mais tempo? – perguntou Lasseter. Para surpresa dela, seu olhar sombrio expressava simpatia.

– Sim, mas suponho que seria inútil, uma vez que o resultado não mudaria – ela endireitou a coluna. – Não existe nenhuma esperança. Devo enfrentar a bruxa.

- A bruxa?

– Minha tia-avó, lady Dalrymple. Ela estava esperando que eu protagonizasse algum escândalo desde o dia em que cheguei à Inglaterra. Sem dúvida terá uma grande satisfação no fato de que me mostrei à altura de sua pobre opinião sobre mim.

- E você acredita que ela vai lhe considerar responsável pelo que aconteceu?

– Totalmente. Tenho certeza de que nenhuma outra jovem dama que ela conhece conseguiu ser raptada no dia de seu casamento.

A boca sensual de Lasseter se curvou em um meio sorriso que, estranhamente, desta vez, estava desprovido de sarcasmo.

– Sem dúvida você é única, de acordo com minha experiência, senhorita Kendrick – observou ele, fazendo isso soar mais como um elogio do que com um comentário desdenhoso.

Ele abriu a porta da carruagem, desceu com cuidado e logo se virou para ajudá-la a descer. Quando fechou a porta e fez um gesto de acompanhá-la, Raven lançou um olhar inquisidor.

- Pretendo deixá-la lá dentro a salvo – explicou Lasseter. Raven não discutiu. Estava absurdamente contente de tê-lo a seu lado.

Ambos tinham começado a subir juntos os degraus da entrada quando ela o viu fazer uma careta. Compreendeu que a ferida devia doer e ofereceu um braço para que ele se apoiasse. Lasseter lhe dirigiu um olhar demorado, como se avaliasse a situação, mas, depois de um momento de oscilação, aceitou sua ajuda, passou o braço pelos ombros dela e permitiu que suportasse parte de seu peso.

– Você devia mesmo arranjar uma bengala – murmurou Raven, esforçando-se para ignorar a intimidade do contato. – Meu avô tem várias aqui, na casa de minha tia. Vou

procurar uma para você.

Agradecido, ele se soltou quando chegaram à porta de entrada. Com o coração agitado, Raven abriu de repente a porta principal e entrou, seguida por Lasseter.

Por um breve momento, considerou a possibilidade de ceder à covardia e limitar-se a correr para seu quarto. Mas os dois criados que estavam a postos na entrada principal já a tinham visto. E exatamente nesse momento apareceu o mordomo de sua tia.

– Senhorita Kendrick! – Prazer e alívio se refletiram em seu rosto enrugado. – Que bom que voltou! Eles lhe fizeram algum mal? – O velho empregado interrompeu sua fala. – Desculpe-me, senhorita. Estivemos muito preocupados, aguardando notícias suas.

– Obrigada, Broady – respondeu Raven esboçando um sorriso. – Não fui machucada com gravidade. Por favor, quer informar a minha tia que me encontro em casa?

– Certamente, senhorita, e também a Sua Excelência. Seu avô se deitou. Estava muito angustiado com seu desaparecimento.

Raven sentiu uma renovada onda de culpa. Estivera tão preocupada com sua própria situação que não havia nem pensado em como seu avô poderia estar. O choque da reputação destrocada da neta podia muito bem matá-lo.

Justamente naquele momento sua tia se manifestou, do salão posterior.

– É você, Raven? – A dama de cabelos brilhantes chegou à entrada principal. – Em nome de Deus! Você está bem?

– Estou bem, tia.

– O que aconteceu? Nós temíamos o pior.

– Talvez devêssemos falar em particular – sugeriu Raven, preferindo não comentar os vergonhosos detalhes diante dos criados.

Uma medida de quanto lady Dalrymple devia estar transtornada foi que ela ignorou a sugestão.

– Tudo o que pudemos pensar foi que alguém pudesse guardar algum rancor contra Jervis... Ou talvez contra Halford. Quem são aqueles brutos que a raptaram?

Raven lançou um rápido olhar a Lasseter. Ele apertava a boca com uma expressão turva nos olhos, e ela percebeu a tensão em seu corpo. Sabia que ele esperava que a jovem denunciasse seu irmão e, entretanto, Raven se viu hesitante em sua intenção.

De que ia servir denunciar Sean Lasseter como seu raptor? Ela queria mesmo vê-lo na prisão? E quais seriam as consequências para Kell? Ele podia muito bem ser envolvido pelas maquinações do irmão.

A jovem compreendeu que lhe devia algo. Depois de tudo, ele a tinha salvado da violência de Sean. E na noite anterior, havia se comportado de maneira honrada, depois que se adaptou à situação. Ele a tinha socorrido em sua necessidade mais extrema sem se aproveitar de sua terrível vulnerabilidade. Quantos outros homens teriam demonstrado a mesma nobreza? E logo depois, ela disparou um tiro contra ele por seus esforços...

Raven suspirou profundamente e se recompôs.

– Não tenho certeza de quem eram, tia. Eles usavam máscaras e nunca se mostraram antes de me deixar inconsciente.

Raven sentiu o agudo olhar de Lasseter. Podia sentir seus olhos perfurando-a enquanto prosseguia com sua história inventada.

– Por sorte, este cavalheiro me resgatou. É o senhor Kell Lasseter, tia. Senhor Lasseter, minha tia-avó Catherine, lady Dalrymple.

Ele fez uma breve reverência enquanto a velha dama ficava rígida.

– Lasseter? Dos Lasseter de Derbyshire?

- O mesmo, milady – respondeu ele.
- Você é o filho mais velho de Adam Lasseter.

Ao ver que ele não negou, uma expressão de horror e desagrado se espalhou por seus traços altivos.

– Estou muito bem-informada de sua péssima reputação, senhor. Você é um famoso jogador, sua mãe era uma irlandesa qualquer, e todos sabem que você assassinou seu tio!

Chocada pela última acusação, Raven não pôde evitar fixar seu olhar em Lasseter.

O sorriso que ele esboçou foi perigoso.

– Pergunto-me qual desses a milady considera meu maior crime, lady Dalrymple. O fato de ser um jogador, ter sangue irlandês ou acreditar que sou um assassino?

Consternada, ela estremeceu enquanto levava as mãos ao rosto.

– Bom Deus! Eu tinha esperança de que... Estamos acabados! – de repente, ela olhou furiosa para a sobrinha. – Como pôde, Raven? Como pôde trazer este assassino à nossa casa?

– *Assassino?*

Raven deu um sobressalto ao ouvir a voz áspera de seu avô. Havia descido até a metade da escada vestindo roupão e tinha o rosto vermelho de indignação.

Sustentando-se no corrimão com mão trêmula, lorde Luttrell apontou para Lasseter com sua bengala.

– Agarrem esse homem! – gritou.

Por um momento, ninguém se mexeu. Logo, os criados compreenderam a ordem e se apressaram para obedecer, adiantando-se para capturar Lasseter.

Entretanto, quando tentaram agarrá-lo pelos braços, ele os evitou com reflexos rápidos como um raio, afastando-os com murros e dando vários golpes no rosto e estômago dos criados e derrubando-os com facilidade.

Raven ficou boquiaberta ao ver os dois robustos criados estendidos no chão, gemendo e tentando respirar.

Mesmo ferido, Lasseter era mais do que um forte oponente para eles, embora nesse momento estivesse rangendo os dentes, evidentemente por causa da dor causada pela ferida de bala em sua coxa.

– Maldição! Eu mandei o agarrarem! – rugiu o avô.

Quando viu que o velho mordomo se adiantou, Raven se interpôs com rapidez em seu caminho, estendendo os braços na frente dele para proteger Lasseter e também o velho empregado.

– Pare, Broady!

Ela levantou os olhos com fúria.

– Meu avô, o senhor não sabe o que está fazendo.

– Claro que sei! Quero que esse canalha seja detido e colocado na prisão.

– O senhor está muito enganado. Ele não é um canalha!

– Se ele raptou a minha neta...!

– Mas ele não fez isso! Ao contrário, ele me resgatou dos brutos que me mantiveram refém – ela hesitou apenas um instante antes de embelezar mais sua história. – E, além disso, foi ferido ao me defender. Certamente, tenho para com ele uma dívida de gratidão.

– Finalmente, você reconheceu... – ouviu Lasseter murmurar em voz baixa.

Raven lançou-lhe um penetrante olhar por cima do ombro, desafiando-o a desmentir suas palavras. Ela pensou ter visto um brilho zombeteiro e satisfeito naqueles olhos

sombrios, ao lado de algo que parecia quase admiração, enquanto seguia ali, flexionando seus dedos machucados.

Ao mesmo tempo, sua tia-avó tinha uma expressão de autêntica comoção ao ver dois de seus empregados estendidos no chão de sua magnífica entrada principal.

– Broady – murmurou Raven –, quer ajudá-los, por favor?

Com um breve olhar para Sua Excelência, o mordomo respondeu:

– Certamente, senhorita Raven. – E se apressou para obedecê-la.

Quando o velho criado foi ajudar os dois criados a levantar e os conduziu aos fundos da casa, lady Dalrymple livrou-se de seu estupor e recuperou seu tom de altiva indignação.

– O que você estava pensando, Raven Kendrick, em nome dos céus? – e lançou um olhar furioso para Lasseter. – Não quero ter este... *selvagem* em minha casa.

Kell manteve o olhar frio, assim como seu tom de voz:

– Sinto não poder atendê-la, milady, mas não tenho intenção de ir embora até que se resolva esta situação com sua sobrinha.

Raven se apressou para intervir.

– Deveríamos permitir que o senhor Lasseter se sentasse, porque estou certa de que sua ferida dói. E você, vovô, também deveria se sentar. Não devia ter se levantado da cama.

– Bem, você é a razão pela qual ele foi colocado na cama – replicou a tia.

– Por que não vamos todos ao salão discutir isto de uma maneira mais civilizada? – retrucou Raven, rangendo os dentes.

A jovem foi na frente e se alegrou ao perceber que os outros três a seguiam. Entretanto, apenas seu avô se sentou. Raven notou que ele estava claramente fazendo um esforço para controlar seu temperamento, mas não parecia estar se sentindo especialmente bem.

Ela ficou de pé não só porque assim se sentia menos vulnerável, mas também porque dessa forma podia ocultar sua agitação interior com mais facilidade. A violenta alteração física ocorrida há apenas alguns instantes a deixara mais agitada do que esperava, assim como a precipitada ira de seus parentes contra seu salvador. Raven ficou inquieta ao ver que Lasseter estava sendo condenado. A acusação de assassinato era grave, sem dúvida, mas, apesar do ar de perigo potencial que emanava dele, parecia difícil acreditar que fosse um assassino. Pelo menos, estava disposta a reservar seu julgamento sobre seu passado até ter mais provas de uma coisa ou outra.

No entanto, era seu próprio futuro o que mais a angustiava. Não havia lhe ocorrido nenhuma solução aceitável para aquele pesadelo. E o pior ainda podia acontecer. A saúde de seu avô poderia estar irrevogavelmente prejudicada pelo choque que tinha sofrido. Ou ele ainda podia tentar colocar Lasseter na prisão ou desafiá-lo para um duelo... O que seria um desastre.

Raven se preocupava muito com o avô... E até com sua tia. Não desejava que eles fossem mais prejudicados ainda por aquela catástrofe. Mas como poderia evitar? Ela podia ir embora da Inglaterra, como tinha sugerido Lasseter, numa tentativa de proteger sua família da desgraça, mas aonde iria? Além disso, sua fuga ainda os obrigaria a suportar a mancha da vergonha. A menos que pudesse de alguma forma conseguir se livrar do escândalo, ela levaria seus parentes junto.

A tia-avó tinha voltado a reclamar, percebeu Raven com enfado, mas tinha perdido a maior parte do que havia dito.

– Catherine, dê a Raven uma oportunidade de explicar o que aconteceu – interveio

rudemente lorde Luttrell.

Raven apressou-se em responder.

– Sinto muito, vovô, mas não tenho nenhuma boa explicação para os acontecimentos de ontem. Acredite-me, se pudesse, teria evitado tudo isso.

– Eu me permito duvidar, minha cara – afirmou tia Catherine. – Você esteve esperando para nos humilhar desde que chegou aqui!

Para sua surpresa, Raven notou quando Lasseter se colocou a seu lado, como se estivesse se preparando para defendê-la e se sentiu mais aliviada por seu implícito apoio.

– Isso é totalmente falso – respondeu Raven, apertando a boca. – Do jeito que a senhora fala, é como se eu tivesse desejado ser raptada.

– Bem, seja qual for a verdade, agora estamos totalmente acabados. Várias centenas de pessoas viram como você deixou Halford plantado diante do altar. Fizemos tudo o que pudemos para abafar esse escândalo, explicando que de repente você havia ficado doente. Mas ninguém acreditará por muito tempo nessa história pouco consistente. Halford esteve aqui três vezes querendo vê-la e partiu furioso porque não conseguimos encontrá-la. Da última vez ele disse que ia esquecer você e cortar relações conosco. E lorde e lady Wycliff claramente farejaram uma mentira...

Raven mordeu o lábio, consternada. Brynn Tremayne, lady Wycliff, era uma de suas melhores amigas. E o marido de Brynn, Lucian, tinha sido seu guardião quando seus outros queridos amigos haviam partido para a América no verão anterior. Ambos deviam estar preocupados com ela. Na realidade, se Lucian ficasse sabendo a verdade sobre seu rapto, teria podido recorrer a seus vastos recursos no Ministério de Relações Exteriores, onde trabalhava, e revirar Londres de cima abaixo procurando-a.

– Sem mencionar a ignomínia de seu desaparecimento – prosseguiu sua tia com rancor. – Você desaparece por uma noite inteira e retorna com este... criminoso! – lady Dalrymple empinou o nariz vários centímetros e olhou depreciativamente para Lasseter enquanto sua voz transpirava desprezo. – Não, não há esperanças para você, Raven. Precisamos encontrar um marido imediatamente.

Raven ficou rígida com o ponto fraco que sua tia havia tocado.

– Não permitirei que faça isso, tia Catherine.

– O que quer dizer com esse *não permitirá*? O casamento é a única coisa que talvez possa nos salvar da ruína absoluta.

– Talvez sim, mas a senhora não vai escolher quem deve ser meu marido.

– É evidente que você não tem ideia da vergonha que fez desabar sobre nós!

– Eu entendo isso perfeitamente, tia, mas não permitirei que vocês me casem, como fizeram com minha mãe.

Lady Dalrymple ficou de pé em toda sua altivez.

– Não posso acreditar nessa sua insolência! É esta a gratidão que me demonstra por tê-la recebido aqui? Bem, acredite, minha jovem, você já não é mais bem-vinda em minha casa!

– Basta, Catherine! – exclamou seu irmão.

– Não, vovô – respondeu Raven com a voz tensa. – Ela tem razão. Será melhor para todos que eu vá embora. Não ficarei em um lugar onde não sou bem-vinda.

Em seus olhos ardia o desafio e, do lado de fora da batalha, Kell observava tudo fascinado. Aquela garota o fazia se lembrar de sua mãe, quando irritavam seu temperamento irlandês genioso. Essa Raven Kendrick era uma lutadora impulsiva como ela, dotada de uma beleza que excitava seus instintos masculinos mais primitivos de uma

maneira que nenhuma outra mulher havia feito.

Contra sua vontade e seu bom senso, Kell começava a admirar o espírito e o valor dela diante da adversidade, sem mencionar a beleza e a inteligência afiada. Uma combinação extremamente perigosa, é verdade.

Ele balançou a cabeça mentalmente, sem conseguir acreditar como sua opinião tinha mudado tanto em tão poucas horas. Até aquela manhã, Kell acreditava que o desejo de vingança de seu irmão contra aquela mulher tentadora e traiçoeira, que se divertia com um prazer cruel em destruir a vida dos homens, era até justificado. Entretanto, agora, Kell se via questionando aquela versão da história e, pior ainda, lutando contra os indesejáveis sentimentos de proteção que Raven Kendrick despertava nele.

Claro, não tinha dúvida nenhuma de que ela ainda era uma tentação perigosa, mas a vulnerabilidade de seus lindos olhos azuis havia tocado algo sensível dentro dele. Depois do que seu irmão tinha feito com ela, não desejava vê-la sofrer mais. E, por outro lado, o desprezo que a jovem estava enfrentando naquele momento trazia à tona suas próprias lembranças do bárbaro tratamento recebido por sua mãe nas mãos de seus desprezíveis parentes ingleses.

Sentia-se inevitavelmente obrigado a defender a senhorita Kendrick, embora ela parecesse estar resistindo bastante bem aos ataques da bruxa de sua tia. A garota tremia com uma coragem raivosa. A obstinada firmeza de sua boca não era capaz de dissimular suas encantadoras feições nem apagar seu fogo interior. O tipo de fogo pelo qual qualquer um poderia ser consumido...

Deixando de lado seus pensamentos, Kell entrou na discussão a contragosto.

– Eu poderia lhe falar em particular, senhorita Kendrick?

Ela interrompeu a acalorada discussão com sua tia para olhá-lo, enquanto lady Dalrymple retrucava de repente.

– O que tem você a dizer sobre este assunto? Já não causou danos suficientes?

– Deixe-o em paz, tia Catherine – repreendeu sua sobrinha. – A senhora não tem direito de descarregar sua ira no senhor Lasseter. E ficarei encantada de falar com ele.

De maneira impulsiva, ela o agarrou pela mão para tirá-lo do salão, e Kell ficou surpreso ao ver como seu corpo reagia com um simples contato dela, sem aviso sentiu um desejo ardente pulsando em seu interior, inesperado, inconveniente e inegável.

Ele praguejou em silêncio e permitiu que a senhorita Kendrick o tirasse do salão e o conduzisse pelo corredor para a sala de jantar adjacente.

Soltando a mão de Kell, Raven fechou a porta atrás deles e começou a caminhar sobre o tapete de Aubusson com os olhos brilhantes por causa de alguma emoção selvagem e temerária. Kell a observava curioso, mas ela parecia ter se esquecido de sua presença.

Por fim, Raven dirigiu a ele um olhar de reprovação.

– Levando em conta seu ferimento, você deveria sentar-se.

– Não seria um comportamento correto para um cavalheiro sentar-se enquanto a senhorita está de pé.

– *Agora* você está dizendo que é um cavalheiro? – perguntou ela de maneira mordaz.

Foi difícil para Kell conter um sorriso.

– Sei que está cheia de raiva depois da batalha com a bruxa, mas não há razões para descontar isso em mim.

Ela respirou fundo, tratando obviamente de controlar suas emoções.

– Sim, tem razão. Desculpe-me. Não deveria ter permitido que ela me fizesse

morder a isca.

Kell sentiu uma certa satisfação por ela ter pedido desculpas e também menos ressentimento a respeito do que se via obrigado a fazer.

– Tenho uma pergunta para você, megera – disse ele. – Por que mentiu a respeito de seu rapto? Por que não denunciou o meu irmão?

Ela hesitou um instante e logo deixou escapar um suspiro.

– Porque me dei conta de que estou em dívida com você. Você me salvou da vingança de seu irmão, possivelmente até de um estupro. Por outro lado, não tinha muita certeza do que meu avô faria se soubesse o papel que desempenhou em tudo isto. Por um momento, temi que ele pudesse desafiá-lo. Com esse problema no coração, ele está muito fraco para um duelo... Durante o qual poderia ter sido ferido ou morto. Além disso, era uma questão de justiça. Como você diz, seu irmão já sofreu demais – ela deu de ombros. – Agora, estamos quites.

Ele torceu um dos cantos da boca.

– Não estamos nem perto de quites. Parece ter se esquecido que deu um tiro em mim.

– Mas você me manteve prisioneira. – Seus azuis olhos exibiam um brilho renovado de desafio.

Decidido a recuar antes de voltar a entrar naquela batalha, Kell mudou de assunto.

– Suponho que seja impossível que seu duque continue querendo casar-se com você, certo?

Ela desviou o olhar, relutante de repente a olhar nos olhos dele.

– Sem dúvida. Você ouviu minha tia... Halford não quer mais nada comigo. E na realidade, não posso culpá-lo. Várias centenas de pessoas viram como o deixei plantado diante do altar.

– E você não acha que ele poderia ser convencido a mudar de ideia?

– Tenho certeza de que não. O duque de Halford é um defensor estrito do decoro, e seu orgulho é lendário. Cheguei a conhecê-lo bem ao longo de nosso noivado. Ele deve ter ficado furioso por causa daquela humilhação pública. Além disso, nunca aceitaria uma esposa que tivesse passado a noite na cama de outro homem. Mesmo que eu conseguisse de algum modo ocultar... o que aconteceu ontem à noite – o rosto dela ficou escarlate –, não poderia mentir sobre uma questão tão importante.

– Suponho que não – respondeu Kell com pesar.

– Bem, sobre o que desejava conversar comigo? – perguntou ela.

Ele deixou escapar um lento suspiro, preparando-se para falar.

– Estou disposto a pedir sua mão em casamento, senhorita Kendrick.

A súbita falta de ar revelou o choque de Raven com a notícia, que ficou olhando para ele por um longo momento antes de falar.

– Estou certa de que não tem nenhum desejo de casar-se comigo. Por que me fez esse pedido então?

Kell passou a mão pelos cabelos, hesitando entre os instintos que se debatiam dentro dele. Desde o primeiro momento em que viu Raven Kendrick em sua cama, ele sabia que seu rapto podia ter consequências desastrosas. Ele apenas não queria enfrentá-las. Tampouco desejava ver-se forçado a se casar com a mulher que tinha causado tantos problemas à vida de seu irmão.

Mas sua consciência agora estava pesando. E sentia que era seu dever como homem honrado reparar o que Sean tinha feito. Devia pelo menos oferecer à senhorita Kendrick a

opção de casar-se com ele, embora esperasse fervorosamente que a jovem recusasse a proposta.

– Porque o casamento salvaria sua reputação até certo ponto. E porque quero manter meu irmão fora da prisão: estou disposto a me casar com você se concordar em não fazer acusações contra ele.

Ela levou uma mão à testa, como se estivesse aturdida. Foi para a mesa de jantar, puxou uma cadeira e se deixou cair nela.

– Suponho que me propõe um casamento de conveniência, é isso?

– Sim. Depois podemos seguir caminhos separados. Podemos arranjar as coisas de modo que não precisássemos nos ver muito.

Ela ficou em silêncio, contemplando as próprias mãos.

– Antes de responder, senhorita Kendrick – comentou Kell –, acho que deveria estar totalmente inteirada de minha reputação. Você acredita que eu sou um canalha grosseiro, e não posso negar. E a alta sociedade não me tem exatamente em alta estima. Sou o proprietário de um antro de jogo, e meu sangue irlandês me garante um grande número de portas fechadas. Isso tudo sem mencionar que não tenho títulos de nobreza de nenhum tipo.

Ela fez uma careta, como se compreender aquilo fosse complicado.

– Eu sei disso – respondeu em voz baixa.

Para sua surpresa, Kell viu que de repente apareciam lágrimas nos olhos dela, que Raven logo as enxugou furiosamente. E então, Raven olhou para ele como se um pensamento tivesse acabado de lhe ocorrer.

– O que minha tia queria dizer quando falou que todo mundo sabia que você tinha assassinado seu tio?

Os músculos de seu corpo se retesaram, mas por fim Kell disse:

– Houve muitos rumores sobre eu ter matado meu tio em um acesso de raiva.

Ela observou seu rosto com um olhar atento.

– E você fez isso?

– Acreditaria se dissesse que não?

– Sim – respondeu ela com calma. – Acho que sim. Não dou muito valor aos boatos. Na primavera passada, meu irm... Um amigo muito querido foi acusado de assassinato e sentenciado à força, mas suas ações tinham plena justificativa.

Kell ficou mais uma vez surpreso com a atitude da jovem. Ele teria que aprender a não subestimar a pouco convencional senhorita Kendrick.

Entretanto, quanto a responder à sua pergunta, ele não tinha intenção de falar a verdade, embora fosse suspeito de assassinato. Os sinistros rumores sobre seu passado o tinham perseguido desde a Irlanda, onde seu tio havia falecido, e Kell nunca tinha feito nenhuma tentativa de desmenti-los.

– Acredito poder dizer, com toda segurança, que a morte de meu tio foi justificada – respondeu ele, enigmático.

Raven assentiu devagar e logo se levantou e voltou a andar pela sala. Ao final de sua reflexão, ela se deteve e juntou as mãos, possivelmente para tentar tranquilizar sua agitação.

– Talvez você tenha razão – disse ela, olhando para Kell. – O casamento é minha única alternativa. Estou enfrentando a ruína total de minha reputação. Serei considerada uma pária na sociedade se não encontrar um marido rapidamente.

Kell não gostou nada da resposta.

– Melhor levar em conta que sua família terá firmes objeções contra nosso

casamento. Sua tia-avó me considera um criminoso.

A boca de Raven se curvou em um leve sorriso.

– Com toda franqueza, o fato de minha tia ter aversão por você é um argumento a seu favor.

– E você aceitaria um marido inadequado só para aborrecê-la?

– Não, claro que não. Mas não permitirei que ela me imponha suas condições.

O brilho de rebeldia em seus olhos azuis tocou outro nervo em Kell. Ele entendia a rebelião; ele mesmo era um rebelde. Mas isso não significava que desejaria incentivá-la a aceitar sua oferta.

Lançando um olhar fixo, tentou inquietá-la.

Como resposta, Raven deu de ombros.

– Não importa quão escandalosa seja sua reputação, senhor Lasseter. Você seria imensamente melhor que não ter nenhum marido. Se eu ficar solteira, não terei nenhuma oportunidade de voltar a aparecer em sociedade. Considero isso muito injusto, mas é uma realidade da vida. E não estou em condições de ser seletiva.

– Entretanto, você acabou de dizer à sua tia que se negava a casar.

– Não, eu disse que me negava a aceitar a escolha dela.

– E existe alguma diferença?

– Sim! Uma enorme diferença. É uma longa história, mas... Minha mãe foi obrigada pela família a casar-se com um homem de que... ela não gostava. Não tenho a intenção de seguir seus passos.

Kell notou que seus olhos azuis estavam cheios de dor.

– Mesmo assim, deve haver melhores candidatos que eu.

– Não me ocorre nenhum em um prazo tão curto. E, se tiver que procurar alguém disposto a casar-se comigo, corro o risco de me expor ainda mais. Se ele me recusar, então... Não haveria nenhuma maneira possível de manter as minhas circunstâncias em segredo.

– Mas você ainda poderia sair do país, como eu tinha sugerido.

– E viver como uma exilada, uma banida? Isso é ainda mais repugnante para mim do que ser obrigada a me casar. – Sua voz se reduziu a um murmúrio, mas estava impregnada de raiva. – Minha mãe passou a maior parte da vida me preparando para a sociedade que a tinha renegado e ficaria desolada se soubesse que fracassei em seu objetivo de vida. Por outro lado, tenho certeza de que meu avô ficará mais tranquilo se souber que posso evitar o desastre. E minha tia também.

Kell arqueou uma sobrancelha, cético.

– Depois da virulenta exibição de compreensão por parte de sua tia, não entendo por que ainda deseja consolá-la.

– Porque não quero que minha família sofra por minha causa. E se quero ter alguma esperança de protegê-los, preciso me casar imediatamente. Os empregados já foram testemunhas de meu retorno e não guardarão silêncio por muito mais tempo.

Negar foi o primeiro impulso de Kell, mas ele não pôde deixar de reconhecer que as observações de Raven eram corretas.

– Me parece que você já se arrependeu da proposta – disse ela ao vê-lo em silêncio.

Kell mudou a perna de posição, inquieto, sem saber o que estava causando mais desconforto, sua coxa ferida ou o nó que tinha se formado no estômago.

– Sou um solteiro convicto, senhorita Kendrick. E tenho certeza de que compreende que eu não esteja ansioso para cair na armadilha do casamento.

Ela franziu a testa e em seguida hesitou antes de perguntar:

– Há alguém com quem prefere casar-se em vez de mim?

– Não, megera, não – respondeu Kell secamente. – Eu não tinha absolutamente nenhuma intenção de me casar. Sem dúvida, não em nenhum momento próximo.

– Suponho que deva ter uma amante. A maioria dos homens com dinheiro costuma ter, às vezes mais de uma.

Ele arqueou as sobrancelhas com a franqueza dela, mas o rubor de suas bochechas sugeria que o tema não era muito cômodo para ela.

– Na verdade – acrescentou Raven –, eu não me importaria que continuasse com suas amantes.

– Sua generosidade me assombra – respondeu ele lentamente.

– Bem, nossa união pode lhe ser financeiramente vantajosa. Tenho uma renda própria, um fundo que me foi deixado por... meu pai. E meu avô me prometeu um dote considerável quando me casasse.

– Não preciso de seu dinheiro – declarou Kell, irritado pela suposição de que poderia ser comprado.

Raven umedeceu os lábios, atraindo a atenção de Kell para eles, contra a sua vontade.

– Bem, a menos que pretenda retirar sua oferta, acredito que devo aceitá-la.

Ainda lutando contra o inevitável, Kell semicerrou os olhos e a encarou.

– Você deveria pensar nisso com mais cuidado, senhorita. Prometo ser um marido terrível.

Fixando seus olhos escuros nela, Kell se aproximou alguns passos.

Raven recuou, na defensiva, porque o olhar intenso dele era desconcertante. Ainda estava surpresa com a proposta. E não restava dúvida de que ele seria um marido *terrível*. Era um jogador notório, um desconhecido que nem sequer gostava dela. Muito provavelmente, seria desagradável e incontrolável como marido. E, além disso, ela havia atirado nele de propósito.

Era um casamento fadado ao fracasso. Mas Raven tinha pouca escolha. Qualquer marido seria melhor que nenhum marido. Precisava daquele homem.

– Tem certeza de que deseja ser minha esposa? – murmurou ele.

Quando ele segurou o seu cotovelo com um aperto suave, Raven ficou sem fôlego.

– Então...? – Seu tom suave a fez estremecer, assim como sua proximidade.

Raven focalizou o olhar no rosto dele, onde estava a cicatriz, que de repente o fez parecer ameaçador, e logo olhou para baixo, para a boca atraente e sensual que era ainda mais perigosa. Será que ele tinha a intenção de beijá-la? Seu coração se acelerou até alcançar um ritmo errático.

Mas ele não a beijou. Em vez disso, a cercou com força entre seus braços em um cerco implacável e que não a permitiu se mover. Uma onda de calor atravessou o corpo dela, imobilizando-a, e a ardente escuridão de seu olhar a preencheu com a lembrança de como havia satisfeito suas necessidades durante toda aquela noite...

– Está com medo de mim, senhorita Kendrick?

Medo dele? Ele era um homem intenso, perigoso, com uma ardente vitalidade que parecia tomar conta do ar que ela respirava. No mínimo, ela devia temer por sua virtude. Entretanto, de maneira inexplicável, não tinha medo dele. Talvez porque o tivesse visto tantas vezes antes, em suas fantasias.

Os olhos deles brilhavam, lembrando-a claramente de seu amante pirata.

– Não... não estou com medo – conseguiu sussurrar oscilante. – Em especial porque acredito que você está tentando me intimidar deliberadamente.

Kell ficou olhando para ela por um longo momento, com olhos inexpressivos.

– Quer dizer que não vou conseguir afugentá-la?

– Não, senhor, não vai.

A boca dele se curvou em um sorriso zombeteiro.

– Meu nome não é senhor.

– Senhor Lasseter, então.

– Meu nome é Kell. Diga.

– Kell, que seja. Não tenho medo de você, Kell.

Ela sentiu seu coração palpitar com força enquanto aguardava a resposta por um momento interminável.

Então, ele blasfemou entre dentes, soltou-a bruscamente e se virou. Durante o intervalo de alguns segundos, permaneceu ali, apertando os músculos da boca, como se lutasse consigo mesmo.

Por fim, lançou um olhar por cima do ombro.

– Muito bem, senhorita – disse, em um tom impregnado de resignação. – Vamos nos casar assim que os preparativos estiverem finalizados.



Nunca deveria tê-la tocado, pensou Kell melancolicamente enquanto observava Raven Kendrick tentando explicar seu repentino compromisso aos parentes incrédulos. Ele achou que a intimidação física pudesse exercer alguma influência nela, para que recusasse a relutante proposta de casamento, mas, infelizmente, envolvê-la em seus braços o tinha feito recordar a noite febril que tinham passado juntos: a incrível sensação de seu corpo excitado, seu apaixonado apetite por um homem, o desejo dele, ainda insatisfeito...

Por todos os infernos! O abraço tinha sido um engano que o tinha afetado física e mentalmente no nível mais primitivo. Seu corpo ainda latejava enquanto sua mente girava, impossibilitando-o de se concentrar na conversa.

Alguns momentos atrás, os dois tinham retornado ao salão para anunciar a intenção de se casar e, por um breve instante, a tia e o avô pareceram aturdidos. Logo, lorde Luttrell explodiu em protestos, ficando em pé e agitando sua bengala no ar para sublinhar suas objeções, enquanto Raven tentava tranquilizá-lo para evitar que ele tivesse um ataque apoplético.

Kell, com a mente distraída, estava acomodado em uma cadeira e observava a futura esposa, perguntando-se por que exatamente havia se sentido na obrigação de salvá-la. Ele não queria uma esposa, de maneira nenhuma. Certamente, não uma mulher tentadora como essa, de sangue azul, que deixava os homens loucos, como havia acontecido com seu impressionável irmão. E, além disso, tinha no mínimo outra opção antes de submeter-se ao laço matrimonial. Determinado a manter Sean fora da cadeia, ou pior, poderia mandá-lo para fora do país às escondidas e, assim, evitar qualquer tipo de retaliação da senhorita Kendrick ou de sua enfurecida família.

Claro, havia ainda sua honra. Qualquer homem com um pinga de decência se sentiria obrigado a reparar a violência a que ela havia sido exposta. E, na realidade, era ele quem deveria se comprometer com Raven. Afinal, tinha sido em sua cama que a jovem havia passado a noite toda.

Mas Kell suspeitava que houvesse outras razões, mais profundas, pelas quais não tivesse resistido mais à ideia de torná-la sua esposa.

Falando simplesmente, se não se casasse com Raven, ele a estaria deixando indefesa diante da ferocidade social. E Kell não desejava ver a imagem dela desamparada e sozinha o assombrando, tal como a imagem de sua mãe ainda o perturbava.

Sua mãe era filha de um médico irlandês que se apaixonou por um paciente de seu pai, um inglês ferido em um acidente de caça enquanto viajava pela Irlanda. Fiona tinha se casado com alguém muito acima de seu status, passando assim a fazer parte da alta burguesia inglesa. Ela nunca foi aceita pelos altivos Lasseter, embora seu marido e seus dois filhos a adorassem. Alguns meses depois de ficar viúva, Fiona foi banida para a Irlanda por William, o tio dos rapazes, que assumiu a custódia dos meninos mesmo com os pedidos angustiados e os protestos amargos. Um ano depois, ela havia falecido na miséria.

Kell culpou inteiramente o tio pela morte da mãe e passou a odiar William com uma ferocidade inclemente. Aquilo foi antes que o bastardo violasse a inocência de seu tutelado mais novo com suas perversões...

Ele se esforçou por afastar essas lembranças. Tinha sido incapaz de proteger sua mãe e seu irmão durante aqueles anos, mas se propunha a não carregar mais uma vez o peso da culpa ficando de braços cruzados enquanto Raven Kendrick sofria.

Quaisquer que fossem as razões, sentiu uma necessidade feroz, quase selvagem, de protegê-la. Ele não a abandonaria. Embora se casar com ela fosse totalmente contrário a seus próprios desejos.

Kell soltou uma risada silenciosa e sem humor. Certa vez, tinha jurado que nunca se casaria com uma aristocrata. De fato, se tivesse pensado nisso, teria se lembrado de dizer que desejava se casar só por amor, que desejava uma união como a de seus pais.

Mas, pelo menos, Raven Kendrick não era a típica senhorita recém-saída da escola e sem um único pensamento inteligente na cabeça. Como marido e mulher, eles sem dúvida teriam frequentes discussões, mas preferia enfrentar a possibilidade de levar outro tiro do que ficar preso a uma mulher sem energia pelo resto da vida. E, embora a singular senhorita Kendrick fosse virgem, na noite anterior ele tinha vislumbrado uma mulher assombrosamente apaixonada, com força, fogo e personalidade suficientes para mantê-lo sempre intrigado...

Muito intrigado.

Kell praguejou entre dentes. Não desejava sucumbir à inteligência ou à cativante beleza daquela esposa não desejada. Conhecia muito bem o perigo que ela representava. Por sorte, tinham concordado em um casamento de conveniência, um acerto desapaixonado que poderia ser levado adiante sem nenhuma implicação emocional ou física. Depois da consumação obrigatória, eles não precisariam voltar a manter relações conjugais. Ele faria o impossível para que sua união nunca se tornasse mais íntima do que aquilo.

Enquanto concentrava de novo sua atenção nas conversas, Kell percebeu que o avô não concordava que o casamento se realizasse de maneira nenhuma. Estranhamente, era lady Dalrymple quem estava defendendo a união:

– Você não está pensando com clareza, Jervis – dizia a bruxa em seu habitual tom gelado. – Raven não tem alternativa a não ser casar-se...

– Eu estou pensando com clareza, Catherine. Foi você quem ficou maluca. Acabou de dizer que esse homem era um maldito assassino!

– Bom, não estou certa disso. Os rumores podem ser meros falatórios.

– Mas ele continua sendo um jogador!

– De fato. O senhor Lasseter é o escândalo da sociedade mais refinada. Mas Raven anda igualmente escandalosa estes dias. E, vergonhoso ou não, o casamento com ele trará pelo menos um pinga de respeitabilidade. Por outro lado... – lady Dalrymple dirigiu à sobrinha um olhar cheio de desgosto, quando não de autêntica malícia – eu me atreveria a dizer que eles se merecem.

A tensão na sala era evidente, e a acusação seguinte de lorde Luttrell se somou à turbulência.

– E não tenho dúvida de que ele não passa de um maldito caçador de fortunas.

Kell ficou tenso com aquela acusação infundada. Tinha herdado legitimamente a riqueza dos Lasseter depois da morte de seu tio, mas tinha se negado a tocá-la, entregando os ganhos e o usufruto do imóvel herdado a seu irmão mais novo, além da casa de Londres, como compensação pelo que Sean tinha sofrido. Em vez disso, Kell tinha utilizado sua considerável habilidade de jogador para fazer uma pequena fortuna, o que lhe havia permitido abrir seu próprio clube de jogo. Aquele êxito, juntamente com vários investimentos posteriores e bem-sucedidos, tinha multiplicado seus bens por dez, e ele era

agora suficientemente rico para merecer certa deferência por parte de todo mundo, exceto das pessoas da alta classe.

Antes que ele pudesse responder, lorde Luttrell prosseguiu com um tom cheio de desprezo:

– E não se pode negar ainda que é um maldito irlandês!

Raven interveio então, com um tom sombrio.

– Acredito que esteja se esquecendo de que Ian Kendrick tinha sangue irlandês. Se ele foi bom o bastante para ser meu pai, então o senhor Lasseter é bom o bastante para ser meu marido.

Kell mal ouviu a argumentação, porque estava lutando contra seu próprio ressentimento e sua raiva, quase fora de controle. A ideia de que não era digno de casar-se com a neta de um visconde britânico o deixava furioso. Nunca tinha conseguido esquecer que sua mãe não tinha sido boa o suficiente para a alta nobreza inglesa. Até mesmo a nobreza irlandesa era considerada inferior a eles.

Aquela espécie de fanatismo de pertencer a uma classe superior teve o efeito contrário do desejado pelo lorde Luttrell; agora Kell estava decidido a casar-se com a senhorita Kendrick simplesmente para incomodar aqueles seus parentes cheios de desprezo.

– Seus antepassados são irrelevantes neste momento – interveio lady Dalrymple. – Se Raven não se casar com ele, o escândalo recairá sobre nossa cabeça imediatamente.

– Que o escândalo vá para o inferno! – O nobre ancião olhou diretamente para a neta, sua expressão suavizando. – Não a obrigarei a se casar contra sua vontade. Não repetirei o mesmo erro que cometi com sua mãe.

– Não será contra minha vontade, vovô – respondeu Raven com obstinação.

Por fim, Kell conseguiu controlar sua ira o suficiente para intervir.

– Não nego suas críticas contra a minha profissão, lorde Luttrell. Mas não me sinto absolutamente envergonhado de minha herança irlandesa. Quanto a ser um caçador de fortunas, o senhor está muito longe da verdade. Sou perfeitamente capaz de cuidar de sua neta e de manter seu estilo de vida no nível com que está acostumada. De fato, estou disposto a ser extremamente generoso. Eu lhe darei uma casa e uma renda própria. E, se caso ainda estiver preocupado com seu bem-estar, seus advogados podem preparar um contrato de casamento que deixe fora de meu alcance qualquer fortuna que ela possua neste momento.

Lorde Luttrell lançou um olhar feroz para Kell, mas lady Dalrymple, com um imperioso gesto, aprovou aquele plano.

– Então está tudo resolvido. Tudo solucionado.

Um longo silêncio se seguiu a esse comentário, enquanto o franzir da testa de Sua Excelência desaparecia aos poucos, convertendo-se em frustração e, finalmente, em resignação. Por fim, ele suspirou e se rendeu à necessidade, assim como Kell havia feito.

– Suponho que não exista escolha.

– Não, vovô, não há escolha – concordou Raven.

– Agora – disse rapidamente a tia-avó, sem dúvida decidida a tomar a frente do assunto – devemos pensar em uma história verossímil que explique o desaparecimento de Raven ontem. Se ela aparecer casada de repente, ninguém acreditará que esteve doente, como pretendemos. E ainda existe a desgraça de ter deixado o duque de Halford publicamente plantado no altar... – ela hesitou e franziu a testa. – Mas que história poderia ser plausível?

– Seria melhor se ficássemos o mais próximo possível da verdade – interveio Kell. –

Muita gente presenciou o rapto da senhorita Kendrick para que isso possa ser negado, mas podemos sugerir nossa própria interpretação dos fatos.

– O que quer dizer? – perguntou Raven.

Ele encarou o olhar curioso com frieza.

– Deveríamos fazer circular uma nova história: nós nos conhecemos há algum tempo e nos apaixonamos, mas você recusou meu pedido pelas objeções de sua família. No dia de seu casamento, compreendi que não podia viver sem você, de modo que a raptei e a convenci a se casar comigo.

– Você pretende divulgar uma história de casamento por amor? – perguntou a tia.

– E devemos fingir estar apaixonados? – ecoou Raven, surpresa com a perspectiva de que Kell Lasseter fosse fingir que a amava. A julgar por sua expressão, ele a via como uma lamentável obrigação a ser cumprida. – Mas quando eu teria tido tempo de conhecer e me apaixonar por você? Até a primavera passada, eu ainda vivia no Caribe.

– Então nós nos apaixonamos no Caribe, quando eu estive lá anos atrás.

– Isso poderia servir – comentou lady Dalrymple pensativa. – Um romance anterior poderia explicar por que Raven seria tola o suficiente para recusar um duque. E poderia evitar consequências mais desastrosas. Halford poderia sentir-se inclinado a desafiar o raptor de Raven, mas, se acreditar que ela está apaixonada por outra pessoa, é menos provável que entre em disputa por ela. Do mesmo modo, a alta sociedade poderia ser um pouco mais indulgente ao julgá-la pelo que aconteceu.

– Poderíamos ter nos casado na noite passada – acrescentou Kell –, e fazê-lo realmente o quanto antes.

– Por que não fugir para Escócia e contrair ali o matrimônio no civil? – sugeriu Luttrell.

– Uma fuga não favoreceria a reputação da senhorita Kendrick – respondeu Kell. – Em primeiro lugar, ela teria estado em minha companhia durante muito tempo, e solteira. E seus empregados sabem que a verdade não é essa. Além disso, com a perna ferida, eu preferiria não ter que suportar tantos dias em uma carruagem – Lançou um olhar ao relógio de bronze dourado que havia sobre o aparador da lareira. – Ainda temos bastante tempo para solicitar uma licença especial para nos casar esta noite.

– Será preciso um sacerdote para realizar a cerimônia – disse Sua Excelência secamente.

– Isso eu posso resolver. Mas não podemos nos casar aqui. Haveria muitas testemunhas que mais tarde poderiam contradizer a nossa história. A cerimônia terá que ser celebrada em um lugar mais privado.

– E onde sugere que seja?

– Tenho uma casa em Richmond, com poucos serviços nesta época do ano e acredito que seria adequada. Os empregados são discretos.

Raven olhou seu futuro marido com curiosidade. Com frequência, os cavalheiros com independência financeira tinham essas casas de lazer nas redondezas de Londres para manter suas amantes por perto. Kell Lasseter seria um desses cavalheiros? Aliás, seria ele um cavalheiro?

Seus pensamentos foram interrompidos pelas perguntas ininterruptas de seu avô.

– E o contrato de casamento? Quero que minha neta seja bem amparada.

– Não há tempo para redigir contratos, Jervis – insistiu a irmã. – E isso pode esperar até depois de estarem plenamente casados.

Lasseter devolveu um olhar frio.

– Não pretendo enganar sua neta em nosso acordo, se for isso o que o preocupa, senhor.

– Certamente isso pode esperar – respondeu Raven. – Confio que o senhor Lasseter manterá sua palavra.

E, por mais estranho que pudesse parecer, ela de fato confiava. Raven tinha poucas dúvidas de que ele faria o que tinha prometido. Seu maior temor ao casar-se com Lasseter era perder totalmente sua independência, já que uma esposa detinha poucos direitos, e ela não seria capaz de controlá-lo como poderia ter feito com Halford. Pelo contrário, se um marido podia ser dominante e difícil de controlar, era Kell Lasseter.

Kell a estava observando com aquela expressão enigmática, como se tentasse determinar seus motivos. Submetida àquele escrutínio através daqueles olhos pretos, Raven de repente sentiu um nó se formar no estômago.

Aquele homem logo seria seu marido. Ela estava realmente prestes a se casar com um total desconhecido? Que os céus a ajudassem!

Se seus medos sobre o casamento já eram enormes no dia anterior, quando estava a ponto de ver seus sonhos de tanto tempo serem concretizados com o marido ideal, agora os receios estavam totalmente fora de controle. Mas Raven lembrou que não havia escolha para tentar conter o pânico. Na verdade, ela podia até se considerar uma mulher de sorte pelo fato de Lasseter tê-la resgatado.

– Bem, então – disse a tia, partindo para os assuntos práticos –, temos um grande número de preparativos para fazer. Raven, enquanto o senhor Lasseter procura uma licença especial, você deve escrever a Halford, fazê-lo compreender as circunstâncias e pedir seu perdão.

– Sim – assentiu ela, agradecida pela distração. – Devo algum tipo de desculpa a ele. E deveria mandar também umas palavras de explicação a Brynn e Lucian...

– E farei o mesmo com meus principais conhecidos – acrescentou a tia –, enquanto Jervis envia uma nota aos jornais.

Lasseter interrompeu-a, voltando-se a Raven.

– Seria melhor que você escrevesse de Richmond. Quanto mais tempo ficar aqui, mais difícil será manter a simulação de que nos casamos ontem à noite. Quanto à nossa presença aqui agora, podemos dizer que viemos informar nossa união à sua família.

– Sim – concordou Raven, reconhecendo a racionalidade de sua sugestão. – É melhor partirmos então.

– Essa pressa toda é realmente necessária? – protestou lady Dalrymple. Sua sobrinha suspeitou que o protesto fosse porque não gostava que outra pessoa tomasse a dianteira em seus assuntos. – Raven deveria pelo menos trocar o vestido por algo mais adequado.

– Não, tia Catherine. O senhor Lasseter tem razão. Meu traje agora não é muito importante. Mas precisarei ter acesso a meus pertences. Meus baús estavam preparados para serem levados à casa de Halford. Foram já entregues?

– Ainda não. Com todo o caos de ontem...

– Seus baús podem ser retirados assim que decidirmos onde nos instalaremos – disse Lasseter com certa impaciência.

– Mas havia uma bolsa de viagem preparada para sua lua de mel – insistiu lady Catherine. – Deveria levá-la. Ela não pode andar pela cidade assim maltrapilha – a observação veio acompanhada de um olhar depreciativo para o vestido de Raven, claramente maior do que seu tamanho.

– Talvez fosse mesmo conveniente – concordou Raven, recordando que a valise de mão continha uma camisola, entre outros objetos.

– Muito bem, então – disse ele.

Lady Dalrymple se levantou, chamou Broady e deu instruções ao mordomo de rosto sério para se certificar de que a bolsa de mão da senhorita Kendrick fosse levada à carruagem do senhor Lasseter.

Depois disso, restou pouco a dizer, exceto despedir-se. Porém, Raven não pôde evitar comparar sua despedida naquela hora com a do dia anterior. No dia anterior, estava prestes a se casar com um ilustre duque; agora, se uniria a um jogador de má reputação, suspeito além de tudo de assassinato...

Ao que parecia, as reservas de seus parentes eram quase tão grandes quanto as suas. A tia permanecia friamente cortês, enquanto o avô estava realmente muito perturbado. Lorde Luttrell segurou as mãos da neta entre as suas e as apertou com força.

– Se precisar de alguma coisa, minha querida, saiba que pode sempre contar comigo.

Uma repentina dor, fruto da emoção, apertou-se na garganta de Raven: surpresa, gratidão, afeto. Ela ficou surpresa e aliviada com a atitude do avô, que não a tratou da maneira truculenta que havia tratado sua mãe. E sua voz soou embargada ao murmurar seu agradecimento.

Seu avô se virou então para Lasseter com um olhar feroz.

– Se você a magoar de algum modo, senhor, eu lhe advirto que terá que responder a mim.

– Vovô! – interveio Raven, sentindo a injustiça da observação, mas Lasseter dirigiu ao ancião um sorriso gelado.

– Minha intenção é salvá-la, lorde Luttrell, e não prejudicá-la. Terá que se conformar com isso.

Raven pretendia se desculpar pela animosidade do avô assim que estivessem fora do alcance de seus ouvidos, quando se encontraram com Michael O'Malley, que a aguardava do outro lado da porta do salão, caminhando impaciente pela entrada principal.

A expressão do criado era de desespero, remorso e uma enorme preocupação.

– Oh, senhorita Raven, eu estava com medo... Eu tinha que ver a senhorita com meus próprios olhos para ter certeza de que estava tudo bem – disse ele, com seu sotaque irlandês.

– Estou bem, O'Malley, de verdade.

Ela sentiu Lasseter ficar tenso ao ouvir aquele nome e olhar o criado com dureza. Mas não fez nenhum comentário.

– Quem foi o desgraçado responsável? – perguntou O'Malley. – Aquele desprezível do Lasseter, foi ele?

– Sim – murmurou Raven –, mas por favor, fale baixo. Não quero que isso seja divulgado. Na verdade, pretendo deixar tudo isso para trás – hesitou por um instante. – Este é o irmão dele, o senhor Kell Lasseter, que concordou em se casar comigo.

– Ele vai se casar com a senhorita? – por um momento, o velho criado pareceu surpreso, antes que os olhos se estreitassem para fazer um exame minucioso. – Que os santos nos protejam...

Os dois homens se olharam quase com aversão enquanto Raven explicava calmamente a necessidade de sua inesperada união.

– Sei que não havia nenhuma escolha, senhorita Raven – disse O'Malley, por fim,

com relutância –, mas me proponho a acompanhá-la. Não voltarei a perdê-la de vista.

Ela olhou para Lasseter, que tinha uma expressão carrancuda.

– Por favor – pediu ela. – Ele pode vir comigo?

Lasseter consentiu, para sua surpresa e gratidão.

– Ele pode ser testemunha na cerimônia. E sem dúvida você vai querer alguém próximo para protegê-la no caso de minhas tendências abusivas saírem do controle.

Kell falou com ironia, mas Raven decidiu não insistir no assunto. Em vez disso, enviou um laçao em busca de uma bengala para Kell e logo saiu, enquanto sua valise estava sendo colocada no bagageiro da carruagem que os aguardava. Quando a tarefa foi finalizada, O'Malley se sentou junto ao cocheiro na frente, enquanto Lasseter ajudava Raven a subir e se instalava ao lado dela.

Em pouco tempo eles partiram, mas nem bem tinham avançado uma quadra, e Lasseter disse:

– Seu criado é irlandês. – Não era uma pergunta.

– Sim. Ele estava a serviço da família Kendrick quando meus pais se casaram e decidiu acompanhá-los ao Caribe. Na realidade, O'Malley foi como um pai para mim. Ele praticamente me criou.

– Foi ele quem a ensinou a atirar.

– Sim... entre outras coisas.

Lasseter curvou a boca quando ela admitiu.

– Fico surpreso que lhe tenha sido permitido servi-la de maneira assim tão próxima. É evidente que seus parentes menosprezam todo irlandês.

– Eu não sou meus parentes – replicou Raven com voz severa.

Pela enigmática expressão de Lasseter, ela não pôde discernir o que ele pensava daquilo, mas sentiu-se inclinada a pensar que o fato de seu criado ser irlandês era a única razão pela qual Kell concordou que ele viesse junto. Raven tinha visto a ira de Lasseter quando seu avô falou sobre seus antepassados. De fato, tinha captado em seus negros olhos um ligeiro brilho de dor misturada com fúria; uma leve vulnerabilidade. Seu sangue irlandês era indiscutivelmente uma questão sensível para ele.

– Kell é um nome irlandês? – perguntou ela, curiosa.

– É gaélico. Uma abreviatura de Kellach. Significa algo como “disputa, rixa, briga”.

Ela reprimiu um sorriso, mas não pôde conter-se.

– Bastante adequado, eu diria.

A piscadela em resposta em seus olhos negros podia ter significado que ele achou graça, mas o olhar foi indecifrável.

– Kell é na realidade meu segundo nome, que minha mãe me deu. Sean também decidiu usar seu nome irlandês.

Qualquer graça que Raven pudesse ter sentido desapareceu bruscamente com a menção de seu irmão, enquanto seus receios retornavam à toda velocidade ao ocorrer-lhe um pensamento perturbador. Sean Lasseter em breve se tornaria seu cunhado.

Ela franziu a testa e mencionou sua preocupação com alguma hesitação.

– Depois desta noite, seu irmão e eu seremos parentes pelo casamento. Mas eu... Será difícil tratá-lo com cortesia. Preferiria não ter nada a ver com ele.

– Não vejo razão alguma para que tenha que tratar algum assunto com ele – respondeu Kell, sem inflexões na voz.

– Mas ele pode não considerar sua vingança terminada. Posso inclusive precisar de proteção contra ele.

Ela viu o queixo de Kell endurecer por um momento antes de falar:

– Vou cuidar para que ele não volte a machucá-la.

Raven decidiu conformar-se com aquela garantia de segurança e se manteve em silêncio durante o resto da viagem.

Por fim, a carruagem se desviou da estrada principal e seguiu por um tranquilo atalho de cascalho. O terreno bem-cuidado estava ajardinado com uma folhagem exuberante e oferecia uma boa visão do rio Tâmis. Quando pararam, Raven ficou impressionada. A residência parecia mais uma mansão do que uma casa de campo; grande, elegante e construída com antigos tijolos vermelhos.

– Esta é sua casa? – perguntou a Kell. – Ou você a usa basicamente por diversão?

– Diversão?

– Sei que os cavalheiros costumam ter casas de lazer para abrigar suas amantes.

Kell olhou para ela por um momento, mas sua resposta foi menos bem-vinda do que Raven esperava.

– Na realidade é uma casa de lazer, mas no momento está desocupada.

– Por que você já tem Emma Walsh? Ela é sua amante?

Ele arqueou uma sobrancelha, sarcástico.

– Eu me ofereci para me casar com você, senhorita Kendrick. Não para contar detalhes da minha vida pessoal.

Raven sentiu suas bochechas ficarem vermelhas.

– Eu só queria conhecer as circunstâncias de nossa relação para que ninguém me pegue desprevenida.

– Acho que concordamos em morar separados. Você já está se comportando como uma esposa controladora antes mesmo do casamento?

– Não, certamente não – replicou Raven, magoadada com a acusação.

Por sorte, apareceu O'Malley para ajudá-la a desembarcar da carruagem. Mas foi Kell quem a acompanhou pela escada. Enquanto a levava para a casa, sua mão encostou levemente na base de suas costas, provocando um arrepio sensual que percorreu sua coluna. Raven se sentiu agradecida de que ele tivesse proposto que vivessem separados. Suportar uma estreita proximidade com Kell Lasseter, dia após dia, seria desconcertante.

O interior da casa era tão elegante quanto os arredores, nada que ela esperasse como a residência de um jogador... Nem da amante de um jogador.

Eles foram recebidos por um mordomo e uma governanta que, ao que parecia, formavam um casal. Se os Goodhopes se surpreenderam com o anúncio do iminente casamento do patrão, estavam muito bem-disciplinados para não demonstrar. Kell ordenou que a bolsa da senhorita Kendrick fosse descarregada e que preparassem um quarto para ela, e aguardou até que os empregados partissem para executar suas respectivas tarefas antes de voltar a falar.

– Passarei a maior parte do dia ocupado em conseguir uma licença especial no Registro Civil e encontrar um vigário. Enquanto estiver ausente, você pode utilizar o salão – apontou para uma porta além da entrada principal –, ou talvez prefira descansar.

Raven negou com a cabeça. Tinha dormido muito pouco na noite anterior, mas, no momento, tinha questões mais urgentes em sua mente do que descansar.

– Eu preciso escrever a Halford o quanto antes.

Ele assentiu.

– Ordenarei que um de meus criados entregue sua carta.

– Se não se importar, preferiria enviar O'Malley. Preocupa-me confiar uma missão

tão importante a um desconhecido. É provável que Sua Graça não receba a notícia muito bem, e seria melhor que apenas O'Malley fosse testemunha de sua reação.

– Entendo – Kell deixou escapar um som gutural de zombaria. – Halford é tão pomposo e formal quanto todos os demais. Não posso imaginar como você chegou a comprometer-se com ele. Esse homem não parece seu tipo em absoluto... Mas não importa – disse Kell de maneira cortante. – Pensando bem, consigo imaginar, sim. Sem dúvida estava apaixonada por seu título.

Raven se encolheu. Ele não entenderia sua determinação de contrair um bom matrimônio nem sua aflição ao ver todos aqueles planos destruídos.

– Não nego que seu título fosse um de seus principais méritos – reconheceu ela.

Viu que Kell endurecia a boca com uma espécie de desdém, mas logo ele deu de ombros.

– Faça como quiser. Mas pode considerar os empregados a seu dispor. Não são muitos, mas a senhora Goodhope pode enviar mais tarde uma criada para ajudá-la com suas coisas.

– Posso me virar muito bem sem uma criada.

Ele pareceu cético.

– É verdade, eu me virei sozinha durante anos – confirmou Raven. – Quando vivia com minha mãe, os serventes eram um luxo que não podíamos manter. Somente depois de vir para a Inglaterra é que tive alguém para me ajudar.

Kell arqueou as sobrancelhas como se ela o tivesse surpreendido de novo, mas não fez nenhum comentário.

– Muito bem, então. Vejo-a mais tarde, esta noite.

Ele começou a se virar para partir, mas Raven o deteve.

– Senhor Lasseter, Kell... Agradeço muito seu... sacrifício. Sei que não é o que planejava para seu futuro.

Ele curvou a boca em um sorriso cínico que não deixava de ser atraente.

– Só posso dizer que meu cavalheirismo inato superou o meu bom senso...

– Mesmo assim, quero lhe agradecer por isso.

– Faça isso quando sua reputação estiver a salvo – Kell hesitou um pouco antes de lançar um olhar penetrante. – Certamente compreenderá que precisaremos consumir nossa união. A menos que deseje que alguém duvide da legitimidade de nosso casamento, mais tarde.

De repente, Raven ficou sem ar. Não tinha pensado naquilo até então.

– Eu... suponho... que tenha razão.

O sorriso de Kell não nem tinha uma ponta de humor.

– Tem certeza de que não deseja voltar atrás, senhorita Kendrick? A perspectiva de compartilhar minha cama não a intimida?

Ela o olhou, observando seus traços firmes e bem-esculpidos. A verdade era que estava intimidada. A cicatriz que atravessava seu rosto combinava com sua beleza masculina e sugeria que era alguém capaz de violência, enquanto aqueles olhos escuros eram intensamente perturbadores. Apenas um olhar a fazia estremecer por dentro, assim como o pensamento de fazer amor com ele.

– Só é preciso fazer uma vez, certo? – murmurou ela por fim.

– Sim, só é preciso uma vez. – O tom de determinação em sua voz indicava que ele não estava mais animado com aquela obrigação que ela. – Até a noite então.

Com uma breve reverência, deixou-a enquanto ela permanecia imóvel, vendo-o

partir.

Quando ficou a sós, Raven mordeu o lábio inferior, se perguntando se não estava cometendo um terrível engano, aliando-se tão intimamente com um perfeito desconhecido. Em especial com alguém como Lasseter. Ele era sombrio, perigoso e lindo como o pecado, com uma faísca de provocação em seus olhos que era inexplicavelmente atraente; o extremo oposto do que esperava de um marido. Apesar de seus instintos de autopreservação e bom senso, estava atraída por ele contra sua vontade. O calor e a vitalidade que emanavam desse homem excitavam suas terminações nervosas. E o pensamento da noite que se aproximava...

A julgar por suas lembranças sensuais da noite anterior, Kell Lasseter seria um amante excepcional.

Raven fechou os olhos e deixou escapar um angustiante som que subiu das profundezas de sua garganta. Não *desejava* um amante excepcional. Ela não precisava de um amante real quando já tinha seu pirata. Mas, nesta noite, não havia esperança. Ela teria que se tornar a esposa de Lasseter de verdade.

Inspirou profundamente para se tranquilizar. Por uma noite, sem dúvida, ela conseguiria resistir a seu perigoso encanto.

Decidida a afastar seus pensamentos caóticos, Raven se dirigiu ao salão para escrever o que, sem dúvida, seria uma carta muito difícil a seu antigo noivo.

Levou mais de uma hora e mais de meia dúzia de rascunhos até Raven ficar satisfeita com sua carta para Halford, na qual explicava como tinha sido raptada no dia de seu casamento por um homem que tinha cativado seu coração havia muito tempo.

Ela não gostava da ideia de mentir para ele, mas achava que fazê-lo agora era muito necessário, não só para salvar sua reputação, mas também para oferecer um bálsamo à dignidade ferida de Halford. O duque tinha um imenso orgulho de si mesmo e de sua posição, e ela o tinha ofendido, embora fosse sem intenção. Então, Raven estava convencida de que, nesse sentido, sua carta de desculpas tinha um toque sincero.

E mesmo em meio à sua desgraça, ela não podia deixar de reconhecer um vago sentimento de alívio por não ter que se casar com Halford depois de tudo. Perdê-lo não tinha sido o golpe devastador que teria sido se realmente o amasse.

Forçando-se a deixar de lado esses pensamentos desanimadores, Raven dobrou, selou a carta e então chamou O'Malley e o encarregou de entregá-la ao duque em seu nome. Só aí percebeu seu erro, porque isso deu ao mordomo a oportunidade de interrogá-la de maneira implacável sobre sua decisão de se casar com um homem cujo irmão tinha transformado sua vida em um inferno.

– Ouvi falar de Lasseter, senhorita Raven – protestou o mordomo, quase repetindo as palavras de seu avô. – Sua reputação é claramente duvidosa.

– Sei tudo sobre sua reputação – respondeu Raven –, mas acredito que essas fofocas sejam um pouco exageradas.

– Mas o irmão dele...

– Kell não tem *nada* a ver com o irmão, O'Malley, tenho certeza disso. Se não fosse assim, nada me faria casar com ele. Mas, como você mesmo disse, tenho pouca escolha. Casar-me com o senhor Lasseter é o único meio possível de sair deste desastre.

– Talvez sim – concordou O'Malley com bastante má vontade –, mas não gostaria de vê-la magoada de novo.

– Eu sei, o pior já passou.

Ela abriu um sorriso tranquilizador e repetiu seus argumentos até que o criado, por

fim, abandonou a discussão e atendeu ao pedido de entregar a carta.

Depois que ele foi embora, Raven suspirou. Não podia censurar O'Malley por se exceder nos limites de sua relação patrão-empregado, porque ele desfrutava do status de um velho amigo, e sabia que sua preocupação era sincera. O velho empregado tinha cuidado dela desde que era criança.

Sentiu o estômago se encolher com uma angústia familiar enquanto recordava da primeira vez que ele a tinha consolado. Raven tinha dez anos e quase dava saltos de excitação diante da perspectiva de participar da festa de aniversário da honorável senhorita Jane Hewitt. A garota Jane, de onze anos, era filha de um membro da mais alta nobreza da ilha, e todos os filhos da alta sociedade tinham sido convidados.

Raven cometeu o engano de pedir a seu pai adotivo para lhe comprar um vestido novo; um pedido que Ian Kendrick não só negou, mas pelo qual a ridicularizou maliciosamente.

– Você não precisa de um vestido novo, Raven, porque não vai. Uma bastarda não pode estar na companhia da elite – ele a olhou friamente e deixou escapar um som de desdém. – Você nunca teria sido convidada se eles conhecessem suas origens.

Bastarda. Uma dor selvagem atravessou seu corpo diante da palavra desumana, e ela fez o que pôde para conter suas lágrimas. Não era que precisasse ou desejasse um vestido luxuoso: ela se sentia muito mais confortável com seu velho traje de montar do que com vestidos e cintas, mas ver-se excluída por causa de seu nascimento e, pior ainda, sofrer a ameaça implícita de seu pai adotivo de contar às pessoas sobre suas origens... Sua crueldade embrulhou seu estômago.

Raven fugiu e se escondeu no celeiro, onde O'Malley a encontrou soluçando, com o coração partido. Agachando-se ao lado dela, o criado a acabou convencendo a contar os motivos de tanta tristeza.

– Sou uma bastarda, O'Malley. Nunca serei nada mais que isso. Não sou ninguém.

– Isso não é verdade, senhorita Raven. Eu acredito que é a senhorita é uma linda dama. E não acho que seja tão importante assim quem a gerou, e sim o que se tem aqui dentro – e tocou de leve o peito da menina.

– Mas eu não tenho pai.

– Se quiser um pai, eu serei seu pai. – Deu-lhe uns tapinhas no ombro. – Vamos, enxugue as lágrimas e venha ver a nova potranca. É uma beleza, com uma pelagem tão preta como seus cabelos...

Ian Kendrick morreu dois anos depois, mas Raven nunca deixou de temer o dia em que seria apontada publicamente como uma bastarda.

Agora, não era apenas sua mãe quem sonhava com o dia em que Raven pudesse viajar de volta para Inglaterra e ocupar seu posto entre a nobreza; o dia em que pudesse unir-se à elite que a rejeitaria se soubesse da verdade sobre suas origens.

Com um título ilustre vinculado a seu nome, Raven tinha certeza de que poderia enterrar de uma vez por todas a secreta vergonha por seu passado. Ninguém se atreveria a proferir uma palavra contra ela quando fosse duquesa e por fim pertencesse a algum lugar.

Mas agora todos aqueles sonhos tinham sido destruídos.

Armando-se de coragem contra o amargo desespero que a afogava, Raven se esforçou por tocar o sino e chamar a governanta. Ela havia se sentido só pela maior parte da vida e poderia suportar isso de novo se fosse necessário.

Conseguiu beber um chá leve, mas quando subia as escadas para o quarto que lhe tinha sido destinado, seu sentimento de desespero voltou totalmente. Toda a tensão

emocional do dia anterior estava agora cobrando seu preço, deixando-a apenas com a desolação.

Pensar em vestir-se para seu casamento era uma ideia que ultrapassava suas forças. Talvez se sentisse melhor depois de descansar alguns minutos.

Tirou o vestido emprestado, despiu-se inclusive da camisola e logo se arrastou sob os lençóis, fechando os olhos. Pegou no sono quase imediatamente, mas foi um sono inquieto e povoado por seu amante imaginário.

Sua raiva era algo novo. Seus olhos ardiam como carvão em brasa enquanto enredava as mãos em seu cabelo, aproximando sua boca da dele bruscamente. Raven soltou um suspiro agudo diante daquele doloroso ataque. Ele nunca tinha agido com tanta violência antes.

– Você não pode amá-lo– grunhiu o pirata contra seus lábios. – Ele nunca possuirá seu coração.

– Não – prometeu ela–, nunca. Só você pode possuir meu coração.

Ele deu um passo para trás, e ela teve um sobressalto quando o pirata a percorreu com seu olhar faiscante. Mas ele não era seu pirata! Tinha os mesmos olhos ardentes, e seus lindos traços expressavam a mesma ira. Mas esse era Kell Lasseter.

O rosto dele ocupou sua visão com uma emoção violenta e uma exigência selvagem. Ele era um demônio bonito e imensamente mais perigoso que seu amante pirata.

Alarmada, pressionou a palma das mãos contra o peito dele, encontrando músculos tensos e um calor abrasador. Sentiu o enérgico batimento de seu coração junto ao frenético tremor de seu corpo ao conectar-se com o olhar contundente do homem. Ele estava furiosamente irritado com ela por ter machucado seu irmão, por ver-se capturado na armadilha de um casamento.

Entretanto, ela também estava irritada com ele, por arruinar seus planos, por destruir sua vida. Devolveu um olhar desafiador.

Então ele colou a boca à sua, reclamando seus lábios em um beijo brutal. Com os sentidos alterados, ela tentou lutar contra os tremores que percorriam seu corpo. Sua vontade era de repudiá-lo, de conquistá-lo. Era como se ambos estivessem lutando pelo controle... Um duelo de desejos que nenhum dos dois podia vencer.

Raven pôde sentir sua furiosa paixão enquanto ele a puxava contra si. Ela se ouviu choramingar quando o homem mergulhou a língua em sua boca em um beijo ardente.

Arqueou-se de maneira instintiva contra o aço de seu braço, mas ele a puxou para mais perto, apertando sua virilha contra a dela, esfregando a ponta dura de sua virilidade contra a macia feminilidade. Os bicos dos seios endureceram insuportavelmente enquanto uma dor similar pulsava na parte inferior de seu corpo.

As coxas estavam unidas com força, mas ele conseguiu deslizar um dedo entre elas, encontrando suas dobras quentes e úmidas. Um estremecimento a sacudiu, e ele emitiu um som rouco de satisfação, afundando o dedo ainda mais nas curvas escorregadias e inchadas de sua carne.

Raven afastou as pernas, impotente e se abriu totalmente para ele. Não podia negar o apetite de seu corpo. Aquilo era o que ansiava, o duro e feroz ato amoroso daquele homem incrível. Com as bocas unidas com força, ela se sentiu ceder à selvagem e desenfreada urgência de...

Alguém com voz firme e insistente chamava seu nome e a despertou de seus sonhos inquietantes. Raven ficou paralisada ao ver seu amante sentado junto a ela na cama. Não, não era seu amante. Era seu futuro marido. Kell Lasseter estava a seu lado e apertava seu

braço para fazê-la acordar.

À luz da lamparina, seus traços eram puramente sensuais, recordando a paixão feroz em seus sonhos. Quando Raven fixou seus olhos nos olhos negros e inquietantes dele, a intensidade do olhar produziu uma onda de choque que estremeceu seu corpo.

Seu corpo se movia de maneira vergonhosa com a vontade de recebê-lo. Será que Kell adivinharia o que ela havia sonhado?

Foi nesse momento que o olhar de Kell se abaixou, e Raven sentiu o rosto enrubescer. Ela havia chutado para longe a maioria das cobertas enquanto dormia, e o decote da camisola tinha deslizado por um ombro, expondo parte de seu seio.

Aturdida, Raven cruzou um braço sobre o seio para proteger-se, mas Kell fingiu não ter visto sua indecorosa exibição...

– Está na hora – disse ele apenas, em um tom carrancudo, mais apropriado a um homem prestes a enfrentar sua execução do que seu casamento.



O casamento não parecia em nada com o que Raven tinha planejado. Em lugar de uma elegante cerimônia nupcial na igreja, com centenas de personalidades da elite como convidados, seu casamento ocorreu no salão de uma casa no campo, com O'Malley e os Goodhope como testemunhas. Ela usou um vestido simples de manga comprida de caxemira lilás, com o cabelo preso em um singelo coque na nuca.

Seu futuro marido também era totalmente diferente do nobre duque com quem tinha esperado ser unida pelo santo matrimônio. Em vez de um título ilustre e vastas propriedades, seu belo noivo possuía um clube de jogo e estava envolvido em vários escândalos. E não era de modo algum o marido seguro e pacato que Raven tinha desejado. Ao contrário, não havia nada de seguro nem de pacato em Kell Lasseter.

Enquanto escutava as palavras rituais que os uniriam para toda a vida, Raven compreendeu que sua agitação devia estar evidente porque, na metade da troca de votos, Kell se inclinou para murmurar calmamente em seu ouvido:

– Sorria, senhorita. Você está se casando, e não participando de um funeral.

Ela endireitou a coluna e conseguiu prometer fidelidade eterna em um tom razoavelmente contido, e tudo acabou muito rápido. Foi uma celebração simples. Se tivesse se casado com seu duque no dia anterior, teria desfrutado de um suntuoso banquete de casamento. Em vez disso, um breve jantar foi servido na sala só para os noivos.

Raven esqueceu-se temporariamente de seus receios ao acompanhar seu novo marido até lá, porque viu que ele mancava, mesmo com o apoio da bengala.

– Minha perna está doendo depois de toda essa movimentação de hoje – respondeu ao olhar interrogativo dela.

O remorso voltou a castigá-la.

– Posso fazer alguma coisa para ajudar?

– Não, mas acho que você terá que tomar a iniciativa hoje à noite. Não estou em condições de fazer os esforços normais que se esperam de um noivo.

Ao recordar a noite que a esperava, Raven sentiu seu estômago se encolher.

Durante o jantar, ela simplesmente mexia com a comida, a consciência da presença de seu novo marido mexia com seus nervos. E respondeu a cada tentativa de conversa com monossílabos.

De início, sua reserva desconcertou Kell. Na noite anterior, em sua cama, ela tinha estado tão ávida e ardente, tão faminta por ele, que quase tinha arrancado suas roupas. Mas na noite anterior Raven estava sob os efeitos de um poderoso afrodisíaco. E, além disso, não sabia quem ele era... Um jogador irlandês cujos boatos diziam ser um assassino.

O ressentimento voltou a instalar-se em seu ventre. O fato de Raven Kendrick ter um amado mordomo irlandês e não manifestar repulsa por suas raízes irlandesas não bastava para convencer Kell de que ela fosse diferente dos arrogantes ingleses puro-sangue de sua classe social. Sem dúvida, sua esposa de sangue azul o estaria comparando com o duque com quem deveria estar casada e, como era natural, um simples plebeu como ele deixava muito a desejar.

Pensativo, Kell fechou os dedos em volta da taça de vinho, mas logo praguejou para

si mesmo. Que diabos importava o que sua esposa pensava dele? Depois daquela noite, eles não precisariam mais se ver com muita frequência.

Ainda assim, isso o deixou indignado. Raven o considerava bom o bastante para salvá-la do desastre, mas não o suficiente para levar uma vida como seu marido, embora ele mesmo não desejasse uma vida com essa mulher.

Mas ele a desejava. Kell reprimiu uma maldição. A dor de seu ferimento latejava menos que a dor em sua virilha.

– Bem, vamos nos recolher? – disse ele por fim, esforçando-se por controlar seu terrível mau humor.

Raven ficou visivelmente tensa e enrijeceu o corpo. E quando Kell empurrou sua cadeira para trás e deu a volta na mesa para ajudá-la a levantar, ela hesitou e ficou encarando-o com seus olhos azuis muito arregalados.

– Achei que tivesse dito que não tinha medo de mim – disse ele firmemente.

Ela mordeu o lábio inferior.

– E realmente não tenho.

– Então pare de agir como uma corça assustada. Não tenho intenções de atacar você. O sexo é mais prazeroso quando a mulher está disposta.

Seu comentário sarcástico a fez levantar o queixo, que era precisamente o que Kell esperava. Ele preferia que seus olhos azuis cintilassem desafiadores, porque assim não teria a ilógica sensação de estar aproveitando-se dela.

Kell se afastou enquanto Raven se levantava e, com um gesto, convidou-a acompanhá-lo para fora da sala. Ele a levou escada acima para o quarto principal e a deixou entrar primeiro. O cômodo estava iluminado com suavidade, apenas por uma lamparina, enquanto na lareira o fogo ardia, o que era muito apropriado para um casal de noivos em sua noite de núpcias.

Enquanto fechava a porta, ele viu que Raven se deteve e examinou a imensa cama, com suas cortinas de seda. Os lençóis tinham sido dobrados de maneira convidativa. Raven desviou rapidamente o olhar para fixá-lo em outro ponto.

– Imagino que seja aqui que realiza suas orgias, certo? – perguntou ela.

Se era uma pergunta beligerante, simples curiosidade ou apenas para ganhar tempo, Kell não saberia dizer.

– O que uma jovem dama tão bem-educada sabe sobre orgias? – respondeu.

– Vários cavalheiros que conheço são membros da Liga do Fogo do Inferno e ouvi rumores... Não é difícil de adivinhar os tipos de perversão que ocorrem nas reuniões.

Kell sabia que a Liga do Fogo do Inferno era um famoso grupo de libertinos e aventureiros. Mas nunca tinha sido convidado a juntar-se às suas distintas fileiras.

– Faz muito tempo que não organizo uma orgia – respondeu secamente.

– Você não vai conseguir me fazer acreditar que não é um libertino.

– Então, nem tentarei – replicou Kell. – Mas direi apenas que prefiro uma companheira de cama por vez. E que não sou especialmente dado a perversões.

Quando a viu entrelaçar os dedos e desviar o olhar, Kell decidiu que Raven estava apenas nervosa.

– Se isso for tranquilizá-la, senhorita, prometo tentar controlar minha luxúria libertina e infernal. E caso eu falhe, sempre pode atirar de novo em mim.

Ao ouvir o sarcasmo deliberado, Raven levantou o queixo desafiadoramente e franziu a testa.

– Eu já disse que lamento ter feito isso.

Kell suspirou.

– Sim, já disse. Vamos fazer o que precisa ser feito, certo?

Ele começava a tirar o lenço do pescoço quando descobriu que Raven o encarava novamente.

– Bem, existe o costume de despir-se antes de se deitar, madame.

– Nós temos que fazer isso mesmo... Tão cedo? Eu mal o conheço.

– Você não estava tão envergonhada assim ontem à noite.

– Mas ontem à noite eu estava drogada. Lembro pouco o que aconteceu.

Kell a estudou, perguntando-se se aquilo podia ser verdade.

Era bem possível que, em seu estado tão entorpecido, ela não estivesse totalmente consciente de suas ações nem soubesse como suas reações tinham sido tão apaixonadas. O que o aborrecia era o fato de ser o único que podia se lembrar da abrasadora e inesquecível noite juntos. Entretanto, Kell não conseguia acreditar que ela fosse tão inocente quanto pretendia se mostrar.

– Então, permita-me refrescar sua memória. Você quase me violentou. E não estava nem um pouco intimidada.

– Isso foi porque... confundi você com outra pessoa.

– Com outra pessoa? – Sua voz tinha um tom penetrante que o próprio Kell reconheceu como ciúmes. Raven era virgem, isso ele podia jurar. Mas esse fato não excluía a possibilidade que ela concedesse outros favores sexuais livremente. – Então, você admite que já teve outros amantes?

– Não, não exatamente. Não é... um amante real.

Ele arqueou as sobrancelhas.

– Talvez devesse me explicar.

– Não acredito que vá compreender.

– Tente.

Ela se aproximou da lareira, ainda inquieta, e começou a andar pelo quarto, retorcendo as mãos.

– Não sou tão experiente assim como acredita. Nunca contei isso para ninguém, até agora, mas eu... Eu criei um amante em minhas fantasias.

Com as bochechas ruborizadas por uma evidente vergonha do que tinha acabado de dizer, Raven lançou um rápido olhar para ver o efeito de sua confissão.

– Continue. Estou fascinado. Por que você precisaria criar um amante quando, sem dúvida, havia uma grande quantidade de homens que pulariam de prazer diante da oportunidade de desempenhar esse papel para você? – perguntou Kell, cético.

– Porque, como tenho certeza de que já sabe, as damas bem-educadas não podem ter amantes reais sem cair em desgraça – Raven hesitou, parecendo mais envergonhada do que ele já tinha visto. – E, além disso, porque é muito mais seguro desse modo. Ninguém pode se apaixonar por uma fantasia.

– E se apaixonar é algo que a preocupa?

– Bem, sim – ela parecia realmente confusa com as perguntas.

– Então inventou um amante imaginário?

– Sim – confirmou Raven com evidente má vontade. Sua voz se reduziu a um simples sussurro. – Na verdade, um pirata.

Kell se viu agora sem palavras. Uma vez mais, Raven o tinha surpreendido com sua excepcionalidade. Ele pensou na noite anterior, recordando que ela o havia chamado de “meu pirata”. Ficou evidente que sua esposa o tinha confundido com seu amante

imaginário, o que poderia explicar seu entusiasmo, mas não sua inconfundível experiência sexual.

– Sua imaginação deve ser muito vívida – disse ele, por fim. – Mas isso não explica como aprendeu as experiências carnavais que usou comigo ontem à noite. Você sabia exatamente como me excitar.

– Bem, se quer mesmo saber... – Seu rubor se intensificou no rosto. – Eu tenho um livro. Um livro raro, um livro erótico, que foi escrito por uma francesa que, em uma ocasião, foi capturada pelos piratas turcos. É a história de sua grande paixão, e o fato é que é muito... instrutivo sobre assuntos carnavais. Minha mãe deixou o livro entre seus pertences pessoais para que fosse meu quando estivesse amadurecida o bastante.

– Sua mãe?

– Eu sabia que você não entenderia...

Kell a olhou fixamente. Sua resposta era tão inacreditável que ele quase duvidava que ela tivesse contado toda a verdade.

– Então me explique. Por que sua mãe iria querer que você estivesse tão informada sobre assuntos sexuais?

– Porque ela esperava que o livro fosse uma advertência para mim – respondeu Raven com incômodo. – Antes do meu nascimento, minha mãe se apaixonou por alguém totalmente inapropriado e passou sua existência alimentando essa obsessão inútil. Mas em seus últimos dias, ela lamentou ter desperdiçado a vida com essa paixão. Ao me deixar o livro, pretendia me fazer lembrar os efeitos devastadores que o amor pode ter. Que o amor é uma droga potente. Que pode tomar conta de sua sensatez e destruir seu bom senso e sua lógica. Uma mulher que ama não tem poder sobre a própria vida. – Involuntariamente, Raven apertou os punhos. – Prometi a mim mesma muito tempo atrás que nunca seguiria os passos de minha mãe.

Ela olhou para Kell a fim de ver como ele estava recebendo sua explicação. A expressão em seus olhos pretos estava obscurecida pelos longos cílios.

– E está preocupada em se apaixonar por mim? – perguntou ele devagar.

– Sim... Eu... – Raven se viu gaguejando ao perceber que seu maior temor tinha sido manifestado assim tão abertamente. – De fato eu não desejo me apaixonar por você nem por nenhum outro homem... Nem que você se apaixone por mim, como seu irmão diz ter acontecido.

Ela viu um músculo retesar na mandíbula de Kell diante da lembrança de suas atuais circunstâncias.

– Acredito que existe pouco perigo de que isso aconteça. O nosso casamento é de conveniência, nada mais que isso. Eu não tenho a menor intenção de me unir às legiões de homens que se renderam a seus encantos.

– Pois lhe asseguro que também não desejo que isso aconteça – respondeu Raven em um tom mordaz, colocando-se uma vez mais na defensiva.

– O que é isso, senhora? Orgulho ferido?

Ela se zangou com o tom de zombaria.

– Não ficaria magoada se você se esquecesse por completo de minha existência.

– Vou me esforçar para fazer isso... Imediatamente depois de consumarmos nossa união.

Aquilo fez Raven ficar em silêncio de repente. Nesse meio-tempo, seu novo marido começou a tirar a camisa. Ela observou seu peito musculoso, coberto por uma leve penugem negra como os cabelos.

Tomada por um novo ataque de nervos com a perspectiva iminente de vê-lo nu, ela exclamou preocupada em voz baixa:

– Você não tem que tirar toda a roupa, tem?

– Não. Mas será melhor para a paixão. Pode ser que você não se lembre, mas na noite passada tive pouca oportunidade de dormir. Considerando meu cansaço e a dor de meu ferimento, suspeito que precisarei de algo mais que a perspectiva de uma união superficial para me excitar.

Sua falta de entusiasmo não era nada adulatora, mas ele parecia decidido a seguir adiante com a consumação do casamento. Kell se sentou para tirar as botas e a calça, fazendo uma careta de vez em quando enquanto se despia por completo.

Raven viu que uma atadura limpa envolvia a parte superior da coxa, mas foi o resto dele que captou sua atenção involuntariamente. Seu corpo esbelto era musculoso, e a luz do fogo da lareira se refletia em sua pele. Ele era lindo demais, que os céus a ajudassem!

Sem querer, os olhos dela seguiram a fina linha de pelos negros que desciam por seu peito até a virilha nua e soltou um lento suspiro. Ele era, até o último centímetro de pele, tão viril quanto ela havia imaginado, e muito mais. Fazer amor com uma fantasia não seria o mesmo que entregar seu corpo àquele homem... Um amante muito real, muito tangível, de carne e osso.

Ao compreender que ele a estava observando, desviou de seus olhos muito penetrantes. Mas só por um momento. Quando ele se levantou e se aproximou, Raven voltou a se sentir atraída pela intensidade de seu olhar. Ele se parecia muito com seu pirata, com a diferença de que as sombras flutuantes do quarto faziam seu rosto parecer mais sombrio e perigoso. Assim como havia acontecido em seu mais recente e inquietante sonho.

Raven fez o possível para ficar imóvel quando ele se deteve a poucos centímetros dela. Quase sem se dar conta, ela levantou a mão e tocou a maçã de seu rosto, acariciando a linha de sua cicatriz.

– Você acha meu rosto desfigurado repugnante? – perguntou ele calmamente.

A pergunta a surpreendeu. Ele era um homem incrivelmente atraente, com uma beleza diabólica, e nenhuma cicatriz seria capaz de diminuir seu charme sensual. Na verdade, ela só ampliava seu encanto, aumentando seu ar de perigo e suscitando nela uma excitação proibida. Entretanto, doía pensar no sofrimento que ele devia ter suportado.

– Não, não acho – respondeu ela com tranquilidade. – Embora me pergunte como ela surgiu...

Ele franziu a testa.

– Não é uma história agradável.

Kell segurou os dedos dela, afastando sua mão e sua curiosidade.

– Eu falava a sério quando disse que você que teria que fazer as honras, senhora.

– Eu... não sei bem do que está falando.

– Quero dizer que terei que ficar embaixo de você. Ficar por cima forçaria demais minha perna ferida. De modo que terá que ser você a tomar a iniciativa.

– Oh! – o rubor tomou conta de seu rosto ao imaginar a cena que sua linguagem crua sugeria. – Acho que... não saberia por onde começar.

– Você acaba de dizer que seu livro lhe deu uma educação carnal adequada.

– Sim, mas ler sobre isso é diferente da realidade...

– Então talvez devesse usar sua vívida imaginação. – Ao ver que Raven voltava a franzir a testa, desconcertada, Kell elaborou sua sugestão. – Você pode começar me beijando.

Ela fechou os olhos, levantou seu rosto e, obediente, pressionou seus lábios contra os dele... Sem nenhuma reação. Ela esperava que ele avançasse sobre sua boca como nos sonhos, no entanto Kell permaneceu frio e sem reação, como uma estátua.

Raven pressionou com mais força e sentiu um ligeiro indício de calor nos lábios dele. Um momento depois, ele a envolveu com os braços, mas seu beijo ainda era hesitante, resistente, como se fosse preciso muito esforço para tocá-la.

Agora mais decidida, deslizou os dedos pelas ondas densas e negras de seu cabelo e trouxe seu rosto para mais perto. A faísca que brilhou entre eles foi inconfundível, e ela compreendeu que tinha conseguido excitá-lo.

Quando ele a colocou contra o próprio corpo, fazendo-a sentir a cabeça intumescida de seu membro contra a maciez de seu ventre, Raven sufocou um grito.

Em resposta, Kell levantou a cabeça para olhá-la, sem sorrir. Raven estava certa de que ele podia ver o brilho em seus olhos, uma mistura de desejo e pânico. Ele sabia o que estava acontecendo, como seu coração batia descompassado, como sua pele havia se aquecido.

Então Kell a beijou de verdade. Sem se conter mais, inclinou a cabeça e cobriu os lábios dela com os seus, como faz um homem decidido a reclamar o que lhe pertence. Sua língua se moveu com rapidez em sua boca em um beijo que era tudo o que Raven tinha fantasiado, e muito mais.

Ela se ouviu gemer. Sabia que deveria resistir à atração que sentia por ele, mas aquele homem a fazia se sentir tão fraca, tão quente, tão diferente de si mesma... Aquele calor percorria seu corpo, concentrando-se entre suas pernas.

Kell se afastou um pouco sem falar nada e sem deixar de olhá-la. Ela pensou que os cílios dele eram compridos demais para um homem, negros como nanquim, emoldurando os olhos faiscantes.

Então ele a despiu em silêncio, desabotoando seu vestido e deslizando-o por cima dos ombros para tirá-lo. Seu rosto expressou compaixão ao ver os punhos machucados, mas Kell continuou sem dizer nada, tirando os sapatos e as meias e em seguida se ocupando do espartilho e da camisola, jogando as peças para um lado, uma a uma, até deixá-la nua e indefesa diante dele.

Raven estremeceu quando ele percorreu seu corpo devagar, avaliando-o com seus aveludados olhos negros... Seus seios, sua cintura, seus quadris, suas pernas... Raven sentia um ardente calor onde aqueles olhos pousavam, enquanto uma dor latejante começava a pulsar entre suas coxas...

Respirou fundo e tentou ignorar o desejo que inundava seu corpo. Não tinha por que se render à própria luxúria. Só era preciso enfrentar aquela noite e logo estaria livre daquele homem.

Mas era difícil não ser afetada com ele tão próximo assim. Raven podia sentir o calor do corpo de Kell enquanto ele tirava as presilhas de seus cabelos, desfazia o coque e soltava sua cabeleira negra. Seus olhos eram muito bonitos, pretos como a noite, impenetráveis.

Então, sem dizer uma palavra, ele deu meia-volta. Ela seguiu o gracioso movimento de seu corpo com involuntária fascinação, seus largos ombros que se estreitavam no esbelto quadril e nas nádegas retesadas, as poderosas coxas e as poderosas panturrilhas que colocavam em evidência que ele fazia exercícios. E quando se acomodou na cama e se recostou nos travesseiros, Raven pôde ver por completo a enorme ereção.

– Venha aqui, Raven – ele apontou o colchão a seu lado.

Indefesa, aproximou-se dele, subindo na cama e ajoelhando-se a seu lado. Quando lhe dirigiu um olhar inquisitivo, Kell permaneceu impassível.

Raven lembrou-se de que ele esperava que ela tomasse a iniciativa. Era dela a responsabilidade de excitá-lo, não o inverso. A oportunidade de exercer controle a deixou mais aliviada, uma vez que isso daria a ele menos poder.

– O que devo fazer? – murmurou Raven.

– O que desejar. Logo saberá como me sinto com o que fizer...

Raven o olhou receosa, por causa de seu enorme tamanho. Hesitante, ela se inclinou e pressionou as mãos contra seu peito, sentindo a carne lisa e cálida e os músculos tensos coberto de penugem sedosa. A expressão no rosto de Kell não mudou, mas, quando suas mãos deslizaram sobre a dura saliência de seus músculos e mais abaixo, explorando o ventre duro e liso, ela o sentiu estremecer.

Já mais corajosa, levou a mão ainda mais abaixo, para a evidente ereção, deixando que a carne grossa e sedosa roçasse seus dedos. O membro masculino se sacudiu de maneira involuntária, deixando-a sem fôlego. Raven mordeu o lábio. Podia imaginar aquele grande membro intumescido dentro de seu corpo, como em suas fantasias.

Uma excitação traidora se espalhou por seu corpo diante daquela ideia e produziu uma dor insuportável em seus seios.

Controlando-se de novo, Raven envolveu-o com os dedos e, ao ver que Kell respirava com força entre os dentes, levantou o olhar, hipnotizada pelo calor de seus olhos.

A vitalidade impressionante dele parecia pulsar através dela, e a luz do fogo na lareira parecia acariciar seus traços masculinos, a pele tesa sobre as maçãs do rosto, a linha áspera da cicatriz. Sentiu uma vontade urgente de tocá-la, além de uma inexplicável ira contra quem quer que a tivesse causado.

Contendo esses instintos, ela tentou se lembrar do que tinha aprendido no livro sobre como excitar um homem. Prendeu o fôlego e se inclinou para saborear o membro dele com a língua. Um tremor percorreu o corpo de Kell, transmitindo a ela uma sensação de poder. Era uma sensação excitante saber que podia provocar tal resposta nele.

Mas então Kell assumiu o controle sobre ela. Agarrou seus seios, o calor de sua mão queimando a pele. Seus mamilos reagiram rapidamente, respondendo às carícias.

Quando ela tentou se afastar, os dedos dele apertaram os bicos endurecidos, enviando ondas de prazer através de seu corpo. Sua vontade enfraqueceu, ela fechou os olhos e o deixou fazer o que quisesse.

O toque de Kell era mágico acariciando e apertando seus seios, excitando-a com sua experiência controlada, evidentemente um conhecedor na arte de prolongar o prazer. Logo, puxando-a para si, mordiscou seus mamilos sem causar dor.

Com um gemido, Raven se arqueou contra a boca dele, oferecendo-se. Como se soubesse do que ela necessitava, Kell chupou seu mamilo, lambendo o bico enrijecido. E então, sem romper o contato, ele deslizou a mão entre suas coxas para tocar a umidade que havia ali. Raven compreendeu que estava molhada de desejo, enquanto o toque de Kell a fazia soltar um gemido que vinha do mais profundo de sua garganta.

Raven quase caiu da cama quando ele introduziu lentamente dois dedos dentro dela, penetrando seu calor apertado. Fechou as coxas instintivamente em torno da mão dele e se retorceu impaciente, lembrando-se precisamente do que ele havia feito na noite anterior. Mas desta vez estava totalmente consciente do homem que estava lhe proporcionando tanto prazer.

Em um ritmo lento e hipnótico, os dedos hábeis se retiravam e a penetravam de

novo. Ela se agarrou a seus ombros, ofegante, incapaz de defender-se contra a intensa sensação que experimentava no centro de seu corpo. Então, ele roçou o úmido botão de seu sexo com o polegar, acariciando-o, atormentando-a enquanto os dedos continuavam a penetrá-la gentilmente, levando-a cada vez para a beirada do precipício do orgasmo.

A sensual pressão se prolongou implacável até que os quadris dela se retorceram, e Raven não pôde mais suportar.

– Agora, megera – ordenou ele com os olhos resplandecentes à luz do fogo.

Raven já não necessitava mais de estímulo. Quase cega de desejo, ela montou em seu corpo, cuidando de não pressionar o ferimento de sua perna.

As mãos de Kell a seguraram pela parte posterior de suas coxas, erguendo-a e posicionando-a onde a queria, a abrasadora ponta de seu membro na entrada de suas profundezas.

Um desejo feroz e urgente se acumulava no estômago de Raven. Ela prendeu a respiração quando ele segurou seu duro membro e, bem devagar, introduziu a sedosa cabeça em sua carne trêmula, ficando mais rígido quando ele a abaixou lentamente sobre o membro, guiando-a.

Raven sufocou um grito diante daquela estranha sensação, aquela sensação de preenchimento, e deixou escapar uma suave exclamação no momento de dor mais intensa. Imediatamente, ele ficou imóvel, esperando que ela assimilasse a penetração de seu membro rijo.

– Calma – murmurou ele, movendo uma mão para acariciar suavemente a base de sua coluna enquanto seus lábios depositavam beijos ligeiros e tranquilizadores em seu rosto. – Tente relaxar.

Ela ofegava de leve, mas Kell a manteve imóvel, deixando que se acostumasse à invasão. E, em pouco tempo, a dor começou a ceder.

– Melhor? – perguntou ele gentilmente, como se interpretasse sua expressão.

Raven assentiu, olhando-o nos olhos, que pareciam queimá-la com um calor abrasador. Aquele olhar ardente era muito parecido com o de seu pirata e, no entanto, seu amante imaginário nunca a tinha feito sentir-se tão especial... Aturdida, sem fôlego, invadida por sensações... Como se pudesse explodir em chamas a qualquer momento.

Estendendo a mão entre os dois corpos, ele a fechou em concha no macio triângulo de seus cachos femininos e retomou sua delicada tortura, acariciando aquele maravilhoso ponto de prazer, desenhando círculos sobre ele com o polegar.

Ela não podia lutar contra o clímax que se formava, só podia agarrar-se a ele, a respiração ofegante em rápidos suspiros.

Kell a segurou com firmeza pelos quadris e a pressionou sobre seu enorme membro, forçando-a a abrir mais as coxas para receber mais dele. E então a beijou, introduzindo a língua fundo em sua boca enquanto seu membro intumescido parecia crescer dentro dela, preenchendo-a até quase explodir.

Era disso que eu sentia falta, pensou Raven, maravilhada. Esta incrível intimidade, esta união, esta fusão com um homem apaixonado e real, de carne e osso. Um amante magnífico que pudesse sentir, saborear e cheirar. Cujo calor acendesse faíscas flamejantes em seu sangue...

Aquela força primitiva a excitou mais que tudo o que tinha conhecido. O fogo crescia nela e a fazia arquear para se adaptar a ele, como se pudesse fazê-lo tornar-se parte dela.

Rangendo os dentes, esforçando-se visivelmente para manter o controle, Kell

arremeteu uma última vez. A fúria sensual que se apoderou de Raven foi tão intensa que ela estremeceu e gritou, agitando-se em espasmos de êxtase.

Embaixo dela, o corpo de Kell se retesou em seu interior, preso em um delírio selvagem. No último instante, ele a levantou rapidamente, de modo a separar os dois corpos. Sua semente jorrou, de maneira explosiva, na barriga de Raven, enquanto a parte inferior do corpo dele continuava convulsionada em contrações.

A carne dela continuou pulsando com suavidade muito depois do clímax. Raven estava vagamente consciente de que repousava sobre ele, com o rosto afundando em seu pescoço. Demorou um pouco mais para compreender por que ele os havia separado. Não desejava que ela engravidasse.

Uma estranha pontada de tristeza a invadiu antes que recuperasse totalmente a lucidez. Ela não desejava uma criança, não se isso significasse trazer alguém ao mundo com um pai que não a queria.

Eles não tinham tido chance de conversar sobre a questão de ter filhos. Na realidade, Raven tinha estado tão aflita com a desastrosa mudança de seu futuro que essa questão não tinha lhe ocorrido até então. Mas duvidava que o homem com que tinha acabado de se casar desejasse ser o pai de seu filho. Ele nem mesmo queria ser seu marido...

E, depois daquela noite, nem seu amante.

Kell estava ainda imóvel debaixo dela, sentindo o coração batendo contra seu peito, cada batida lenta e compassada. Por fim percebeu que ele estava se mexendo e que tirava uma mecha de cabelo da sua frente.

– Diga, isso se compara à sua fantasia?

Ela ficou surpresa com a pergunta em voz rouca e baixa. Raven estava muito desconcertada para dar uma resposta que fizesse sentido. A paixão que havia vivido há um momento era mais intensa, mais poderosa do que tudo o que tivesse experimentado nas fantasias eróticas com seu amante imaginário. Kell a tinha conduzido a um lugar de selvagem abandono, empurrando-a precipitadamente pelo vertiginoso abismo do desejo e da necessidade.

Lamentando o que ele a tinha feito sentir, Raven separou-se dele e se deitou de lado, fazendo uma careta diante da dor que sentia entre as coxas.

– Acho que prefiro minha fantasia – respondeu evasiva, evitando seu penetrante olhar. – A ilusão é menos dolorosa.

– Eu machuquei você?

– Não... Quer dizer, pelo menos não mais do que esperava.

– A próxima vez não será tão dolorosa.

– Não haverá uma próxima vez.

Quando ela tentou pegar o lençol para cobrir sua nudez, ele a deteve.

– Espere um momento – disse ele.

Kell levantou-se da cama, foi para o lavatório e retornou com uma bacia e um pano. Para a imensa vergonha de Raven, retirou o lençol de sua mão e usou o pano para limpar a evidência de sua semente e da virgindade dela, primeiro do corpo dela e depois do próprio.

Sua ternura não combinava com a expressão sombria, e outros lampejos de memória a assaltaram... Kell acalmando-a na noite anterior, enquanto estava sob os efeitos da droga, satisfazendo sua desesperada necessidade carnal repetidas vezes. A lembrança de sua abrasadora sensualidade despertou uma nova e palpitante dor entre as coxas.

Raven ficou contente quando ele acabou. Kell permitiu então que ela se cobrisse

enquanto levava a bacia embora e apagava a lamparina. O resplendor dourado do fogo na lareira era a única iluminação no quarto quando ele retornou à cama.

Raven lançou um olhar furtivo e involuntário para Kell. Ele não era seu amante pirata, por mais que seus negros olhos fizessem lembrar suas fantasias, por mais devastadoramente sexual que fosse sua boca e por mais vulnerável que a fizesse se sentir.

E o desejo que despertava nela era uma ameaça mais grave até mesmo que o escândalo que havia enfrentado. Ela acreditou que podia salvar um fragmento de sua reputação depois do desastre casando-se com ele, mas tudo seria inútil se sucumbisse à loucura do desejo.

Kell não a olhou quando voltou para a cama. Em vez disso, virou de costas, com as mãos enlaçadas na nuca e o olhar pensativo para o tecto de seda da cama.

– Você falou sério sobre levar uma vida celibatária? – perguntou ele depois de um momento.

– Sim. Por que acha isso tão surpreendente?

– Porque não importa quão criativa possa ser sua imaginação ou quão erótico possa ser seu livro, nada disso se compara com a paixão verdadeira. Aposto que você acabaria lamentando o que estaria perdendo.

– Duvido. Minhas fantasias serão suficientes.

Ele virou a cabeça no travesseiro para examiná-la melhor.

– Certamente você sabe que pode existir a paixão sem amor, certo?

– Talvez, mas não quero correr o risco. Não desejo ter um amante de verdade.

Ele esboçou um sorriso de lado.

– Suponho que, como seu marido, devo ficar satisfeito. Não gostaria de ser um cornudo...

– Não precisa se preocupar com isso.

– Mas você não espera que sua decisão de não ter amantes se aplique a mim, não é?

– Não. Já disse isso mais de uma vez.

Ao perceber a sinceridade de sua voz, Kell sentiu uma inexplicável pontada de ressentimento com a atitude tolerante, especialmente porque ele não poderia agir de maneira recíproca. Não seria nem um pouco tolerante com a ideia de Raven fazer amor com outros homens.

Franziu a testa. Havia uma explicação razoável para seus sentimentos de posse com relação a Raven: não era nada mais que puro instinto primitivo. Ao tomar seu corpo, ao ser o primeiro homem a possuí-la, ele tinha criado um vínculo íntimo entre eles tão antigo quanto as leis da procriação: o apetite animal primitivo de um macho saudável por uma fêmea disposta, a exultação do conquistador. Era muito natural que sentisse certa possessividade por sua nova e linda esposa.

Zombando de si mesmo, Kell mudou bruscamente de assunto.

– Deveríamos estabelecer algumas regras para nossa relação. Tenho uma casa em Londres. Você pode usá-la se lhe parecer conveniente, mas suponho que vai acabar desejando ter sua casa com o tempo.

Os olhos azuis dela procuraram os dele.

– Você não se importa que eu more com você?

– Não interessa se me importo ou não, o fato é que teremos que viver juntos durante um tempo se quisermos manter a história de que somos um casal apaixonado. Depois, poderemos seguir caminhos separados. Levarei você para lá amanhã.

– Obrigada – murmurou ela.

– Por que não dorme um pouco?

Ela virou o corpo, dando-lhe as costas. Seus cabelos formavam uma cortina de seda estendida sobre os travesseiros.

Levou algum tempo até Kell ouvi-la respirando suavemente, em um ritmo lento e regular, muito antes que conseguisse relaxar a tensão de seu próprio corpo.

Apesar do cansaço, o sono lhe escapava porque seus pensamentos continuavam retornando para aquela consumação. O que deveria ter sido apenas uma cópula simbólica tornou-se muito mais tórrida do que ele tinha previsto, e o tinha deixado terrivelmente consternado. Porque Raven era tão sensível, tão vibrante, que ele tinha desejado mergulhar profundamente naquela mulher.

Kell havia lutado contra seu desejo. Tinha sido obrigado a usar até a última gota de seu autocontrole para resistir à selvagem doçura de Raven e sair de dentro dela. Aquele breve e explosivo encontro tampouco tinha bastado para saciá-lo. Ele ainda podia sentir a exuberância de seu corpo esbelto movendo-se sobre o seu, a pressão cálida e suave de sua abertura vaginal enquanto ele a penetrava, e a maneira como ela se encaixava perfeitamente entre seus braços.

A selvagem onda de apetite sexual que aquela lembrança inspirou o fez praguejar.

Incapaz de aliviar a si mesmo, ele agarrou um cacho solto do sedoso cabelo dela e o deixou deslizar entre seus dedos.

Raven Kendrick... Não, agora ela era a senhora Raven Lasseter, sua esposa. E era um enigma. Alguém cuja personalidade e sensualidade ocultavam uma profunda cautela. Se pudesse dar crédito ao que ela havia lhe contado, Raven temia qualquer homem cujo contato pudesse despertar sua paixão.

Ele também a temia. Havia ficado mexido diante da experiência de fazer amor com ela. Transtornado por sua boca, por seu contato, por seu perfume. Por sua própria necessidade.

Ela era uma tentação extremamente perigosa.

De fato, não era difícil imaginar que essa mulher tivesse atraído tantos pretendentes. Ele mesmo poderia apaixonar-se por ela sem grande esforço...

Deus, que desastre seria!

Ele já teria problemas suficientes por causa do casamento repentino. Temia o momento em que deveria contar ao irmão que tinha acabado de se casar com a mulher por quem um dia ele tinha acreditado ter se apaixonado. E, por outro lado, dada a reputação de Raven de despedaçar corações, o de seu irmão inclusive, seria um tolo se desse qualquer oportunidade para essa mulher se aproximar demais.

Pensando nisso, lamentava agora ter oferecido sua casa em Londres. A última coisa que desejava era ser obrigado a compartilhar seu lar com Raven, onde seria seduzido e atraído por sua proximidade.

Por sorte, não precisariam estar juntos com frequência, nem ter tanta intimidade. Poderia ignorá-la na maior parte do dia. E podia refugiar-se em seu clube de jogo pelo tempo que precisasse.

Virando o corpo, Kell se esforçou para fechar os olhos. No dia seguinte, levaria Raven para sua casa da cidade e então teria concluído seu dever. Depois disso, seria capaz de tirá-la de seus pensamentos e concentrar-se em seu irmão. Kell pensou sombriamente que sua grande prioridade agora era decidir o que fazer com Sean.

Ele precisava reprimir seus sentimentos indomáveis por Raven antes que se transformassem em algo que não pudesse controlar.



Raven descobriu que estava sozinha quando despertou na manhã seguinte, para seu grande alívio. Estava feliz por não ter que enfrentar seu novo marido. Era difícil ignorar as lembranças de seu delicioso ato amoroso.

A dor aguda entre suas coxas e a sensibilidade de seus mamilos trouxeram à sua mente imagens claras que ela teria preferido esquecer, a imagem dos lábios ardentes de Kell, de suas mãos mágicas e de seu corpo forte e musculoso. Experimentar a paixão com ele tinha superado em muito as suas expectativas e a tinha feito desejar a segurança familiar de seu amante imaginário.

Quando desceu, Raven descobriu que Kell já havia tomado o café da manhã e ordenado que preparassem os cavalos, então ela comeu algo rapidamente e foi encontrá-lo na carruagem.

O olhar breve e distante que Kell lhe dirigiu estabeleceu o tom da relação e o humor de Raven. Precisava lembrar que seu casamento era simplesmente uma conveniência. Podiam ser marido e mulher, mas não compartilhariam nunca confidências, nem amizade, nem paixão. Evidentemente, Kell pretendia dar o tom do que viria a seguir, uma distante civilidade, o que funcionava perfeitamente bem a Raven, embora pensar nisso a fizesse se sentir inexplicavelmente deprimida.

Tiveram pouco a dizer um ao outro durante a viagem até Londres. Somente quando chegaram à casa que devia ser seu novo lar, o interesse dela se avivou.

A casa ficava em uma praça tranquila e elegante e, apesar de não ser tão grande quanto a mansão de sua tia-avó, era igualmente luxuosa e talvez de mais bom gosto. A entrada principal era espaçosa e estava enfeitada com diversas obras de arte: esculturas, belas tapeçarias e belas paisagens pintadas a óleo.

Entretanto, a apresentação aos criados foi desconfortável. Os diversos e variados graus de choque e de surpresa nos rostos deixaram muito claro para Raven quão inesperado era o casamento de seu patrão.

Ignorando as reações, Kell ordenou que o quarto adjacente ao seu fosse arrumado para o uso da senhora Lasseter e que uma criada fosse enviada para ajudá-la a desfazer a bagagem.

Quando os empregados partiram, Kell se dirigiu para Raven:

– Provavelmente vai querer contratar sua própria criada. Esta é a residência de um solteiro e não está preparada para receber uma dama.

– Minha tia sem dúvida poderá dispensar uma das suas – respondeu Raven calmamente.

– Ótimo. E você pode mandar O'Malley para recolher seus baús.

Ficou grata por ele ter se lembrado disso. Mas ela mal teve tempo para olhar em volta quando Kell se despediu.

– Você já vai? – perguntou, sentindo-se despreparada. E imediatamente lamentou parecer tão possessiva.

– Meus criados podem lhe mostrar a casa e ajudá-la a se instalar.

– Claro que sim – murmurou ela, embora se perguntando o que pensariam de um

homem recém-casado que abandona a sua esposa na porta de sua casa.

– Tenho um negócio para comandar – recordou Kell. – E preciso conversar com meu irmão antes que ele fique sabendo da notícia pelos outros.

O tom sombrio sugeria que Kell não estava ansioso para executar essa tarefa, e Raven sentiu uma pontada no coração ao pensar na reação de Sean.

– Ele não vai ficar muito contente com o nosso casamento.

Um músculo marcou a mandíbula do marido.

– Não, mas eu o farei respeitar. Não tem com que se preocupar sobre Sean.

Ela assentiu sem fazer mais comentários quando, depois de uma breve reverência, Kell se virou para a porta principal.

Ela seguiu com os olhos a figura alta e ágil de Kell enquanto saía da casa. Talvez fosse loucura, mas ele inspirava nela um absurdo senso de segurança, pelo menos quando se tratava de seu irmão. Raven acreditava que ele manteria a palavra quanto a protegê-la. E tinha poucas dúvidas de que seria um protetor formidável.

Tanto quanto tinha sido um amante formidável na noite anterior... sem fazer muito esforço. A lembrança daquele encontro estava marcada em sua mente e gravada de maneira permanente entre suas coxas...

Raven sentiu seu rosto ficar escarlate. Nem mesmo sua frequente exposição ao erotismo do livro poderia tê-la feito antecipar a explosão de paixão que ele havia despertado nela. Nem a dolorosa e surpreendente sensação de preenchimento que nunca tinha encontrado em nenhuma de suas fantasias. Pensar que nunca mais conheceria o fogo de seu contato a enchia de uma estranha melancolia.

Entretanto, sabia que não tinha o direito de protestar. Kell já a tinha ajudado mais de uma vez. Primeiro, salvando-a de ser violentada pelo irmão e, depois, concedendo-lhe a proteção de seu nome. Não podia pedir mais.

Endireitando os ombros, Raven se dirigiu para a ampla escadaria que dava acesso aos quartos. No momento, tinha suas próprias dificuldades para enfrentar. E parecia muito evidente que teria de fazê-lo sozinha.

– Você está brincando, certo? – perguntou Sean olhando para o irmão.

Os dois estavam na biblioteca da imponente casa de Sean, a mansão londrina que pertencia à família Lasseter havia quase um século.

Sean, que não estava acostumado a se levantar da cama antes do meio-dia, jogou um roupão sobre sua roupa de dormir e foi encontrar Kell na biblioteca, parecendo esgotado, com olheiras e exausto, evidentemente depois de uma longa noite de farra.

– Não, não estou – respondeu Kell calmamente. – Nós nos casamos ontem à noite, com uma licença especial.

Observou como seu irmão apertava os lábios com força. Por um momento, Sean não disse nada. Depois, foi até uma mesa e se serviu de um copo de uísque, que bebeu de um só gole. Quando por fim falou, sua voz tremia de raiva.

– Perdoe-me se acho difícil de acreditar que meu próprio irmão tenha me traído, casando-se com a cadela perversa que arruinou minha vida.

Kell passou uma mão pelos cabelos. Sabia que aquela conversa ia ser turbulenta, que Sean estaria furioso e ressentido, mas se esforçaria para manter o próprio temperamento sob controle.

– Acho que dificilmente se poderia dizer que o traí, Sean, mas sim que o salvei da prisão. Você deveria se considerar tremendamente afortunado pela minha intervenção. Talvez não tenha se dado conta, mas, ao raptar a senhorita Kendrick, você se expôs à ira da

família enfurecida dela. Eles ameaçaram processá-lo. Você teria preferido que eu permitisse que o colocassem na prisão?

Sean lançou um olhar amargo e mordaz.

– Você poderia ter encontrado outra maneira. Esperava mais de você, maldito seja, Kell! Nunca pensei que me cravaria um punhal pelas costas.

Sem aviso, ele lançou o pesado copo na lareira, e o vidro foi estilhaçado na parede de pedras com estrondo. Então, desabou em uma cadeira, pressionando os olhos com uma mão, como se sofresse de uma dor terrível.

Kell apertou a boca. Sentia certa culpa diante da infelicidade do irmão, mas também raiva por Sean ter provocado aquele desastre.

– Você não me deixou muita escolha. Se não tivesse ido procurar vingança, eu nunca teria sido obrigado a me casar com ela.

– Ela teve o que mereceu!

– Não estou muito certo disso. Ela não foi responsável por você ter sido convocado à força pela Marinha... Foi seu criado. E nem mesmo ele pode ser censurado, porque estava somente tentando protegê-la. O que esperava que ele fizesse quando você a agrediu no verão passado?

– Ela o enganou totalmente, não é?

– Não penso assim.

– Não? Você acredita nela e não em mim. Você ficou do lado dela contra sua própria carne e seu próprio sangue. Você bancou o bobo com ela, como outros inumeráveis tolos apaixonados. Ela enredou você em suas artimanhas, do mesmo jeito que fez comigo.

– Você está enganado, Sean – retrucou Kell.

– Estou? Então, como pode explicar a sua traição? – A amargura estava impregnada de um pesar que pareceu autêntico quando seus olhos se encheram de lágrimas. – Você roubou essa mulher de mim, Kell. Eu a amava, e você a roubou de mim.

Kell negou levemente com a cabeça.

– Se a amasse de verdade, Sean, não a teria atormentado como fez. Não iria querer vê-la tão desolada, não a teria feito ter que enfrentar sozinha toda a sociedade, suportando a crueldade deles como aconteceu com nossa mãe. – Sentiu que apertava os punhos. – Eu não estava disposto a deixar que ela sofresse, como sofreu nossa mãe, Sean.

Seu irmão desviou o olhar, momentaneamente envergonhado.

– Eu amava a senhorita Kendrick, eu a amava. Juro. Eu teria me casado com ela.

– Sean, isso nunca teria acontecido – assegurou Kell. – Ela nunca o teria aceitado depois do que fez.

Com o rosto contorcido pela dor, Sean passou uma mão pelo rosto. Kell teve piedade de seu irmão e suavizou o tom.

– Você deveria estar satisfeito com sua vingança até agora. Pense nisso. Consegui exatamente o que queria. Consegui tirá-la de sua posição na elite. Ela não se casou com o duque nem terá um papel na sociedade. – Kell soltou uma risada de escárnio. – E será desprezada simplesmente por eu ser quem sou. Para explicar seu repentino desaparecimento, inventamos a história de que estávamos loucamente apaixonados e que eu a rapei porque não podia suportar viver sem ela. Um casamento por amor com um jogador de sangue meio irlandês e, com a minha desastrosa reputação, pode ser um escândalo tão grande quanto deixar um duque plantado no altar. A alta sociedade nunca a perdoará por se apaixonar por alguém tão abaixo dela.

Sean curvou a boca, desdenhoso. Ele, como Kell, guardava um ardente

ressentimento contra a opinião da sociedade sobre as diferenças de classes. Para falar a verdade, Kell estava convencido de que o fato de não poder competir com um nobre pela mão da senhorita Kendrick tinha indignado Sean tanto quanto a rejeição dela a seu cortejo.

Mas o irmão não estava disposto a perdoá-lo, pelo menos ainda não. Sean agitou a cabeça e, com voz firme por causa da violenta fúria, disse:

– Que os dois apodreçam no inferno!

– Sean...

– Vá embora! Deixe-me sozinho!

– Em um instante. Ainda não acabei de dizer o que preciso.

– Ainda tem mais? – bufou Sean.

– Quero que saia de Londres por algum tempo.

Sean o olhou fixamente.

– Por que diabos eu teria que fazer isso?

– Porque isso permitirá que o escândalo morra por conta própria e vai dar tempo para que a raiva da família dela esfrie. Você deve entender que eles podem decidir dar queixa. Se continuar aqui, você corre o risco de sofrer uma punição severa.

– E exatamente aonde você espera que eu vá?

– Para a Irlanda. Para a fazenda. Você não vai lá desde o último inverno.

Fazia três anos que Kell tinha comprado uma fazenda de criação de cavalos nos subúrbios de Dublin, para oferecer a Sean um lugar de refúgio quando seus ferozes demônios estivessem muito difíceis de controlar. Agora parecia um momento oportuno para ir até lá.

– Eu me encarregarei de tudo – acrescentou Kell. – E seria bom aproveitar a oportunidade para se controlar e pensar no que fez.

– Por acaso o que eu fiz foi tão terrível assim?

Kell sufocou um suspiro.

– Nenhum homem honrado levanta a mão contra uma mulher, Sean.

Você passou do limite. E, pior, mentiu para mim a respeito do que aconteceu entre vocês. Raven Kendrick nunca lhe entregou seu corpo, como você me disse que aconteceu.

Os olhos verdes de Sean se encheram de angústia, mas ele ficou calado.

– Eu desculpei muita coisa sua no passado porque compreendia o quanto sofria. E entendo que sua experiência durante o recrutamento forçado pudesse provocar o desejo de vingança. Mas o que fez a Raven Kendrick foi imperdoável.

– Vá para o inferno!

– Sim, contanto que você vá para Irlanda.

Sean ficou rígido.

– Eu não preciso fazer o que me diz. Você já não é meu irmão. Vá bancar o tolo com sua esposa fofoqueira. E depois não venha se queixar comigo quando for prejudicado pelas artimanhas dela.

– Você vai sair de Londres nem que eu tenha de levá-lo.

– Então, você vai ter que me arrastar.

– Farei isso, se for preciso.

Apertando a boca, Kell se virou e saiu daquela casa que odiava fazia anos. Seu irmão precisava de tempo para se acostumar com a notícia surpreendente de seu casamento, mas as palavras de Sean o tinham ferido mais do que pensava ser possível.

Como as coisas tinham chegado àquele ponto? Nunca, nem em seus sonhos mais sombrios, poderia imaginar que uma mulher pudesse se colocar entre eles. E a última coisa

que queria era magoar o irmão tomando como esposa uma mulher que Sean dizia amar. Entretanto, ele faria o que fez de novo, se fosse para proteger o irmão de si mesmo.

Fazia anos que as tendências autodestrutivas de Sean alarmavam Kell, embora estivesse sempre disposto a desculpá-lo. Ter a inocente infância despedaçada pela depravação era uma agonia que só as almas mais fortes poderiam superar. E Sean nunca foi muito forte.

Seu caminho tortuoso tinha começado no dia em que perderam o pai por causa de uma repentina enfermidade, quando Kell tinha quatorze anos e Sean, nove. A inesperada morte do pai foi um golpe devastador, mas assim que Adam Lasseter foi enterrado, e o corpo ainda nem tinha esfriado, seu odioso tio exerceu seus poderes de tutor e baniu a mãe da vida dos dois. Fiona não tinha poder nem recursos para lutar contra os desdenhosos Lasseter, Kell também não naquele momento. Durante sua dolorosa despedida, ele tinha jurado para a mãe que cuidaria fielmente de seu irmão mais novo.

Uma responsabilidade solene em que tinha falhado de maneira terrível.

Kell subiu na carruagem que o aguardava e se acomodou no banco, com a consciência dolorida por causa de seus amargos pensamentos, enquanto recordava aqueles anos tristes durante os quais ele e seu irmão foram obrigados a viver sob o mesmo teto de seu tio. Nunca voltaram a ver a mãe, porque ela faleceu na Irlanda apenas um ano depois, pobre demais para poder pagar pelos cuidados que a teriam salvado da epidemia de gripe que devastou as favelas de Dublin.

O ódio de Kell por William Lasseter se tornou irrevogável. Fervendo de raiva, ele permitiu que seu ódio impulsionasse todas as suas ações, rebelando-se diante de qualquer oportunidade e levando inúmeras surras. Seu tio o chamava de semente do diabo. Eles discutiam sempre e intensamente, e, em uma ocasião, Kell fugiu levando Sean. Mas o tio os encontrou e os levou para casa, castigando-os com severidade e a ameaça de Sean sofrer o pior se Kell prosseguisse com sua insubordinação.

Depois disso, ele tentou conter seu ardente ódio e desejo de vingança pelo bem de seu irmão, e agiu com paciência, decidido a esperar até chegar à maioridade para ter poder suficiente para enfrentar seu tio.

Aos dezessete anos, Kell partiu para a universidade enquanto Sean continuou na casa, sob o controle de William e sendo instruído por tutores. Quando Kell retornava durante as férias, Sean parecia reservado, desmotivado, mas negava que alguma coisa estivesse errada... Com muita vergonha, Kell finalmente descobriu o que estava acontecendo...

Um dia, quando estava no segundo ano, ele voltou para casa durante o período do Natal e descobriu a sórdida verdade: William Lasseter tinha um desejo antinatural por jovens de treze anos.

Kell tinha planejado ir a uma cerimônia religiosa com seu irmão quando encontrou Sean agachado diante de um fogo alto que ardia na lareira de seu quarto, envolto em meia dúzia de mantas, mas tremendo de frio.

– Não posso ir à igreja, Kell – disse, os dentes batendo. – Não estando assim tão sujo...

– Do que está falando, rapaz? – perguntou Kell, provocando. – Quer dizer que não tomou banho nem lavou as orelhas?

A agonia do rosto de Sean não deixava dúvidas.

– Não, eu tomei banho, mas não consigo me limpar. Que Deus me ajude... Ele me obriga a fazer isso, Kell, e eu não consigo impedi-lo.

Então Sean explodiu em soluços, e a história foi sendo contada gradualmente. Durante meses, ele tinha sido sodomizado por seu tio William.

Recordando ainda hoje o horror doentio, Kell esfregou a cicatriz da bochecha. Ele tinha explodido de fúria e ameaçado matar William se ele se atrevesse a tocar em Sean de novo...

– Senhor Lasseter? – perguntou a educada voz de um lacaio, interrompendo os pensamentos sombrios de Kell.

Só então se deu conta de que a carruagem tinha parado diante de seu clube de jogo.

Sentindo-se quase um ancião, com a perna doendo no local do ferimento, desembarcou devagar e subiu a escada principal, onde foi saudado na porta por seu mordomo.

Timmons era muito bem-orientado para saber que não deveria perguntar sobre o inesperado desaparecimento de seu patrão, mas Kell respondeu ao olhar inquisidor com uma explicação seca.

– Alguns assuntos exigiram minha atenção.

– Muito bem, senhor. A senhorita Walsh cuidou de tudo em sua ausência. Ela ainda não se levantou, porque foi se deitar apenas quando o sol raiou. Um grupo de cavalheiros tomou conta da mesa de jogo de dados, fazendo apostas excepcionalmente altas.

Kell sabia o que isso significava, que centenas de milhares de libras tinham mudado de mãos, o que significava um bom lucro para a casa. Pelo menos, algo em sua vida ia bem.

Assentiu, satisfeito de não ter que enfrentar Emma Walsh naquele momento. Ele não tinha energia suficiente para explicar seu casamento repentino e indesejado.

Tomando cuidado com a perna ferida, Kell subiu a escada até seu escritório particular. Emma tinha deixado pilhas de recibos e notas promissórias em sua mesa com vários livros de registros, mas ele não tinha nenhum interesse em rever as contas, e nenhuma necessidade. Emma era perfeitamente capaz de dirigir o clube tão bem quanto ele.

Em vez disso, Kell entrou no quarto adjacente e se jogou na cama onde, duas noites atrás, tinha passado incontáveis horas apaixonadas atendendo a sua febril paciente...

Tentando bloquear a abrasadora lembrança, cobriu os olhos com o braço e deixou voltar os pensamentos sombrios dos dias logo depois de descobrir as perversões de seu tio.

Eles tinham escapado da tutela de William Lasseter e fugido para a Irlanda, onde ele fez todo o possível para criar seu irmão e tentar ajudá-lo a superar seu atormentado passado. Com sua habilidade no jogo, Kell tinha conseguido abrir o caminho e sair da pobreza e, por fim, acumular uma sólida fortuna, de modo que, quando alcançou a maioridade, já não precisava da herança confiada por seu pai a seu tio. Mas tinha cometido graves enganos com seu irmão.

Arrasado pela culpa e cheio de remorso pelo que tinha deixado acontecer, Kell tinha tolerado os excessos de Sean mais do que seria aconselhável, facilitando todas as vantagens que se podiam conseguir com dinheiro, desculpando-o, sem obrigá-lo a assumir as responsabilidades pelas consequências de suas farras com bebidas, jogos e mulheres. Tinha levado Sean aos melhores médicos de Edimburgo em um esforço para controlar seu temperamento, mas não tinha conseguido que o irmão seguisse as recomendações dos médicos de levar uma vida mais tranquila.

Talvez se tivesse sido mais severo...

Passaram-se muitos anos antes que Kell compreendesse seu fracasso. Muito antes, porém, tinha reconhecido que o ressentimento do irmão por ter sido abandonado à depravação de seu tio continuava sendo uma ferida aberta entre eles.

E então, no verão passado, o tormento de Sean foi exacerbado ao se apaixonar loucamente por uma beleza desalmada e ser recrutado pela cruel Marinha Real britânica.

Kell agora sabia que Raven Kendrick não era diretamente responsável por aquela tragédia, mas não havia dúvida de que seu irresistível poder de atração tinha trazido mais sofrimentos para Sean. Ele sempre levaria as brutais cicatrizes nas costas como prova disso, embora seu tio sem dúvida tivesse marcado Sean de uma maneira muito pior do que a Marinha.

Kell podia ver que as surras brutais durante o serviço militar tinham desequilibrado Sean. Era evidente que seu irmão não estava em seu perfeito juízo quando raptou Raven, embora sem dúvida merecesse um castigo pela maneira desumana como a tratou. Mas Kell ainda estava desesperadamente decidido a protegê-lo.

Tão decidido a ponto de se casar com a mulher que Sean declarava amar e arriscar enfrentar seu ódio.

Kell fez uma careta, recordando as amargas acusações de Sean de traição e de que havia caído nas artimanhas de uma hábil manipuladora.

Ele não estava apaixonado por ela, é claro. Entretanto, precisava tomar cuidado se não quisesse ser dominado por seu pênis. Ainda podia sentir o cabelo sedoso de Raven em suas mãos, o calor de sua pele, sua sedutora combinação de paixão e inocência. E ainda experimentava o frustrante apetite de não ter sido capaz de satisfazer por completo sua própria e desenfreada necessidade sexual...

Que inferno, amaldiçoou Kell com os dentes cerrados. Ele faria o que fosse necessário para manter-se imune à sedução daquela mulher. No mínimo, devia manter distância dela em nome de seu irmão. Não podia piorar a ofensa de esfregar seu casamento no rosto de Sean. Ele não queria ser merecedor daquelas acusações de traição.

E isso significava fazer o impossível para manter-se longe de sua ardente esposa.

A manhã de Raven foi tão difícil quanto a de Kell, porque reuniu toda a sua coragem e se obrigou a enfrentar o noivo abandonado, decidida a desculpar-se em pessoa. Acreditava que devia aquilo a Halford.

Como uma dama não visitava a residência de um homem solteiro, e tendo em vista que ela preferia não correr o risco de aparecer em público e receber o desprezo das pessoas, escreveu uma nota ao duque pedindo que ele a visitasse. Aguardou durante horas antes que ele se dignasse a aparecer.

Seu coração batia acelerado quando Sua Graça apareceu no salão, mas um simples vislumbre deixou claro a Raven que ele não tinha intenção de aceitar suas desculpas.

Charles Shawcross, duque de Halford, era um nobre da cabeça aos pés: alto, distinto e bastante atraente em um estilo sóbrio. Com os cabelos castanhos ficando grisalhos nas têmporas, parecia mais um pai do que um possível noivo. Em que pesem a idade e a indiferença estudada, ambos tinham desfrutado de uma inesperada cumplicidade. Raven tinha chegado a admirar sua aguda inteligência, enquanto ele havia se sentido atraído – e Raven suspeitava que contra sua vontade – por sua vitalidade e até mesmo sua falta de convencionalidade.

Com o convite que ela murmurou, Halford se sentou no sofá adamascado, cruzando uma perna sobre a outra e olhando-a sem dizer nada. Ele sempre foi um homem reservado, de poucas palavras, mas seu clamoroso silêncio falava por si só. Ela nunca o tinha visto com uma expressão tão dura.

Havia ódio em seus olhos azuis, assim como alguma emoção mais sombria... Poderia ser tristeza?, perguntou-se Raven, consternada. Ela não esperava causar-lhe uma

mágoa verdadeira. Achava que sua traição teria simplesmente ferido seu orgulho.

– E então...? – disse ele por fim, em tom gélido.

– Você leu minha carta de ontem? – perguntou Raven.

– Sim, madame. De modo que não vejo nenhum sentido nesta conversa. Expressou seus sentimentos com grande clareza.

Ela espalmou os dedos no colo, esforçando-se para conservar a paciência.

– Eu queria a oportunidade de me explicar pessoalmente para pedir seu perdão.

– É mesmo? A madame espera meu perdão pelo artifício ignóbil que me fez passar?

– Sim, Charles... Sinto muito de verdade. Sei que não merecia um tratamento tão miserável.

Se ele ficou surpreso com aquela docilidade pouco comum, não deu sinais.

– Quer dizer que sente muito por me fazer parecer um tolo? Por me deixar plantado na igreja para se casar com um canalha assassino? Com um irlandês que não é ninguém, é isso?

Raven respirou fundo, achando difícil defender a desagradável reputação de seu novo marido quando sabia tão pouco sobre ele.

– Ele não é um assassino – disse ela com calma. – Tampouco um canalha.

– Ele é um notório apostador que me transformou em motivo de zombaria na alta sociedade, raptando minha noiva no dia do meu próprio casamento.

Ela negou com a cabeça, sabendo que era injusto deixar que Halford direcionasse toda a sua ira contra Lasseter.

– Ele não foi o culpado. Foi tudo culpa minha.

Halford lhe dirigiu um olhar curioso, mas com olhos duros e debochados.

– Devo acreditar então que você organizou seu próprio sequestro?

– Não, não é o que quero dizer. O rapto foi real, mas... Eu não fiz nada para impedi-lo. Não quis impedi-lo.

Raven se inclinou para a frente, com uma expressão de súplica no rosto. Não queria ter o duque como inimigo e, certamente, não como inimigo de Kell. Mas se esperava conseguir a indulgência de Halford, teria de convencê-lo de que amava sinceramente seu marido.

– Eu não pretendia que isso acontecesse, Charles. Não desejava estar apaixonada por ele. Mas às vezes... não podemos prever os desejos do coração. – Ela respirou profundamente de novo e contou uma absoluta mentira. – É como se conhecesse Kell a vida toda... Mas declinei seu pedido de casamento anos atrás porque minha família o considerava inadequado.

– Eu pensaria o mesmo – retrucou Halford, destilando desdém na voz.

Tentando não reagir àquela interrupção, ela prosseguiu:

– Entretanto, à medida que o dia de nosso casamento se aproximava, comecei a me sentir acovardada. Pensei que estivesse sofrendo apenas o nervosismo comum das noivas, mas no último momento... Compreendi que não podíamos nos casar, Charles. Não se amo outro homem. Não teria sido justo com você.

Os lábios do duque se inclinaram, depreciativos.

– Quer dizer que agora você pretende que eu acredite que está interessada em justiça?

– Sim, pense nisso. Não posso ter tocado seu coração. Você nunca me amou sinceramente. Eu era apenas um prêmio que conseguiu conquistar. Você gostava do desafio de triunfar sobre todos os meus outros pretendentes. E eu, de minha parte... Só desejava me

casar com você pelo seu título.

Ele fez uma careta, como se tivesse recebido um golpe, e Raven lamentou profundamente ter dito aquilo.

– Charles, tenho certeza de que pode compreender isso. Minha família tinha grandes planos para mim. Meu avô queria me ver bem-estabelecida na sociedade, e eu esperava agradá-lo. Mas descobri que não podia continuar negando os sentimentos de meu coração. Eu amo Kell, Charles. E o amo há muito, muito tempo.

– Onde está ele agora? – perguntou Halford, olhando de repente em volta do salão. Raven o observou com cautela.

– Por que quer saber?

– Porque pretendo desafiá-lo.

Ela se sentiu empalidecer.

– Você não pode fazer isso, Charles!

– Não? – perguntou ele em um tom suave. – Quer dizer que tem medo de que o mate?

Levando em conta os rumores letais sobre Kell, Raven temia muito mais por Halford. Se o duque provocasse um duelo, poderia lhe custar a vida. Mas nenhum homem da importância de Sua Graça gostaria de ver sua coragem ou suas habilidades questionadas. Ela engoliu uma resposta.

– Charles, por favor, sua briga é comigo, não com Kell. Sou eu quem merece sua raiva.

– E a tem, madame, pode acreditar. O inferno ficará gelado antes que eu possa olhar para esta ocasião com alguma medida de serenidade.

Ela mordeu o lábio.

– Você algum dia será capaz de encontrar em seu coração uma maneira de me perdoar?

Halford se levantou e afastou com a mão uma mancha imaginária de pó em sua impecável jaqueta bem-cortada.

– Não, querida, não acredito que possa ser tão generoso assim. Mas em consideração a você, me proponho a não o matar. Simplesmente, dedicarei meus esforços para arruiná-lo. – Seus olhos azuis brilhavam como pedacinhos de gelo. – Seu libertino amado se arrependerá do dia em que pensou em roubar minha noiva.

Raven estava ainda sentada no salão, paralisada de pavor, quando anunciaram a visita de sua melhor amiga.

Brynn Tremayne, condessa de Wycliff, era uma linda mulher de cabelos flamejantes que, no verão anterior, tinha conquistado o melhor partido de toda a Inglaterra, e de maneira totalmente involuntária. Mas, apesar das dificuldades entre os dois, o casamento tinha gerado um amor profundo e durável, cheio de uma paixão que fazia Raven recordar incomodamente o amor impossível de sua mãe. É claro que estava feliz pela amiga, mas não se sentia disposta a correr o risco de perder a cabeça por amor, como tinha acontecido a Brynn.

A condessa estava vestida na última moda, com um traje de passeio de lã verde bem-cortado e uma jaqueta cor de nata que dissimulava o ligeiro arredondamento de seu ventre, inchado pela gravidez, enquanto seu exuberante cabelo ruivo estava preso em um coque formal. Ela não disse uma palavra, mas seus olhos cor de esmeralda expressavam tamanha preocupação e tamanho afeto que Raven sentiu um nó oprimir sua garganta.

Ficou em pé para recebê-la. Ela havia planejado mostrar um comportamento

corajoso, mas quando a amiga lhe estendeu os braços, Raven se adiantou e se deixou abraçar. Depois de toda a tensão e o desespero dos dois últimos dias, ela não podia mais conter as lágrimas.

Brynn limitou-se a estreitá-la em seus braços, acariciando seus cabelos e murmurando suaves palavras de consolo.

Finalmente conseguindo controlar o choro, Raven afastou-se um pouco com um suspiro.

– Perdão – disse ela furiosa, enxugando as lágrimas. – Detesto ser uma manteiga derretida...

– Acredito que você tem todo o direito de se permitir uma boa choradeira. – Brynn tirou um lenço da bolsa e fez Raven secar as lágrimas, avaliando-a cuidadosamente. – Você não está mesmo machucada?

– Não, estou bem.

– Estávamos terrivelmente preocupados. Lucian pôs Londres de cabeça para baixo procurando você, até que sua mensagem chegou ontem.

Raven não duvidava em nada do que Brynn dizia. Lucian Tremayne, conde de Wycliff, era um renomado espião do Ministério de Relações Exteriores e tinha incontáveis agentes a seu serviço.

– Lamento ter causado tais preocupações.

O som de chacota que Brynn proferiu foi quase divertido.

– Sinceramente, acho que ele adorou esse desafio. Lucian acredita que a cidade tem estado muito enfadonha ultimamente. Mas nós ficamos muito aliviados ao saber que estava a salvo. E agora que está casada... Tem que me falar sobre isso.

Ela puxou Raven para o sofá e não descansou até ouvir toda a história.

Raven contou quase toda a verdade. Sobre o rapto, cometido por Sean Lasseter, a respeito da noite na cama de seu irmão, a fúria de sua família. E como havia sentido que deveria casar-se com seu salvador. Finalmente, falou de sua gratidão por Kell, e por seu relutante sacrifício.

Mas evitou mencionar os próprios e perigosos sentimentos de desejo. Tinha poucos segredos com Brynn, mas aquelas eram emoções muito íntimas para serem compartilhadas.

Quando terminou, Brynn franziu a testa.

– Sei muito pouco a respeito do seu senhor Lasseter, apenas que tem uma reputação horrível. E Lucian falou com ele uma vez e de maneira superficial. Mas Dare o conhece e frequenta seu antro de jogo. Talvez devesse conversar com ele.

Dare era Jeremy Adair North, marquês de Wolverton, antes conde de Clune e atualmente o líder da Liga do Fogo do Inferno. Chamado afetuosamente de Dare por seus muitos amigos, e invejosamente conhecido como o Príncipe do Prazer tanto pelos admiradores quanto pelos rivais, ele era o mais perverso e encantador libertino que Londres já tinha conhecido. E possuía extensas relações sociais.

Raven assentiu pensativa. Se alguém sabia algo sobre o passado de seu marido, esse alguém seria Dare.

– Que tipo de homem é esse seu senhor Lasseter? – perguntou Brynn. – Ele se parece com o irmão?

– Não! – retrucou Raven enfaticamente. – Graças a Deus, ele não se parece em nada com Sean. Kell é...

Raven se deteve, se perguntando como descrever o homem com quem tinha se casado.

Era... formidável, convincente, enigmático... e muito atraente, apesar da cicatriz no rosto e da ardente intensidade que ele mantinha sob controle. Ou talvez por causa disso. Mais que ofendê-la, sua inteligência mordaz e sarcástica agitava o seu sangue. E era bastante surpreendente que, na verdade, gostasse de Kell quando ele não estava fazendo o possível para defender o irmão. De fato, Raven sentia-se atraída demais por Kell para ficar tranquila.

– Talvez devesse julgá-lo por conta própria – disse por fim.
– Então, onde ele está? Eu gostaria muitíssimo de conhecê-lo – perguntou Brynn.
– Acho que ele foi ao clube. – Raven fixou seus olhos nos da amiga. – Nós concordamos em viver separados. O nosso casamento é só de conveniência.
– Mas você se propõe a viver aqui com ele?
– Durante um tempo, sim, mas só para manter as aparências, como dois recém-casados. Logo, terei minha própria casa. Só que ainda não parei para pensar em onde me instalarei.

Brynn olhou em volta com aprovação, observando a elegante mobília em tons de vinho e dourado.

– É um lugar muito bonito. Apesar de um apostador imoral, esse seu senhor Lasseter parece ter um excelente gosto. Melhor do que a maioria dos cavalheiros que conheço.

O comentário surpreendeu Raven e provocou um sorriso involuntário.

– Desde que nos conhecemos, Kell tentou negar que é um cavalheiro, mas eu tive vislumbres disso...

– Huuum – murmurou Brynn, evasiva. – Não sei... Um verdadeiro cavalheiro não iria a seu clube, abandonando você em um momento tão crucial.

Raven negou com a cabeça.

– Não considero isso absolutamente um abandono. Kell já fez o bastante. Ajudou a evitar o pior desse desastre e salvou a minha reputação de uma completa destruição. Seria um abuso se eu pedisse mais.

– Bem... – Brynn apertou os lábios por um momento e logo mostrou um sorriso alentador. – Você já sabe que estaremos a seu lado. Simplesmente temos que nos reunir para decidir como enfrentar melhor esta situação. Você não pode ficar aqui, sofrendo sozinha. Assim que possível, deve retomar suas habituais ocupações. Especialmente seus passeios a cavalo pelo parque. E faremos visitas juntas. E recrutaremos Lucian para nos acompanhar aos eventos noturnos. Não pode parecer que você está se acovardando, se escondendo.

Raven fez uma careta.

– Não tenho nenhuma intenção de me acovardar... Embora admita que não me atraia muito a ideia de aparecer em público. Estremeço só de pensar em todas as bruxas que estarão cacarejando de alegria ao ver quão baixo eu cheguei, agora que já não vou ser uma duquesa.

A expressão de Brynn foi uma vez mais de solidariedade.

– Raven, sinto muitíssimo. Sei o quanto um título significava para sua mãe.

Raven deu de ombros, simulando uma bravata que não sentia.

– Agora não há nada a fazer. É inútil sentir pena de mim mesma. E pode até ser que haja alguma vantagem em minha ruína social. – curvou a boca com tristeza. – Pelo menos agora não terei que suportar aqueles intermináveis espetáculos que Halford esperava que eu assistisse. Sem mencionar que uma mulher casada tem muito mais liberdade. Ser a patroa

em minha própria casa será preferível a viver eternamente submetida à minha tia Catherine.
– Raven hesitou. – O que me preocupa é o perigo em que Kell se colocou por minha causa. Halford está tão furioso com ele quanto está comigo.

– Posso imaginar – retrucou Brynn secamente. – Mas tenho certeza de que ele se acalmará com o tempo.

– Não estou tão segura assim. Halford me disse que seu objetivo é arruinar meu marido.

– Sério? Bem, isso poderia ser mais difícil do que supõe, tendo-nos como seus aliados. A importância de Lucian na sociedade é tão grande quanto a de Halford, embora a minha não seja tão grande assim.

– Brynn... Não posso permitir que se envolva dessa maneira em meus problemas. Você já tem preocupações suficientes no momento.

A ocupação de Lucian como chefe dos espões tinha colocado os dois em perigos quase fatais. E com um dos principais inimigos da Inglaterra ainda solto, um traidor perigoso e brutal chamado Caliban, suas vidas continuavam em risco. Raven sabia que Lucian nunca permitiria que Brynn fosse a nenhuma parte sem ser acompanhada por dois guarda-costas.

Mas sua amiga se limitou a arquear uma sobrancelha com delicadeza.

– Você não pode acreditar nem por um momento que nós vamos abandoná-la.

– Não, claro que não. Mas eu não gostaria de lhes afligir com minhas preocupações. E nem mesmo seu apoio vai fazer alguma diferença significativa em minha situação.

Brynn negou com a cabeça.

– Sua terrível experiência deve ter alterado seu juízo mais do que pensa. Não está parecendo em nada a Raven que eu conheço. Quer dizer que você vai mesmo desistir e permitir que a sociedade a obrigue a viver como uma pária?

Raven ficou olhando para ela por um momento. E então, pela primeira vez em dois dias, soltou uma gargalhada.

– Tem razão, Brynn. Perdoe-me. – e balançou a cabeça. – Eu estava me permitindo chafurdar na derrota, não é? – A jovem ergueu o queixo com renovada decisão. – Mas a guerra ainda não acabou, e eu ainda não fui derrotada.

Brynn esboçou um sorriso satisfeito.

– Não, certamente não.

– E eu garanto a você – acrescentou Raven, exibindo finalmente um sorriso desafiante. – Não serei forçada a viver como uma pária. Prometi faz tempo que a alta sociedade me aceitaria e me esforcei muito para abandonar a luta agora.



O escândalo era o assunto da cidade e não dava indícios de se esgotar.

Entretanto, fiel à sua palavra, Brynn fez tudo o que pôde para colocar seus importantes recursos à disposição de Raven, demonstrando a teoria de que, em tempos de crise, você saberá quem são seus verdadeiros amigos.

Raven retomou seus passeios matinais a cavalo e acompanhou Brynn a todos os lugares durante as horas do dia, fazendo visitas, saídas para as compras e assistindo a conferências e exposições, simplesmente para ser vista em público. Mas ainda evitava tentar algo mais ambicioso, disposta a esperar o momento oportuno.

Por exemplo, era mais prudente evitar o Hyde Park às cinco da tarde, quando a nata da sociedade se reunia para ver e ser vista. E deixava para depois aparecer em qualquer esfuziante celebração noturna, onde aqueles bandos selvagens a aguardavam para devorá-la como uma nuvem de gafanhotos. Raven tinha violado as implacáveis normas da sociedade, e seu plano de batalha tinha que ser cuidadosamente executado se tivesse alguma esperança de vencer.

Sempre otimista, sua amiga Brynn planejava um baile para celebrar o casamento de Raven. Lady Wycliff estava decidida a obrigar a alta sociedade, por pura força de vontade, a perdoar Raven, a jovem em desgraça. Entretanto, todos – menos os mais valentes ou temerários – se esquivaram do convite, simplesmente não estavam dispostos a ganhar um inimigo como o ilustre duque de Halford em prol de uma simples senhora Lasseter.

Por isso, não foi surpresa que, no decorrer dos dias seguintes, Raven tivesse descoberto que seu principal inimigo era a solidão. Sua criada Nan foi incorporada à equipe de empregados de sua nova casa, assim como O'Malley. E ela também recebia visitas de seu avô e de sua tia-avó, embora lady Dalrymple viesse principalmente para ralar com ela.

Mas pouco via Kell. Ele voltava para casa muito tarde toda noite e saía para seu clube logo pela manhã, enquanto Raven praticava equitação no parque. E, embora compartilhassem um quarto de vestir, tinham quartos separados.

Certamente tais acordos não eram incomuns. Alguns maridos e esposas dos altos círculos raramente se encontravam no cotidiano. E Raven não queria nada mais do que recolher os pedacinhos de sua vida sem que um marido de reputação escandalosa turvasse ainda mais seu futuro.

Mas havia um inconveniente grande e óbvio naquele caso. Supunha-se que estivessem apaixonados. E se seu novo marido a continuasse evitando, sua história seria logo descoberta como a farsa que era.

Pelo jeito, Kell não tinha se esquecido dela totalmente. Seguindo suas instruções, seus advogados se reuniram com os advogados de seu avô e redigiram um contrato que permitia a Raven conservar sua independência e vincular sua modesta fortuna para os filhos que pudesse vir a ter.

Não que os dois viessem algum dia a ter filhos...

Raven nunca discutiu esse tema em particular com seu avô, mas pelos comentários que ele deixou escapar um dia, lorde Luttrell estava mais preocupado com seus herdeiros em potencial do que com o escândalo em si.

– Desejo que minha linhagem siga adiante, querida – preocupava-se o ancião –, embora provavelmente não vá viver o bastante para vê-los. E me desgosta pensar que meus bisnetos terão o sangue de um assassino correndo nas veias.

Raven pouco pôde fazer para tranquilizá-lo.

E seu perverso amigo, lorde Wolverton, foi a única pessoa que pôde satisfazer em alguma medida a sua curiosidade sobre seu marido. Raven acompanhou o marquês em um passeio em sua carruagem certa tarde, de modo que todo mundo pudesse ver que ele não a havia abandonado.

Sua saída com ele em um veículo descoberto seguia as normas aceitáveis de comportamento em sociedade, contanto que ambos permanecessem constantemente à vista de todos.

Dare era um nobre dos pés à cabeça: alto, esbelto, de cabelos loiros, mas um libertino também dos pés à cabeça, com um sorriso magnético e provocador que podia incendiar o mais frio dos corações femininos. Entretanto, deixou de lado seu habitual comportamento jocoso quando explicou a Raven que pouco sabia sobre Kell Lasseter.

– Encontro-me com ele ocasionalmente. Seu clube é considerado o melhor de Londres... Com apostas altas, mas com uma reputação excelente de jogo honesto. E praticamos esgrima juntos regularmente nos salões do Ângelo. É um soberbo espadachim. Poucas vezes vi alguém melhor. Mas não posso dizer que o conheça bem.

Dare apressou seu veloz par de cavalos baios para ultrapassarem um pouco o tráfego antes de prosseguir.

– Conforme dizem todos, ele é um rebelde. Não parece se importar com nada que falem dele. Parece se esquivar intencionalmente de qualquer companhia da alta sociedade, embora não duvide que teria sido aceito se tivesse se esforçado um pouco mais. Sua origem é boa, pelo menos por parte de pai, mas nunca permite que ninguém se esqueça de seu sangue irlandês.

– Pelo que entendi, a mãe dele era irlandesa.

– Sim, e ele parece quase sentir prazer em esfregar esse fato no nosso nariz inglês. É um demônio insolente. – Dare sorriu. – Quando Lasseter abriu seu clube, uns quatro anos atrás, achei que ele estava sendo precipitado e imprudente. O lugar era um desafio para os insensatos que se imaginavam bons jogadores. Todos eles se aglomeravam ao redor das mesas de jogo, tentando quebrar a banca. Não ficaria surpreso se você me dissesse que Lasseter fez fortuna com isso. Seja como for, o Golden Fleece tem hoje os sócios mais seletos do que qualquer clube de Londres.

Dare levou a carruagem a uma rua mais tranquila e colocou os cavalos para trotar.

– Quanto aos rumores sobre o assassinato de seu tio, suponho que poderiam ser verdadeiros. Tenho a impressão de que Lasseter é um homem bastante perigoso e ouvi algumas outras histórias sobre sua devassidão. Francamente, não gosto de pensar que ele é seu marido, garota.

Raven quase sorriu com a ironia. Um devasso como Wolverton, o Príncipe do Prazer, preocupado com a libertinagem de outro.

– Nick tampouco ficará contente ao saber disso – Dare fez uma careta. – Ele vai querer a minha cabeça por ter permitido que você fosse raptada e obrigada a se casar contra sua vontade.

Nicholas Sabine era o magnata naval e corsário americano que Raven nunca tinha podido reconhecer como sendo meio-irmão. Tinha sido seu tutor legal durante um tempo, antes de ser acusado de pirataria pela Marinha britânica e sentenciado à força. Depois de

fugir, Nick voltou para a Inglaterra, a fim de buscar a mulher com que havia se casado na véspera de sua fuga. Mas com os dois países ainda em guerra, não tinha podido ficar. Nick tinha levado sua linda esposa inglesa, Aurora, para sua casa na Virginia, e encarregado seus amigos Dare e Lucian de tomar conta de Raven.

Ambos assumiram suas responsabilidades com absoluta dedicação. Entretanto, não tinha havido maneira de antecipar ou evitar o que acontecera.

– Se eu soubesse o que esse canalha pretendia fazer... – Os belos traços de Dare endureceram, e Raven compreendeu que ele estava falando de Sean Lasseter. – O recrutamento forçado foi muito pouco para ele.

Raven estremeceu com a lembrança. Ela havia se limitado a contar a Dare sobre o incidente dos jardins Vauxhall no verão passado, quando Sean a abordara. Até então, tinha considerado o jovem Lasseter apenas um simples estorvo por não a deixar em paz com seu indesejado cortejo. Mas já tinha pagado um alto preço por seu comportamento naquela noite.

– Acho que ele já sofreu muito durante seu serviço na Marinha, Dare. Talvez tenha sido castigo suficiente.

– Ainda não é suficiente, não – Dare virou a cabeça, fixando um olhar surpreendentemente severo nela. – Você não estará pensando em desculpar o que o bastardo fez, não é?

– Não, é claro que não. Mas vejo pouca necessidade de ficar lamentando ou procurar vingança. Agora estou casada com o irmão dele e terei que seguir adiante com minha vida.

– Quero trocar algumas palavras com seu marido para me assegurar de que ele compreende as consequências de tratá-la mal.

– Não, Dare, por favor, não faça isso. Não acredito que ele vá me causar nenhum mal. E eu preferiria tratar desse assunto por conta própria.

Ele hesitou.

– Muito bem, querida. Mas ao primeiro sinal de problemas...

– Você será o primeiro a quem pedirei ajuda, prometo.

Ele se inclinou para depositar um casto beijo em seu rosto.

– Pois trate de fazer isso – advertiu Dare. – Já será muito complicado explicar a Nick como falhei com você. Se eu permitir que aconteça alguma outra coisa, ele não vai querer apenas a minha cabeça, mas também outras partes delicadas de minha anatomia que eu preferiria manter intactas.

Naquela noite ela sonhou com Kell. Não de maneira intencional, como fazia com seu pirata, mas tão intensa quanto. A sensual paixão invadia seu corpo, sua mente, seus sentidos, um amante moreno que a deixava ofegante... Raven despertou, esforçando-se para respirar, lutando contra a sensação de ficar confusa por causa dele.

Ela teria gostado de esquecer a existência de seu marido, mas havia as aparências a serem mantidas. No mínimo, precisaria fazer Kell se apresentar no baile que tinha sido preparado em honra deles. Mas não teve oportunidade de pedir que ele a acompanhasse até cinco dias depois da inesperada união, ao voltar de sua cavalgada matinal.

Ao ser informada de que Kell ainda se encontrava em seu quarto, Raven subiu e entrou nos aposentos de Kell através de seu quarto conjugado. E o encontrou saindo do banho.

Kell ficou paralisado com a entrada inesperada, enquanto Raven se deteve imediatamente, contemplando o encantador espetáculo do corpo nu masculino. O amante

de suas fantasias em carne e osso.

Sua esplêndida anatomia era o estofo de seus sonhos mais eróticos. O poderoso vigor de seus músculos, braços e ombros. As gotas de água que reluziam no pelo escuro do peito, descendo pelo abdômen liso e firme até a virilha...

Ela ficou sem fôlego quando concentrou sua atenção naquela carne masculina capaz de lhe proporcionar um prazer tão selvagem. A visão de sua masculinidade acelerou sua pulsação e ressecou sua garganta. Pior ainda, lhe fez recordar a noite de núpcias e o êxtase que tinham compartilhado.

Por um instante, ela viu a mesma lembrança clara resplandecer nos olhos pretos de Kell. Mas então ele agarrou uma toalha e a enrolou no quadril.

– Não lhe ocorreu bater antes de entrar?

O rosto de Raven ficou escarlate.

– Peço desculpas – balbuciou. – Eu não sabia... Pensei que...

Ele ainda não tinha feito a barba, e uma sombra escurecida contornava a mandíbula, acentuando o sulco de sua bochecha quando curvou lateralmente a boca em um sorriso.

– Deseja algo de mim, querida esposa?

– Isso... pode esperar – respondeu com a voz rouca.

Raven recuou e fechou a porta do quarto com rapidez, mas a visão da magnífica nudez de Kell ficou gravada em sua memória. Somente algumas horas mais tarde ela compreendeu que, com a estranheza daquele momento, tinha se esquecido do que tinha ido pedir a ele.

Ao ver que outros dois dias se passaram e ainda não tinha conseguido trocar umas palavras em particular com o marido, Raven decidiu que teria de abordá-lo.

Preparada para a batalha, como se costuma dizer, ela foi para o clube da St. James Street. Cobria o rosto com um véu e se ocultava sob o anonimato de uma carruagem fechada, além de levar O'Malley para sua proteção. Mas, mesmo assim, sentia-se estranhamente tensa enquanto subia os degraus da entrada principal da casa e levantava o trinco da porta.

Algumas damas consideravam uma diversão da moda vir a esses lugares de jogatina, mas ela nunca tinha feito isso, pois não desejava arriscar sua reputação estando como estava, tão próxima de alcançar seu objetivo de casar-se com um membro da nobreza.

Agora, tinha muito menos a perder. Então, por que se sentia como se estivesse cometendo um pecado mortal, com o coração batendo como se tivesse acabado de correr uma grande distância? Não lhe agradava pensar que era a antecipação de voltar a ver seu marido. O mais provável era que a pulsação estivesse acelerada pela lembrança da apaixonada noite que tinha vivido ali recentemente, na cama de Kell.

Um porteiro brutamontes abriu a porta. Sua corpulência recordava a de O'Malley, mas aquele homem podia ter sido em um boxeador em outros tempos, porque tinha o nariz torto e lhe faltava um dente.

Raven não teve nenhuma necessidade de falar com ele, porque imediatamente apareceu um solene mordomo.

– Em que posso servi-la, madame? – inquiriu o solícito empregado.

– Sou a senhora Lasseter. Gostaria de falar com meu marido.

Um brilho de surpresa e desaprovação atravessou o rosto do homem antes que ele obrigasse sua expressão a retornar à impassibilidade.

– Perguntarei se o senhor Lasseter pode recebê-la.

Negando-se a ser mal recebida, Raven deu um passo para dentro da casa:

- Prefiro não aguardar na porta.
- Muito bem, madame. Quer me acompanhar, então?

Ela o seguiu, não escada acima como esperava, mas para a parte inferior da grande casa de jogo. Pelo caminho, passou por vários salões elegantes, similares aos que deveria haver nos clubes de cavalheiros mais famosos da cidade, como o White's e o Boodle's, de acordo com as descrições que lhe tinham sido feitas: uma biblioteca com reluzentes estantes de mogno que alinhavam volumes encadernados em couro, uma grande sala de jantar com várias mesas guarnecidas com brilhantes cristais e porcelana, três salas menores, possivelmente para jogos de cartas fechados e, por fim, o que devia ser a sala pública de jogo, onde se perdiam e se ganhavam vastas fortunas.

Raven teria gostado de explorar o salão de jogos, mas sua curiosidade teria que esperar. Teve que sufocar sua surpresa quando de repente se encontrou na cozinha.

Apesar do ar frio do inverno, a cozinha estava quente pelo fogo dos fogões e fornos. Kell estava sentado a uma mesa de trabalho, vestindo uma calça e uma camisa solta de cambraia branca. As mangas da camisa estavam arregaçadas, exibindo seus musculosos antebraços, e a gola da camisa estava aberta, mostrando os suaves redemoinhos de pelos pretos em seu peito.

Raven se deteve bruscamente com a inconfundível sensação agradável que percorria sua coluna. Ela sempre se esquecia de quão surpreendentemente lindo era esse homem, apesar da dureza de seus traços e da cicatriz que atravessava a parte superior da maçã de seu rosto.

Então ele levantou os olhos e fixou-os nos dela. A impressão se converteu em uma fervura, com todo o impacto de um relâmpago. Raven teve dificuldades para recuperar o fôlego, algo muito parecido àquele dia, quando o tinha surpreendido saindo do banho.

- A senhora Lasseter, senhor – disse o mordomo.
- Obrigado, Timmons. Isso é tudo.

O empregado foi embora e os deixou sozinhos, porque Raven se deu conta de que não havia mais ninguém na cozinha.

Foi então que reparou na lâmina mortal que Kell tinha na mão e que estava limpando com um trapo. Um número de armas, tanto floretes quanto pistolas, estava espalhado na mesa.

– O que você está fazendo? – perguntou ela, surpresa. O coração subiu à garganta enquanto pensava na possibilidade mais provável.

– Prefiro cuidar de minhas próprias armas – respondeu Kell com o rosto inescrutável.

- Você não está se preparando para um duelo? Halford não o desafiou?

Ele arqueou as sobrancelhas diante do evidente pânico na voz da esposa.

- Ainda não. Você esperava que ele o fizesse?

Raven levou a mão ao coração, aliviada.

– Não estou muito certa disso... Quando conversamos na semana passada, de início ele ameaçou desafiar você...

- Ele fez isso?

– Sim – ela engoliu em seco, recordando. – Halford estava furioso. Acusou você de ser o responsável por meu rapto, embora eu tenha jurado que fui com você voluntariamente. – Ela sentiu outra pontada de culpa pelo que tinha causado a Kell. – Sinto muito, de verdade.

Entretanto, ele não parecia querer suas desculpas.

– Estou emocionado que você esteja tão preocupada com meu bem-estar – murmurou, mostrando um indício de brincadeira no tom de voz.

Ela fez uma careta.

– Para ser sincera, estava mais preocupada com Halford. Afinal, você tem reputação de ser perigoso.

Kell mostrou uma expressão gélida no rosto, e Raven lamentou imediatamente sua língua comprida.

– Eu não quis brincar com isso. Reconheço que Halford me assusta. Ele me disse que seu objetivo agora é arruinar você.

– Ele pode tentar.

As palavras foram ditas em um tom de voz indiferente, mas havia um frio metálico naquele som que representava maus presságios para seus adversários.

– Mas por que veio até aqui? – perguntou Kell, mudando de repente de assunto. – Você não deveria estar nesta casa. Não fará nenhum bem à sua reputação ser vista em um antro de jogo.

Ele não a tinha convidado para sentar, mas Raven sentou-se mesmo assim, ocupando um lugar no banco diante dele.

– Hoje em dia, a minha reputação não poderá ficar mais manchada do que já está. E não posso me afastar completamente de seu clube agora que sou sua mulher. Além disso, minha visita hoje é por uma boa causa. Preciso falar com você e o vejo muito pouco desde que nos casamos.

– Achei que tivéssemos combinado que você não se envolveria em minha vida, nem eu na sua.

– Também concordamos em manter as aparências por algum tempo. Supõe-se que nosso casamento foi por amor, lembra?

Ele inclinou a cabeça sobre sua tarefa, retirando uma mancha de sujeira daquela faca mortal.

– Ambos sabemos que isso é falso.

– O resto do mundo não sabe. E preciso de sua presença para manter a farsa. Meus amigos, lorde e lady Wycliff, estão organizando um baile em nossa homenagem para celebrar nosso casamento.

Kell nem sequer vacilou para responder.

– Terei que recusar a honra.

– Por quê?

– Porque não tenho o menor interesse em seus círculos sociais da elite.

– Lorde Wolverton diz que você se mantém afastado por escolha.

Kell levantou os olhos para ela, evidentemente surpreso.

– Conhece Wolverton? O maior libertino da Inglaterra?

– Ele é um amigo da família – reconheceu Raven sem envergonhar-se. – Dare me disse que esta é sua casa de jogos preferida.

– Sinto-me honrado – respondeu Kell secamente, embora sem o habitual toque sarcástico.

– Perguntei sobre você. Ele diz que você teria sido bem acolhido pela sociedade se tivesse se esforçado um pouco mais.

Kell desceu os cílios espessos que qualquer mulher invejaria, enquanto curvava a boca dura e maravilhosa. Mas não disse nada. No lugar disso, examinou a lâmina em busca de alguma imperfeição.

– Dare diz que você é um espadachim excepcional – prosseguiu Raven, depois que ele continuou em silêncio. – Foi assim que conseguiu essa cicatriz?

Kell lançou um olhar sombrio.

– Você tem muita curiosidade para ser somente uma esposa de conveniência.

– Suponho que sim – replicou ela sem desconcertar-se pela reprimenda. – Tia Catherine sempre diz que considera a curiosidade um de meus principais defeitos.

Com ar ausente, ele tocou a cicatriz, passando o dedo pelo corte desigual.

– Se quer saber, essa desfiguração é cortesia do anel de sinete de meu tio.

Raven se perguntou se esse tio seria aquele que Kell supostamente teria assassinado. A interrogação devia refletir-se em seus olhos porque Kell assentiu.

– Eu poderia ter matado esse tio sem nenhum problema. Por culpa dele minha mãe morreu cedo, depois que ele tirou os filhos dela. Não havia amor entre nós.

– E ele golpeou você no rosto? – A indignação era evidente em seu tom.

– Entre outros lugares. Não é nenhum segredo que brigávamos com frequência.

Raven o estudou, surpresa com sua sinceridade. Teria ele contado essa história simplesmente para adiar suas respostas? Ou para ganhar sua simpatia? Talvez utilizasse essa cicatriz em seu benefício, para ocultar assim os segredos que continuavam encerrados dentro dele, segredos que ela estava morrendo de curiosidade de conhecer. A jovem esquadrinhou o rosto de Kell. Seus olhos eram como rocha polida, duas pedras escuras e reflexivas, e completamente indecifráveis.

Quantos outros segredos aqueles olhos enigmáticos escondiam?

– Então é por isso que você despreza tanto a elite? – perguntou Raven finalmente. – Por causa de sua mãe?

Algo flamejante e perigoso fulgurou naquelas profundezas sombrias. E um longo momento transcorreu antes que ele respondesse.

– Sim, principalmente isso. Pelo fato de ser irlandesa, minha mãe nunca foi boa o bastante para os parentes de meu pai, nem para a maioria da alta sociedade inglesa. Não desejo ter nenhuma relação com gente dessa laia.

– Então temos algo em comum – murmurou Raven com absoluta seriedade. – Não sinto mais admiração que você pela maioria dos membros desta elite. Em geral, eles são cruéis, desalmados e incrivelmente superficiais. Não tenha dúvida de que não tenho desejo algum de enfrentar seu desprezo e sua condescendência. Se dependesse só de mim, mandaria todos eles para o inferno.

Ele arqueou as sobrancelhas.

– A queridinha de Londres declarando que desdenha a alta sociedade? Por que será que não acredito em você?

– Pois é verdade – insistiu Raven. – Não é necessário admirar a um determinado grupo para desejar fazer parte dele.

– Por que então você estava tão ansiosa por se casar com um de seus representantes?

Ela hesitou, perguntando-se o quanto poderia revelar.

– Em grande parte, porque prometi à minha mãe. Em sua juventude, ela... teve um enfrentamento com seu pai e foi enviada às Antilhas para viver lá para sempre. Mas nunca deixou de lamentar ter perdido seu lugar na sociedade e me negar assim a oportunidade de ter esse tipo de vida. Seu sonho era que eu me casasse com um homem que tivesse um título de nobreza e fosse aceita por seu antigo mundo. Na realidade, isso se tornou uma obsessão para ela. Em seu leito de morte, minha mãe me fez prometer... – Raven sentiu

aquela dor familiar fechando sua garganta. – Minha promessa foi o que lhe permitiu morrer em paz – acrescentou, com a voz alterada pela emoção.

O rosto de Kell adquiriu aquela expressão familiar e enigmática.

– Compreendo promessas como a sua – murmurou. – Eu prometi a minha mãe que cuidaria de Sean.

De repente, Raven se ruborizou ao compreender o quanto tinha revelado sobre si mesma.

– Por favor – disse ela, retomando o assunto –, você não poderia considerar abrir uma exceção só neste caso? Em algum momento eu terei que enfrentar os lobos, se pretendo ter alguma esperança de salvação. E Brynn, lady Wycliff, acredita que um baile é o melhor meio para isso. Mas não terei sucesso a menos que tenha você a meu lado.

– A seu lado em um baile? Só isso já é razão suficiente para evitá-lo. Minha perna ainda está ferida... Dolorida demais para me apoiar nela, e muito menos para dançar.

– E por acaso você sabe dançar? Afinal, essa é uma habilidade apenas de cavalheiros.

Raven disse isso com o intuito de provocá-lo e, pelo brilho de irritação nos olhos de Kell, concluiu que tinha conseguido.

Um longo momento se passou enquanto ele a observava.

Raven prendeu a respiração, aguardando uma explosão de ira, mas isso não aconteceu. Em vez disso, um brilho de relutante diversão apareceu nos olhos dele, e o calor suavizou sua intensidade.

– Você está pisando em um campo minado com sua imprudência, minha cara. Ao menos não tem medo de que seu “perigoso” marido tente estrangulá-la?

Raven sorriu.

– Só desta vez, e nunca mais voltarei a pedir a sua presença. Quando o escândalo se extinguir, poderemos deixar de lado qualquer simulação de amor.

Kell fez uma careta.

– Muito bem, então, irei ao seu maldito baile. Mas, depois disso, terá que se virar sozinha. Agora suma daqui e trate de salvar o pouco que sobrou de sua reputação. E, por todos os infernos, me deixe em paz.

No entanto, quando ela partiu, Kell ficou sentado, sem voltar para a tarefa de limpar as armas. Ele não tinha a menor vontade de ir àquele maldito baile de Raven, mas ainda sentia uma involuntária solidariedade com relação a ela. Compreendia o tipo de promessa que ela tinha feito à sua mãe. Já que ele também havia feito uma promessa para a própria mãe...

Com ar ausente, Kell levantou a mão e percorreu a cicatriz pela qual Raven se interessou. Ainda podia sentir a raiva quando descobriu o comportamento de seu tio com respeito ao seu irmão mais novo, ainda podia sentir arder o corte ao ser ferido naquele dia.

– Seu bastardo infame! Matarei você caso se atreva a tocá-lo de novo!

Tinha atacado seu tio cegamente, dando socos e recebendo outros em troca. Por fim, venceu a violenta luta, mas o anel de sinete de William o acertou com brutalidade, rasgando a maçã de seu rosto.

Naquela noite, fugiu com Sean e fizeram todo o caminho até Dublin às escondidas, esperando desaparecer. Aqueles foram dias desesperados, vagando pelas ruas sem comida para sobreviver. Sem uma chance de procurar atenção médica para seu rosto, sua ferida tinha se fechado sozinha, cicatrizando de maneira desigual e deixando seu rosto desfigurado para sempre. Ainda assim, sua ferida não era nada comparada com as que

William tinha infligido em seu irmão. A vergonha de Sean era uma ferida crua que se inflamava nas sombrias profundezas de sua alma.

E seis meses mais tarde, William os tinha localizado...

Esforçando-se por afastar os pensamentos daquela triste lembrança, Kell pegou o florete que tinha limpado. Seu tio William era um experiente espadachim e ganhava todas as competições de esgrima. Mas acabou sendo atravessado mortalmente por sua própria espada.

Kell apertou a mandíbula e pensou que tinha sido uma justa mudança dos acontecimentos. Embora não tivesse sido o responsável.



A noite do baile chegou com surpreendente rapidez. Depois de vestir-se, Raven dispensou a criada e ficou olhando sua imagem refletida no espelho de corpo inteiro. Via uma jovem aristocrata usando um elegante vestido cor pêssego e dourado, com os cabelos pretos presos no alto da cabeça e envoltos por um laço dourado.

Era uma visão reconfortante, pensou tranquilizada. Estava prestes a entrar em combate e precisava se armar de todas as vantagens com as quais pudesse contar. Consultou o relógio que havia sobre o aparador da lareira.

Em breve começariam as hostilidades.

Raven ergueu desafiante o queixo e voltou a andar pelo quarto, enquanto aguardava seu marido. Sabia que Kell tinha voltado para casa para se vestir, porque o tinha ouvido no quarto ao lado conversando com seu criado particular.

Em poucos minutos, bateram à porta. Quando a abriu, viu um atraente desconhecido parado à sua frente. Raven ficou olhando para Kell sem fôlego.

– Bem, mereço sua aprovação?

Ele estava diabolicamente bonito em uma jaqueta azul muito elegante, um imaculado lenço branco no pescoço, colete prateado com brocados, calças de cetim branco até o joelho e sapatos negros com fivelas prata chapeadas.

– Sim... – balbuciou ela. – Sim, sem dúvida.

Ele, por sua vez, observou-a brevemente e deu uma simples piscada de admiração diante da aparência dela, antes de oferecer seu braço.

– Vamos, esposa?

Acompanhou-a pela escada e, quando chegaram ao andar de baixo, pegaram as capas, luvas e a cartola de Kell antes de enfrentar a fria noite de inverno e instalar-se na carruagem.

Foram os primeiros a chegar à mansão dos Wycliff. Enquanto desciam a rua silenciosa, Raven sentiu seu desassossego aumentar. Teria cometido um grave engano pensando que alguém viria a seu baile?

A casa estava de fato magnífica e adornada com rosas de inverno e flores de estufa, enquanto nos candelabros de cristal cintilava a chama das velas.

Seus anfitriões os aguardavam no salão, e tanto Lucian quanto Brynn se adiantaram e foram a seu encontro. Raven sentiu certa satisfação com a apreciação feminina de Brynn quando ela avistou Kell. Sua vibrante masculinidade atraía a atenção de qualquer mulher, inclusive de uma tão linda como Brynn, alguém que estava loucamente apaixonada pelo próprio marido, também muito atraente.

Sua amiga se recuperou quase imediatamente, oferecendo a mão a Kell com um caloroso sorriso de boas-vindas.

Seu marido foi mais reservado em sua acolhida, mas sincero. Alto, esbelto, de cabelos pretos, Lucian tinha sido em outros tempos um dos principais farristas de Londres. Ele apertou a mão de Kell, examinando-o com seus penetrantes olhos azuis.

– Raven nos falou de sua generosidade ao ajudá-la em seu resgate, senhor Lasseter, e queria expressar meus agradecimentos. Temos uma enorme dívida de gratidão com o

senhor.

- Não me devem nada, milorde – respondeu Kell, curvando-se ligeiramente.
- Pelo contrário. Raven é muito especial para nós, como se fosse uma irmã. –

Lucian dirigiu a ela um sorriso que podia derreter as pedras. – E lhe asseguro que me proponho encontrar algum meio de compensá-lo.

Ao ver que a mandíbula de Kell se enrijecia, Raven acreditou que seria oportuno intervir naquela conversa, mas se viu liberada ao ouvir anunciarem a chegada de seu avô e de sua tia-avó.

Lorde Luttrell a abraçou calorosamente e logo se instalou em um sofá, com uma taça de xerez. Lady Dalrymple saudou Raven com fria cordialidade e não dirigiu uma palavra a seu marido, deixando perfeitamente claro que só estava ali por obrigação.

Depois de alguns momentos de tensão, as pessoas ali reunidas ignoraram a atmosfera glacial enquanto seus anfitriões conduziam a conversa para temas menos polêmicos.

Brynn tinha planejado um jantar tranquilo antes do baile, apenas com a presença da família, e a refeição transcorreu com inesperada cordialidade. Raven ficou surpresa ao ver que Kell não só participava das conversas, mas também o fazia com extrema facilidade. Sabia que ele estava se esforçando por ela, embora não lhe dirigisse o olhar.

Depois foram todos ao salão de baile, para aguardar a chegada dos convidados. A luz de uma miríade de castiçais projetava um brilho trêmulo sobre o enorme salão e compensava o ar frio da noite de inverno. Mas nenhuma quantidade de velas poderia aquecer o crescente frio glacial que se instalava no estômago de Raven.

E a tensão só aumentou ainda mais quando formaram uma fileira de boas-vindas. Suas covardes vozes interiores a incitavam a fugir, enquanto seus próprios instintos rebeldes clamavam que ela desistisse da ideia tola de procurar redimir sua reputação arruinada.

Raven olhou para Kell, que estava a seu lado com ar triste e, por alguma inexplicável razão, vê-lo ali lhe deu ânimo. Se ele podia suportar o que devia parecer uma tortura, ela também poderia.

O marquês de Wolverton foi o primeiro a chegar. Evitando totalmente qualquer etiqueta, Dare beijou Brynn e Raven no rosto, saudou com amabilidade Lucian, Kell e lorde Luttrell e se inclinou profundamente diante da mão de lady Dalrymple, pressionando os lábios em seus dedos com uma persistente sensualidade que fez a velha dama ruborizar.

Por fim, ela retirou a mão, murmurando algo entre dentes sobre esses jovens crápulas e libertinos e parecendo estar a ponto de golpeá-lo com seu leque.

Sem se alterar, Dare olhou em volta, para o salão de baile vazio, detendo seu olhar na orquestra que se preparava para tocar.

– Como? Não há ninguém mais aqui? Eu sempre estou acostumado a chegar deploravelmente tarde a estes aborrecidos festejos.

– Como pode ver, você até agora é o único convidado a chegar – reconheceu Raven sombriamente.

Dare piscou para ela.

– Então estou com sorte. Sem a competição de todos os bonitões, poderei solicitar todas as danças.

– Como parece que não virá ninguém, é isso mesmo que terá de fazer.

– Ah, não, querida, eles virão, nem que seja apenas para bisbilhotar. Não existe nenhum homem na alta sociedade que não esteja ansioso para conhecer o escandaloso

pirata que roubou a queridinha da elite debaixo do nariz de um duque.

Sua profecia se provou astutamente perspicaz. Pouco depois da última badalada das nove, começaram a chegar os convidados, primeiro pouco a pouco, logo em multidão.

Raven compreendeu com algo mais que alívio que seu baile seria provavelmente uma verdadeira aglomeração. Mas talvez devesse esperar tal reação dos volúveis membros da alta sociedade. Poucas pessoas declinariam de maneira voluntária um convite do conde e da condessa de Wycliff, e seu proeminente apoio a Raven conseguiria acalmar bastante o escândalo.

Suspeitava que Dare também tinha razão. Até mesmo os mais altivos e refinados membros da sociedade teriam curiosidade em conhecer o homem que tinha roubado a noiva do duque de Halford. A alta sociedade tinha uma afeição desmedida pelo escândalo e uma mórbida fascinação – e inclusive alguma admiração – por rebeldes como Kell que, de maneira descarada, quebravam suas normas rígidas e absurdas.

Enquanto saudava um convidado na fila de boas-vindas e logo o apresentava a seu marido, Raven observou Kell, que estava a seu lado. Ele estava misteriosa e sombriamente lindo e, com os olhos pretos profundos, parecia-se muitíssimo com um pirata. Comparada com sua crua virilidade, a maioria dos cavalheiros presentes parecia débil e afetada.

De modo bastante surpreendente, Kell parecia perfeitamente confortável entre aquela companhia da elite. Sua habitual intensidade estava suavizada, sem sinais do antagonismo nem do mordaz sarcasmo que às vezes dedicava a ela.

Raven pensou que, sem dúvida, Kell estava decidido a esforçar-se para ser agradável. Observou encantada como ele cativava uma anciã viúva de maneira tão eficaz que nem mesmo Dare tinha feito. Aquele era um aspecto de Kell que ela não tinha visto até então, e que a fez se perguntar ansiosa se ele voltaria a seu velho comportamento depois daquela noite.

Ainda assim, por mais efêmero que fosse seu apoio naquela noite, ela sentia-se bastante grata. E a quantidade de gente que chegava a enchia de esperanças de que pudesse voltar a ter pelo menos um mínimo reconhecimento na sociedade, quando não uma verdadeira aceitação.

A maioria dos convidados se mostrava tão friamente distante quanto sua tia-avó, mas Raven pôde detectar apenas um pouco de verdadeiro desprezo enquanto seguia cumprimentando a interminável fila de convidados. Os insultos vinham principalmente de observações relativas a Kell ser dono de um clube de jogo ou pelo fato de ser meio irlandês.

Quando isso acontecia, Raven devolvia um olhar frio ou arqueava uma sobrancelha de consternação afetada, com a resposta pronta:

– Sim, lady Poindexter, meu marido possui o principal clube de Londres. Imagino que lorde Poindexter deve ter se divertido ali tanto quando lorde Wycliff ou o marquês de Wolverton.

Ou...

– Quer dizer que o senhor não joga, senhor Smythe-Jones? Estava certa de que todo cavalheiro digno desse nome o fazia. Tive a impressão de ter ouvido algo a respeito de sua aposta na semana passada com *sir* Randall Dewhurst a respeito de quando chegaria a primeira gota de chuva ao batente da janela de White...

Kell, que estava ao lado dela, observava-a com uma estranha mistura de contrariedade e admiração. Doía que Raven tivesse que defendê-lo, e ainda mais que ele se importasse em ter que ser defendido. Estava acostumado a ser desprezado por aqueles ilustres membros da sociedade londrina, e fazia muito tempo que tinha aprendido a reprimir

a raiva que se alojava em seu estômago diante de tanta presunção de superioridade.

Entretanto, sua ira habitual estava de certo modo menos feroz naquela noite, e seus sentimentos de inferioridade estavam atenuados. Em especial enquanto observava sua nova esposa respondendo com delicadeza e ironia a seus detratores enquanto avançavam em fila, com um sorriso nos perfeitos lábios. Não estava surpreso ao ver que Raven tinha garras, mas que estivesse disposta a utilizá-las em seu favor, principalmente quando sua própria situação era tão delicada.

Kell reconheceu que Raven vinha agindo com coragem. Ninguém diria que estava sob uma acusação da alta sociedade que seria equivalente a um assassinato, com seu pescoço encantador exposto à lâmina da guilhotina.

Era evidente que não lhe agradava ter essa ameaça sobre a cabeça. Ele teve que conter um sorriso quando ouviu um comentário indelicado que Raven murmurou sobre uma dama entre seus cumprimentos aos convidados.

– Maldita seja essa mulher por ser tão intrometida! – disse entre dentes. – Que descaramento!

E teve que fazer força para não rir quando Raven se queixou com a mesma voz baixa e desgostosa.

– Sinto-me como um pavão dissecado em um museu, me exibindo para os espectadores babões.

Porém, quando ela se aproximou mais dele em reação a um sarcástico comentário sobre suas raízes irlandesas, seu gesto inconsciente pareceu mais protetor que defensivo. Kell se viu observando-a furtivamente, examinando as delicadas linhas aristocráticas de seu belo perfil. Raven ainda era um enigma para ele, um enigma fascinante. Seus olhos eram suaves e vulneráveis por um momento, e no instante seguinte cintilavam desafiadores...

Deslizou o olhar para baixo, pelas esbeltas e elegantes curvas de sua figura, reveladas por seu vestido de cintura império, demorando-se em seu colo macio. Ao recordar o sabor daqueles seios firmes e doces, sentiu a virilha latejar.

Kell proferiu um silencioso impropério por causa da resposta de seu corpo, desejando não estar tão perto dela. E, no entanto, os esforços de Raven para protegê-lo despertavam nele uma ternura involuntária, junto com a necessidade de protegê-la de volta. Ele estava decidido a interpretar seu papel de marido amoroso até o final.

Quando a fila de convidados a serem recepcionados se dissolveu, Kell a levou à pista de baile para a primeira dança, um minueto.

Raven lançou um olhar inquisidor.

– Você não precisa dançar se sua perna estiver doendo.

– Ah, mas eu o farei! – retrucou Kell, com um lento sorriso de volta. – As pessoas esperam que eu dance com minha incrivelmente encantadora esposa.

Era a primeira vez que ele sorria daquela maneira arrebatadora, sem desdém nem brincadeira, e o efeito foi deslumbrante. O olhar de Raven se fixou em sua boca perigosamente sensual. Sabia que Kell a estava adulando para entreter os observadores, mas mesmo assim ela sentiu um tremor de sensualidade por todo o corpo, até os sapatos de cetim. E aqueles olhos negros...

Ela desviou o olhar, negando-se a ser seduzida pelo calor que via neles. Fingindo ou não, aquilo a fazia sentir-se tremendamente indefesa. Kell Lasseter era um homem que fazia seu sangue ferver, mas seu coração estremecia alarmado. Faria bem manter distância dele.

Respirou mais aliviada quando foi chamada por outro convidado do baile e pôde

deixar Kell sozinho. A partir daquele momento, foi constantemente solicitada. Durante o resto da noite, houve raras ocasiões para ter alguma intimidade com Kell, ou mesmo trocar algumas palavras.

Eram três da manhã quando o último convidado se foi. Brynn disse que a noite tinha sido um triunfo considerável e predisse que Raven encontraria múltiplos convites em sua bandeja na manhã seguinte.

Cansada mas contente, Raven abraçou seus amigos e permitiu que Kell a conduzisse para a carruagem que os aguardava. Depois do calor do salão de baile, o ar frio da noite foi maravilhoso.

Raven pôde sentir como sua tensão começava a ser aliviada quando se recostou contra os almofadões da cabine. Embora seu futuro estivesse muito longe de estar resolvido, naquele momento não tinha energia para preocupar-se com suas perspectivas. Estava enormemente grata a Kell.

Contemplou o perigoso homem que se sentava ao seu lado, olhando silencioso e pensativo para fora da carruagem, com os olhos nas ruas escuras.

– Obrigada por ter me acompanhado – murmurou. – Foi muito melhor do que eu esperava.

– Sim – retrucou ele com um leve cinismo na voz. – Eu mesmo estou surpreso como me adularam. A maioria desses pedantes dissimulados considera um irlandês menos que lixo, e um jogador não muito melhor do que isso.

Um bastardo seria ainda menos, pensou Raven involuntariamente.

– Minha mãe nunca foi aceita por esse bando – murmurou Kell. – Malditos sejam!

Ela percebeu a indignação em sua voz e de repente se perguntou o que ele diria se explicasse sua própria origem. Compreenderia a triste solidão de ser marginalizado? De não pertencer a nada e a ninguém nem ser alguma vez considerado bom o suficiente? Mas a longa prática de ocultar seu segredo a manteve em silêncio.

– Lamento pelo que sua mãe teve que suportar – disse ela.

Ele deu de ombros.

– Já não deixo tais coisas me incomodarem.

Mas ela estava certa de que isso o tinha feito ser o homem que era. Embora duvidasse de que ele estivesse disposto a discutir o assunto. Depois de um momento, Raven virou a cabeça e olhou para longe, sentindo que o cansaço a dominava.

Kell, no entanto, só sentia crescer sua tensão enquanto debatia o que fazer pelo resto da noite. Quando a carruagem chegou à sua residência, ajudou Raven a descer e logo a acompanhou pela escada principal. Um candeeiro tinha sido aceso para dar as boas-vindas a eles, e a porta não estava trancada.

Kell a abriu e logo se colocou de lado para permitir que Raven entrasse. Mas ele estava relutante em seguir em frente.

– Onde estão os empregados? – perguntou ele, parado na porta.

– Eu disse a eles que não esperassem acordados, porque voltaríamos tarde.

Outra característica pouco comum, pensou Kell. Poucas damas da sociedade conhecidas por ele teriam tanta consideração com os empregados.

Ela começou a tirar a capa, mas logo se virou para olhá-lo.

– Não pretende entrar?

Kell permaneceu quieto onde estava, consciente da prudência de saber despedir-se a tempo. Tinha observado Raven durante toda a noite enquanto ela dançava e encantava os presentes, uma enorme multidão de juizes. Havia rido, demonstrando sua inteligência e

beleza, e comprovando que podia atrair a metade da população masculina quando quisesse, como tinha feito durante o verão. Não era de admirar que seu irmão a tivesse acusado de sedução.

Ele mesmo havia sentido uma irracional faísca de ciúmes quando a viu esbanjar seu charme para os cavalheiros presentes, embora fosse de esperar que ela atuasse dessa maneira.

Raven era uma tentação, cheia de vida e sensualidade. E agora era sua esposa.

Ele tinha todos os direitos legais de ficar com ela.

Esse pensamento espalhou um calor por todo o seu corpo. Ele poderia passar a noite desfrutando do quente e delicioso corpo de sua esposa, e ninguém o reprovaria... Exceto a própria Raven.

– Para quê? – perguntou ele, sondando-a. – Você disse que não desejava nem necessitava de um amante.

– Não... eu... não o estou convidando a partilhar minha cama, estou apenas falando de sua casa. Eu não gostaria de pensar que o estou afastando de seu próprio lar.

Kell sustentou o olhar de Raven, incapaz de desviá-lo.

– É melhor que eu vá agora. Talvez o jogo no clube ainda não tenha terminado.

– Talvez – murmurou ela em voz baixa.

E ela se aproximou dele, como se estivesse atraída por aquele homem.

Kell sentiu todos os músculos de seu corpo tensos com sua inquietante proximidade; seu instinto de perigo lutava contra a poderosa necessidade de tomá-la em seus braços. Ele sabia que não devia tocá-la e, entretanto, o impulso era irresistível. Ele a agarrou suavemente pelos ombros e a puxou para si.

Um relâmpago de desejo o invadiu. E pela expressão dos olhos dela, compreendeu que Raven tinha sido tomada pelo mesmo impulso.

Kell intensificou sua pressão e sentiu uma imediata e latente ereção.

Ele grunhiu em silêncio, lutando contra a vontade primitiva que ia se apoderando dele. Tinha que ir com cuidado. Aquele apetite era perigoso, letal. Aquela mulher podia magoá-lo gravemente se não fosse muito cuidadoso.

Entretanto, sentia-se incapaz de se mexer. Olhou os olhos azuis e cristalinos da esposa, vendo como a cor deles, lá no fundo, se transformava e brilhava como pedras preciosas. Sentiu como se estivesse se afogando em seu olhar, em sua atraente combinação de fogo e fragilidade, em sua vitalidade.

Desejava beijá-la com urgência. Prender aquela boca com a sua. Desejava afundar sua ereção na acolhedora cavidade que tinha sido especialmente feita para recebê-lo.

Kell respirou fundo, agitado pela intensidade de seu desejo.

Raven parecia igualmente encantada. Ela tocou a cicatriz, e ele sentiu algo se agitar em seu interior... ternura, luxúria, necessidade. Uma desesperada necessidade.

Kell inclinou a cabeça...

– Então, o que temos aqui, meu caro irmão? – uma voz arrastada e maliciosa soou atrás dele.

Kell deu um sobressalto enquanto Raven ficou petrificada. Kell virou a cabeça e viu Sean na escada principal.

Amaldiçoou a inoportuna interrupção, uma maldição seguida rapidamente por uma onda de autocensura. Tinha sido flagrado abraçando Raven e decidiu se afastar. Ficou irritado ao perceber que sua resistência desmoronava logo ao primeiro teste.

Ele a teria afastado, mas Raven recuou, procurando o refúgio do saguão de entrada,

um gesto puramente defensivo enquanto contemplava Sean com cautela, até mesmo em alerta.

– Que desconsideração de sua parte, Kell – zombou Sean enquanto parava no patamar superior. – Esquecer-se de convidar seu irmão para seu baile nupcial.

Reprimindo uma resposta, Kell ficou olhando Sean por cima do ombro. Seu irmão o tinha evitado durante toda a semana anterior, provavelmente porque não desejava ver-se forçado a sair de Londres. Neste momento, estava bêbado e claramente furioso.

– O baile – observou Kell com pouca paciência – foi somente um jeito de refrear o escândalo que você causou. Um meio de demonstrar nossa união e reforçar nossa simulação de que foi um casamento por amor.

– Quer dizer que você classifica de simulação a comovedora cena que acabo de presenciar? Reconheça, irmão, você está apaixonado por ela.

– Estou apenas acompanhando minha esposa para casa – retrucou Kell secamente. – Uma circunstância que nunca teria existido se não fosse por sua causa.

Sean deu um passo atrás, como se tivesse sido esbofeteado.

– Mas, na verdade – acrescentou Kell –, eu estava indo para o clube. Por que não me acompanha?

De repente Raven sentiu um calafrio quando Kell se afastou mais dela, de modo deliberado, enclausurando suas emoções. Com a expressão fechada e distante de sempre, ele voltou-se para seu irmão.

– Vamos.

Sem dar oportunidade a um protesto, ele apressou Sean escada abaixo.

Raven os viu partir com o pesar percorrendo o seu corpo, junto a uma onda de alívio. Sempre tivera medo do momento de rever Sean, porque por mais que não quisesse admitir, temia ter de enfrentá-lo. Ela estava contente e aliviada porque ele tinha ido embora.

E também estava profundamente satisfeita que ele tivesse aparecido. Se não fosse por aquela interrupção, Raven teria sucumbido ao desejo. Por um momento, quando Kell a tinha estreitado entre seus braços, quase tinha se esquecido de que seu casamento era uma farsa. Sua vontade naquela hora era que ele a beijasse, que a tocasse. Por Deus, que ele a possuísse!

Idiota, murmurou ferozmente para si mesma.

Raven estremeceu sob o frio da noite, compreendendo que tinha estado muito perto de sucumbir ao perigo. Murmurando um xingamento, fechou a porta com firmeza e subiu as escadas a fim de ir para a cama, sozinha.



Como havia previsto Brynn, a amiga de Raven, a alta sociedade deu mostras de ter abrandado o severo julgamento com relação ao escândalo. No correio da tarde, chegou quase uma dúzia de convites para a senhora Lasseter e seu marido.

Ao ver o tamanho da pilha de convites, Raven curvou a boca em um sorriso cínico, embora também com um toque de amargura. Quão volúvel era essa alta sociedade, seguindo os caprichos de seus líderes como se fossem um rebanho. E como ela mesma tinha sido tão cega...

Como havia se enganado tão tolamente durante todo aquele tempo, ansiosa para ser aceita por seus imperiosos companheiros, convencida de que pertencer àquela elite seria o mundo para ela. Mas aquela aceitação tão superficial era uma farsa igual ao seu casamento. Um castelo de cartas que seria derrubado com um suspiro.

Mas seu caminho já estava traçado. Ainda estava decidida a voltar a receber os favores daquela gente. E não tinha nenhuma intenção de voltar atrás.

Raven estava examinando os diversos convites no salão quando ouviu a voz de Sean Lasseter na porta.

– Que encantador! A pérfida esposa brincando de dona de casa.

Raven, alarmada, ficou bruscamente de pé, esparramando os convites pela sala.

– Peço desculpas, milady – exclamou o mordomo de Lasseter vindo atrás de Sean –, mas o senhor Lasseter insistiu em vê-la.

– Mas é claro que sim, vim visitar a minha nova irmã – disse Sean, entrando tranquilamente no cômodo.

Sem pensar, Raven imediatamente levou a mão à garganta onde podia sentir os batimentos de seu coração.

– O que está fazendo aqui?

– Vim visitar você, como já disse. É claro que tenho uma chave da casa de meu irmão. E você não tem autoridade para me negar a entrada.

Talvez ela não tivesse nenhum direito de ordenar que partisse, mas tampouco se sentia segura de ficar a sós com o homem que a tinha tratado com tanta violência.

– Knowles – conseguiu dizer ao mordomo –, quer dizer a O'Malley que venha até aqui, por favor?

– Vai se esconder de novo atrás de seu criado? – perguntou Sean assim que o mordomo saiu.

– O que deseja, senhor Lasseter? – inquiriu Raven, envergonhada pelo tremor em sua voz.

A dor e a humilhação que ele tinha causado durante o rapto ainda representavam uma lembrança cruel. Raven tinha todos os motivos para sentir medo desse homem.

– Mas eu já disse, vim lhe fazer uma visita de cortesia. Achei que seria uma forma educada de lhe dar as boas-vindas à família.

Ela o observou com ceticismo enquanto Sean se instalava em uma cadeira, cruzando despreocupadamente as pernas. Ele estava impecavelmente vestido, com uma jaqueta verde que ressaltava a profunda tonalidade de seus olhos. Poderia tê-lo considerado um homem

extraordinariamente bonito se não fosse pela selvagem expressão de aversão que ele lhe dirigia.

– Pois duvido que me considere bem-vinda – replicou ela. – E que seja capaz de atos de cortesia e educação.

– Então, chame essa visita de uma curiosidade minha. Conte-me, que tipo de truques espertos você usou para enganar Kell e convencê-lo a se casar com você?

Raven reuniu seu autocontrole e procurou responder com tranquilidade.

– Eu não o *enganei*. Ele compreendeu a minha grave situação e respondeu como um cavalheiro faria, me propondo casamento.

Sean curvou a boca em um sorriso.

– Kell dificilmente pode ser considerado um cavalheiro.

– Pelo menos ele não me raptou, nem me drogou, nem arruinou minha vida diante dos olhos da sociedade.

– Mas você não sabe nada sobre os pecados que ele cometeu. – O olhar de Sean tinha um quê de astúcia. – Ele é suspeito de assassinato, sabia disso?

Raven levantou o queixo, desafiadora, e disposta a não acreditar em nada do que Sean dissesse.

– Eu me nego a escutar esses boatos desagradáveis.

– Tem certeza de que são boatos?

Ela o encarou.

– E você está dizendo que não são? Kell me disse... Ele me levou a acreditar que não matou seu tio.

– E o que esperava que ele fizesse? Não ia admitir que é um assassino, concorda? – Sean emitiu um som de zombaria. – Meu irmão não é esse modelo de virtude que imagina. Você deveria tomar cuidado...

Raven balançou a cabeça, negando, suspeitando dos motivos de Sean. Era evidente que ele estava tentando criar problemas entre ela e seu irmão.

Certamente não havia nada verdadeiro por trás de sua insinuação.

Mas fossem quais fossem suas intenções, só desejava livrar-se dele.

Respirou fundo.

– O que é preciso para convencê-lo a me deixar em paz, senhor Lasseter? Dinheiro? Se for assim, posso dar-lhe algum. Tenho uma modesta fortuna. Você pode ficar com ela se deixar de me perseguir.

– Você não pode me subornar – replicou ele com desdém. – Nenhum dinheiro do mundo poderia compensar o inferno que você me fez passar.

– Lamento a dor que sofreu. Mas você já teve sua vingança. Eu diria que estamos quites.

– Nunca ficaremos quites. Nunca – a voz dele se transformou em um frio sussurro.

– Não até que pague com sangue.

Dizendo isso, Sean se levantou da cadeira e avançou para ela em uma atitude ameaçadora. Se queria assustá-la, estava conseguindo. Raven deu um passo defensivo para trás, procurando o cordão do sino atrás de si, perguntando-se se chegaria a tempo de chamar um criado. Se não conseguisse, poderia gritar por ajuda...

Quando ele chegou mais perto e a agarrou pelo pulso, Raven fez uma careta de dor. Os machucados que ele havia infligido nela na noite do rapto tinham desaparecido fazia muito pouco tempo.

Exatamente naquele momento apareceu O'Malley. Raven ofegou, aliviada,

enquanto ele agarrava Sean pelo pescoço e o afastava dela com um puxão.

Ao ver que Sean estava disposto a lutar, O'Malley jogou para trás seu poderoso punho e o manteve em posição de ataque, ameaçador.

– Está claro que não aprendeu a lição que lhe dei na última vez.

– Tire suas mãos de cima de mim, seu maldito vira-lata! – exclamou Sean com o rosto vermelho de raiva.

Quando o criado o soltou, o jovem cambaleou para trás, passando o dedo pelo colarinho da camisa como se estivesse muito apertada.

– Você vai se arrepender de ter feito isso, O'Malley.

– Não tanto quanto você caso se atreva a tocá-la de novo. Prometo torcer seu pescoço. Não verá o próximo amanhecer!

De novo com a testa franzida, Sean avançou um passo. Mas logo se deteve, como se considerasse se era prudente enfrentar um homem muito mais musculoso do que ele.

Com os punhos apertados, ele baixou sua voz a um sussurro selvagem.

– Se eu fosse você, tomaria cuidado com as pessoas ao seu redor.

Ainda irritado, Sean passou junto ao criado e saiu da casa com passos irados.

Raven se deixou cair na cadeira mais próxima, tremendo.

– A senhora está bem? – perguntou O'Malley preocupado.

– Sim... Acredito que sim.

– Lamento muito ter deixado esse desgraçado escapar da última vez. Deveria tê-lo matado na hora.

Ela deu um lento suspiro.

– Isso teria sido extremo demais, e o custo, muito elevado. Você teria ido parar na prisão, ou pior.

– Mas, se eu tivesse acabado com esse canalha, ele não estaria aqui para irritá-la. E a senhora não teria sido obrigada a casar-se com o irmão dele.

Raven apertou os lábios, negando-se a se deixar levar pela autocompaixão.

– Bem, já está feito agora e terei que encontrar algum modo de conviver com isso.

– Eu não gosto da ideia de que ele esteja livre e possa vir atacá-la a qualquer momento.

– E eu também não gosto da maneira como ameaçou você – respondeu Raven, recordando a advertência de Sean a O'Malley sobre tomar cuidado.

– Posso cuidar de mim mesmo, senhorita Raven. Mas é a senhora quem deveria andar com cuidado. Teria que ter à mão uma faca ou uma pistola para se proteger.

Raven fez uma careta. Já tinha dado um tiro em seu marido. Ela não gostava da ideia de ter que se defender por meios violentos, mas talvez isso fosse necessário.

– Tem razão, acho que seria melhor.

– Bem, ficarei por perto caso precise de mim.

– Obrigada, O'Malley.

Quando o criado partiu, Raven abraçou a si mesma, sentindo-se suja e temerosa. Demorou um longo momento até que seus tremores começaram a acalmar-se.

Ela olhou para os convites espalhados pelo tapete da sala. Talvez tivesse feito algum progresso em atenuar o escândalo, mas era evidente que ainda não tinha eliminado a ameaça.

Ainda tinha um perigoso inimigo em Sean Lasseter. E agora O'Malley também passara a ser um alvo.

Quando o criado de Raven entrou, Kell estava sentado diante sua mesa, em sua

biblioteca particular, revisando os livros contábeis. Ele levantou os olhos, surpreso, enquanto O'Malley avançava silencioso pelo tapete.

– Desejo conversar com o senhor, senhor Lasseter – disse o criado, detendo-se diante da mesa. Ele segurava o chapéu, como convém a qualquer empregado correto, mas não havia nada de humilde em sua postura. Ao contrário, podia-se ver a raiva em seus traços angulosos, e até beligerância.

Kell deixou a pena apoiada sobre a mesa.

– Tem algo a ver com minha esposa?

– Sim, e com seu irmão.

Kell sentiu um nó no estômago.

– Não estou acostumado a fazer intrigas – resmungou O'Malley –, mas seu irmão... Ele foi à sua casa esta tarde para ameaçar a senhorita Raven. Esteve a ponto de golpeá-la.

– Ele fez alguma mal a ela? – perguntou Kell com voz afiada.

– Não, mas teria feito se eu não tivesse chegado a tempo de detê-lo. Tive que mostrar os punhos para fazê-lo parar.

Digerindo em silêncio a informação do criado, Kell sentiu a ira o invadir. Entretanto, antes que pudesse responder, O'Malley prosseguiu com uma voz que estava entre a súplica e a raiva.

– Mas temo que não seja o fim de tudo. Seu irmão disse que deseja vingança pelo inferno que sofreu. Mas ele não deveria culpar a senhorita Raven pelo que lhe aconteceu. Se alguém teve culpa, fui eu. Quando ele atacou a senhorita Raven no parque, eu o deixei ali estendido, sem sentido, para que se recuperasse. Mas juro que nunca pensei que ele seria capturado pelas pessoas do recrutamento obrigatório.

– Não – retrucou Kell em voz baixa. – Se ele quer culpar alguém, Sean deveria culpar a si mesmo, por ter atacado Raven.

– Sim – assentiu O'Malley ferozmente. – Ele já a machucou demais, mas sinto um medo terrível de que ele não deixará as coisas como estão. E não sei se da próxima vez poderei protegê-la.

Kell sentiu que sua mandíbula se firmava, assim como sua resolução.

– Prometo a você, Sean não voltará a incomodá-la.

Depois de descobrir que Sean não estava em casa, Kell visitou vários lugares que seu irmão estava acostumado a frequentar e finalmente o encontrou na casa de madame Fouchet, a casa de conveniência mais elegante de Londres, destinada a jovens aristocratas e ricos plebeus e especializada em satisfazer todas as fantasias sexuais.

A proprietária era uma ardilosa francesa, a mesma madame que tinha entregado a Sean o afrodisíaco administrado em Raven. Madame Fouchet saudou Kell pessoalmente e com afeto.

– Que alegria em ver você, *mon cher*! Fazia muito tempo que não nos honrava com sua presença. Sentimos sua falta.

Kell devolveu um meio sorriso evasivo.

– Estou procurando meu irmão, madame. Ele estaria aqui, por acaso?

– De fato, está... Mas, no momento, está ocupado.

– Mesmo assim, gostaria de falar com ele.

– Então o encontrará no quarto número sete.

Kell se virou e estava indo para as escadas quando madame Fouchet o deteve.

– Estou preocupada com seu irmão, *cher*. Parece um jovem muito atormentado. Ele tem um charme encantador, mas há ocasiões em que não se comporta... amavelmente com

minhas meninas.

– É mesmo? – perguntou Kell, com um traço de espanto na voz. – Nesse caso, não precisa sentir-se obrigada a suportá-lo como cliente. E não hesite em mandar me chamar se ele passar da conta.

– Farei isso, *monsieur*. Obrigada – respondeu ela, sorridente. – Certamente deve saber que você sempre é bem-vindo aqui. Mas tenho informações de que está recém-casado. E, evidentemente, não iria abandonar seu leito nupcial e trocá-lo por uma de minhas meninas, não é verdade?

Ele fingiu um sorriso e declinou responder diretamente.

– Terei em conta seu convite, madame.

O lugar parecia anormalmente tranquilo quando Kell subiu a escada. Mas ainda estavam no meio da tarde, cedo demais para as habituais farras noturnas.

Kell não tinha dúvida sobre como encontraria seu irmão. E, dado seu próprio passado, seria difícil condenar toda essa libertinagem. Kell podia se recordar de seus anos de juventude, quando chegou pela primeira vez a Londres. Não pensava em outra coisa senão passar o dia todo na cama com uma linda prostituta, entregue ao prazer desenfreado.

Durante muito tempo, tinha sido um mau exemplo para Sean. Desde essa época, sossegou muito, fazendo um grande esforço para ser mais discreto, trocando os bordéis por acordos de longo prazo. Sua última aventura, a viúva de um rico comerciante, tinha acabado desastrosamente, com lágrimas e recriminações por parte dela, por isso Kell se absteve de procurar outra amante desde então.

Talvez por sorte, refletiu Kell, considerando o fato de que agora estava casado. Estar com uma esposa e uma amante ao mesmo tempo era muito mais do que estava disposto a fazer no momento. Já tinha problemas suficientes para resolver com a questão de seu irmão.

Então, para além disso, refletiu que talvez fosse oportuno aceitar a oferta de madame Fouchet de visitar sua casa. Talvez fosse capaz de esquecer a abrasadora lembrança daqueles olhos azuis, dos suaves seios e do delicioso perfume que atormentavam seus sonhos.

Tratando de afastar os pensamentos sobre sua linda e indesejada esposa, Kell bateu ligeiramente na porta do quarto sete e, em seguida, convidaram-no a entrar.

Encontrou Sean sentado em uma cadeira, com uma beleza escassamente vestida em seu colo.

– Queria ter umas palavras com você em particular – disse Kell.

E, sem esperar seu convite, instalou-se em uma cadeira na frente do irmão.

Com a testa franzida, Sean deu um tapinha no traseiro da cortesã e a enviou para seu quarto.

– O que o traz aqui, irmão? – perguntou. – Imagino que não seja diversão. Você não tem necessidade de afogar suas mágoas nos braços de uma prostituta. Agora tem uma esposa... Ou ela o rejeitou, como fez comigo?

Kell se esforçou para ignorar o sarcasmo.

– Você passou do limite de novo esta tarde – disse em tom seco. – Raven agora é minha esposa, quer você ou eu gostemos ou não. E não quero que seja machucada nem ferida.

Sean desviou o olhar, com ar culpado.

– Não fiz mal nenhum a ela.

– Mas a ameaçou.

– Como você sabe? Ela já foi correndo procurar você?
Kell respondeu à provocação com uma exigência.
– Acho que não consegui ser muito claro da última vez. Você ficará longe dela daqui em diante.
– E se eu não fizer isso?
Ele estreitou os olhos em direção ao irmão.
– Espero que saia de Londres amanhã.
Sean apertou os lábios com ar desafiador e olhou para Kell:
– Ou o quê? O que vai fazer se eu me negar a ir embora? – Levantando-se bruscamente da cadeira, Sean começou a andar pelo quarto. – Você não está em condições de ditar meu comportamento quando sua própria reputação é tão delicada. Posso garantir que tem algo mais importante com que se ocupar do que defender desnecessariamente aquela cadela com quem se casou.
Kell apertou os dentes com aquelas palavras.
– O que está querendo dizer?
Sean se deteve e olhou triunfante para o irmão, os olhos verdes brilhando.
– Quero dizer que só precisaria encontrar um magistrado e explicar como o querido tio William encontrou a morte. Se eu declarasse que o vi matando nosso amado tio, você teria muitos problemas a enfrentar, mais do que seria capaz. Provavelmente correria até o risco de ir parar na cadeia.
O estômago de Kell se sobressaltou, a intensa hostilidade de seu irmão cravando-se como uma faca em suas vísceras.
Por um momento, ficou olhando o homem que estava na sua frente.
Era como se já não reconhecesse seu irmão. Sean vinha se comportando de maneira mais agressiva nos últimos anos, e realmente mais violento desde sua temporada à força na Marinha, mas nunca o tinha ameaçado diretamente com traição.
Apesar de tudo... Embora o vínculo entre eles fosse irreversivelmente prejudicado, Kell sabia que não podia continuar tolerando a conduta de seu irmão nem seus excessos.
– Você pode falar o que quiser – respondeu Kell finalmente, com gravidade –, mas isso não vai mudar a minha intenção de enviar você para a Irlanda.
Sean apertou os pulsos com o rosto vermelho de raiva.
– Você sabe que tudo isso é culpa sua, não sabe? Você prometeu à mamãe que iria me proteger. Mas não foi isso que fez! Você deixou que o tio William fizesse o que quisesse comigo.
Furioso consigo mesmo e sentindo-se morrer, Kell deixou escapar um trabalhoso suspiro. Ele passaria o resto da vida tentando compensar o seu fracasso, mas não desistiria. Sean tinha se tornado perigoso demais.
– Sim, sou culpado por não ter protegido você – declarou com uma calma veemência. – E isso é algo pelo que nunca me perdorei. Mas não há modo de desfazer o que aconteceu no passado. Se houvesse um meio... – Ele fechou os punhos. – Eu teria ocupado seu lugar, sabe muito bem disso.
Uma careta marcou o rosto de seu irmão.
– Em primeiro lugar, nunca teria estado em meu lugar. Jamais teria permitido que aquele canalha o tocasse, você o teria enfrentado. – De repente, sua expressão raivosa desapareceu. – Sempre fui muito mais fraco que você.
Ele deu meia volta e voltou a desabar na cadeira, cobrindo o rosto com as mãos.
Kell sentiu sua ira diminuir diante da desolação que via na atitude de Sean. Ele

inclinou-se para a frente em sua cadeira, procurando as palavras adequadas.

– Sean... Você não consegue enxergar o que está acontecendo? Está permitindo que o passado o destrua!

Sean ergueu as mãos e mexeu em seus cabelos.

– Eu sei... – disse, com a voz rouca. – Às vezes não posso evitá-lo. Tenho este demônio gritando dentro de minha cabeça, me fazendo desejar atacar alguém, ferir alguém, ferir você.

A angústia se apoderou de Kell com um intenso desejo de proteger a seu irmão.

– Vamos procurar ajuda. Existem outros médicos que...

– Não! Não quero mais médicos revirando minha cabeça, fuçando dentro de mim, me dando tapinhas e dizendo que minha mente está doente! – Depois de um momento, Sean levantou os olhos, as lágrimas escorrendo pela face. – Sinto muito, Kell – disse em voz baixa. – Eu não quis falar o que falei, sou um ingrato. Deus, me perdoe... É só que eu... amava Raven. Fiquei desolado quando você se casou com ela. E agora ela virou você contra mim...

Kell passou a mão pelos cabelos desalinhados do irmão ao ouvir seu tom de voz.

– Eu não a escolhi voluntariamente, Sean. E deixar que ela interfira entre nós dois é a última coisa que eu desejaria. Mas não posso ficar de braços cruzados e permitir que você faça mal a ela. Você consegue entender isso?

– Sim. – A palavra foi apenas um sussurro.

– Jure para mim que a deixará em paz.

– Eu... juro.

Kell pôde sentir a desolação de seu irmão, sua tristeza. Sean estava angustiado, seus melhores instintos lutavam contra seus demônios interiores. Levantou-se, aproximou-se de seu irmão e apertou o ombro dele.

– Você precisa ir embora. Se ficar aqui, continuará sendo atormentado pelo passado.

– Talvez você tenha razão – respondeu fracamente. – Mas para onde eu poderia ir?

– Eu já disse. Para a Irlanda. Para a fazenda. O programa de reprodução dos cavalos era sua responsabilidade, lembra-se disso?

A fazenda que Kell tinha comprado perto de Dublin tinha fama de contar com uma excelente reserva de crias que já tinha gerado diversos cavalos de corrida bastante promissores. Não que Kell se importasse muito com o hipismo, mas como Sean gostava tanto de cavalos, achou que isso poderia ser um interesse no qual o irmão caçula poderia se refugiar.

– E você virá comigo? – perguntou Sean, ansioso.

Kell sentiu seu estômago revirar mais uma vez. Sean parecia ter voltado a ser criança, como o irmão amado que um dia ele conheceu.

– Lamento que não seja possível. Tenho obrigações aqui, meu clube...

– E Raven Kendrick. – Sean endureceu a boca por um momento.

– Sim, Raven também. Mas isso não significa que me preocupe menos com você. Sean, você precisa ir, para seu próprio bem.

– Que assim seja. Se isso o deixar feliz, eu irei – assegurou Sean tristemente, com uma sombria expressão de derrota nos olhos.

Era quase meia-noite quando Kell subiu com relutância a escada em direção ao quarto da esposa. Raven ficaria surpresa ao ver que ele havia retornado para casa muito mais cedo do que de costume, e ainda mais surpreendida por estar indo vê-la. Mas Kell ainda devia uma desculpa pela conduta selvagem de seu irmão.

Kell se movia lentamente pelo corredor pouco iluminado, com os pensamentos ainda revolvendo em torno de sua conversa com Sean naquela tarde, e das ameaças raivosas que tinha recebido de seu irmão. Aquela discussão havia revivido as lembranças sombrias da noite em que seu tio morreu.

Seis meses depois que tinham fugido da Inglaterra, William os tinha localizado. Kell sabia que nunca esqueceria aquela noite. Tinha passado a maior parte da noite jogando, e aproveitando ao máximo aquela onda de boa sorte, tentando incrementar suas escassas economias. Ele voltou de madrugada para a miserável cabana onde viviam e encontrou Sean soluçando sobre o corpo ensanguentado de seu tio.

– Foi um acidente, Kell, juro! Eu não pretendia machucá-lo, só queria que ele parasse de ficar me tocando!

Pouco a pouco, Kell convenceu seu trêmulo irmão a contar o que tinha acontecido. Pelo que entendeu, William os tinha seguido até a Irlanda, preocupado que sua imagem poderia ser afetada pelo fato de os sobrinhos se recusarem a morar com ele, e também porque poderiam divulgar a sua homossexualidade, um delito merecedor da forca. Quando William exigiu que os irmãos retornassem para casa e começou a sacudi-lo, Sean se rebelou, incapaz de continuar suportando o seu contato, e o atravessou com o florete do próprio tio.

Kell não podia culpar seu irmão caçula de quatorze anos porque, possivelmente, teria feito o mesmo se estivesse presente. Tinha certeza de que a reação explosiva do jovem tinha sido em defesa própria.

Decidido a proteger seu irmão de mais sofrimento, Kell se desfez do corpo em um trecho abandonado de estrada, nos subúrbios de Dublin, tentando fazer a morte de William parecer obra de saqueadores de estradas. A investigação que seguiu apontou um dedo acusador para Kell, evidenciando sua turbulenta relação com o tio, mas as autoridades não conseguiram encontrar nenhuma prova contra ele. Porém, ele se recusou a desmentir os rumores. Melhor assumir a culpa do que deixar que as suspeitas recaíssem sobre o irmão mais novo.

Mesmo assim, Sean nunca se recuperou totalmente. Ter a morte do tio na consciência, além de sua sórdida vergonha, quase o tinha destroçado por completo. Uma tortura na alma que nenhuma das palavras de consolo de seu irmão nem o passar do tempo puderam aliviar totalmente.

Kell apertou os olhos com força enquanto se detinha diante da porta do quarto de Raven. Em que pesem todos seus esforços, o desespero de Sean tinha sido inconsolável.

Eles ficaram na Irlanda por mais dois anos antes de decidir recomeçar em um lugar onde o jogo pudesse ser mais lucrativo. Ambos retornaram à Inglaterra e se instalaram em Londres. Kell acumulou os fundos e, finalmente, depois de seis anos, conseguiu os recursos necessários para abrir um clube particular aonde os mais corajosos membros da alta sociedade iam para apostar.

Porém, os sombrios rumores o tinham perseguido. Ele continuava sem poder negá-los sem, com isso, implicar seu irmão. Tampouco podia divulgar os terríveis segredos de Sean. Mas, pelo menos, poderia tentar fazer Raven compreender e conquistar sua solidariedade.

Uma luz brilhava sob a porta e Kell deu uma leve batida. Ela estava lendo na cama, como viu quando pediu permissão para entrar. A sobressaltada expressão de seu rosto deixou claro quanto sua visita era inesperada. Raven escondeu o livro rapidamente e puxou os lençóis até o queixo, ocultando assim sua camisola de dormir.

Kell hesitou, perguntando-se se não estaria cometendo um erro ao ter aquela conversa no quarto da esposa. Mas aquela era a melhor oportunidade para falar com ela em particular.

– Alguma coisa errada? – perguntou ela, preocupada.

– Vim me desculpar pelo comportamento de Sean esta tarde – disse Kell, fechando a porta suavemente atrás de si.

Raven ficou olhando com cautela enquanto ele atravessava o dormitório, se aproximando dela. Kell ficou contente ao notar que ela parecia desejar sua presença ali tanto quanto ele.

Quando percebeu que Raven continuaria em silêncio, aproveitou a vantagem e sentou-se na cama ao lado da esposa. E notou satisfeito que ela se encolheu diante da proximidade. Era conveniente que Raven ficasse na defensiva.

– Sei que não existe desculpa para isso – começou –, mas espero que possa compreender algo sobre Sean, por que ele se tornou quem é.

– Do que você está falando?

– Faz alguns anos, ele vem sofrendo períodos de depressão, de melancolia. Quando cai em um desses maus momentos, não come nem dorme, e bebe em excesso. Mas até seu recrutamento forçado, acreditei sinceramente que ele tinha controlado seus demônios.

Kell fez uma pausa, deixando que ela absorvesse suas palavras.

– Quando ele desapareceu em junho passado, fiquei desesperado, Raven. Passei meses procurando por ele até descobrir um comunicado informando que um navio da Marinha Real tinha Sean como um de seus tripulantes. Aluguei um veleiro particular e fui atrás dele... Quando o encontrei, ele estava acorrentado no porão, rastejando em seus próprios excrementos. Suas costas estavam em carne viva. Tinha sido açoitado até ficar rouco de tanto gritar...

Kell sentiu um nó na garganta diante da selvagem lembrança.

– Ele é meu irmão, Raven – e apertou os punhos involuntariamente. – Talvez você possa compreender meu pesar ao encontrá-lo tão destroçado.

– Sim... – murmurou ela.

– E consegue imaginar a dor que ele sofreu?

Ela baixou o olhar para evitar seus olhos negros e penetrantes.

– Sim... posso imaginar.

– Aquilo levou Sean ao limite de seu controle físico e emocional, Raven.

– E você espera que eu o perdoe por causa disso tudo? – a voz dela era quase um sussurro.

– Não, não quero que o perdoe. Mas espero que consiga ter uma vaga noção do que aconteceu com meu irmão para que se tornasse o que é agora. Como um profundo desespero pode impulsionar um homem a fazer coisas inqualificáveis. Ele está doente, Raven. Como pode alguém ficar em seu juízo normal depois daquele horror?

Ao ver que ela não respondia, Kell pôs um dedo sob o queixo da esposa para obrigá-la a encará-lo.

– O que ele precisa é de tempo para se curar. Vou mandá-lo para a Irlanda, e ele não voltará a incomodá-la.

– Obrigada – ela estremeceu. – Eu ficaria feliz se não tivesse que voltar a falar com ele.

– Não terá mais que fazer isso.

Os azuis olhos de Raven estavam escuros e solenes quando o encararam. Kell ficou

de repente consciente da intimidade daquelas circunstâncias. Sua esposa estava na cama, vestida com uma camisola, com os cabelos escuros soltos sobre os ombros e a luz do candelabro projetando um resplendor dourado sobre seu rosto bem-formado. É verdade que a camisola, fechada até o pescoço, não era reveladora, e ela estava coberta pelos lençóis, mas ele sabia muito bem o que estava oculto debaixo das roupas.

Kell se lembrava vivamente de seu corpo nu na noite de núpcias. Lembrava-se dos seios, de tê-los sugado e lambido, de tê-los acariciado. Lembrava-se de suas pernas longas e delineadas e de como ela havia montado nele... Endureceu imediatamente e blasfemou entre os dentes.

Precisando de uma distração, desceu os olhos para onde estava o livro que ela estava lendo e que aparecia entre os lençóis. A capa com pedrarias cintilava à luz do candelabro. Esticando o braço sobre Raven, agarrou o livro para examiná-lo mais de perto. Não havia dúvida de que estava contemplando um objeto raro e magnífico.

– Este é o livro do qual me falou? – perguntou ele. – O livro erótico que sua mãe lhe deixou?

O rosto dela enrubesceu.

– Sim... é... ele mesmo...

O olhar de Kell desceu involuntariamente de suas bochechas rosadas para a boca. Ele tinha beijado aquela boca desejável e deslizado profundamente a língua para seu interior para saboreá-la, para beber dela, para roubar seu ar. Recordava como ela reagiu, separando os lábios em um soluço estrangulado enquanto sentia seu prazer aumentar.

Kell deixou escapar um profundo suspiro, sabendo que precisava ir embora.

– Talvez algum dia você me permita lê-lo. Seria interessante descobrir se sou capaz de aprender alguma coisa sobre a arte de fazer amor.

– A-acho que sim... Se assim o desejar – balbuciou Raven.

Ele se deu conta de que a tinha pego de guarda baixa e compreendeu que isso era uma espécie de vitória. Continuaria mantendo sua linda esposa naquela situação enquanto fosse possível. Ele mesmo tinha passado muito tempo assim, na verdade desde o dia em que tinha posto os olhos nela.

Apertando a virilha, Kell se inclinou e depositou um beijo provocador no rosto de Raven.

– Durma bem, minha megera.

Ela ainda o estava seguindo com o olhar quando o marido saiu de seu quarto e passou pela porta do quarto de trocar.



– O brigado, O’Malley – murmurou Raven quando o criado a ajudou a montar em seu cavalo.

Depois de arrumar as saias, apertou mais a capa para se proteger do frio matinal e tomou as rédeas, desejosa de iniciar rapidamente seu passeio diário pelo parque. No momento em que O’Malley montou em seu cavalo, Raven instigou sua montaria num trote, com o criado a seguindo de perto.

Ela não esperava encontrar Brynn naquela manhã, porque a amiga tinha outro compromisso, mas esperava encontrar Dare, porque tinha uma alarmante informação para comentar com ele: um desagradável rumor referente a seu marido.

Raven não tinha conversado muito com Kell durante a semana anterior, desde aquela noite em que ele tinha ido a seu quarto para falar de seu irmão. Houve um ou outro momento em que se cruzaram na escada, mas, exceto por isso, ela nem sequer o tinha visto. O dever de acompanhá-la em diversos encontros sociais tinha recaído sobre os amigos.

Inexplicavelmente, Raven estava preocupada com a ausência voluntária de Kell. A impaciência não era nada de novo para ela, mas ultimamente vinha sentindo um desânimo incomum. Tentava justificar esses sentimentos dizendo a si mesma que seu abatimento não tinha nada a ver com a ausência de seu marido. Afinal das contas, Kell só estava cumprindo o que ambos tinham combinado.

Havia outras possíveis razões para sua melancolia, e a mais lógica era que, com o escândalo, estava agora nas margens da sociedade da qual tinha sido parte até então.

Ou possivelmente sua tristeza pudesse ser atribuída ao inverno, que estava especialmente frio, mesmo para fins de novembro.

Ou ainda, poderia ser sua apreensão a respeito de Sean Lasseter. Raven se via com frequência olhando nervosamente por cima dos ombros, procurando ameaças nas sombras, temerosa de que ele voltasse a atacá-la, embora Kell tivesse assegurado o contrário.

Mas podia ser simplesmente a solidão. Sem dúvida, Raven se sentia mais solitária agora do que em qualquer outro momento desde sua chegada à Inglaterra. Seu avô havia partido de Londres para sua casa em East Sussex, enquanto Raven ficou na cidade para manter as aparências. Planejava encontrá-lo no Natal, mas ainda faltavam várias semanas para isso.

Pelo menos ainda contava com O’Malley. Era reconfortante tê-lo por perto, assim como ter o apoio de Brynn, Lucian e Dare, seus incondicionais protetores e queridíssimos amigos. Mas, ainda assim, Raven não podia negar sua intensa sensação de isolamento. As noites eram muito piores, quando ficava de olhos abertos olhando para o dossel que havia sobre a cama. Nem sequer seu amante pirata tinha podido consolá-la, porque, estranhamente, agora tinha dificuldade para invocá-lo nos sonhos. Quando fechava os olhos, o único que via era Kell.

Com seu futuro desconhecido estendendo-se vazio diante dela, sem sentido, sem nenhum objetivo por que lutar, sentia-se terrivelmente só e indecisa; sem contar que se recriminava ferozmente por ter sucumbido à autocomiseração.

Sabia que deveria estar grata pelo que tinha conseguido. Embora seus sonhos de

conseguir se casar com um homem com título de nobreza tivessem desvanecido, e embora o escândalo tivesse lhe fechado um grande número de portas, ela tinha sobrevivido. E, comparada com muitas de suas conhecidas, podia dizer que estava muito bem arranjada. Tinha contraído um casamento só nominal, sem grave risco de ser ameaçada por um amor avassalador nem uma paixão obsessiva. E como esposa de um marido rico e indiferente, tinha absoluta liberdade para fazer o que quisesse.

Mas, mesmo assim, continuava sentindo falta de Kell. Ele a havia surpreendido naquela noite em que foi a seu quarto, em especial quando se inclinou para um inesperado beijo.

– Durma bem, minha megera – havia dito.

Mas ela não tinha dormido bem. Ficou se virando na cama durante horas, relembrando a maneira como os olhos dele escureceram quando observaram sua recatada camisola, ou seu súbito interesse quando descobriu o livro e a extrema vergonha ao ser flagrada lendo-o.

Depois daquela visita, Raven tinha colocado o livro de lado, porque suas eróticas passagens só a excitavam e recordavam as relações físicas que estavam faltando em seu casamento. Mas em uma ou duas ocasiões em que tinha ouvido Kell retornar tarde de noite, ela estava na cama consciente de que tinha um marido no quarto ao lado, com seu corpo vergonhosamente pulsando por ele... Via a imagem de sua magnífica nudez quando o tinha surpreendido no banho... E se perguntava como reagiria se ele voltasse para seu quarto reclamando seus direitos conjugais.

Mas ele nunca entrava em seu quarto.

Sem dúvida, Kell devia estar ocupado com seu clube, mas nem disso Raven podia ter absoluta certeza. Ela havia compartilhado com ele alguns de seus segredos mais íntimos, sobre o livro, sobre seu amante imaginário, e em troca continuava sabendo muito pouco dele.

Além disso, no dia anterior tinha sido forçada a recordar suas obrigações com Kell quando se inteirou de um assunto preocupante.

Segundo Brynn, alguém tinha começado a espalhar desagradáveis rumores a respeito da honestidade de seu clube de jogo. Raven só podia suspeitar que as fofocas fossem obra do duque de Halford, uma vez que ele havia ameaçado arruinar o canalha que tinha roubado sua noiva.

Quando chegou ao Hyde Park, não encontrou rastro de Dare, de modo que foi em um rápido galope até Rotten Row. Cerca de meia hora mais tarde, Raven percebeu o marquês cavalgando em sua direção. Assim que recebeu sua saudação, abordou imediatamente o assunto da possível vingança de seu antigo prometido.

Para a consternação de Raven, Dare confirmou seus temores.

– Sim, de fato Halford andou falando mal do clube de seu marido. Ele até convenceu certo número de seus conhecidos a não o frequentarem, dizendo que o Golden Fleece está depenando seus clientes.

– E ele tem alguma prova disso?

Dare lançou um olhar intrigado:

– Não são necessárias provas para pintar um homem como desonrado. A mera acusação de alguém numa posição de influência pode ser letal. Eu não ficaria surpreso de saber que Halford jamais colocou um pé naquela casa de jogos.

Raven franziu a testa consternada.

– Bem, certamente alguma coisa pode ser feita para impedi-lo de continuar com

isso.

– Bem, posso ajudar Lasseter a compensar sua perda de clientes, recomendando sua casa de jogos com mais frequência. E poderia assegurar que meus companheiros da Liga do Fogo do Inferno façam o mesmo.

– Por favor, faça isso, Dare!

– Claro que sim. Mas, por mais recomendações que eu faça, não se pode reparar a reputação de um clube desses. É muito parecido com o bom nome de uma dama: uma vez perdido, é quase impossível recuperá-lo – Dare franziu pensativo seus lábios sensuais. – Sem dúvida, ajudaria muito se Lasseter fizesse um esforço para ser mais conhecido por sua clientela mais célebre; dar a eles a oportunidade de julgar por si mesmos sua honra e sua personalidade. Da maneira como ele se comporta agora, não passa de um enigma famoso.

– Mas como isso poderia ser conseguido?

– Bem, ele poderia começar por aparecer com mais frequência na alta sociedade. Eu me sentiria encantado de respaldá-lo, e estou certo de que Lucian faria o mesmo, mas seu marido precisa estar disposto a colaborar.

– Não acredito que ele queira fazer isso – retrucou Raven com tristeza –, porque ele despreza essa elite.

– Nem sequer para salvar seu clube?

– Não sei. Terei que perguntar a ele.

Naquela mesma tarde, Raven visitou o clube, mas foi informada pelo gigantesco porteiro que o senhor Lasseter estava ausente. Entretanto, Emma Walsh desceu a escada naquele exato momento e a saudou com uma cortesia que não parecia fingida.

Raven se sentiu corar de vergonha. Ela não tinha visto a linda anfitriã do clube desde seu rapto e não estava muito segura de como deveria agir.

Mas Emma parecia decidida a fazê-la sentir-se confortável.

– Kell está praticando esgrima, mas retornará em menos de uma hora. Você se importaria de esperá-lo?

Por mais absurdo que fosse, ficou irritada por saber menos do paradeiro de seu marido do que aquela mulher. Embora tivesse ficado surpresa com o convite, Raven aceitou-o de imediato. Quando Emma ordenou ao porteiro que enviasse uma bandeja com chá à biblioteca, Raven entregou sua capa a ele e a seguiu, examinando com dissimulação seu entorno.

Aonde quer que olhasse, ela encontrava provas de riqueza e de bom gosto: o brilho da madeira encerada, o brilho dos candelabros de cristal, o luxo da mobília adornada com veludos e sedas.

Evidentemente, Emma notou suas olhadas de soslaio com interesse.

– Já tinha visto um clube de jogo como este por dentro?

– Não, mas reconheço que sinto uma grande curiosidade.

– Depois do chá, então, eu ficaria feliz em lhe mostrar se o desejar.

– Eu gostaria muitíssimo.

– Este é o cômodo mais confortável de toda a casa – disse Emma, conduzindo Raven à biblioteca. – Ele foi montado para dar ao clube um ar de refinamento e recordar à sua clientela a biblioteca de suas casas. Aqui eles podem desfrutar de um charuto ou de uma breve pausa das mesas de jogo.

Quando as duas mulheres estavam sentadas à mesa, Emma dirigiu a Raven um olhar de avaliação.

– Talvez você goste de saber que Sean partiu para a Irlanda e ficará lá por um bom

tempo.

Raven deixou escapar um suspiro de alívio.

– É sério? Ele foi embora?

– Sim, Kell o convenceu a fazer isso.

– Fico imaginando como ele conseguiu...

– Não tenho muita certeza do que fez, mas Kell é o único que consegue ter alguma influência sobre Sean quando ele fica nesse estado. Os dois são muito unidos, mesmo sendo irmãos. Imagino que tenha ficado aliviada.

Raven levou uma mão à têmpora e conseguiu sorrir.

– Não pode imaginar quanto.

Emma sorriu para ela com solidariedade.

– Eu sinceramente sinto muito por sua terrível experiência. Tentei deter Sean naquele dia, mas a única coisa que pude fazer foi recorrer a Kell.

Ao recordar, Raven estremeceu.

– Se eu puder ser de qualquer ajuda, é só pedir – ofereceu Emma.

– Obrigada – respondeu. – Na verdade... – ela se inclinou para a frente –, há um modo, sim, de me ajudar. Eu me encontro em... uma situação incômoda, casada com um desconhecido. Não duvido que você conheça muito mais meu marido do que eu. E me seria muito útil se pudesse me contar algo sobre ele. Só ouvi algumas coisas relativas a seu passado, e algumas eram rumores muito desagradáveis.

Emma hesitou um momento antes de responder.

– Suponho que esteja se referindo aos rumores sobre ele ter assassinado o tio...

– Sim, e Sean deu a entender que era verdade.

Os olhos de Emma brilharam de ódio enquanto sua boca se transformava numa linha fina.

– Não sei como o tio deles morreu, mas eu apostaria minha vida que Kell Lasseter não é um assassino. E Sean é um infeliz ingrato dando a entender algo assim, depois de tudo o que Kell fez por ele.

A veemente defesa de Kell agradou a Raven e fortaleceu sua própria certeza na inocência do marido.

– Não acredito que Kell seja culpado – observou –, mas ele poderia confirmar ou negar os rumores. A única coisa que diz é que o tio mandou a mãe dele para o caixão cedo demais, depois de tirar a guarda de seus filhos. E que a cicatriz no rosto é resultado de um murro do tio, que usava um anel de sinete...

Emma assentiu.

– Eu não acredito que estaria traindo a confiança de Kell compartilhando o que é de conhecimento comum. Você sabia que a mãe dele era irlandesa?

– Sim, sabia.

– Bem, ela não pertencia à alta burguesia, era simplesmente a filha de um médico irlandês, e os Lasseter a desprezavam por isso. Quando ficou viúva, William Lasseter se converteu em guardião de seus filhos, e ele ameaçou reter até o último centavo da herança deles a menos que Fiona renunciasse à guarda.

– E ela fez isso?

– Fez. Pelo que Sean me contou, ela não podia suportar privar seus filhos de seus direitos de nascimento. E não contava com os meios para enfrentar uma família tão poderosa. Voltou então à Irlanda e morreu lá de malária, sozinha e sem dinheiro. William inclusive negou que os dois fossem visitar seu túmulo.

– Então, é compreensível que Kell odiasse seu tio.

– Sim, mas essa não foi a única razão. De acordo com Sean, William era um tirano. E alguém com o caráter rebelde de Kell não devia aceitar facilmente esse controle ditatorial. Alguns anos depois, ele se envolveu numa briga violenta com o tio e foi aí que recebeu a ferida no rosto. Então fugiu com Sean para a Irlanda, e se esconderam nas ruas de Dublin, conseguindo sobreviver com muita dificuldade. Sean me disse que, em mais de uma ocasião, tiveram que comer ratos, embora eu ache que ele inventou essa história apenas para me perturbar...

Raven estremeceu.

– E o que aconteceu depois?

– Essa parte não está muito clara para mim. Parece que o tio deles os perseguiu até Dublin, onde alugou uma casa e passou semanas procurando os sobrinhos. Mas um dia simplesmente desapareceu. Seu corpo foi encontrado em uma estrada, nos subúrbios de Dublin. Acredita-se que foi atacado por ladrões e assassinado para roubar seu dinheiro.

– Mas, então, por que suspeitaram de Kell como o autor do crime?

– Porque William tinha sido assassinado com uma espada, uma arma insólita para um bandido de estradas, já que normalmente eles usam pistolas. E Kell é um perito espadachim. Sean diz que Kell aprendeu a usar espadas para poder enfrentar o tio, que era campeão de esgrima. A teoria mais comum foi que Kell matou William em um duelo e depois se livrou do corpo.

– Essa parece uma prova muito inconsistente em que basear uma acusação tão grave como assassinato.

– Na verdade, as acusações chegaram mais tarde, por parte da família de William. Eles estavam indignados com sua morte e certos de que o culpado era Kell, mas nunca puderam provar nada. E não ajudou em nada o fato de Kell nunca demonstrar nenhum pesar pelo falecimento de seu tio nem se negar a retornar a Inglaterra. Ele não queria ter nada a ver com os Lasseter e sua riqueza, embora tenha tido que recorrer ao jogo para ganhar a vida. Ele estava decidido a criar Sean por conta própria, longe de da influência deles. Kell inclusive se negou a aceitar a herança que era sua por direito. Tudo que você vê aqui, ele ganhou com seu próprio esforço.

Raven olhou em volta daquela biblioteca suntuosa, sentindo-se um pouco culpada. Mesmo com provações sofridas em sua infância, ela havia tido uma vida fácil comparada com a de Kell. Precisava admirar um homem que tinha feito tantos sacrifícios pelo irmão. E, embora seu passado estivesse envolto em tantos segredos, ela achava que conhecia Kell bem o suficiente a esta altura para estar segura de que ele não poderia ser culpado de um assassinato a sangue frio.

Emma estava disposta a continuar falando, mas foi interrompida pela entrada de um menino de uns dez anos que carregava hesitantemente uma bandeja de chá. Vinha seguido pelo mordomo que Raven tinha visto antes.

Sob o olhar vigilante de Timmons, o garoto depositou a bandeja na mesa de chá com cuidado e logo ergueu o olhar para o mordomo, procurando sua aprovação com um indício de temor nos olhos.

Raven mal pôde dissimular sua consternação diante da aparência do menino. Embora estivesse limpo e corretamente vestido, estava tão magro que se podiam ver os ossos. Pior ainda, em seu rosto e suas mãos havia numerosos machucados e chagas abertas, que pareciam suspeitamente com queimaduras.

– Obrigada, Nate – disse Emma com suavidade. – Você fez isso muito bem.

– Sim, madame... – seu jeito de falar grosseiro sugeria que ele vinha das classes mais baixas.

Quando o mordomo e o menino saíram da biblioteca, Emma pegou o bule para servir o chá, mas evidentemente viu a preocupação de Raven e se apressou em explicar:

– Nate era limpador de chaminé até a semana passada. Kell o descobriu em um beco quando estava sendo esmurrado por seu amo, e o obrigou a vendê-lo.

Raven fez uma careta diante da imagem. Os limpadores de chaminé eram pouco mais que escravos e, com frequência, tão maltratados – empurrados para cima pelos tubos das chaminés a toque de navalhas e tochas acesas – que às vezes morriam.

– Eu sei... – comentou Emma diante do pensamento implícito de Raven. – É uma vida infernal. Mas agora ele tem um futuro. Quando suas feridas melhorarem, ele irá para a casa de crianças abandonadas que Kell financia.

– Uma casa para crianças abandonadas?

– Para órfãos – respondeu Emma sorridente. – Nate é o décimo terceiro que Kell resgata. Treze. Kell os alimenta, dá roupas, providencia seus estudos e os faz aprender algum ofício.

– É admirável! – murmurou Raven, pensando em tão poucas ações verdadeiramente boas que tinha realizado na vida.

– Sim – retrucou Emma. – Eu mesma devo muito a Kell. Ele me salvou de uma... situação difícil com meu antigo protetor.

E a mim também, pensou Raven. Kell a tinha salvado de viver como uma pária.

– Ele parece ter o costume de resgatar as pessoas.

– Sem dúvida – disse Emma com suavidade. – Ele finge que não se preocupa, mas continua a proteger os inocentes e os maltratados.

Ao distinguir a nota de ternura na voz de Emma, Raven não pôde deixar de se perguntar se a mulher sentia algo mais que admiração por ele. Não era a primeira vez que lhe ocorria que Emma podia ser amante de Kell. Inclusive era muito possível que estivesse apaixonada por ele.

Esse pensamento enviou uma incômoda pontada em suas entranhas. Emma conhecia seu marido muito mais intimamente do que era provável que ela um dia viesse a conhecer. E podia compreender perfeitamente que Kell se sentisse atraído por aquela mulher de cabelos dourados. Era mais velha que ele, talvez estivesse perto dos quarenta anos, mas continuava incrivelmente bonita.

Porém, apesar de seu ciúme instintivo, Raven descobriu que gostava de Emma e ficou envergonhada por seus pensamentos de ingratidão. Até então, a mulher tinha demonstrado ser uma forte aliada. Sua cordialidade surpreendia Raven, no entanto. Ela sempre imaginara que uma amante não gostaria de ter uma inesperada esposa como rival. Mas talvez Emma não a considerasse uma rival nos carinhos de Kell, uma vez que ele não compartilhava a cama de Raven.

E ficou mais aliviada e agradecida quando a conversa mudou para outros temas menos sérios, sobre como se dirigia uma casa de jogos como aquela. Raven estava extremamente curiosa para conhecer o escandaloso mundo masculino que sempre lhe tinha sido negado e fez muitas perguntas que Emma respondeu com paciência.

Sua fascinação foi ainda mais estimulada depois do chá, durante sua visita pelo clube, durante a qual Emma mostrou a enorme sala de jogos, com seus ricos painéis de madeira nas paredes, e onde ficava a mesa de jogo de dados. O'Malley tinha lhe ensinado a jogá-los, mas Raven sabia que aquele jogo era muito mais que lançar pedaços de marfim.

Era um jogo complexo, em que os jogadores apostavam sobre as combinações possíveis.

A mesa de mogno oval tinha um entalhe a cada lado, para que o crupiê pudesse se instalar, pensou Raven. A superfície estava coberta com um fino pano verde marcado com linhas amarelas simples e duplas. Complementando a mesa, havia cadeiras para os jogadores, canecas, tigelas e pequenos rastelos de mão.

– Para que serve tudo isso? – perguntou ela, apontando para os acessórios.

– São as canecas de dados – explicou Emma. – As tigelas são para colocar as fichas, cada uma de um valor em dinheiro, e os rastelos são para arrastar as fichas para dentro delas.

– E um jogador lança os dados?

– Sim. As jogadas iniciais estabelecem aquilo que se chama de principal e possibilidades. E as jogadas posteriores precisam coincidir com essas, e são elas que determinam quem ganha e quem perde. Os jogadores de mais êxito são capazes de calcular as probabilidades de várias jogadas. Quer que eu lhe mostre?

Raven ia responder que gostaria muito de uma demonstração quando uma voz masculina soou atrás dela.

– Você poderia me explicar o que está fazendo em minha sala de jogos? – perguntou seu marido com um tom desaprovador.

Com o pulso acelerado, Raven olhou por cima do ombro e viu Kell avançando para ela. Sua presença a fez tremer enquanto fixava os olhos no olhar inquietante do homem. O efeito físico que Kell produzia nela nunca deixava de surpreendê-la. O simples som de sua voz agitava seus sentidos, enquanto o sangue parecia ficar mais espesso com sua proximidade.

Controlando suas reações, porém, Raven procurou os dados que tinha trazido e os manteve ocultos em sua mão fechada.

– Eu só estava mostrando o clube para ela – respondeu Emma em seu lugar.

– Obrigado, eu cuido dela daqui em diante.

Por um breve instante, pareceu que Emma ia discutir a ordem, mas então ofereceu um sorriso a Raven e foi embora.

– O que está fazendo aqui? – repetiu Kell quando Emma partiu.

– Estava curiosa – respondeu Raven. – Nunca vi uma partida de dados na minha vida.

– Este não é lugar para uma dama.

Raven arqueou uma sobrancelha.

– Você está parecendo a minha tia. Realmente está querendo sugerir que a minha presença aqui ofende seu decoro?

Kell se perguntou se era isso mesmo. Seria hipócrita dizer que não desejava que sua esposa estivesse em sua casa de jogos porque era inadequado. Alguns homens, mesmo os mais crápulas e libertinos, ficavam excessivamente conservadores no que dizia respeito ao casamento e às esposas, mas era absurdo que ele tivesse ideias ou sentimentos de possessividade quanto a Raven. Ela não era sua esposa no verdadeiro sentido da palavra, nem sequer sua mulher.

Ainda assim, ele não a queria ali. O clube era o local onde podia se isolar, ficar longe dela. Desde que Raven tinha começado a compartilhar sua casa, tinha ficado impossível deixar de pensar nela. E Kell não queria que invadissem também seu último refúgio. Não queria que ela soubesse como o afetava profundamente.

– Além disso – prosseguiu Raven –, segundo Emma, entendi que várias outras

damas frequentam seu clube.

– Talvez, mas elas não têm um escândalo pairando sobre a cabeça. Ou, então, não se importam com sua reputação. Seja como for, você ainda não respondeu a minha pergunta. O que está fazendo aqui?

– Na verdade, eu queria falar com você. Em primeiro lugar, queria lhe agradecer. Estou profundamente grata de que tenha enviado Sean para longe.

Kell assentiu.

– Muito bem, vou me considerar agradecido. Agora pode ir.

Raven fez uma careta.

– Você não pode se livrar de mim assim sem prejudicar a nossa simulação de sermos um casal feliz.

Kell apertou os olhos.

– Achei que nós tínhamos um acordo. Se eu a acompanhasse ao baile dos Wycliff, você se comprometia a não me pedir outro favor, lembra?

– Isto não tem nada a ver com favores. É sobre o destino de seu clube – Raven hesitou. – Você já ouviu o que Halford andou dizendo de você?

Ele apertou os lábios.

– Ouvi – respondeu.

– Pois bem, temos que fazer alguma coisa. Precisamos tentar conter esses rumores terríveis.

– Eu duvido que alguma coisa que possa ser feita teria algum efeito.

– Lorde Wolverton se ofereceu para lhe dar respaldo na alta sociedade. Dare acredita que, se você cativasse as boas graças dos líderes da elite, conseguiria resistir às acusações de Halford.

Kell negou com a cabeça. Seria doloroso demais aceitar a ajuda de alguém, e, mais ainda, ele não queria ficar devendo nada a Raven por causa da intervenção de seus amigos.

– Não pretendo aceitar a caridade do marquês de Wolverton.

– Não seria caridade. Ele faria isso por mim. Além do mais, você sempre está ajudando os outros. Emma me falou sobre todos os meninos de rua que tem ajudado. É justo que, pelo menos uma vez, seja você quem recebe ajuda.

Kell fez uma careta. Não gostava de ver seus segredos revelados, não mais do que ter que lidar com a proximidade de sua linda esposa.

– Você está interessada demais em meus negócios – observou ele.

Raven não respondeu ao ataque, mas adotou outra tática.

– Kell... posso compreender que menospreze a sociedade, mas isso é muito diferente. Seu clube está em perigo.

– Pois isso não é assunto seu.

– É, sim – retrucou Raven, com um olhar suplicante. – Eu sou o motivo de sua reputação estar sendo difamada. Não posso me limitar a ir para casa obedientemente e esquecer o problema em que se meteu por minha causa. Não posso ficar de braços cruzados enquanto está sendo arruinado.

– Eu não estou lhe dando alternativa. Não quero e não preciso da sua ajuda.

A frustração brilhou em seus olhos azuis.

– Não entendo por que você precisa ser tão teimoso.

Kell se protegeu contra a própria frustração, desejoso de que Raven partisse e o deixasse em paz. Sua proximidade era uma tentação. Entretanto, se quisesse que ela fosse embora, teria de levá-la para casa. Mas como, sem usar de ameaças físicas?

Avaliando sua esposa, ele respondeu ao demônio que o atiçava.

– Existe só uma coisa que eu poderia querer de você, minha cara.

Ela o olhou, pega de surpresa:

– Oh! E o que é?

– Talvez possa adivinhar – ele estendeu a mão para esfregar seus seios debaixo do vestido. – Relações carnais. Você pode satisfazer as minhas necessidades carnais.

O profundo suspiro de Raven foi extremamente satisfatório para ele.

– Posso ver que a deixei chocada – murmurou Kell. – Como é divertido deixar você sem palavras!

Raven ignorou a isca e olhou para o rosto dele, com uma expressão séria e, ao mesmo tempo, receosa.

– Você quer mesmo ter relações comigo?

Kell sentiu sua virilha intumescer com a perspectiva. Ele se lembrava com muita clareza a gloriosa penetração de sua carne rígida na cálida e úmida suavidade dela.

– Não – declarou rapidamente. – Estou perfeitamente satisfeito com nosso casamento de fachada, sem que nenhum dos dois peça nem espere nada do outro.

– Mas pelo menos vai pensar na oferta de Dare? Sei que fere o seu orgulho aceitar ajuda, mas...

– Meu orgulho é outro assunto que não lhe diz respeito.

Ela apertou os lábios por um instante e então semicerrou os olhos, o retrato da determinação:

– Muito bem, então. Tenho uma proposta para você.

Kell olhou para ela, estudando-a.

– E por que eu estaria interessado em uma proposta sua?

– Porque é jogador e não pode resistir a uma aposta. Jogarei com você apostando sua aceitação da oferta de ajuda, Kell. Alguns lances de dados. Se eu conseguir sete ou onze três vezes em seguida, você vai aceitar a ajuda de Wolverton.

– E se não?

– Então não voltarei a incomodá-lo com esse assunto. Vou recuar e deixar que seu bom nome seja arruinado, e seu clube, destruído, com a minha bênção.

Kell a olhou em dúvida, perguntando-se o que ela estava planejando.

– Tem medo que eu ganhe? – provocou ela, com um brilho de desafio nos olhos.

A vontade de Kell era mandá-la ao diabo, mas a curiosidade o venceu. Ele arrastou a caneca de dados para perto dela e então se apoiou indolentemente contra a mesa, cruzando os braços no peito.

– Então, vá em frente. Jogue os dados.

Assentindo, ela abriu os dedos e mostrou um par de dados. Com expressão satisfeita, agitou-os uma ou duas vezes e lançou os cubos de marfim sobre a mesa, conseguindo uma combinação de onze.

Ao ver que Kell arqueava uma sobrancelha, Raven sorriu para si mesma.

A segunda jogada foi tão satisfatória quanto a primeira. Um sete. Ela recolheu os dados e se preparou para jogá-los de novo.

Mas a mão dele se fechou sobre a dela, imobilizando-a. Forçando-a a abrir os dedos, Kell examinou os dados com curiosidade, pesando-os na mão.

Assim que percebeu a verdade, a ira o invadiu.

– Estes dados estão adulterados – disse ele severamente.

– Nunca disse que não estavam – retrucou Raven em um tom de voz doce. – Você é

que supôs que eu fosse usar os seus dados.

Kell deu um passo em direção a Raven, estendendo o braço para fechar os dedos suavemente em volta de seu pescoço.

– Não tolero trapanças em meu estabelecimento.

Um sorriso fugaz se abriu na boca da jovem.

– Nunca duvidei disso. Mas precisamos fazer todo mundo ver isso.

Forçando-se a ter paciência, Kell fechou os olhos.

– Fui tapeado pela mais ingênua novata, não é?

– Temo que sim – puxando os dedos dele de sua garganta, ela se soltou da pressão.

– Mas enganei você por uma boa causa.

Vendo uma risada tremendo nos lábios da esposa, Kell conteve sua própria gargalhada e, em vez disso, praguejou.

– Onde diabos você foi arranjar um par de dados viciados? Não, não precisa responder. O'Malley.

– Sim. Ele me ensinou a jogar cartas e dados.

– E também a atirar – acrescentou Kell, recordando sombriamente aquele dia.

– Bem... isso também. Ele contribuiu bastante para a minha educação.

– Sua educação foi bastante peculiar para uma jovem dama.

– Não vou discordar de você. Minha mãe teria ficado horrorizada se soubesse.

Raven pegou os dados das mãos dele e jogou-os de novo na mesa. Outro sete.

– Acho que acabo de ganhar – disse ela, em um tom imprudentemente triunfante.

Mas Kell não estava disposto a permitir que Raven escapasse assim com tanta facilidade. Agarrou-a pelo braço, a fez ficar de frente para ele e, com seu corpo, prendeu-a na mesa de jogo, segurando seus braços de cada lado do corpo para evitar que fugisse.

– Sabe o que eu faço com os trapaceiros? – perguntou com voz ameaçadora.

– Não, o quê? – respondeu ela sem fôlego.

Kell fixou o olhar em sua boca. Queria sacudi-la, queria beijar aquela boca e apagar aquele brilho de cumplicidade nos olhos incrivelmente azuis dessa mulher.

– Eu os pego pelas orelhas e arrasto para fora.

– Você seria tão cruel assim comigo?

Diante da risada implícita naquela pergunta, Kell deixou que uma dúzia de pensamentos se precipitasse em sua mente, principalmente quanto ele precisava dela e a desejava. Seria tão simples colocá-la sobre a mesa e penetrá-la entres suas pernas separadas...

Sem pensar direito, ele passou os dedos pela delicada curva da mandíbula de Raven. Imediatamente, viu que ela ficou sem fôlego, e seus lábios se abriram de surpresa diante da tensão flamejante que subitamente começou a faiscar entre os dois.

Raven o olhou fascinada. A inesperada carícia de Kell tinha feito os músculos de seu estômago se contraírem e os bicos dos seios ficarem rígidos. A sensação daquele corpo forte e poderoso contra o seu despertou uma dor ansiosa no meio de suas pernas...

Ele se inclinou mais para ela, com seus olhos pretos como ônix, os lábios pairando sobre os dela. Ela tremeu diante da respiração quente que confundia seus sentidos, temendo sua reação se a beijasse, perguntando-se se Raven seria capaz de rejeitá-lo...

Mas ela não precisou tomar uma decisão, porque de repente Kell apertou os dentes e deu um passo para trás, criando uma distância segura entre os dois, com a expressão de novo totalmente fechada.

– Vá agora – exigiu Kell –, antes que eu pense em alguma coisa mais cruel para

fazer com você. Raven decidiu com prudência acatar seu conselho. Recolheu trêmula seu par de dados e saiu do salão.

Emma estava na entrada principal, aparentemente esperando por ela para se despedir. Raven se esforçou para responder com calma, enquanto pegava a capa com o porteiro.

Quando se virou para ir embora, sentiu a presença de Kell. Ao olhar para trás, viu que ele estava junto a Emma, e que apoiava ligeiramente uma mão no ombro da loira.

Raven sentiu que seu estômago se revolia com um tipo diferente de certeza: a de que aquele era um gesto de intimidade de um homem com sua amante.

Deixou escapar um dolorido suspiro. Porque doía pensar que a linda anfitriã do clube era quem recebia a atenção de Kell durante as noites em que ela ficava sozinha em casa.

Estampando um sorriso forçado nos lábios, Raven fez uma saída digna, com a cabeça erguida.

Ela se mexeu impaciente à luz do crepúsculo, meio acordada, meio dormindo, procurando alívio para a agitação que sentia em seu interior. A adorável boca de seu pirata estava em seus seios nus, macia e áspera ao mesmo tempo, chupando seus mamilos túrgidos. Ela estremeceu com a respiração acelerada enquanto a língua áspera dele fazia círculos ferozes.

Mais embaixo de seu corpo, sentiu o roçar dos dedos dele acariciando possessivamente sua entrada úmida, percorrendo a passagem escorregadia e delicada de seu corpo. Ela arqueou o corpo, desejando-o, ansiando por ele.

Em resposta, os lábios do pirata deixaram de atormentar seus seios nus e desceram mais, a boca aberta procurando seu sexo, o hálito quente sobre a carne sensível. Ela deixou escapar um gemido apertado de prazer enquanto ele explorava as dobras inchadas com a língua.

Quando ela começou a se mexer, ele empurrou seu rosto com mais vontade entre as pernas, agarrando com as duas mãos suas nádegas redondas para segurá-la com ainda mais força, enquanto a língua a penetrava e lambia com fogo, fazendo-a arder de desejo.

O corpo dela se contorcia insuportavelmente, os dedos agarrando os cabelos do pirata.

Entretanto, ele se negava a satisfazê-la. Depositando um último e extasiante beijo em seu centro, o pirata se colocou sobre ela. O rosto dele estava encoberto pelas sombras, mas ela conseguia sentir sua intensidade, a ardente sensualidade enquanto roçava a sedosa dureza de sua ereção contra ela.

Então, ele inclinou o corpo sobre o dela, o peso elegante de seus músculos pressionando as coxas trêmulas para que se abrissem.

“Você é a minha paixão e a minha dor”, ele sussurrou com voz rouca.

A impaciência dentro de Raven se agitou ainda mais, tórrida.

Quando a carne rígida e ereta a penetrou, ela ofegou e o trouxe para mais perto, introduzindo-o mais profundamente. E quando ele começou a se mover, ela colocou as pernas em torno do corpo dele e se ergueu para acompanhar o ataque feroz.

Foi um ato breve e quase violento, os suaves gemidos dela se transformavam em gritos enquanto seus sentidos explodiam num clímax. Raven estremeceu enquanto os espasmos convulsionavam seu corpo.

Mesmo quando o tremor do corpo finalmente se esvaiu, quando a pulsação acelerada finalmente diminuiu, ela ainda não se sentia saciada.

Raven se agitou, despertando, sentindo de repente o golpe brusco de decepção. Tinha deixado sua mente deslizar para seu mundo de ilusão onde estava acostumada a encontrar sua satisfação, mas desta vez o prazer habitual tinha faltado. Mesmo agora, seu ávido apetite continuava lá, clamando por atenção em seu interior. A ansiedade ainda a acossava e, com ela, um estranho vazio...

Girando na cama, Raven puxou o lençol cobrindo seus seios nus. O que tinha dado de errado? Seu amante imaginário nunca tinha falhado daquela maneira.

Ela o tinha criado para satisfazer seus ideais. E era tudo o que podia pedir em um amante: um homem terno, dominante, apaixonado, inteligente. Um companheiro sem nome nem rosto que fazia seu sangue ferver e acalmava seu espírito inquieto. Poucas vezes falava, a não ser para desafiá-la, vendo-a como igual, e não como uma conquista que devesse ser dominada ou subjugada.

Com ele, Raven encontrava a ternura que ansiava ter, o amor que não se atrevia a procurar em nenhum homem de verdade. Seu pirata era sua proteção contra a angústia. Ela podia se entregar a ele sem medo de se perder nesse amor.

Mas nunca tinha parecido tão insubstancial quanto agora.

Raven fechou os olhos, contemplando seu amante pirata. Seu rosto duro e viril, os cílios negros e espessos, os olhos ardentes, intensos, apaixonados.

Oh, Deus... Kell.

Ela gemeu baixo, tentando apagar da mente aquela imagem poderosa. Kell tinha uma semelhança muito forte com seu amante imaginário.

Uma pontada de pânico percorreu seu corpo enquanto tentava racionalizar aquela súbita mudança nos acontecimentos. Agora sabia que existia uma razão lógica para que sua fantasia fosse tão decepcionante: agora Raven tinha um exemplo real com que comparar.

Pela primeira vez na vida, sabia o que era a verdadeira paixão. Conhecia o contato de um homem de carne e osso, seu sabor, seu aroma, seu calor... Conhecia Kell.

Gemeu de novo, lembrando como ele a havia excitado em sua noite de núpcias.

Murmurando um juramento, Raven afundou o rosto no travesseiro, decidida a enterrar de vez as vívidas lembranças daquela noite.

Mas ela não podia negar a angustiante verdade. Aquele amante imaginário já não era tão satisfatório quanto seu marido real.

Aquele marido esquivo que não queria nada com ela.



Raven não lamentava ter usado métodos escusos para obrigar Kell a colaborar com sua própria salvação, embora estivesse preocupada que ele não tivesse levado a aposta a sério. Decidida a fazê-lo ouvir, ela cancelou sua cavalgada matinal do dia seguinte e surpreendeu seu marido juntando-se a ele no café da manhã.

Kell a olhou rapidamente enquanto lia *The Morning Chronicle*, aparentemente aborrecido por ela ter invadido seus domínios. Depois de um seco cumprimento, voltou a concentrar-se nas notícias.

Raven não permitiu que seu aborrecimento a afetasse. Ela fez seu prato e se sentou numa cadeira ao lado do marido, dirigindo-se a ele enquanto espalhava geleia de morango em um muffin.

– Conversei ontem com Dare e Lucian a respeito do nosso plano para salvar sua reputação. Eles se propõem a fazer todo o possível para ajudar, agora que você concordou em participar.

O som que Kell emitiu foi algo entre um grunhido e um suspiro.

– Eu sei. Eles foram ontem à noite ao clube.

– Foram? – Raven sorriu aliviada. – Tinha certeza de que podia contar com eles.

Ela deu uma mordida no ovo quente e olhou para Kell. Ele estava vestido de maneira informal de novo, sem lenço, e sua jaqueta moldava seus ombros musculosos com perfeição, enquanto o branco imaculado de sua camisa destacava sua beleza morena. Raven estava começando a se acostumar com sua cicatriz, e sua atração sensual e imperturbável ainda tinha o poder de provocá-la.

Repreendendo a si mesma, Raven começou a procurar mentalmente um assunto para distrair seus pensamentos da perigosa masculinidade de seu marido.

– Estive pensando sobre o menino limpador de chaminé que vi ontem em seu clube, Kell. Como vai Nate?

Ele não tirou os olhos do jornal.

– Está bem.

– Estive pensando...

– Isso me parece perigoso – murmurou Kell em um tom seco.

Raven reprimiu um sorriso.

– Tenho a impressão de que uma casa de jogo não é um bom lugar para educar um menino.

Kell levantou o olhar diante desse comentário, e a encarou atentamente por cima do jornal.

– E você se considera uma perita em como criar meninos?

– Não, e isso não é uma crítica, por favor. Só achei que talvez fosse melhor Nate morar aqui. Em sua casa, quero dizer, do que no clube.

Os olhos de Kell se fixaram nos olhos dela.

– Você está falando sério em receber aqui um garoto das ruas? Não tem medo de que ele roube a prataria ou assassine você enquanto estiver dormindo?

– Nem um pouco – respondeu ela, surpresa por Kell ter feito essa pergunta.

– A maioria das mulheres teria.

– Bem, eu não tenho. E certamente gostaria de ajudar.

Quando Kell respondeu por fim, seu tom tinha perdido o toque de acidez.

– É muita generosidade sua oferecer isso, mas Nate já conhece todos os empregados do clube, e estou certo de que ficaria menos apreensivo lá do que aqui em casa. De todo modo, ele só vai continuar no clube por apenas mais alguns dias. Vou levá-lo à casa das crianças assim que seus ferimentos sararem um pouco mais.

Raven franziu a testa.

– Ouvi algumas histórias desagradáveis sobre essas casas. A respeito da vida cruel que os internos têm.

– Nem todos os lugares são assim. E é melhor para Nate estar rodeado de meninos de sua idade e aprender um ofício. O menino é esperto, apesar de parecer tão amedrontado.

– Mas deve ser terrível para ele ter que viver em um novo lugar.

– A casa não é tão terrível – respondeu Kell. – A diretora é uma mulher jovial e dá biscoitos de gengibre aos recém-chegados para que se sintam bem-recebidos.

– Eu gostaria de ver isso – disse Raven, pensativa. – Você me deixaria acompanhá-lo quando for levar Nate?

Kell apertou os olhos com algo que parecia suspeita.

– E por que quer ir?

– Porque tenho pouco com que ocupar meu tempo. E gostaria de fazer algo que valesse a pena, em lugar de vagar por aqui como uma alma penada, com pena de mim mesma. Por favor! Prometo que não serei um estorvo nem causarei nenhum problema.

Um divertimento relutante iluminou os olhos de Kell.

– Seu sobrenome é problema, minha senhora. Mas se quer mesmo ir...

Raven abriu um sorriso brilhante.

– Quero, sim!

– Muito bem. Agora, vai me deixar terminar meu café da manhã em paz?

– Claro que sim – concordou ela. – Se me der uma ou duas páginas desse jornal.

Você é sempre tão mal-humorado de manhã? – ela não conseguiu conter a pergunta quando ele concordou.

O olhar de Kell tinha ganhado um tom de exasperação.

– Eu gostaria de lembrá-la de que você deveria ser uma esposa de conveniência e não uma briguenta.

Raven engoliu seu regozijo com esforço e se concentrou na página que falava da alta sociedade, satisfeita em recuar depois de sua pequena vitória.

Quatro dias depois, ela acompanhou Kell e Nate no trajeto de Londres a Hampstead, onde ficava a Casa de Caridade para Meninos Indigentes.

De início, Nate parecia sobressaltado pelo luxuoso interior da carruagem e pela visão pouco familiar do campo que percorriam. Ele estava sentado com rigidez, sem se atrever a falar, olhando pela janela, embora estivesse escutando avidamente todas as palavras ditas por Kell.

Era surpreendente para Raven a maneira como Kell procurava tranquilizar o garoto:

– Se não gostar do lugar, não precisa ficar. Mas ali haverá outros meninos da sua idade. E aprenderá um ofício que vai lhe permitir ser seu próprio mestre um dia.

– Nada mais de limpar chaminés? – perguntou Nate, num fio de voz.

– Não, mas vai ter que aprender a ler e fazer contas.

O menino franziu o nariz com desagrado.

– Por que preciso aprender a ler e calcular, senhor?

– Porque, se souber calcular, não terá que se esforçar nesses trabalhos físicos. Você poderia ser aprendiz de alfaiate ou ajudante de um lojista, ou talvez até mesmo empregado de um escritório. E é menos provável que seja depenado por comerciantes inescrupulosos e sedentos por arrancar seu dinheiro duramente conseguido. Pode acreditar em mim, quando se está no começo de sua carreira, você não pode se dar ao luxo de gastar um centavo.

Com um movimento, Kell tirou uma moeda de trás da orelha do menino e a deu de presente.

Nate arregalou os olhos, surpreso e maravilhado.

– Tome, garoto – acrescentou Kell, tirando um pequeno moedeiro do bolso. – Você vai precisar de algum dinheiro para passar as primeiras semanas.

O menino estava sem palavras enquanto Raven sentia lágrimas arderem nos olhos. Não restava dúvida de que essa bondade era uma coisa estranha na curta vida de Nate.

Quando chegaram à encantadora aldeia de Hampstead e desembarcaram, o menino agarrou a mão de Kell. A casa de tijolo, grande e antiga, coberta de trepadeiras, parecia mais a residência rural de um cavalheiro, mas, atrás da casa, havia construções e campos mais apropriados a uma fazenda, com galinhas, porcos e gado pastando soltos.

Para grande alívio de Raven, o diretor da casa que os recebeu parecia amável e inteligente, e sua esposa era realmente uma alma divertida, que conquistou Nate com biscoitos de gengibre, e logo conseguiu que ele respondesse a suas amáveis perguntas sobre suas origens.

Nate não sabia nada a respeito de seu pai, mas parece que sua mãe era uma concubina em Covent Garden que o tinha vendido para aquela infernal existência de limpador de chaminés quando o menino estava com cinco anos. E ele tinha sido visivelmente aterrorizado pelo homem que havia sido seu amo.

A senhora Fenton assegurou solenemente que ali ninguém bateria nele nem o obrigaria a subir a nenhum lugar, exceto talvez a escada que dava ao palheiro dos celeiros. Depois apresentou Nate a uma meia dúzia de outros meninos, que o levaram para dar uma volta pelas dependências da casa, enquanto o senhor Fenton explicava a Raven como funcionava aquele lugar.

A casa abrigava uns quarenta órfãos, muitos deles mendigos, batedores de carteira ou limpadores de chaminé. Eles dormiam em quartos de acordo com a idade e eram obrigados a realizar tarefas na granja diariamente, mas passavam várias horas do dia nas salas de aula, e o resto do tempo aprendendo diversos ofícios com professores.

Quando o senhor Fenton perguntou para qual profissão Nate poderia ser mais qualificado, Kell respondeu pensativo:

– Ele não sabe ler uma palavra, mas demonstra certa aptidão para matemática. É capaz de calcular corretamente as fichas da mesa de jogos – e Kell esboçou um sorriso seco. – E tem um vocabulário que faria um marinheiro ficar vermelho de vergonha. Também preciso avisar que ele não gosta muito de tomar banho. Com uma alimentação decente, seu corpo fraco vai se recuperar com o tempo, mas duvido que um dia esteja apto a trabalhos físicos pesados.

– Faremos o possível para ele consiga se desenvolver, senhor. Deus o abençoe – disse a senhora Fenton.

– Tenho certeza de que sim – devolveu Kell. – Vocês conseguiram fazer milagres com os outros pobres garotos que eu trouxe aqui.

Os milagres curativos já tinham começado para Nate, percebeu Raven. Quando

voltou correndo, seus olhos brilhavam pelas maravilhas que tinha acabado de presenciar na primeira casa de verdade que tinha conhecido. Sua felicidade era tão grande, tão palpável, que parecia que estava no céu; uma felicidade que só se apagou um pouco quando Kell e Raven se despediram.

Kell ficou silencioso até que estivessem sentados na carruagem que os levaria de volta até Londres.

– Bem, ficou satisfeita ao confirmar que ele não estará condenado a uma vida de crueldade?

– Estou – disse ela suavemente. – Não posso imaginar um melhor lugar para ele.

Era verdade, ponderou Raven, pensando na vida terrível que esse menino devia ter levado. Lembrando que ele era um bastardo, sentiu um pouco de vergonha de si mesma por ter ficado deplorando suas próprias origens durante todos aqueles anos. Ela tinha vivido muito melhor do que o pobre Nate. Pelo menos, teve uma mãe que a amava, enquanto Nate não teve ninguém até Kell o salvar literalmente das ruas.

Kell se importava muito com aquele garoto, era muito evidente.

– Foi extremamente bondoso de sua parte ter salvado Nate – acrescentou Raven.

A boca de Kell se torceu enquanto negava com a cabeça.

– Não sou nenhum santo, se for o que está pensando.

– Não, dificilmente eu poderia considerá-lo um santo. Mas sem dúvida pode ser chamado de um anjo da guarda... Diga-me uma coisa – ela olhou para Kell com seriedade. – Por que fez tanto por um menino que nem conhece?

Ele ficou em silêncio por um tempo antes de responder.

– Acho que é porque sua situação tão precária me lembra muito a minha. Sei como é sentir-se indefeso, desesperado. Sei como é viver nas ruas. Sozinho, sem nada nem ninguém a quem recorrer.

Ela ouviu dor em sua voz, a solidão que ele deixou transparecer, o homem por trás da máscara. Lamentando ter mexido em uma ferida tão aberta, Raven se censurou.

– Imagino que você não tenha sido tão miserável quanto Nate.

– Não, mas durante algum tempo fui tão impotente quanto ele. Cheguei a desprezar esse sentimento. E Nate me faz lembrar o meu irmão... Sean tinha a idade dele quando fomos entregues aos cuidados de meu tio. Reconheço que isso virou uma compulsão minha, salvar qualquer criatura indefesa que venha a cruzar o meu caminho.

– Incluindo a mim? Foi por isso que veio me salvar e se casou comigo?

Kell franziu a testa, tentando deliberadamente desconcertá-la, suspeitou Raven.

– Você é uma esposa extremamente curiosa.

– Acho que sim...

– Achei que tivesse prometido que não ia se tornar um incômodo.

– É que algumas vezes eu não consigo evitar. E você pode me bater e me deixar a pão e água se isso o fizer se sentir melhor.

– Não me provoque – avisou ele, embora seu sorriso tenha suavizado as palavras. Ele se recostou nas almofadas de couro, fechando os olhos e isolando-se dela.

Raven o observou por alguns momentos, maravilhada com a compaixão que tinha visto nele. Kell era um homem duro, de temperamento brusco e maneiras implacáveis, em especial com ela, mas ela estava começando a suspeitar que seu interior se parecia mais com manteiga derretida do que com granito. Era evidente que ele não conseguia suportar ver ninguém indefeso e oprimido.

Nate tinha tido a sorte de ser resgatado por Kell. E ela, seria também tão afortunada

assim?

Incomodada, Raven afastou esse pensamento, não desejando admitir que se casar com Kell tinha sido tudo, menos uma desgraça.

Desviando dele, olhou pela janela. Seria melhor ouvir as vozes de advertência dentro de sua mente. Se não tomasse cuidado, começaria a gostar muito de Kell, e era insensato nutrir esses sentimentos de afeto e de admiração por seu marido indesejado.

A bondade genuína de Kell deixou Raven ainda mais decidida a não o fazer sofrer por sua causa. Mas, a julgar pelos relatos diários que recebia de seus amigos, os progressos não eram significativos.

Raven esperava que, com o incentivo do marquês de Wolverton e o conde de Wycliff junto aos mais altos membros da elite, Kell conseguiria no mínimo uma oportunidade de superar sua má fama. De fato, ele havia participado de vários eventos sociais com Dare e se encontrado com os principais líderes sociais, até com o próprio príncipe regente. Dare também havia contado que os membros da Liga do Fogo do Inferno estavam visitando o clube regularmente.

E, mesmo assim, como Raven temia, os esforços sinceros de seus amigos de se reunir em torno de Kell tinham sido em vão. Segundo Emma, a frequência do clube tinha caído para os índices mais baixos desde a inauguração. E os falsos rumores sobre a casa de jogo só pioraram.

Por volta da semana seguinte, Raven decidiu que só havia um caminho a seguir: enfrentar diretamente a origem das calúnias.

Foi preciso planejar um pouco, mas, através de informações colhidas junto aos empregados, Raven descobriu que o Duque de Halford iria naquela noite ao teatro na Drury Lane. Quando ela manifestou o interesse de assistir àquela peça, tanto Brynn quanto Lucian mudaram seus planos e se dispuseram a acompanhá-la.

Ela se vestiu com cuidado, com um vestido de veludo azul real, que era a cor favorita de Halford, sabendo que essa cor ressaltava o azul forte de seus olhos, enquanto o decote baixo e quadrado exibia amplamente seus seios.

Halford já estava no teatro quando chegaram, sentado em um camarote em frente aos Wycliff. Mas se recusou até mesmo a olhar para Raven, o que ela sabia ser um desprezo calculado. Metade dos binóculos do teatro estava voltada para ela, mas Raven não deu nenhuma atenção aos espectadores ou à peça. Ela não saberia dizer nem do que se tratava, porque toda a sua atenção estava concentrada em sua tarefa.

No primeiro intervalo, quando viu Halford sair de seu camarote, convenceu Brynn a ir passear pelos corredores com ela. Como esperava, logo encontraram o duque, que estava rodeado por amigos.

Mantendo uma discreta distância, Raven aguardou até ele afastar dos amigos. Então, tomando fôlego, ela avançou, colocando-se em frente a ele.

Halford se deteve abruptamente e ergueu seu monóculo, observando-a como se fosse uma espécie particularmente incômoda de inseto.

Raven suportou seu exame contundente sem pestanejar.

– Boa-noite, Charles.

– Madame – ele não se deu ao trabalho de fazer reverência. – Confesso que a senhora me surpreende, abordando-me descaradamente em público deste modo.

– Achei que esta seria a única oportunidade de lhe falar – respondeu Raven. – Não tenho dúvida de que teria recusado se eu tivesse solicitado uma conversa em particular.

Halford arqueou uma sobrancelha em tom de zombaria e olhou em volta.

– Imagino que seu marido não a tenha acompanhado.
Seu tom era tenso, mas Raven tentou manter a calma, pois não desejava enfrentá-lo.

– Meu marido está ocupado neste momento. Tem um clube para dirigir, como o senhor possivelmente já sabe.

– Ah, sim! – O duque curvou os lábios com desdém. – Agora lembro que ele é um jogador. Deveria ter notado a sua presença, já que o fedor a seguiu até aqui.

Raven mordeu a língua.

– Charles, eu esperava conversar com você.

– Não se dê ao trabalho de gastar seu fôlego, madame. Nada do que tenha a dizer pode me interessar.

Ele se virou bruscamente e foi embora, deixando-a ali.

Mas a determinação de Raven apenas aumentou com esse gesto.

Quase ao final da peça, Raven informou estar com dor de cabeça e disse aos amigos que tomaria uma carruagem de aluguel para voltar para casa. Lucian a acompanhou até a rua e chamou uma para ela, porém, algumas quadras adiante, ela ordenou ao cocheiro que voltasse.

Ela desceu até o final de uma longa fila de carruagens que aguardavam seus patrões. Por sorte, a maioria dos cocheiros e lacaios estava reunida, rindo, jogando dados e apenas tentando se manter aquecidos por causa do ar gelado da noite de inverno.

Raven ficou nas sombras até localizar a carruagem do duque, com o brasão ducal estampado na porta, e então deslizou para dentro da cabine, esperando não ter sido vista. Sem dúvida estava arriscando um novo escândalo com sua audácia, as damas não pulavam para dentro de carruagens para confrontar nobres furiosos. Mas ela sabia que não tinha outra escolha.

Raven se encolheu no canto mais afastado do assento traseiro, e puxou uma manta da carruagem sobre a cabeça, rezando para não ser descoberta antes que se pusessem em movimento. Então, permaneceu ali quieta, entre as sombras.

Demorou um bom tempo até que a fila de carruagens começasse a avançar, e mais tempo ainda antes que se ouvisse Halford entrar na carruagem. Esperou até sentir que o veículo estava se movendo antes de tirar a manta e sentar-se. Mal dava para ver o duque sentado diante dela.

– Charles? – murmurou.

Com um sobressalto violento, ele agarrou a bengala para se defender.

– Charles, sou eu, Raven – acrescentou ela apressadamente.

Ele tentou dar uma batida no teto, mas ela se adiantou, agarrando-o pelo braço e imobilizando-o.

– Por favor, eu lhe peço que me escute um momento.

– Sua capacidade de compreensão está falhando? Não tenho interesse nenhum no que tem a dizer. Agora, suma daqui. Quero você fora desta carruagem imed...

– Charles, eu menti para você – disse ela rapidamente, antes que ele pudesse atirá-la para fora. – Meu casamento com Lasseter não foi um casamento por amor, apenas um ato de desespero.

Sua confissão fez Halford hesitar um instante.

– Do que você está falando?

Raven respirou fundo. Não via outra maneira de obter a compreensão dele além de contar toda a verdade e contar com sua misericórdia.

– Não foi Kell Lasseter quem me raptou, e sim seu irmão Sean.

– O irmão?
– Sean queria se vingar porque uma vez recusei seu cortejo. Mas Kell nada teve a ver com esse rapto e só se envolveu na história mais tarde.

Halford se recostou em seu assento, com a atenção concentrada na mulher.

– Suponho que você devesse me explicar tudo.

– É uma longa história...

– Estou ouvindo – retrucou ele asperamente.

Raven então contou que Sean tinha sido seu pretendente e a havia abordado depois nos jardins. Depois, sobre seu recrutamento à força na Marinha Real e seu desejo de vingança. Sobre os bandidos que ele contratou terem-na capturado violentamente quando ela estava a caminho da igreja, para o casamento.

– Sean me deixou inconsciente, drogou-me e me prendeu a uma cama. Não tenho dúvida de que queria me torturar ou algo pior, e Kell Lasseter interveio e me salvou de ser violada, tenho certeza. Mas, até aquele dia, Kell era um total desconhecido para mim.

– Um desconhecido?

– Sim. Eu nunca o tinha visto até o dia em que me raptaram. Ele só me protegeu do escândalo casando-se comigo.

– Então, você não o ama? – perguntou Halford devagar, com um primeiro sinal de dúvida.

– Não, absolutamente.

– Então, por que diabos mentiu a respeito de um casamento por amor?

– Porque temia que, de outro modo, você o desafiasse para um duelo.

O duque balançou a cabeça.

– Ainda não tenho certeza se entendi bem. Você me fez passar por tolo em vez de admitir a verdade?

– E a verdade teria servido para algum propósito melhor? Claro que ser abandonado por amor foi humilhante, mas sua prometida ter sido raptada era tão vergonhoso quanto, e muito mais perigoso. Você seria compelido a enfrentá-lo num duelo para defender minha honra, podia ter matado ou ser morto. Eu não desejava que isso acontecesse.

Halford estava em silêncio, sem dar nenhum sinal de ter acreditado.

– Fingindo um casamento por amor – continuou Raven –, eu tinha alguma chance de salvar algo de minha reputação. Juro, Halford, que não tinha nenhuma intenção de me casar com ninguém que não fosse você, mas Kell Lasseter era minha única alternativa. Casada, eu talvez pudesse sobreviver, mas sem um marido... E tinha quase certeza de que você se negaria a se casar comigo depois de meu rapto. Entretanto, havia outra possibilidade: você podia se sentir obrigado a honrar nosso compromisso, e eu não podia permitir que fizesse tal sacrifício. Sua duquesa devia estar acima de qualquer suspeita, e eu era uma mercadoria danificada.

Ele inclinou a cabeça sem responder.

– Por favor – implorou Raven –, acredite em mim, pensei que essa atitude seria a melhor. Era tarde demais para mim. Meu futuro já estava arruinado e não queria arruinar o seu também.

– Meu futuro foi arruinado aquele dia, querida – disse ele. – Quando a perdi.

– Seu coração nunca esteve comprometido, Charles. Você nunca me amou.

– Ah! Mas você está enganada. Eu me importava muito com você – ele se virou para ela. – Quem me dera tivesse acreditado em mim.

Ela sentiu a tristeza em sua voz e reconheceu uma dor autêntica. E seus olhos se

encheram de lágrimas.

– Sinto muito por tê-lo magoado, Charles. Não teria feito isso por nada nesse mundo.

Tirando as luvas, Halford esticou o braço e tocou o rosto molhado de Raven.

– Acho que você diz isso com sinceridade.

– Claro que sim – respondeu ela com a voz trêmula.

Halford se recostou no assento, observando-a sob a fraca luz.

– E agora, está casada com um notório jogador.

– Está tudo bem – ela enxugou as lágrimas distraída. – Mas tenho com Lasseter uma enorme dívida de gratidão. Ele não merece sua ira, Charles. O que fez foi me salvar de ser uma pária na sociedade. Se tiver que se zangar com alguém, por favor, faça isso comigo.

O duque suspirou.

– Não posso me zangar com você, querida. Você não é culpada do que lhe aconteceu. Mas gostaria que tivesse recorrido a mim para ajudá-la.

– Sinto muito, Charles, mas não pensava que tivesse escolha. Você consegue entender isso?

– Acho que sim... Muito bem, então... vou levá-la para casa.

– Charles... – ela hesitou, perguntando-se se podia arriscar-se a pedir um favor. – Eu preferia que você me acompanhasse a outro lugar.

– Aonde?

– Ao Golden Fleece – Raven apressou-se em explicar. – Como lhe disse, tenho uma enorme dívida de gratidão com o Lasseter, mas ele está sofrendo por minha causa. Suas acusações quase o arruinaram. Charles, se você pudesse fazer uma breve aparição em seu clube, talvez passar um pouco de tempo em suas mesas de jogo, isso seria um grande avanço para refutar os rumores que tem feito circular sobre a suposta falta de honestidade dele. Por favor, em consideração a mim, você poderia ao menos cogitar a hipótese de ajudá-lo?

– Pode esquecer, eu não jogo.

– Mas você poderia abrir uma exceção apenas desta vez. Eu lhe restituiria seu dinheiro. Alguns poucos milhares de libras seriam mais do que adequados. Se pudesse fingir que os perdeu de bom grado, eu...

– Não diga absurdos desse tipo – o tom dele era tenso, mas com uma nota seca. – Posso me permitir perder alguns milhares de libras.

– Então, você me acompanhará?

Halford suspirou de novo, desta vez muito exasperado.

– Não posso imaginar como fui deixar você me convencer a fazer algo que desprezo.

Sorrindo com enorme alívio, Raven agarrou sua mão sem luva e a beijou, agradecida.

– Porque você é um homem maravilhoso e magnânimo que acredita em fazer o que é certo.

Era quase meia-noite, a St. James Street estava surpreendentemente cheia de festeiros, jogadores e grupos que passeavam pela cidade. Mas pouca gente entrava no Golden Fleece.

Quando Raven e seu convidado foram admitidos pelo mordomo e acompanhados até a sala de jogo, ela hesitou, observando a diminuta multidão, consternada; a quantidade de pessoas jogando era ainda menor do que nas noites anteriores, ela suspeitava pelo que

Emma lhe havia dito. Só podia rezar para que isso mudasse em breve.

Com o coração na garganta, Raven se agarrou ao braço do duque, deu alguns passos e logo se deteve para causar efeito. Um silêncio se espalhou lentamente pela sala, como ela tinha previsto: o casal era o centro de todos os olhares.

Quando viu Kell, o coração começou a bater mais rápido. A expressão dele se mantinha impassível enquanto caminhava na direção dela devagar, mas Raven não acreditou que seu marido estivesse contente em vê-la, tampouco o duque de Halford.

Quando parou diante deles, Kell não os cumprimentou nem fez uma reverência.

A tensão preencheu o ar enquanto os dois homens se encaravam, como dois combatentes avaliando o oponente.

Raven tomou fôlego rapidamente e se apressou em fazer as apresentações.

– Sua graça, permita-me apresentá-lo a meu marido, o senhor Kell Lasseter. Kell, este é Charles Shawcross, duque de Halford.

– Sua graça – respondeu Kell secamente. – A que devemos a honra de sua visita?

Sua ligeira ênfase da palavra “honra” sugeria que não era bem assim...

Halford devolveu um sorriso tenso.

– Parece que lhe devo desculpas, senhor Lasseter. Infelizmente, acabei fazendo algumas acusações infundadas contra seu estabelecimento, pondo em dúvida sua honradez e sua reputação. Para minha vergonha, meus motivos não eram de todo honestos. Confesso que estava sentindo um ciúme insano depois que você levou minha noiva diante de meus próprios olhos. Mas espero sinceramente que possa me perdoar.

Quando os olhos negros de Kell se estreitaram, o duque se virou para Raven.

– Pronto, minha querida, foi o suficiente?

Sua generosa desculpa era bem mais do que ela tinha esperado. Raven teria se inclinado para beijar sua mão de novo, mas sabia que o duque não apreciaria uma demonstração tão pública de gratidão. Tampouco desejava alimentar ainda mais falatórios.

Em vez disso, os lábios dela se curvaram em um sorriso radiante.

– Obrigada, Charles – disse com suavidade. – Eu acredito que você é o homem mais amável que já conheci.

Halford ruborizou ligeiramente enquanto voltava sua atenção para Kell.

– E você é um homem de sorte, Lasseter. Confio que cuidará bem dela.

Raven sentiu Kell pousar o olhar penetrante sobre ela antes de responder:

– É o que pretendo fazer, Sua Graça.

Olhando em volta, o duque viu a mesa de jogos de dados e se aproximou dela com curiosidade.

– Não sou um grande jogador, mas estou disposto a tentar, se puder convencê-lo a me dar algumas instruções.

Com um único olhar, Kell chamou sua anfitriã, que estava assistindo à conversa entre os dois homens, assim como todos no salão.

– Esta é a senhorita Emma Walsh, Sua Graça. Ela o ajudará de todas as maneiras possíveis. E qualquer jogo de que participe, saiba que será por conta da casa. Se puder me dar licença agora, eu gostaria de trocar algumas palavras com minha esposa.

Se Halford ficou zangado por ser colocado a cargo de uma empregada da casa, não demonstrou. Sua reverência para com ela foi tão cortês quanto a saudação à linda anfitriã:

– Sinto-me honrado, senhorita Walsh.

Emma retornou um sorriso agradável.

– Estou encantada em lhe explicar como é o jogo de dados, Sua Graça. Se puder me

acompanhar...

Raven ficou a sós com Kell e seu olhar de ira. Ela quase se encolheu ao se deparar com aquele olhar perigoso.

– E o que você prometeu ao seu duque em troca dessas desculpas, querida esposa? – perguntou ele, em um tom de voz aveludado.

Ela ficou tensa diante dessa insinuação.

– Não prometi nada. Simplesmente contei a verdade sobre o nosso casamento. Que não era um casamento por amor e que você era um perfeito desconhecido para mim até aquele dia, e que me salvou não só de seu irmão, mas também do infeliz destino de ser marginalizada pela sociedade. Acontece que Halford tem uma natureza generosa, muito mais do que eu podia imaginar. Simplesmente pedi que ele fizesse uma aparição pública aqui para ajudar a refutar os rumores que ele mesmo tinha iniciado, mas ele acrescentou todo o resto – ela apertou os olhos. – E você devia ter demonstrado um mínimo de gratidão. Seu clube estará salvo agora.

Dizendo isso, ela deu meia-volta e se afastou, deixando Kell sozinho, furioso.

Ele não queria mostrar nenhuma gratidão ao duque. Estava furioso por ser obrigado a ser grato a alguém, especialmente a um homem da elevada categoria de Halford. E mais irritado ainda por um nobre ser capaz de ter tamanho poder sobre sua vida, despertando seus sentimentos adormecidos de inferioridade e impotência.

Quanto à sua intrometida esposa... Ela simplesmente havia desrespeitado descaradamente os seus desejos. Seu olhar pousou sobre Raven enquanto ela estava ao lado do duque na mesa de jogos.

O duque de Raven.

Seu rival.

Kell fechou os punhos, o ciúme foi uma emoção inesperada se formando em seu interior. Por mais que se negasse a reconhecer, a visão deles dois juntos acendeu todos os seus instintos masculinos de possessividade. E provocou o surgimento de imagens indesejadas em sua mente, de Raven se entregando a seu amante.

Seu sangue ferveu ao pensar nesse rival aristocrático tocando sua esposa, desfrutando de seu corpo adorável, acariciando seus seios fartos, suas pernas longas e esbeltas. Diabos, era ele quem queria estar chupando os bicos dos seios intumescidos, acariciando sua pele suave e macia, tão aveludada sob suas mãos...

Aqueles pensamentos fizeram sua virilha doer.

Praguejando novamente, Kell se virou. Precisava recuperar o controle de novo antes de se transformar em alguém parecido com seu irmão, louco de luxúria e de um ciúme insensato, pronto para lutar pela tentadora Raven Kendrick.

Enquanto contemplava o jogo distraidamente, Raven estava bem consciente do olhar pensativo do marido que vigiava a multidão. Kell estava de pé de um lado do salão, parecendo solitário mesmo em um ambiente cheio de pessoas. Como se fosse uma raça à parte. Um rebelde.

Sua intensidade latente se somava a seu aparente isolamento, assim como a cicatriz que parecia esculpida na perfeição de seu rosto.

Não era à toa que Kell era considerado um pária, pensou, lembrando-se de maneira pouco à vontade de como aceitou as desculpas do duque. A sociedade refinada de Londres não aceitava facilmente um homem que demonstrava tão pouca deferência para com suas regras, e Kell parecia gostar de sua imagem desafiadora de ovelha negra.

Raven viu que era impossível tirar os olhos dele. Ele era distante, enigmático,

escandaloso. E ela se sentia mais atraída por ele do que por qualquer homem que já tivesse conhecido.

Seria por que, no fundo, ela também parecia um pouco com uma ovelha negra? Por que compreendia muito bem o que era estar sozinha? Ou por que Kell não a desejava? Por que ele era extremamente capaz de resistir a seus encantos? Ou talvez fosse porque a fascinação pelo perigo a fazia achar aquele homem tão poderoso...

Desde o primeiro dia em que estiveram juntos, Raven havia sentido aquela perigosa atração, o tremor excitante de caminhar pela beira de um abismo. Uma ameaça primitiva que ajudava a causar o desassossego de seu corpo...

Raven estremeceu. Como podia estar tão seduzida por um homem que a fazia ficar assim tão vulnerável? Como podia sentir-se tão ferozmente atraída por alguém que não necessitava dela nem a desejava?

Lançou outro olhar para Kell e, de repente, ficou paralisada. Emma Walsh se aproximara dele, que continuava à margem da movimentação do salão. Ao vê-los com as cabeças tão próximas, Raven sentiu a aguda pontada dos ciúmes agitando seu estômago.

Nem percebeu quando Dare se aproximou.

Seu amigo seguiu por um momento seu intenso olhar e logo comentou, achando graça:

– Se eu fosse a senhorita Walsh, tomaria todo cuidado. Parece que você quer lhe arrancar os olhos com as unhas...

Raven apertou os lábios, afastou os pensamentos de seu complicado marido e sua linda amante e voltou a atenção para o marquês.

– Você acabou de chegar?

– Sim, tive outro compromisso, o que foi uma pena – disse ele. – Ouvi dizer que perdi toda a emoção. Já circula pela cidade a notícia sobre as desculpas públicas de Halford a Kell. Suponho que tenha sido um arranjo seu, ou não?

– Só pedi que ele fizesse uma aparição aqui. Halford fez o resto.

– Pensei que seu marido estivesse mais feliz.

– Não Kell – murmurou Raven. – Ele acha que o gesto do duque foi de caridade.

– Bem, um homem tem lá seu orgulho. Mas, mesmo assim, Lasseter deveria estar agradecido a você.

– Ele não quer nada comigo.

Diante daquela resposta rabugenta, Dare lançou um olhar avaliador.

– Bem, e você fica incomodada que os interesses amorosos de seu marido sigam outra direção?

Raven desviou dos olhos interrogativos de Dare.

– Sei que eu não deveria ficar incomodada com isso. Nosso casamento foi só de conveniência. Ele tem todo o direito de ter uma amante ou um harém inteiro, se assim desejar.

– Minha querida, você poderia mudar essa situação. Não tenho dúvida alguma de que teria Lasseter a seus pés se o desejar.

Aquela era uma imagem interessante, Raven admitiu a si mesma. E deu outra olhada em Kell. Agora ele a estava observando com aqueles olhos negros que podiam enfeitiçá-la. Raven notou que, nesse instante, havia uma decidida frieza neles, talvez até desaprovação. Talvez não gostasse de vê-la relacionando-se com o marquês de Wolverton, assim como ela mesma não gostava de ver seu marido se exibindo abertamente com sua amante.

Obrigando-se a desviar o olhar, deu um sorriso a Dare.

– Talvez eu devesse recorrer a você e pedir alguns conselhos. Sem dúvida o Príncipe do Prazer poderia me instruir sobre como evitar que um marido mulherengo parasse de se afastar.

Ele começou a rir.

– Você não precisa de instruções sobre como manter a atenção de um homem. Teve metade dos varões de Londres desmaiando por você no último verão.

– Mas não sei muito bem como fiz isso.

– Pois eu posso lhe dizer. Porque você foi tão original, com sua franqueza e sua inteligência sagaz, tão diferente de todas as demais. Como se fosse um sorvete de limão comparado ao manjar branco delas...

Raven fez uma careta.

– Nossa, mas que lisonjeiro ser comparada a um pudim de baunilha... E pensar que me esforcei tanto para me adequar.

– Claro que conseguiu, minha querida, mas ainda assim se destacava em meio a todas elas – Dare hesitou. – Se está falando sério sobre evitar que seu marido desvie sua atenção, não fará mal um pequeno esforço de sedução – ele olhou para a mesa de jogo de dados. – Talvez eu devesse ir ver como Halford está se saindo.

Ele a deixou processando o conselho.

Raven franziu a testa pensativa enquanto olhava para o marido. Ela queria mesmo evitar que seu marido voltasse a atenção para outra mulher? Desejava mesmo correr o risco de ser desprezada e humilhada?

Seria inegavelmente ousado tentar seduzi-lo. Embora sua educação não tivesse sido convencional, ela ainda possuía bastante dos instintos de uma dama para hesitar diante de uma audácia tão flagrante. Mas, ainda assim, estava profundamente cansada de ater-se às rígidas normas sociais.

Por outro lado, já não era mais a imaculada virgem com uma reputação impecável para proteger, como tinha sido algumas semanas atrás. Nesse sentido, o escândalo tinha sido liberador. Agora estava muito mais livre das sufocantes restrições da sociedade, das trivialidades dos salões londrinos, da insipidez das pessoas, do fingimento. Se quisesse seduzir seu infame marido, poderia fazer isso sem sentir vergonha nem culpa.

Precisava confessar que estava tentada. Muito tentada.

Raven compreendeu também que estava sendo absurdamente ciumenta e tola quando viu Kell rindo de alguma coisa que Emma disse.

A intimidade daquele gesto despertou uma ardente rebeldia em seu interior. Involuntariamente, ela fechou os punhos e caminhou decidida e incapaz de se deter. Em um instante estava diante de Kell, querendo conversar com ele pela segunda vez na noite. Mas agora havia fogo em seu coração.

– Eu poderia trocar algumas palavras com você, querido marido? – disse Raven, trincando os dentes.

Kell arqueou uma sobrancelha enquanto o sorriso de saudação de Emma desaparecia.

A mulher olhou de Raven para Kell, que meneou a cabeça.

No momento em que Emma ficou fora do alcance de suas palavras, Raven começou seu discurso impulsivo.

– Fazer uma exibição pública de sua amante não é exatamente a melhor maneira de evitar escândalos.

Kell olhou para ela com calma, sem fazer comentários sobre a injustiça do ataque:

– Não fazia ideia que você se preocupava com as minhas amantes.

– E não me preocupo, exceto quando você faz uma exibição tão óbvia de seus afetos.

– Bem, se está preocupada assim com as aparências, talvez fosse mais conveniente continuar esta conversa em um lugar menos público.

– Muito bem, então – retrucou Raven, compreendendo que eram mais uma vez o centro das atenções. – E onde você sugere?

Kell fez uma reverência curta e zombeteira:

– Vou lhe encontrar em breve em meus aposentos. Acho que já conhece o caminho.



Raven o esperou no escritório particular, em vez da intimidade do quarto. O fogo da lareira estava reduzido a algumas brasas, e ela ficou ali perto, esquentando as mãos e se perguntando que loucura tinha dado nela.

Realmente pretendia dar tanta importância às amantes de Kell? Desejava de fato reconhecer que sentia ciúmes, inclusive para si mesma?

Mas, pelo menos, não precisou esperar muito. Em alguns instantes, ouviu a porta do escritório se fechar suavemente. Virou-se e viu Kell insolentemente apoiado no batente, observando-a com os olhos semicerrados.

– Imagino que agora possa me explicar o motivo desse acesso de mau humor, querida esposa – disse ele finalmente, em tom frio.

Raven engoliu em seco, lamentando o ataque anterior. Não queria que sua possessividade ficasse tão óbvia.

– Não foi exatamente um acesso de mau humor. Seria mais uma queixa.

– Certo, e do que você queria se queixar?

– De sua indiscrição – ela decidiu não falar toda a verdade. – É vergonhoso para mim ter que presenciar suas puladas de cerca com uma sala cheia de gente.

– Bem, se tivesse seguido meu conselho e tivesse se mantido longe daqui, não teria que presenciar meus namoricos, minhas “puladas de cerca”, como diz.

Afastando-se da porta, Kell atravessou o cômodo e se aproximou. Raven ficou parada, mas ele só foi até a lareira e se inclinou para atizar o fogo.

– Você estava flertando com sua amante de propósito debaixo do meu nariz – disse ela tensa – e não vou tolerar isso.

Isso provocou um olhar rápido e desafiador dele.

Raven ruborizou com a expressão agressiva e se apressou a acrescentar:

– Você concordou em manter a aparência de estarmos apaixonados, e manifestar publicamente desejo pela senhorita Walsh não é exatamente a melhor maneira de fazê-lo.

– Imagino – respondeu ele bem devagar – que você não espera que eu viva como um monge. E acredito ter mencionado que não sou muito a favor do celibato...

– Não, mas você poderia conter sua paixão por essa mulher e se manter longe da cama dela.

Ele arqueou as sobrancelhas.

– Por acaso você está exigindo fidelidade de minha parte, minha cara? Isso não faz parte de nosso acordo e não é exatamente justo. Você não foi uma esposa para mim de nenhuma maneira até agora.

– E você não foi um marido para mim!

Kell a estudou.

– Se não quer que eu busque meu prazer com a senhorita Walsh, talvez tenha interesse em ocupar seu lugar.

Raven sentiu seu coração bater forte.

– O que está sugerindo?

– Que seja você quem me dá prazer. Acredito que seja perfeitamente capaz de

assumir os deveres de uma amante ou, pelo menos, de satisfazer as obrigações carnavais que se espera de uma esposa.

Seus olhares se cruzaram e se mantiveram fixos um no outro.

– Então, querida – murmurou Kell, provocando-a –, está disposta a ser uma esposa adequada para mim?

Raven perguntou a si mesma se estava disposta a isso, antes de responder. Ela desejava Kell, não havia como negar. E queria afastá-lo da cama de sua linda funcionária.

Ela lhe devolveu o olhar, a tensão entre eles, uma corda tensa.

– Muito bem – murmurou ela.

– O que disse? Não ouvi.

– Disse que estou disposta!

Ele deixou seu olhar passear pelo corpo dela.

– Está disposta a satisfazer as minhas necessidades sexuais?

– Sim! Embora não acredite que seja fácil satisfazer um libertino com tanto apetite.

O comentário final de Raven deveria ser um insulto, mas Kell devolveu um sorriso tolerante.

– Espero que aprenda rápido. Afinal, você tem uma vastidão de conhecimentos incomum extraída de seu livro erótico. E também alguma experiência com seu amante imaginário.

Incomodada com esse lembrete, Raven franziu a testa. Talvez tivesse sido imprudente falar com Kell sobre suas fantasias, sem dúvida ele jogaria aquelas confissões na sua cara.

– Bem, e o que está esperando? – perguntou Kell enquanto ela ficou ali, tentando encontrar uma resposta conveniente. – Você acabou de aceitar me satisfazer.

– Você quer que eu... *agora*?

– Por que não agora? Que melhor oportunidade de demonstrar que fala sério? Pode começar me despindo.

– E você não pode se despir sozinho?

Ele sorriu, paciente e satisfeito.

– E onde estaria a graça nisso? Será mais agradável se você fizer as honras.

Reprimindo uma reclamação, Raven se aproximou com relutância e o ajudou a tirar o casaco. Então, tirou o colete e o lenço de pescoço. O colarinho aberto da camisa revelou um vislumbre da pele bronzeada ligeiramente coberta de pelos.

– Quero que me satisfaça, Raven – ele ordenou suavemente enquanto ela hesitava. – Tire minha camisa.

Obediente, ela deslizou as mãos sob a fina cambráia tocando sua pele, que estava quente e sedosa. Com sua ajuda, tirou a camisa pela cabeça, mas ficou distraída com os elegantes desenhos dos pelos do peito.

– Raven?

Afastando os olhos dali, olhou para ele. Um frio sorriso se formou em sua boca, insuportavelmente sensual; Kell sabia muito bem o quanto ela achava sua intensa masculinidade atraente.

– Agora a calça.

Com o rosto ruborizado por causa do olhar intenso do marido, Raven respirou fundo e desabotoou a abertura das calças e, em seguida, abriu sua ceroula. Seu membro excitado ficou livre, roçando seus dedos. Totalmente ereto, o membro estava tão duro como o mármore.

Raven recuou como se tivesse se queimado. O simples ato de tocá-lo era como brincar com fogo. E descobriu que não era tão corajosa quanto pensou que fosse. Uma coisa era fazer amor com uma fantasia, e outra muito diferente era tomar a iniciativa com esse homem cheio de vida e tão lindo.

Levantou os olhos para Kell, esperando que o ritmo acelerado de seu coração não estivesse tão evidente.

– Você está entendendo mal se acha que sei como lhe dar prazer assim... Não tenho seus conhecimentos nem sua experiência.

Para sua surpresa, Kell não a pressionou. Em vez disso, foi para sua mesa, pegou a cadeira e se sentou nela.

– Venha até aqui, então.

Ele estendeu o braço direito, dando a entender que queria que ela se sentasse em seu colo. Sua masculinidade descaradamente rígida se sobressaía da abertura da calça.

Aquela evidente excitação prendeu o olhar fascinado de Raven enquanto ia até dele. Mas então se recordou do ferimento a bala e hesitou, olhando para sua perna esquerda.

– Seu ferimento já sarou?

– Sim, o bastante para não atrapalhar meu desempenho, se for cuidadoso.

Ela se sentou com cuidado sobre a perna direita, sentindo os duros e fortes músculos de sua coxa flexionados sob as apertadas calças de cetim.

Ele a envolveu com os braços enquanto a posicionava com mais segurança em seu colo. Seus olhos tinham adquirido uma expressão sonhadora, os cílios pretos e aveludados cobrindo a sombria intensidade de seu olhar.

– Com meu corpo eu a adorarei – murmurou, repetindo um trecho de seus votos matrimoniais. – Você tem a intenção de me adorar adequadamente, esposa?

Sem responder, Raven se manteve rígida, apesar do calor que surgia nela com aquelas palavras. Continuou imóvel enquanto Kell, com dedos habilidosos, desabotoava os colchetes de seu vestido.

– Relaxe – disse ele ao notar a tensão da esposa. – Não obrigarei você a fazer nada que não queira.

Ainda assim, não conseguiu relaxar. Aquele membro rígido era como um ferro em brasa contra sua coxa, e ela não conseguia pensar em outra coisa senão no que aconteceria a seguir, como sentiria aquele grosso membro dentro dela, preenchendo-a...

Kell se inclinou para a frente e, com a língua, tocou a pulsação acelerada no pescoço dela.

– Abaixе o espartilho para mim.

Essa breve carícia fez irromper um fogo em seu interior, incendiando todos os seus nervos. Depois de uma breve hesitação, ela abaixou o decote de seu vestido de veludo azul, revelando os seios ainda cobertos pela camisola. Olhou para baixo e pôde distinguir o rosado contorno de seus mamilos intumescidos.

Kell se abaixou e beijou um deles através da malha tênue da roupa, procurando o bico com a língua e puxando com os dentes.

Raven estremeceu.

– A camisola também, quero ver você inteira.

Quando ela mostrou ter dificuldades para soltar os braços, ele a ajudou, abrindo os botões das costas, puxando as mangas e descendo toda a roupa, até deixá-la nua da cintura para cima. Onde quer que seus dedos a tocassem, sua pele parecia arder.

O olhar dele era calmo, apreciativo e muito masculino enquanto observava sua

carne nua.

– Eu continuo me esquecendo do quanto você é linda – disse ele, a voz baixa e rouca. – Seus seios são mais exuberantes do que sua magreza dá a entender.

Raven se mexeu inquieta em seu colo, os seios formigando pelo desejo de receber suas carícias.

Kell se fixou em seus mamilos rígidos, os olhos brilhantes, com um ardor que não tinha nada a ver com a raiva anterior.

– Os bicos dos seios já estão duros, e eu nem os chupei ainda... Quer que eu os chupe? – ele tocou o bico sensível, brincando com a boca.

Raven fechou os olhos, incapaz de negar seu desejo.

– Sim, quero... – suspirou.

– Então, ofereça seus seios para mim – ordenou com a voz suave como veludo.

Raven abriu os olhos de repente. Ele a estava observando com o desafio tingindo seus olhos negros. Raven compreendeu que ele estava falando totalmente sério. Kell queria que ela se comportasse como uma libertina. Mas, se pretendia intimidá-la, não conseguiria.

– Você não é muito solícita para ser uma amante – disse ele com um toque de censura na voz. – Aquele seu livro não lhe ensinou nada?

– Ensinou, mas é evidente que não é o tipo de coisas que está me propondo.

– Então terei que lhe dar lições de como uma mulher satisfaz um homem.

– Suponho que a senhorita Walsh saiba como satisfazer você.

Ele a observou com olhar enigmático.

– Ela sabe muito bem o que fazer. – Os olhos dele de repente eram intensos, seu tom mais duro. – E aquele seu amante imaginário? Ele sabe o que fazer para satisfazê-la?

– Sabe – replicou Raven, feliz em ter alguma coisa para jogar na cara de Kell.

– Então, pense em mim no lugar dele. Quero ser esse seu amante esta noite. Agora, faça o que eu digo e me ofereça seus seios.

Outro tremor sensual percorreu o corpo de Raven. Kell era audaz, descarado, autoritário como seu amante pirata... E aquilo a excitava mais do que podia imaginar. Engolindo seus receios, fez o que ele pedia, agarrando os seios até ficarem levantados e apertados em suas mãos.

Kell assentiu, com um sorriso encantado e predatório.

– Agora diga: “Por favor, chupe meus seios, meu amante”.

– Kell...

– Diga!

– Por favor... chupe meus seios... meu amante...

– Como quiser, minha querida.

Ele inclinou a cabeça, procurando e encontrando. Sua boca quente e bem-moldada provocou uma surpreendente torrente de fogo que percorreu seu corpo.

Quase desfalecendo, Raven agarrou o cabelo preto dele com os dedos enquanto ele a sugava. Kell a estava excitando até um ponto que ela não acreditava ser possível. Sua boca era uma labareda sobre seus seios nus e doloridos, e ela mal podia lutar contra aquele prazer.

Momentos depois, sentiu a mão dele mover-se entre suas pernas e estremeceu. Sem que se desse conta, ele tinha levantado a barra de seu vestido para acariciar sua coxa nua com a palma da mão. Quando chegou ao monte de Vênus e fechou a mão em concha, o gesto foi tão sexualmente possessivo que Raven sufocou um grito.

– Toque-se, querida. Sinta como está molhada.

Ela não precisava se tocar. Raven sabia que sua entrada secreta estava molhada e inchada, pulsando de necessidade por ele.

Mas Kell se negou a aceitar um “não” como resposta. Agarrou sua mão e guiou seus dedos até a junção de suas coxas, fazendo-a explorar de maneira intencional sua própria carne tenra.

Ele estava certo, ela estava úmida, rendida, clamando apaixonadamente por ele. Raven sentiu um tremor de excitação invadir seu corpo.

Então, acariciando o ponto que ardia de prazer com seu polegar, ele enfiou profundamente um dedo nela. Raven gemeu com o corpo pulsando pelo contato, como se fosse feita só para ele.

Durante um longo momento, ele a acariciou, transtornando todos os seus sentidos.

– Acho que você já está pronta para mim – disse Kell satisfeito.

Envolvendo-a com os braços, ele a levantou e a colocou na mesa, de frente para ele, e então a deitou de costas sobre a dura superfície. Mas Raven mal notou o desconforto, porque Kell estava levantando sua saia, revelando todos os seus segredos para ele.

À luz do fogo, os olhos de Kell brilhavam como ônix enquanto abria as pernas de Raven com as mãos e, lentamente, acariciava a parte interna de suas coxas nuas. A maneira como ele a olhava era cruamente sexual e fazia disparar os batimentos de seu coração.

Deixando as coxas dela bem separadas, ele se inclinou. Um relâmpago atravessou o corpo de Raven ao compreender sua intenção ousada.

Ela balbuciou um protesto e empurrou os ombros dele, tentando fazê-lo parar.

Kell levantou a cabeça, os olhos brilhando.

– Seu amante imaginário já a beijou aqui?

A pergunta era íntima demais para o conforto de Raven.

– Já beijou? – Kell insistiu, depois de ver que ela não respondia.

– Sim!

Kell inclinou a cabeça, com seu hálito quente roçando a carne inchada.

– Então não me negue aquilo que dá a ele com tanto entusiasmo.

Ao primeiro contato de sua boca, ela gemeu. Queria que Kell a beijasse ali. Seu corpo estava implorando, ansiando por isso, não importava se fosse insensato ou tolo. Ela quase conseguia sentir suas dobras femininas movendo-se como lábios de verdade em antecipação, implorando por suas carícias.

– Quero provar o seu néctar – murmurou ele com a voz firme, antes que sua língua a tocasse, acariciando-a suavemente.

O prazer quase a fez desmaiar. Com um gemido sufocado, Raven colocou as duas mãos nos cabelos de Kell, não para afastá-lo, mas para trazê-lo mais para dentro de suas coxas em brasa. Sua paixão era como uma marca de ferro quente que queimava sua carne. Kell fez o que ela pediu e a beijou. Um instante depois, sua língua deslizou profundamente nela. Raven conteve a respiração num soluço e tentou desesperadamente mover os quadris, tentando escapar de sua boca.

Mas ele não a deixou se afastar. Mantendo-a imóvel, passou os braços sob as coxas e prendeu as pernas dela sobre seus ombros. Sua língua continuava a atacá-la, chupando com suavidade, saboreando, penetrando, oferecendo-lhe o mais maravilhoso prazer que tinha conhecido. E, sob esse ataque desumano, Raven quase enlouqueceu. Ela arqueou o corpo diante daquela boca ardente, os quadris se movendo num ritmo primitivo, absurdo, elementar, os sons de frenesi crescendo em sua garganta e preenchendo o ambiente.

Em poucos momentos, ela alcançou o êxtase desfazendo-se em um apaixonado

clímax, gritando diante das faíscas lançadas para o alto, afogando-se num fogo negro e numa escuridão brilhante.

Enquanto ela ainda estava se recuperando, Kell se moveu para cima, beijando seu seio, sua garganta úmida, o canto de sua boca. Raven estava ofegante, repleta e, entretanto, vagamente insatisfeita.

Ele a tinha deixado agitada, consciente de sua própria paixão, e cheia de uma ânsia desesperada. Raven queria os dois unidos, queria senti-lo profundamente dentro dela.

– Venha para dentro de mim – sussurrou.

Ele entreabriu os olhos com uma luxúria calorosa e perigosa diante daquele convite, mas não obedeceu. Em vez disso, virou-se para tirar o restante de sua roupa.

Trêmula, Raven se levantou para observá-lo. Viu que Kell ainda exibía uma bandagem em torno da coxa quando ele ficou nu diante dela. Mas a beleza de seu corpo esbelto e atlético a deixou com a garganta seca. Sentiu que palpitava dolorosamente entre as pernas. Ele era tão másculo e a desejava. Tal como ela o desejava. A única coisa que Raven podia pensar naquele momento era como sua esplêndida ereção a preencheria...

Kell devia estar pensando a mesma coisa, porque seu olhar brilhante deslizou sobre ela enquanto ia ao seu encontro. Com a respiração oscilante, Raven acariciou seu peito. Sua pele estava quente e macia como veludo, seus músculos vibravam sob seus dedos. Viu que suas próprias mãos estavam tremendo.

Entretanto, Kell não parecia aflito por seu estado de confusão. Com um sorriso frio, ele se posicionou entre as pernas abertas e a puxou para si, até que o bico dos seios dela pressionassem os músculos fortes do peito, até que seu grosso membro tocasse a entrada do calor feminino dela.

Raven sentiu o choque da pele nua de Kell contra a sua e teve um calafrio.

– Você me quer? – perguntou ele, segurando-a facilmente com seus fortes braços.

– Sim – respondeu Raven. O desejo fluía em uma enlouquecida torrente, varrendo toda a sua resistência.

Ela se rendeu completamente quando ele a recolocou de costas sobre a mesa, tremendo ao sentir o corpo dele imobilizando-a contra a superfície, a antecipação gritando por todos os sentidos. Ainda não tinha se dado conta de quão desesperada estava para sentir aquilo. Era como se seu corpo tivesse estado faminto pelo membro de um homem, pela rigidez de Kell. Desejava, necessitava, ansiava um fim para a espera impaciente e tórrida que ele tinha despertado nela.

Raven conseguia sentir o calor da carne dura dele forçando suas dobras macias...

O mesmo calor estava nos olhos de Kell quando a penetrou lentamente, deslizando por sua vagina molhada. Raven deu um suspiro agudo enquanto o feroz membro invadia sua delicada suavidade.

O beijo dele aqueceu o arco de sua garganta enquanto entrava mais fundo.

– Você consegue aguentar tudo? – murmurou Kell, a voz um sussurro rouco.

– Sim... – ofegou Raven.

E suspirou alto ao senti-lo dentro dela, enorme, quente e urgente, forçando-a a abrir-se mais para ele.

E ele parou, imóvel, esperando que ela se acostumasse com a sensação de seu membro intumescido dentro do corpo. Foi um longo momento antes que Raven relaxasse sob ele.

– Isso – ele elogiou com um sussurro. – Quero você me envolvendo como um mel.

Então a beijou. Agarrou seus seios, apertando-os eroticamente enquanto, de maneira

ritmada, invadia sua boca com a língua de maneira totalmente sexual. Seu sabor, seu aroma, seu contato, tudo tomava conta dos sentidos de Raven enquanto ele começava a mover-se dentro dela.

Raven gemeu dentro da boca de Kell, os músculos se contraindo diante do calor úmido que a preenchia. Sentia-se enlouquecida, incapaz de cansar de seu homem.

Kell também sentia a mesma urgência latejando em seu corpo. Consciente de que seu autocontrole estava quase no limite, pegou a mulher excitada em seus braços e a levantou. Ainda duro como o aço, e sem sair de dentro dela, atravessou rapidamente a porta que se ligava ao seu quarto.

Sua intenção era levar Raven até sua cama, mas de repente compreendeu que não poderia chegar até lá. Então, ele a apoiou contra a porta e a penetrou mais profundamente.

O intenso prazer os fez estremecer de modo selvagem.

Ele a possuiu contra a porta, com firmeza. Sua mão passou pelos cabelos dela, fazendo saltar todos os grampos, ao mesmo tempo que sua boca encontrava a dela, não permitindo que ela se movesse nem se afastasse. Kell sentiu a reação, sentiu os movimentos revoltos de seus quadris arqueando-se contra ele enquanto um apetite animal tomava conta dos dois.

Raven sentiu esse mesmo calor intenso enquanto aquele corpo duro e teso se movia contra ela, invadindo-a com seu desejo. Ele a penetrava com exigência selvagem, entretanto Raven não sentia medo, porque queria essa ferocidade...

Estremecendo diante da força de suas investidas, lançou-se contra ele com ânsia desesperada. Um zumbido encheu seus ouvidos enquanto a deliciosa pressão ia aumentando. Selvagem, Raven agitou a cabeça, projetando seu quadril contra o dele com desejo frenético.

De repente, Kell contraiu os músculos. Jogou a cabeça para trás, o pescoço contraído, e a penetrou mais uma vez, explodindo em um gemido enquanto seu orgasmo inundava Raven e a levava ao extremo. Ela soltou um grito, cravou os dentes na pele nua de seus ombros e se entregou ao prazer selvagem e descontrolado que a atravessava.

Ambos se renderam um ao outro, ofegantes. E, uma eternidade depois, Kell voltou à Terra para ver Raven escondendo o rosto na base de sua garganta, o coração batendo num eco frenético do seu próprio coração.

Ele foi invadido pela preocupação. A maneira como havia possuído aquela mulher tinha sido devastadora; ele a havia tomado com a paixão de um pirata, com pouca consideração por sua inexperiência.

Inclinando-se para trás, observou o rosto ruborizado dela, os lábios inchados e machucados.

– Machuquei você? – perguntou com voz rouca.

– Não – respondeu ela rapidamente.

Mas ainda assim, havia uma expressão de vulnerabilidade na boca que ele tinha acabado de arrebatar.

Ele sentiu um calor e uma ternura feroz tomando conta de seu corpo. Queria ter feito a coisa certa. Da próxima vez, a trataria com mais gentileza.

E, sem dúvida, haveria uma próxima vez. Ele estava cansado de lutar contra o seu desejo. Raven era sua esposa, e ele a desejava, deveria poder tê-la.

Era evidente que ele poderia usar de toda a sua força de vontade para desfrutar de seu corpo sem se apaixonar por ela. De satisfazer sua necessidade e, ainda assim, resistir à sua incrível atração.

Seria difícil, claro, mas estava disposto a fazê-lo.

Ele apertou os braços em volta dela, esmagando por um momento seus seios nus contra o peito. Mantendo suas pernas em torno de seus quadris, ele conseguiu abrir a porta e levá-la para a cama, onde a deitou e a ficou observando.

O quarto estava escuro, exceto pelo fogo que ardia muito fraco na lareira, mas Raven não teve dificuldades para distinguir o brilho de seu olhar nem seu próprio desalinho. Suas saias e seu espartilho estavam enredados em sua cintura.

Sentindo o rubor subir ao rosto por sua nudez quase total, ela se mexeu, incomodada.

– Meu vestido está arruinado... – murmurou, puxando o espartilho.

– Comprarei um novo para você – respondeu ele, enquanto começava a tirar a roupa dela.

– Kell... O que está fazendo...?

– Despindo você. Você ficará aqui esta noite. Ainda não me satisfaz plenamente.

– Kell... – Raven mordeu o lábio inferior. Ela tinha concordado em satisfazer suas necessidades sexuais, não em passar a noite em sua cama. – Não quero ficar aqui esta noite com você.

– Por que não?

– Porque... Isso poderia levar a complicações indesejadas.

Esse comentário o fez parar.

– A intimidade física pode alimentar muita intimidade emocional. É isso o que quer dizer?

Ela tremeu.

– Sim.

Sem responder, tirou a roupa dela completamente, puxou o lençol que estava preso sob os quadris de Raven e cobriu seu corpo nu. Depois de ir à lareira e atizar o fogo, Kell voltou à cama e deitou ao lado dela. Por um momento ficou ali, deitado, olhando para o teto com os braços enlaçados sob a cabeça. Por fim, falou:

– Se entendi suas reservas perfeitamente, você tem medo de ter um amante de verdade porque está decidida a nunca se apaixonar?

– Sim... – e, em um gesto defensivo, Raven puxou o lençol e cobriu seus seios.

Kell virou de lado, apoiando a cabeça em uma de suas mãos.

– E, entretanto, sexo e amor são duas questões totalmente diferentes, Raven. A paixão não conduz necessariamente ao amor. Se assim fosse, a maioria dos homens da alta sociedade estaria apaixonada por suas amantes.

Ao ver que ela não respondia, afastou uma mecha de cabelos de seu rosto.

– Não vejo razões por que não podemos ser amantes, Raven. Uma relação puramente baseada no prazer sensual. Como você, não estou interessado em nada mais profundo.

Raven ficou tensa, desejando desviar de seus olhos que pareciam arder intensamente.

Ela de fato não podia negar que sentia medo. A paixão era perigosa, podia conduzir a uma terrível vulnerabilidade. Talvez Kell estivesse certo, o verdadeiro perigo não estava na intimidade física, e sim na intimidade emocional. Um homem podia obter o prazer do corpo dela, mas, se entrasse em seu coração, ele assumiria o controle.

Raven sentiu um arrepio. Ela nunca sofreria por um amor trágico como sua mãe. Nenhum homem iria torná-la insensata, sem vontade própria.

Mesmo assim, a paixão pela carne nem sempre resultava em paixão do coração...

Como se percebesse seu redemoinho interior, Kell deslizou a mão sob o lençol, apoiando-a ligeiramente sobre seu seio.

– Estamos unidos como marido e mulher, então podemos também nos satisfazer como marido e mulher...

Seu contato quente e erótico a distraiu, impedindo que elaborasse uma réplica coerente.

– Você gosta de fazer amor comigo, minha cara – acrescentou ele em voz baixa. – Sua reação agora pouco comprova isso – sorriu com cumplicidade. – Nem todas as mulheres são tão sensíveis como você. Seu corpo anseia pelo meu contato.

E como se quisesse provar seu argumento, ele acariciou o bico do seio com o polegar, fazendo-a arquear o corpo de maneira involuntária.

Desejava o toque dele, pensou Raven com desespero, talvez até demais. E sua maneira ousada de fazer amor... Aprisionada em seus olhos negros, ela olhou de volta. Estava emocionada pela maneira como ele a havia possuído, como o seu amante pirata teria feito.

Engoliu em seco, para tentar aliviar a secura da garganta, esforçando-se para romper o domínio que os olhos de Kell tinham sobre ela. Seria possível o que estava sugerindo? Eles poderiam se comprometer a ter relações puramente carnavais sem que a intimidade física desabrochasse em algo mais profundo? Poderia se permitir uma relação sexual com seu marido de conveniência sem se apaixonar por ele?

Talvez sim...

Mas havia outras considerações.

– E o que dizer sobre as consequências? – perguntou. – O que me diz dos filhos?

Ele franziu a testa.

– O que tem, os filhos?

– Eu não gostaria de trazer uma criança a este mundo sem um pai que a queira, que se preocupe com ela...

– Existem meios para evitar a gravidez. Esta noite não tomamos precauções, mas isso tem remédio.

Foi a vez de Raven franzir a testa, recordando como Kell havia se retirado de seu corpo na noite de núpcias.

– Você não quer ter filhos? – perguntou ela.

– Não estou ansioso para tê-los.

Ela não conseguiu interpretar sua expressão impassível.

– Nem sequer para ter um herdeiro? Você não gostaria de ter um algum dia?

– Sean é meu herdeiro legal. Isso para mim é suficiente.

Raven ficou tensa com a menção do nome de seu irmão e se apressou para mudar de assunto.

– Pelo livro, sei como evitar a gravidez, mas não tenho ideia de como conseguir os meios necessários.

– Deixe isso comigo – retrucou Kell bruscamente, antes de suavizar seu tom. – Nesse meio-tempo...

Com deliberada lentidão, ele puxou os lençóis que cobriam o corpo de Raven e acariciou a parte interna de sua coxa. Seu toque abrasador a fez contrair o corpo de desejo.

– Ainda temos uma questão pendente, satisfazer minhas necessidades sexuais... – murmurou ele com a voz cálida e suave. – E as suas.

Raven deixou escapar um longo suspiro, lutando em vão contra a onda de desejo que a inundava. Queria que Kell a satisfizesse. Queria isso desesperadamente...

Enquanto ele aproximava lentamente a boca de Raven, ela fechou os olhos, ignorando as vozes de advertência que soavam em sua cabeça. Sem dúvida, poderia manter uma relação sexual sem cair no atoleiro do amor.

Seu principal objetivo seria manter seu coração a salvo, jurou em silêncio, tentando convencer a si mesma. Ela nunca iria entregar seu coração a esse homem...

E então, esse pensamento voou de sua mente enquanto a boca sensual de Kell tocou a sua, e com um arrepio de desejo, ela se entregou a suas carícias.



Raven acordou desorientada. Entretanto, o crepitar na lareira parecia familiar, assim como o quarto masculino. Percebeu que estava sozinha e nua na cama de Kell, na casa de jogo. A mesma cama onde tinha estado drogada, durante o tempo do sequestro.

O calor inundava todo o seu corpo enquanto recordava a paixão desinibida vivida durante a noite passada. Ela tinha se comportado de maneira tão selvagem quanto na primeira vez que esteve nos braços de Kell, só que desta vez não tinha a desculpa de estar drogada.

Com o rosto escarlate de vergonha, Raven sentou-se na cama e viu seu vestido rasgado estendido sobre uma cadeira com as demais peças de roupa. Ao levantar da cama para se vestir, fez uma careta por causa das dores e pontadas com que não estava acostumada, fruto de muita indulgência sexual.

Então, viu sua imagem no espelho de corpo inteiro. Parecia uma mulher que tinha sido deliciosamente violentada durante toda a noite e que estava mais que ansiosa para repetir a experiência. Seus cabelos caíam despenteados em volta do rosto, tinha os lábios machucados e inchados, os mamilos vermelhos por causa da atenção da tórrida boca de Kell...

Fechou os olhos, recordando o delicioso ato sexual desempenhado pelo seu marido e o explosivo desejo que Kell tinha despertado nela. Essa lembrança provocava um apetite selvagem em Raven...

Uma suave batida na porta a fez pegar o vestido para cobrir sua nudez.

Era Emma, trazendo uma bandeja.

– Trouxe o café da manhã – disse ela, com um alegre sorriso –, ou melhor, o almoço.

Raven virou para as cortinas de seda, que ainda estavam fechadas, deixando a luz da manhã do lado de fora.

– Mas que horas são?

– Quase meio-dia.

– Tão tarde assim? – Raven sentiu o rubor no rosto, inesperadamente aturdida por ter sido surpreendida daquele modo na cama de Kell por sua amante.

– Kell achou que você precisava dormir. Seu criado... O'Malley? Ele esteve aqui ao romper da alvorada, procurando você. Queria ter certeza de que estava bem. Mas Kell o tranquilizou dizendo que você não havia sido raptada de novo.

De maneira absurda, Raven se pegou balbuciando:

– Suponho... que esteja se perguntando o que estou fazendo aqui...

– De jeito nenhum – negou Emma, depositando a bandeja na mesa junto à lareira. – Afinal de contas, você é a esposa de Kell.

– Mas ainda assim, é embaraçoso, sendo você sua...

Emma arqueou as sobrancelhas. Examinou Raven um instante antes de entender o que dizia.

– Você achou que eu fosse amante dele? Oh, Raven, Kell e eu não somos amantes e nunca fomos! Não tenho nenhum desejo por ele.

Raven ficou olhando para ela com a testa franzida. Será que ele a teria enganado deliberadamente sobre a natureza de seu relacionamento com a bela funcionária? Raven tentou lembrar o que ele havia dito a respeito de Emma saber como satisfazer um homem. Kell na realidade nunca havia dito que os dois eram amantes, mas certamente tinha dado a entender, sem negar a alegação...

Com o alívio e a vergonha atravessando o corpo, Raven murmurou um impropério pouco digno de ser dito por uma dama. Ela teria umas poucas e boas a dizer a Kell a respeito do engano quando voltasse a vê-lo. Se não fosse pelo ciúme, nunca tinha concordado em compartilhar a cama dele na noite anterior...

Emma interrompeu seus pensamentos vingativos com um indulgente sorriso.

– Reconheço que eu teria aceitado tal acordo com Kell – confessou com surpreendente candura. – Na verdade, quando ele me resgatou de minha situação anterior, eu me ofereci para ser sua amante, mas ele recusou, dizendo que eu agia daquele modo por gratidão. Não queria se aproveitar de minha vulnerabilidade. Mas se ele me tivesse dado o menor encorajamento... – e concentrou seu olhar em Raven. – Eu acredito que você é muito sortuda por ter despertado o interesse dele – e logo balançou a cabeça, afastando esses pensamentos. – Vamos, vista alguma coisa e prove seu almoço antes que esfrie.

Raven sentiu que estava ruborizando de novo, tanto por sua nudez quanto por aquele estranho desenrolar dos acontecimentos, comentar as inclinações românticas de Kell com outra mulher. Entretanto, em lugar de discutir, pegou um roupão de brocado de Kell que encontrou no guarda-roupa e se instalou diante da lareira para comer. Quando convidou Emma a acompanhá-la, ela hesitou só um momento antes de sentar-se na cadeira mais próxima.

– Se me permite – murmurou Emma –, preciso fazer uma pergunta, sobre o duque de Halford.

– Halford? – repetiu Raven, curiosa, enquanto bebia seu café quente.

– Sim. Ontem à noite, ele... expressou interesse em voltar a me ver. Você se importaria muito se eu aceitasse? Ele parece precisar de algum consolo depois de... Bem, depois de perder você para Kell.

Engolindo sua surpresa, Raven negou com a cabeça.

– Não, não me importaria em absoluto. Não tenho nenhuma pretensão sobre Halford.

– Eu não aceitaria nenhum acordo permanente – observou Emma –, mesmo que ele me oferecesse. Kell me paga muito bem, o suficiente para me permitir um alto grau de independência, por isso posso escolher os cavalheiros que desejo. Mas estando sozinha como estou... Bom, às vezes a solidão pesa.

Raven sentiu uma pontada de solidariedade. Sabia o que era a solidão, ela a tinha conhecido bastante bem desde a morte de sua mãe, e esse foi o sentimento que se exacerbou desde seu casamento.

– Sei que Kell também sofre de solidão – disse Emma suavemente –, embora seja o último a admitir. Por essa razão me alegro que ele tenha você. Espero que comece a passar mais tempo aqui, Raven.

Ela negou com a cabeça.

– É improvável, porque partirei logo da cidade. Eu vou passar o Natal no campo, com meu avô.

– Oh, e Kell vai com você?

Raven hesitou. Seu avô havia dito expressamente em sua última carta que seu

marido seria bem-recebido, mas ela não tinha mencionado o convite a Kell.

– Ainda não falamos sobre isso, mas duvido que ele queira ir.

– Espero que consiga convencê-lo. Seria muito bom para ele ficar com você.

Raven não tinha muito certeza se desejava convencê-lo, porque compartilhar férias com Kell só levaria a mais intimidade, e complicaria mais sua relação com ele.

No entanto... Emma sem dúvida tinha razão a respeito da solidão do marido. Ela tinha percebido isso quase desde o começo, quando se conheceram. Por baixo daquele ar de desdenhoso isolamento, ele ocultava mais dor e solidão do que jamais iria revelar. Ela apenas não sabia exatamente se desejava fazer algo para remediar isso.

Tinha começado a cortar um pedaço de presunto quando a porta se abriu, e Kell entrou. Enquanto Raven olhava por cima do ombro, o olhar dos dois se encontrou, e o calor se instalou entre eles como um relâmpago. De repente, Raven ficou sem fôlego.

No mesmo instante, ele baixou o olhar para observar o que ela vestia. O brilho libertino em seus olhos negros demonstrou claramente que Kell reconheceu o roupão, e que sabia que ela estava nua por baixo.

Raven ficou ruborizada e ocultou rapidamente seus pés descalços sob a bainha do roupão.

Kell dirigiu sua atenção a Emma.

– Daqui a pouco vou treinar esgrima e preciso me vestir.

– Então, quer que eu saia – disse a mulher com um sorriso enquanto se levantava.

Quando a porta se fechou, Raven se pegou inesperadamente sem palavras. Depois de seu apaixonado encontro na noite anterior, não sabia exatamente o que dizer ao marido.

Kell, por sua vez, parecia perfeitamente à vontade enquanto se aproximava da cômoda e pegava um lenço de linho engomado.

– Quais são seus planos para o resto do dia? – perguntou casualmente a Raven. – Posso deixar você em casa quando for ao treino... a menos que prefira ficar aqui.

Pensar em ficar ali, em seu quarto, revirou seu estômago de ansiedade.

– Não – respondeu ela de imediato. Gostaria de um banho, mas isso poderia esperar. – Prefiro ir para casa, mas preciso me vestir antes...

Ela começou a se levantar, mas Kell a deteve com um gesto.

– Calma, temos tempo para você terminar de comer.

Raven se deixou cair na cadeira, aliviada por não ter que se vestir na frente dele. Ela se concentrou em comer, mas quando Kell parou diante do espelho para ajustar o lenço no pescoço, ela ficou olhando para ele com dissimulação, fascinada por sua rotineira tarefa masculina. Logo compreendeu o que estava fazendo e desviou o olhar. Era um ato muito íntimo, uma mulher observar como seu marido se vestia...

– Você parece gostar muito de esgrima – disse ela, tentando quebrar aquele clima de intimidade excessiva.

– Sim, gosto. Além disso, o esforço físico tende a rebater a frustração sexual – e ele lançou um olhar por cima do ombro. – Nos últimos tempos, andei praticando esgrima demais.

Raven sentiu suas bochechas enrubescerem.

– Será que O'Malley também lhe ensinou esgrima? – disse Kell, ao vê-la em silêncio.

– Não, só a atirar.

– E a trapaçar nos dados...

A menção à trapaça trouxe à tona sua própria queixa quanto ao marido.

– Não sou a única que recorre às trapaças quando convém. Você foi francamente desonesto ontem à noite quando me fez acreditar que Emma era sua amante.

Kell arqueou uma sobrancelha.

– E a culpa é minha por chegar sozinha à essa conclusão errada?

– Claro que é – respondeu Raven. – Se não fosse por esse engano a que você me induziu, eu nunca teria concordado com... o que me propôs.

O sorriso de Kell foi lenta e inequivocamente dissimulado.

– Satisfazer minhas necessidades sexuais, quer dizer?

– Sim... isso. Concordei unicamente para evitar que ficasse desejando outras mulheres quando se supõe que deve me encher dos cuidados devidos a uma esposa.

– Espero que não tente desfazer nosso acordo agora.

– Pois eu teria todo o direito! Minha decisão foi tomada com base em informações falsas.

Depois de acabar de ajustar seu lenço no pescoço, Kell vestiu um colete de couro.

– Não acho que as circunstâncias tenham mudado desde a noite passada. Deixando de lado o status da senhorita Walsh, se deseja que eu lhe seja fiel, o modo mais seguro de se conseguir isso é honrar suas obrigações conjugais. – Kell lançou um penetrante olhar enquanto se abotoava. – É mais do que me prometeu, minha cara. Não vi você se oferecer para renunciar a seu amante imaginário por mim.

Raven arqueou as sobrancelhas.

– As situações não são em nada semelhantes. Ter um amante imaginário não pode comparar-se a uma amante de carne e osso, o que legalmente poderia se considerar adultério.

– Alguns homens considerariam mais insultante ser enganados por uma fantasia – retrucou Kell com suavidade.

– Você sabe perfeitamente por que recorro à fantasia.

– Acho que sim. Você está sendo covarde.

Raven fez uma careta, dessa vez. Depois de conter uma resposta feroz, conseguiu dizer com notável calma:

– Não vou permitir que me provoque. E, seja como for, não estarei em condições de satisfazer as suas... necessidades carnavais durante muito mais tempo. Partirei por volta do final da semana que vem para encontrar meu avô para as festas de fim de ano.

– Eu sei. Luttrell dizia isso na carta.

– Que carta?

– Ele me mandou um convite, me pedindo para passar o Natal em sua casa.

Raven olhou para Kell surpresa com a novidade.

– Ele fez isso? Mas por que motivo?

– Como diabos vou saber? Talvez porque sou seu marido.

– Pode ser que ele espere compensar a maneira vergonhosa como tratou você.

Kell não respondeu enquanto vestia a jaqueta.

– Bem, e então... Você pretende ir? – perguntou Raven impaciente.

Sua expressão continuou furiosamente enigmática.

– Ainda não decidi.

Ela desejou bater nele.

– Imagino que seria conveniente para manter as aparências – acrescentou ele de modo despreocupado antes que ela pudesse explodir. – Manteríamos a farsa da felicidade matrimonial e conseguiríamos sepultar de uma vez por todas as dúvidas sobre nossa união,

sobre ser um casamento por amor.

– Sim – respondeu Raven com expressão preocupada. – Imagino que poderíamos fazer isso.

– Supondo, é claro, que sejamos capazes de evitar nos render a qualquer coisa mais íntima do que sexo – ele lançou um olhar travesso para ela. – Acho que consigo fazer isso, e você?

– Suponho que sim – replicou Raven a contragosto, embora com muito menos convicção do que sentia.

Kell lhe dirigiu um olhar jocoso.

– Não precisa ter tanto medo. Nosso acordo se refere apenas às relações conjugais, nada mais. Simplesmente um acordo físico conveniente.

Ao ver que ela não respondeu, ele se aproximou.

– Então, vejo você esta noite.

– Esta noite? – repetiu Raven olhando-o surpresa.

– Pretendo sair do clube mais cedo e estar em casa à meia-noite. – Inclinou-se sobre ela e deu um breve e intenso beijo em seus lábios. – Quero que esteja me esperando. Na cama. Nua.

Sem dizer uma palavra, Raven ficou olhando enquanto Kell dava a volta e saía do quarto.

Durante todo o resto do dia, Raven ficou indecisa.

Por um momento, teve vontade de negar sua cama a Kell. Estava exasperada com o fato de ele presumir que bastava uma ordem para que ela obedecesse. E, além disso, Kell a tinha enganado de propósito sobre o status de Emma como amante dele.

Entretanto, quando Raven recordava a incrível paixão que tinham compartilhado na noite anterior, sua decisão fraquejava. Por que não podiam desfrutar um do outro fisicamente? Havia algum mal nisso? Se mantivessem sua intimidade no mínimo, haveria muito pouco risco de apaixonar-se por ele. Ou ela seria mesmo tão covarde para negar a si mesma aquele pequeno prazer que seu casamento podia lhe oferecer?

Sem dúvida ela o desejava. Em sua presença, sentia-se mais viva do que achava que fosse possível. Assim como o pirata de sua fantasia, o toque erótico de Kell a excitava e desafiava seu espírito inquieto.

À medida que a tarde avançava, Raven não podia conter sua antecipação com a noite que se aproximava. Quando o relógio deu meia-noite, seus nervos estavam agitados pela tensão sensual. Pouco depois, ela ouviu Kell no quarto dele.

Quando por fim Kell entrou em seu quarto e fechou a porta, o coração de Raven deu um salto. A chama da lamparina tinha se apagado, mas mesmo com a pouca iluminação ela conseguiu perceber que ele vestia um roupão com entalhes dourados. E, mesmo do outro lado do quarto, seu intenso magnetismo a afetava.

Primeiro, ele foi até a lareira e atizou o fogo antes de parar junto da cama. O calor de seu olhar era tão excitante quanto tinha sido naquela manhã; seu primeiro comentário foi do mesmo modo provocador.

– Você está nua, como pedi?

Raven deixou escapar um suspiro.

– Por acaso, estou... – comentou com frieza. – Mas se espera que eu seja uma serva obediente, melhor mudar de ideia.

A boca de Kell se curvou em um sorriso sensual.

– Não consigo imaginá-la sendo obediente, a menos que deseje ser. Mas estou

satisfeito de que nesta ocasião tenha decidido atender ao meu pedido.

O olhar dele percorreu o contorno de seu corpo sob os lençóis.

– Pensei em você o dia todo, minha megera... – desatando o cinto do roupão, ele o deixou cair para expor seu próprio corpo nu. – Como pode ver.

Seu membro estava latejando e ereto.

O sangue de Raven começou a ferver.

– E você ficou aqui deitada, pensando em mim, penetrando seu corpo? – perguntou ele com um murmúrio baixo e aveludado.

Ela não podia negar que tinha feito exatamente isso, mas não desejava dar a Kell a satisfação de saber. Entretanto, antes que lhe ocorresse uma réplica, ele mostrou uma bolsa de cetim negro.

Raven desconfiou qual era seu conteúdo mesmo antes que Kell se sentasse junto a ela na cama e o revelasse. O saco continha várias esponjas presas a finos cordões, junto com um frasco cheio de um líquido cor de âmbar.

– A precaução que você pediu – disse, enquanto molhava uma das esponjas.

– O que é isso?

– Conhaque – ele puxou os lençóis gentilmente para expor seu corpo. – Abra as pernas.

Raven estremeceu com o ar frio, mas não protestou quando os dedos dele se enfiaram entre suas coxas. Em vez disso, fechou os olhos e deixou que ele introduzisse a esponja encharcada com conhaque profundamente nela. A sensação era eletrizante, ainda mais quando ele acariciou com o polegar, de maneira intencional, o botão de seu sexo. Raven conteve um gemido.

– Hum... Eu diria que está pronta para mim – disse Kell. – Quente, úmida e ansiosa...

Quando os dedos dele mergulharam dentro dela, Raven arqueou o quadril, erguendo-se na cama, mas ele se afastou dela quase em seguida.

– Não tão rápido – murmurou com um tom satisfeito. – Ontem à noite eu fiz quase todo o trabalho sozinho. Agora é a sua vez.

Ela abriu os olhos para encará-lo com frustração, mas ele negou com a cabeça.

– Você devia estar me dando prazer, lembra, esposa?

Tirou o roupão, puxou as cobertas de lado e se deitou de costas na cama.

Raven não conseguia acreditar na audácia dele e se levantou, apoiando-se em um cotovelo, mas se viu contemplando-o, fascinada. Sua nudez masculina afetava seus sentidos, ele era lindo, tão lindo que a deixava sem fôlego.

– Bem... – provocou-a com suavidade. – Pretende ficar parada aí a noite toda?

Ela amaldiçoou entre dentes, tentando negar a necessidade pulsante que circulava desenfreada pelo seu corpo. Porém, a intensidade vital de Kell era como um ímã, que a atraía para ele.

Ela deixou seu olhar vagar pelo corpo dele, sua ereção que se levantava sobre seu ventre, as poderosas coxas cobertas levemente de pelos...

Ao ver onde ela pousava o olhar fascinado, Kell arqueou lentamente as costas, estirando-se como um gato grande e manhoso e expondo ainda mais sua virilidade.

– Está com medo de me tocar?

– Não, não estou – mentiu ela. – Só incomodada com sua arrogância insuportável.

Ele a olhou com firmeza, com uma promessa de prazer sexual brilhando em seus olhos negros.

– Então me toque – pediu, com voz sedutora.

Armando-se de coragem, ela acariciou sua virilha com a mão. Seu falo emergiu com entusiasmo na ponta de seus dedos, quase a queimando.

– Se você precisar de instruções... – disse ele quando Raven hesitou.

– Não preciso.

Desafiadoramente, ela se ajoelhou sobre ele e colocou as duas mãos em seu peito musculoso, decidida a fazê-lo engolir o sarcasmo.

A pele dele era como veludo quente quando ela o acariciou, os músculos lisos e firmes sob seus dedos. Passou as mãos pelo corpo de Kell, explorando seu peito, sua cintura esbelta, seu ventre elegante... Sua ereção imponente.

Ele ficou tenso quando Raven o acariciou ali, mas ela não se deteve. Continuou roçando o pênis, aplicando os métodos eróticos que tinha aprendido no livro, os mesmos deliciosamente sensuais que Kell tinha utilizado com ela na noite anterior.

Ela suspeitou que sua investida contra Kell estava sendo igualmente excitante para os dois. Ela adorava a sensação de tê-lo entre suas mãos, a maneira como latejava e se endurecia ao seu toque, como parecia desfrutar do prazer que ela estava dando. Mas, pelo livro, sabia muito bem como incrementar esse prazer.

Deixou de estimulá-lo e agarrou a garrafa de conhaque que ele tinha deixado sobre a mesa. Kell arqueou uma sobrancelha, inquisidor ao vê-la molhar os dedos com o líquido, mas, quando Raven o tocou de novo, Kell tremeu e deixou escapar um gemido baixo de tensão sensual. Sua reação encantou Raven, e fez pulsar o sangue em suas veias.

– Você gosta quando faço isto? – perguntou em tom provocador.

– Você sabe que gosto.

Apoiando as mãos de cada lado do quadril de Kell, ela se inclinou sobre ele, percorrendo a enorme e grossa extensão com os lábios, tocando em seguida sua carne com a língua para saborear o conhaque junto com seu sabor masculino almiscarado. Quando ele deixou escapar um suspiro contido, ela fechou os lábios sobre a ponta ardente.

Em poucos instantes, Kell flexionava os quadris impaciente, sob a suave sucção de sua boca.

– Bruxa – murmurou ele com voz rouca de desejo. – É melhor você parar antes que eu me esgote.

– Ainda não...

Durante vários momentos mais, ela lhe deu prazer e o excitou até que se retorcesse na cama. Sua sensação de poder aumentou até quase explodir enquanto ele lutava por manter o controle.

– Quer me fazer implorar, é isso? – ele perguntou arfante.

Erguendo a cabeça e se afastando do membro rijo, Raven lançou um olhar desafiador para Kell.

– Você imploraria?

– Sim, misericórdia, sim... Por favor, minha adorada Raven...

– Bem... – Dar prazer assim já era um êxtase, mas ela queria desfrutar também. – Já que insiste...

Envolvendo a cintura dele com as coxas, ela se inclinou para a frente, deixando deliberadamente que seus seios acariciassem o peito de Kell.

– Ainda não acho que você esteja quente o bastante.

Essa provocação o fez ranger os dentes.

– Maldita seja, sua megera! Mais quente que isso e vou explodir em chamas!

Os olhos dele ardiam enquanto ela deslizava para baixo, sobre seu sexo rígido, preenchendo-se lentamente com ele.

Kell estremeceu como se fosse mais do que podia suportar, e a sensação de poder de Raven se intensificou. Ela adorava sentir como seu membro a preenchia e, ainda assim, não era suficiente. Queria que ele participasse do próprio arrebatamento.

Inclinando-se, Raven agarrou os punhos dele e conduziu as mãos para seus seios, roçando seus bicos. Imediatamente, ele compreendeu sua necessidade e agiu esfregando os doloridos mamilos. Raven soltou um suspiro de êxtase diante da deliciosa sensação e arqueou as costas.

Ela quase gemeu quando as mãos mágicas dele se afastaram, mas ele apenas separou mais as coxas, erguendo o quadril para penetrá-la mais fundo.

Raven estremeceu com a sensação quente daquele membro entrando mais fundo e gentilmente a preenchendo, a necessidade dilaceradora começando a se formar dentro dela. Era aterrador e emocionante ao mesmo tempo notar como seu controle desaparecia enquanto o de Kell parecia aumentar.

Ele assumiu então o comando, enredando a mão em seus cabelos e obrigando-a a inclinar a cabeça até que as bocas se encontraram em um beijo febril. Raven se agarrou aos ombros dele enquanto balançava os quadris contra ele impotente, tentando aliviar aquela fome primitiva com desespero.

O beijo dele ardeu nela até quase fazê-la se esquecer de tudo, enquanto aquele prazer feroz e vibrante subia em uma repentina e surpreendente explosão que devastou a ambos. O grito de êxtase de Raven se misturou com o gemido de Kell enquanto o poderoso clímax arrastava a ambos.

Ofegante e sem ar, Raven desabou esgotada sobre ele, com os cabelos caindo sobre o rosto de Kell em uma cortina de seda. Fracamente, ele a envolveu com os braços, e assim permaneceram imóveis.

Quando por fim ela se recuperou, notou como Kell estava acariciando suas costas nuas, roçando sua têmpora com os lábios.

– Você achou isso adequado? – murmurou ela quando conseguiu reunir energias para falar.

Sentiu que ele sorria entre seus cabelos.

– Sem dúvida nenhuma.

Afastando o corpo dela, Kell puxou as cobertas para cobrir a nudez de ambos e então se deitou de costas e puxou Raven para mais perto. Languidamente, ela se deitou contra seu corpo e fechou os olhos.

Passou um longo momento até Kell romper o silêncio.

– Como se chama seu amante imaginário?

Raven ficou tensa com a pergunta.

– Não tenho nome para ele.

– Como ele é, então?

Ela hesitou.

– Como um pirata. Cabelos e olhos pretos.

– Como eu? – Kell virou de lado, procurando seu olhar. – Então, eu deveria me sentir lisonjeado?

– Acho que não... Eu o imaginei muito antes de conhecer você.

Kell afastou uma mecha de cabelos da face da esposa e disse, pensativo:

– Se eu tivesse uma amante imaginária, acredito que ela seria muito parecida com

você. Brilhantes olhos azuis, rosto em forma de coração, um corpo esbelto e seios exuberantes...

Raven se agitou entorpecida enquanto sua voz a envolvia, mas Kell não tinha acabado de falar.

– Ela não só saberia como me agradar, mas também saberia fazer meu corpo experimentar todo seu potencial de prazer, ela me esgotaria até que eu ficasse seco e me faria sofrer de desejo... – um sorriso apontou em sua boca. – Seu amante faz tudo isso?

Afastando-se dele, ela puxou as cobertas para cobrir seus seios.

– Faz... – respondeu Raven na defensiva. – Ele faz tudo isso e muito mais. Não apenas me dá prazer, ele me faz sentir querida e desejada. Como se fosse a única mulher do mundo.

Kell arqueou uma sobrancelha, mas seu olhar estava totalmente sério.

– É essa a fantasia secreta de todas as mulheres? Ser querida?

– Não conheço as fantasias das outras mulheres – respondeu Raven, deplorando o caminho que a conversa estava tomando. – Mas estou totalmente satisfeita com a minha.

– Mesmo assim, eu pensaria que a coisa real seria muito mais satisfatória. Uma imagem não pode penetrá-la como um homem de carne e osso. Essa fantasia não pode acariciar seus seios deste jeito...

Quando Kell acariciou seu seio, Raven recuou, afastando-se de seu contato sensual.

– Talvez não, mas tampouco me incita o desejo de mutilar alguém, como você faz.

Kell franziu os lábios.

– Confesso que não me agrada pensar que você procura prazer em seu amante imaginário.

Raven lançou um olhar duro e incrédulo.

– Não é possível que esteja com ciúme de uma fantasia.

– Não? E como você acha que se sente um homem quando sua amante... sua mulher... sonha constantemente com outro homem? Isso desperta o instinto masculino primitivo de ir para a guerra.

Raven deu um suspiro exasperado.

– Isso não é uma competição, Kell.

– E se eu quisesse que fosse?

– Como assim? O que quer dizer?

Ele deu de ombros.

– Nada, não se preocupe. Durma um pouco.

Ele mesmo fechou os olhos como se fosse dormir, mas Raven protestou.

– Kell... Acho que esta noite você deveria dormir na sua cama.

Ele abriu os olhos.

– Dormir juntos é muito íntimo. É nisso que está pensando?

– Sim. Nós concordamos só em manter relações carnavais, nada mais.

– Muito bem – disse ele docilmente, surpreendendo-a. – Se você insiste...

Ele levantou da cama, recolheu seu roupão e se vestiu. Em seguida se inclinou e puxou as cobertas até os ombros de Raven, cobrindo-a.

– Doces sonhos, minha megera.

Não parecia nada zangado que ela tivesse pedido que fosse embora de sua cama. Kell depositou um casto beijo em sua testa e saiu do quarto.

Raven franziu a testa um pouco assombrada e achando bastante suspeito que ele tivesse cedido com tanta facilidade.

Se ela tivesse perguntado, Kell não teria dito nada sobre as suas intenções. Seria tolo aumentar a resistência de Raven revelando seus planos, mas estava decidido a protagonizar suas fantasias.

Sua decidida preferência pelo amante de seus sonhos tinha despertado em Kell essa nova resolução.

Fosse ou não irracional, Kell estava indignado que sua esposa tivesse um amante, embora fosse mera ilusão. Impulsionado por orgulho masculino ou por simples ciúmes, desejava ser o único homem de sua vida. E seria o único homem de sua vida.

Esse era o desafio: ele iria arrebatá-lo daquele amante imaginário.



Ele veio procurá-la na noite seguinte, e em todas as noites daquela semana. Fizeram amor com apaixonada entrega, mas Raven sempre insistia para que Kell fosse logo embora para seu próprio quarto. Estava disposta a entregar seu corpo a ele, mas nada mais íntimo do que isso.

Entretanto, Raven estava ficando inquieta porque a linha entre Kell e seu amante imaginário estava ficando cada vez mais tênue, e isso foi constatado com mais clareza quando ele a levou a um prostíbulo.

A proposta a surpreendeu.

– Acredito que já é hora de ampliarmos a sua educação e eu lhe mostrar algumas fantasias autênticas – disse ele enquanto estavam na cama depois de um ato sexual particularmente intenso.

– O que você quer dizer com isso? – murmurou Raven, desfrutando do calor do corpo rijo de Kell enquanto estava deitada junto a ele.

– O salão de madame Fouchet é o mais elegante clube do pecado de Londres. É especializado em alguns prazeres únicos da carne e é excelente em satisfazer fantasias. Eu gostaria de levá-la. Será uma experiência que duvido que seu amante imaginário possa lhe proporcionar.

Raven levantou a cabeça do ombro de Kell e o olhou totalmente cética.

– Quer dizer que levei todo esse tempo tentando salvar minha reputação e você espera que eu vá com você a um bordel?

– Sua reputação parece estar se reparando muito bem sozinha. E, sendo uma mulher casada, você já não tem as restrições que lhe limitavam em outros tempos.

– Mesmo assim...

– Onde está seu espírito de aventura, amor? Você não acha que já se adaptou às conveniências da sociedade por tempo demais?

Raven teve que admitir que o atrativo proibido de um bordel era um poderoso estímulo. Duas noites depois, estava acompanhando Kell pela escada da casa de prazer de madame Fouchet.

Foram recebidos em um hall por um mordomo e saudados por madame Fouchet, que se mostrou encantada com a visita.

– Está tudo arranjado conforme suas instruções, monsieur Lasseter – disse a francesa. – Minha casa é a sua casa. Basta pedir o que quiserem.

– Obrigado, madame.

– Então, vou deixá-los para que se entreguem a seus prazeres. Com uma inclinação de cabeça, ela desapareceu por uma porta, deixando Raven a sós com Kell.

Ele a conduziu por outra porta que dava para um longo corredor, explicando enquanto avançavam:

– Os quartos deste andar são utilizados para sessões em grupo, mas os quartos de cima têm maior isolamento e privacidade.

Raven reparou na tranquilidade que reinava no lugar e suspeitou que isso não pudesse ser comum.

- Parece que aqui não há ninguém mais.
- Porque aluguei o local para esta noite.
- Toda a casa?
- Sim, para nos garantir mais privacidade.

Raven ficou surpresa que ele tivesse se importado tanto e pago o que sem dúvida era uma quantia exorbitante, mas sentiu-se grata por ele ter planejado que sua vinda fosse feita de maneira bastante privada. Ela podia não ser uma mulher nada convencional, mas a perspectiva de participar de uma fantasia grupal não a seduzia em absoluto.

– Normalmente, os clientes escolhem suas companheiras para a noite e vestem as roupas apropriadas – prosseguiu ele. – O harém turco é um dos principais espetáculos.

Deteve-se diante de um quarto que tinha uma pequena janela. Raven pôde distinguir o aroma do incenso enquanto olhava pelo vidro. A exótica cena consistia em um palácio oriental, com cortinados transparentes, espirais de fumaça e almofadas de seda.

Kell a conduziu até outro quarto, mas a janela estava coberta por uma cortina, conforme notou Raven quando entraram por uma porta. Esse cenário estava iluminado por tochas flamejantes e se parecia com o convés de um navio com corrimãos, velas e um alto mastro de madeira.

– O navio pirata é também um dos preferidos. Os clientes se vestem como piratas e capturam um navio de passageiras.

Raven arqueou uma sobrancelha.

– E o que fazem com as prisioneiras?

– O que você acha que acontece? – perguntou Kell, abrindo um sorriso provocador.

– A violação é uma fantasia muito popular. Aqui, um homem pode comportar-se de maneira perversa sem maiores consequências. E as damas mais aventureiras podem pagar pelo prazer de ser uma das prisioneiras.

– Suponho que eu tenha que interpretar o papel de prisioneira?

– E eu serei seu amante pirata. Você disse que seu amante imaginário é um pirata, não é?

Ela assentiu insegura, sem saber aonde esse jogo poderia levá-la.

– Diga-me uma coisa, esse seu amante a violentou ou ameaçou a sua virtude?

Raven sentiu que enrubescia.

– Minhas fantasias são só minhas – respondeu, não desejando responder.

– Esta noite, não, minha cara. Esta noite eu serei sua fantasia.

Ele a conduziu pelo convés até uma pequena porta. Mais adiante, Raven supôs que estaria o camarote do capitão. Ele estava iluminado por arandelas bruxuleantes e luxuosamente equipado, diferente dos navios piratas que estava acostumada a imaginar. Lençóis de cetim preto e almofadões de seda vermelha embelezavam a grande cama, enquanto espelhos dourados adornavam a parede oposta.

Em um gancho, estava pendurada uma peça de tecido fino que Kell lhe entregou:

– Seu traje, querida.

Raven olhou a camisola de tecido leve e transparente.

– Esta peça é tão reveladora quanto se eu não estivesse vestindo nada.

Kell esboçou de novo um sorriso perverso.

– Acredito que seja exatamente a ideia.

Na mesa do capitão havia uma arca da qual Kell extraiu uma máscara.

– É para manter o anonimato – explicou.

Ele retirou vários lenços de tecido transparente.

– E para que são esses lenços? – quis saber Raven, embora suspeitasse.
– Para amarrar seus pulsos. Você já se permitiu se entregar à servidão sexual para seu amante imaginário?

Raven negou com a cabeça, entretanto a sugestão de Kell não a surpreendeu; no livro havia diversas cenas descritas com tais situações eróticas e deliciosas.

– Então, pode deixar a sua imaginação correr solta – disse ele. A incerteza que Raven demonstrava no rosto o fez acrescentar com voz satisfeita:

– Acha que vou lhe fazer mal?

– Não, de fato não.

– Tome, você vai precisar disto também.

Entregou a bolsa com as esponjas e a deixou para que se despirse enquanto ele colocava seu próprio traje.

Quando ela estava vestida com a camisola transparente, sentou-se na cadeira do capitão para esperar. Estava agradecida pelo braseiro que esquentava o camarote, embora estivesse tremendo não por causa do frio nem de sua quase nudez, mas porque estava pensando na noite que estava a ponto de começar e que parecia perigosamente excitante.

Pouco depois, seu coração disparou ao levantar os olhos e ver seu pirata na porta. Ele vestia uma larga camisa branca metida em suas calças negras, botas altas até a coxa e, na cintura, via-se uma adaga. A meia máscara ocultava a parte superior de seu rosto, mas ela pôde distinguir o flamejante olhar de Kell percorrendo sua reveladora camisola.

– Levante-se – ordenou ele em voz baixa. – Deixe-me ver que tesouro meus homens me trouxeram.

Ela se levantou devagar, o coração batendo depressa no peito enquanto ele a observava com descaramento, inspecionando seus mamilos rosados e os cachos morenos que coroavam suas coxas.

– Deliciosa – disse ele com um sorriso satisfeito. Pegou-a pelo braço e a conduziu até a porta. – Venha comigo, prisioneira.

Ao ver que ela recuava, Kell tirou a adaga do cinturão e a posicionou ameaçadoramente em sua garganta.

– Lembre-se de que é minha prisioneira, mademoiselle. Posso ordenar que a joguem do navio em um instante.

Raven obedeceu insegura, dizendo a si mesma que precisava entrar no espírito da fantasia.

O pirata a conduziu da cabine pelo convés até o mastro, onde a virou de frente para ele. Embainhando sua adaga, levou os braços dela para trás e os amarrou no mastro com os lenços. Depois, inclinou-se para a frente a fim de beijá-la, apanhando seu lábio inferior entre os dentes e mordiscando-o com suavidade.

Ao ver que ela emitia um som de protesto, pôs a mão na garganta de Raven e a manteve imóvel, enquanto apertava seu corpo contra o dela. Então a beijou com mais intensidade, introduzindo sua língua fundo enquanto movia os quadris em um movimento lento que acelerou os batimentos do coração dela.

A respiração de Raven surgia em breves suspiros quando ele por fim se afastou. Levando a mão à cintura, ele brandiu a adaga de novo, assustando-a. Com a ponta, desenhava lentamente uma linha imaginária naquele vale que se formava entre seus seios. E então, virando a lâmina, cortou a camisola deliberadamente da gola até a barra, expondo seu corpo pálido.

Raven não pôde conter um grito.

– É inútil gritar pedindo auxílio – advertiu ele. – Minha tripulação obedece às minhas ordens.

O ar frio acariciou sua pele nua, contraindo seus mamilos. Raven umedeceu os lábios sem deixar de olhá-lo. Estava completamente à mercê dele. E reconhecer isso a fez tremer, apesar de excitá-la.

Kell notou seu tremor convulsivo e sorriu. Guardou a adaga na cintura e levantou os cabelos da mulher, colocando suas mechas espessas sobre seus seios provocadores. Raven compreendeu que ele estava brincando com ela, prolongando o momento.

– Que pele tão branca e suave! – disse ele com admiração. O pirata acariciou os montículos inchados dos seios, fechando a mão em concha sobre eles. – Que carne exuberante!

Desenhou com os dedos um círculo em torno dos mamilos intumescidos, fazendo-a arquear-se diante daquela deliciosa sensação.

– Estes frutos maduros estão esperando que eu os saboreie.

Ela mordeu com força o lábio inferior, esforçando-se para não reagir enquanto ele acariciava seus seios. Mas, cada vez que o pirata a tocava, um vergonhoso prazer a inflamava.

– Acho que vou chupar seus mamilos até você gozar.

Dizendo isso, ele inclinou a cabeça, o hálito quente e úmido contra sua pele, enviando um calor líquido que descia pelo corpo e até o meio das pernas. Mas ele não a beijou. Em vez disso, sua língua logo roçou os bicos duros.

Raven se retorceu contra as mãos atadas, lutando contra as agudas sensações que ele ia provocando nela intencionalmente.

Momentos mais tarde ele se levantou com uma expressão desaprovadora desenhando-se na boca sensual.

– O quê? Sem reação, minha beleza? Não importa. Logo estará me implorando e me oferecendo tudo o que eu desejar.

Ela ergueu o queixo, desafiadora.

– Jamais irei implorar.

O sorriso do pirata era completamente diabólico.

– Vai fazer o que eu digo. Se for desobediente, eu a entregarei a meus homens.

– Você não faria isso – retrucou ela, embora sua voz expressasse insegurança.

– Não – confirmou ele com voz rouca. – Não faria. Quero você só para mim. Não compartilharei meu tesouro com nenhum outro homem. Você é minha.

Ele cobriu possessivamente um seio com a mão e então deslizou os dedos pela pele sedosa até a virilha.

– Diga-me, você é virgem, mademoiselle?

Ela hesitou antes de responder com honestidade.

– Não.

– Excelente. Melhor assim para que eu possa possuí-la. Sou um homem de fortes apetites e não me sacio com facilidade.

Ele desceu um dedo, passando por suas coxas, ao longo de sua fenda úmida e quente, que já estava pulsando ansiosa.

– A *mademoiselle* é muito ardente, não é?

Raven arqueou os quadris, sentindo esticar os lenços que a prendiam pelos punhos.

– Você se excita facilmente.

Uma das mãos do pirata ficou entre suas pernas enquanto a outra subia para

acariciar seus doloridos seios. Ao beliscar um mamilo, um gemido de desejo escapou dos lábios de Raven.

– Silêncio, prisioneira – ordenou ele. – Você não deve gritar, ou meus homens vão querer assistir. Não vai querer que eles a vejam assim, nua e indefesa, não é?

Raven engoliu seu gemido, embora pensar na tripulação vigorosa e rude presenciando sua violação despertava um vergonhoso calor entre suas pernas.

– Ótimo, já sabe quem é seu senhor – o sorriso arrogante fez o sangue dela ferver e pulsar rápido por suas veias. – Você deve ficar perfeitamente imóvel, senão não a satisfarei.

Ele a estava provocando, fazendo-a esperar, e aquela espera a excitava de modo insuportável. Ela retesou-se contra sua mão, procurando de maneira vergonhosa sua penetração.

– Já disse para ficar quieta! Você vai me obedecer se espera que eu a penetre – os dedos dele entraram por sua fenda apenas alguns centímetros e logo pararam. – Quer que eu a penetre, prisioneira?

Ela tremeu e deixou escapar um prolongado suspiro.

– Sim – disse entre dentes.

– Então, implore.

– Não farei isso.

– Veremos quanto resiste quando colocar minha boca em você.

Apoiando-se em um joelho, o pirata separou suas coxas e pressionou os lábios sobre suas dobras, buscando o ponto de prazer feminino. Raven inspirou profundamente, abrindo ainda mais as pernas de maneira instintiva.

A língua dele a lambeu lenta e totalmente, roçando sua carne sensibilizada até que ela ardeu frenética.

– Já está pronta para implorar? – perguntou ele com voz rouca.

Selvagememente excitada, Raven se contorceu amarrada ao mastro. As mãos dele se moveram para agarrar suas nádegas e mantê-la imóvel enquanto sua língua, seus lábios e dentes a provavam de maneira desumana.

– Pronta? – insistiu ele.

– Sim... Por favor, sim! Eu imploro...

E ela se retorceu de novo, indefesa, enquanto um beijo final e intenso extraiu dela um fervoroso clímax. Gritos de prazer surgiram de sua garganta até que as ondas diminuíram, e ela desabou contra o mastro.

– Talvez na próxima vez seja mais obediente – comentou ele, expressando uma nota de triunfo em seu rouco murmúrio.

O pirata levantou-se e deu um passo para trás. Através de sua visão enevoada de prazer, Raven observou enquanto ele desabotoava a tensa abertura das calças e liberava seu membro, já duro.

– Meu membro está faminto por você. E você, está faminta por ele? Quer que ele deslize para dentro de sua linda e trêmula carne?

Uma ânsia febril a invadiu, e Raven lambeu os lábios diante da perspectiva daquele falo quente e duro a penetrando, apacando a terrível e deliciosa dor que a consumia por completo.

– Sim – sua voz parecia abafada quando acrescentou um pedido. – Mas, por favor, me desamarre, senhor. Poderei lhe dar mais prazer se estiver desamarrada.

– Assim seja, prisioneira.

Ele fez o que Raven pediu, cortando os lenços que lhe prendiam os pulsos.

– Obrigada, amável senhor – murmurou ela. – Não vai se arrepender. – Olhando para baixo, viu a adaga. – O senhor precisa mesmo dessa lâmina perigosa? Juro que serei obediente.

Com um olhar provocador, ela pegou a faca das mãos dele. Entretanto, seu sorriso desapareceu quando ela apoiou a lâmina em sua garganta.

Por trás da máscara de pirata, os olhos dele relampejaram perigosamente.

– Para trás – ordenou ela. – Mais longe! – insistiu, aguardando até que ele recuasse outros três passos. – Agora é a sua vez, *monsieur*.

– A minha vez?

Raven imaginou como ele estaria arqueando uma sobrancelha por trás da máscara.

– De obedecer. Ajoelhe-se diante de mim.

Curvando a boca num sorriso divertido, ele fez o que ela mandou, apoiando-se sobre os dois joelhos.

– Agora, o seu membro, coloque-o para fora por completo, quero vê-lo.

Ele abriu mais as calças e levantou a camisa, para expor seu ventre liso e duro e seu falo poderoso. Raven viu com fascinação que seu membro ereto apontava orgulhosamente para ela.

– Agora se acaricie.

– *Mademoiselle*!

– Você me ouviu. Quero que você se acaricie e se provoque da mesma maneira que fez comigo.

Obedientemente ele baixou a mão, mas quando seus dedos acariciaram a cabeça lisa de seu membro, ele saltou bruscamente, faminto. Raven viu o pirata apertar os dentes.

– Estou esperando, pirata.

Então ele se sentou sobre os calcanhares e agarrou a aveludada bolsa de seu pesado testículo com uma mão, sustentando o denso falo com a outra.

– Assim, *mademoiselle*? – disse ele, acariciando-se lentamente da base até a ponta.

Raven mal conseguiu sufocar um gemido, aflita pelo desejo de sentir aquela carne dura penetrando-a intensamente.

Era evidente que o pirata tinha o mesmo objetivo em mente, porque fixava seus olhos negros na succulenta carne latejante que se abrigava entre as coxas dela.

– Isto não vai satisfazer nenhum dos dois – disse ele, embora um desejo primitivo enevoasse sua voz.

– E acha que me importo em satisfazer os luxuriosos desejos de um pirata?

– Sim, acho.

Os olhares se fixaram um no outro.

– Não – insistiu ela –, prefiro tê-lo à minha mercê.

Ele esboçou um sorriso lento e lascivo.

– Só há um problema, *mademoiselle*. – Saltou com agilidade, ficando em pé e adiantando-se devagar até ela, com seu magnífico membro oscilando na direção de Raven.

– A senhora nunca deveria atormentar um pirata.

Raven arfou quando ele a segurou entre seus braços, fazendo-a soltar a adaga, que caiu sobre o convés.

– Minha vingança será rápida – ele a ameaçou, apertando sua boca ardente contra seus lábios. – Pretendo violar você até que grite de prazer.

E então a levou nos braços até o camarote, deixando-a cair sobre a cama coberta de cetim e lançando-se sobre ela em seguida, prendendo as mãos dela de cada lado sobre os

ombros nus.

Ao ver que ela lutava para tentar se libertar, ele soltou uma gargalhada ameaçadora.

– Pode lutar comigo, minha cara – disse ele, mordendo suavemente cada bico dos seios endurecidos. – Mas antes que tenhamos acabado, você vai se render a mim. Vai me dar tudo o que eu quiser, tudo o que tiver para me dar.

Ele a penetrou implacavelmente, fazendo-a gritar de prazer. Raven se arqueou contra ele, agarrando com seus músculos internos sua carne gloriosamente dura enquanto lutava contra o êxtase da penetração.

Mas cada dura estocada do poderoso membro a conduzia adiante, até a insuportável felicidade. Ele soltou as mãos de Raven para segurar seu rosto e beijá-la ferozmente, sua língua mergulhando profundamente nela. Cedendo, entregando-se a um abandono involuntário, ela cravou as unhas nos músculos dos ombros dele.

De repente, o corpo de Kell foi tomado por um intenso tremor. Ao mesmo tempo em que ele gemia, Raven sentiu o fogo explodindo em suas veias. Ela gritou, e a boca do pirata capturou seus soluços de êxtase, tal como poderia ter feito seu amante pirata. Permaneceram unidos durante a apaixonada tormenta, fora da realidade, alheios a tudo o que não fosse parte de sua fantasia.

Por fim, ele desabou sobre ela, esgotado, estremecendo, deixando-a aturdida e esgotada.

Mais tarde, bem mais tarde, Raven estava nos braços de Kell enquanto ele dormia, ainda assombrada pelo prazer selvagem que ele tinha lhe proporcionado, assustada pelos sentimentos que aquele homem complexo e enigmático tinha provocado nela.

Kell havia se tornado muito perigoso, pensou Raven. Seu prazer carnal estava se tornando ameaçadoramente íntimo, sua imagem se confundindo de maneira muito irresistível com seu amante imaginário.

Eu quero tudo o que tiver para me dar, ele havia dito. Consternada, podia ver-se entregando-lhe tudo o que tinha.

Mas ela jurou que não permitiria que isso acontecesse. Teria que deixar de fazer amor com Kell, antes que ele se apoderasse totalmente de suas fantasias.

Três noites depois, Kell se pegou refletindo sobre como proceder com a esposa enquanto observava uma dúzia de corpos femininos brincando sobre um cenário.

Como convidado de Dare, ele estava participando de uma festa noturna organizada expressamente para a Liga do Fogo do Inferno em outro clube do pecado da cidade. O espetáculo, que tinha começado apenas como um balé erótico, estava a ponto de converter-se em algo um pouco parecido com uma orgia, porque alguns nobres da plateia se excitaram e chamavam várias artistas para serem suas parceiras sexuais.

A libertinagem não surpreendia Kell. Ele já tinha assistido a reuniões similares no passado, em vários bordéis, embora nunca em tão seleta companhia. Dare tinha feito seus companheiros da Liga acolherem Kell e apoiarem seu clube de jogo, para gratidão do jogador.

Inclinando a boca em um sorriso seco, Kell tomou outro gole de conhaque. Dois meses antes, teria achado graça se alguém tivesse dito que ele se sentiria grato pelo amparo do marquês de Wolverton e seus amigos. Mas agora ele tinha que aceitar que devia muito a Dare... E a Halford também, admitiu com relutância.

Seu clube agora estava a salvo. Halford tinha sido realmente um homem magnânimo, levando inclusive o próprio príncipe regente para visitar o Golden Fleece na noite anterior. O príncipe tinha ganhado uma pequena soma e declarado o jogo

“primordial”. E, com o selo real de aprovação, o clube de Kell tinha conseguido se recuperar da destruição que as calúnias do duque tinham provocado.

Entretanto, o futuro de seu casamento continuava totalmente instável.

Kell deixou seu olhar ausente passear pelo cenário, mas as brincadeiras carnavais já não conseguiam excitá-lo, tampouco o pensamento de manter relações sexuais com nenhuma das belezas que ali havia. Várias daquelas sílfides o tinham adulado e convidado a compartilhar de suas brincadeiras mais tarde, mas ele escapuliu de todas de maneira cortês.

Só havia uma mulher que ele desejava, só ansiava por um par de pernas enroscadas em torno de sua cintura, só uma beleza retorcendo-se de paixão debaixo dele.

Kell desviou o olhar e contemplou seu conhaque, vendo a imagem de uma pele suave e cremosa, seios exuberantes e olhos risonhos cor de safira. Ainda podia sentir todas as curvas suaves daquela mulher contra seu corpo, excitando-o...

Seu corpo insatisfeito.

Raven não tinha permitido que a tocasse desde aquela noite ardente quando compartilharam da mesma fantasia. Estava arrependida do que havia acontecido entre eles, Kell sabia.

E ele também estava arrependido.

Diabos! Provavelmente tinha sido um engano incitá-la a manter relações conjugais, para começo de conversa. No início, Kell havia tido a equivocada noção de que, se fizesse amor com ela, poderia satisfazer seu apetite e afastá-la de sua mente. E depois, seu orgulho de macho havia despertado, impulsionando-o a ver o amante imaginário de sua esposa como um rival.

Como estava enganado... A profunda dor do desejo não se aliviou depois de suas noites de paixão. A atração de Raven era agora ainda mais poderosa. E seu amante imaginário ainda tinha sua fidelidade.

Amaldiçoando entre dentes, Kell engoliu o resto do conhaque.

Foi nesse momento que ele viu Dare abrindo caminho em sua direção e sentiu uma involuntária pontada de ciúmes. Estava com ciúmes do marquês e de sua relação com Raven, porque Dare tinha sua confiança. Até Halford tinha mais acesso a seu afeto do que ele próprio.

Kell teria preferido que Raven se relacionasse menos com os dois homens, mas não podia ordenar que ela cortasse relações.

Não tinha nenhum direito sobre isso. Fossem quais fossem seus sentimentos de possessividade masculina, teria que os controlar. Seu casamento era só uma conveniência. Seria uma loucura desenvolver qualquer emoção mais profunda com relação a Raven, porque ela não se permitiria corresponder.

Forçou uma expressão de impassibilidade no rosto quando Dare se sentou a seu lado.

– Preciso me desculpar pelo espetáculo – disse ele com uma elegante careta. – Esse comportamento juvenil pode ser tedioso. Suspeito que isso não interessa a você assim como não interessa a mim.

– Reconheço que prefiro uma encenação mais particular.

– Vamos embora, então? A diversão é muito melhor em seu clube.

Kell concordou e acompanhou o marquês escada abaixo. Os dois evitaram de tratar de assuntos mais sérios até que estivessem acomodados na carruagem de Dare.

– Eu não lhe agradei adequadamente pela sua intervenção a meu favor – disse Kell nesse momento.

Dare fez uma aceno com a mão.

– Não se fala mais nisso. Eu teria agido da mesma forma por Raven, mesmo que não gostasse de você. Desejo muitíssimo que ela seja feliz – ele estudou Kell na escuridão da carruagem. – Não precisa se preocupar com meu relacionamento com sua esposa – disse então. – Considero Raven uma querida irmã mais nova.

– Você me tranquiliza ao dizer isso – comentou Kell em um tom ligeiramente zombeteiro, embora estivesse muito sério por dentro.

Dare hesitou.

– Para ser sincero, fico feliz em ter uma oportunidade de falar com você a sós.

Kell sentiu que ficava tenso, porque estava inseguro sobre aonde aquela conversa daria.

– Confesso que não me desgostou totalmente quando Raven foi obrigada a se casar com você – prosseguiu Dare. – Ela e Halford não combinavam em absoluto. Acredito que você é uma melhor escolha para ela, a longo prazo.

Kell olhou o marquês com ceticismo.

– Você me acha uma escolha melhor do que um duque arrogante?

– Sem dúvida. É muito mais provável que você aprecie as qualidades únicas de Raven. Ela tem mais personalidade do que uma dúzia de mulheres juntas, embora tenha tentado reprimir isso desde que veio para a Inglaterra.

Realmente, Raven tinha personalidade, concordou Kell. Uma qualidade vibrante que a tornava irresistível.

– Raven se esforçou muitíssimo para se adaptar, tentando se encaixar, tentando ser o que sua mãe desejava que fosse.

– E o que era?

– Uma senhorita insípida e tola, que é governada inteiramente pelas conveniências – respondeu Dare com um tom de zombaria.

– Você parece conhecer Raven bem.

– Estou ciente de alguns de seus segredos.

– Seus segredos?

– Ela provavelmente me arrancaria a cabeça por lhe contar isto, mas acredito que você deveria saber de seu passado. Seu meio-irmão Nicholas me contou isso tudo para que eu estivesse mais bem preparado para cuidar dela.

Dare contou sobre a mãe de Raven e de seu amor apaixonado por um homem casado, como Elizabeth tinha concebido uma criança fora do casamento e foi obrigada a casar-se com o filho mais novo de um nobre, um homem que a desagradava.

– Quer dizer que Kendrick não era o verdadeiro pai de Raven? – perguntou Kell pensativo.

– Não. Raven poucas vezes fala dele, mas deduzo que não existia carinho entre eles. Embora ela tivesse muito amor pela mãe. Que, antes de morrer, a fez prometer que se casaria com um nobre com título. Imagino que Elizabeth temia que o escândalo pudesse chegar até sua filha algum dia, e desejava que Raven contasse com a proteção de uma posição social, embora Nick tenha garantido que herdasse uma renda substancial do verdadeiro pai. A riqueza pode compensar uma série de pecados, mas nunca uma linhagem questionável.

– Sei bem como é isso – respondeu Kell sombriamente.

Ele ficou em silêncio, recordando a observação que Raven tinha feito a respeito de não desejar filhos, sua preocupação por conceber uma criança que não tivesse um pai que a

amasse e se preocupasse com ela. Essa relutância certamente se devia à sua própria experiência.

Ele franziu a testa. Ele mesmo não tinha muita certeza de querer filhos. Já havia sangue ruim suficiente na estirpe dos Lasserter para ter medo que passasse para uma provável descendência. Seu tio, seu irmão Sean...

Kell se concentrou de novo, enquanto Dare continuava falando.

– E, apesar de sua falta de títulos de nobreza, você pode ser exatamente o que Raven necessita.

– E você não está preocupado que eu possa magoá-la?

– Nem um pouco. Eu vi como olha para ela.

– Como qualquer estúpido tolo que fixa os olhos nela, você quer dizer – retrucou Kell, torcendo a boca. Não podia negar que seus piores temores estivessem se realizando, tinha ficado fascinado pela esposa que pretendia ignorar. – Suponho que tenha alguma razão para me confiar os segredos de Raven – disse finalmente.

– Tenho – reconheceu Dare. – Eu o considero um homem extremamente inteligente. Se compreender o que a impulsiona, saberá melhor como lidar com ela. Raven é apaixonada por tudo o que faz. Se começar a se importar com você e não houver uma reciprocidade... Eu não gostaria de ver seu coração despedaçado.

– Raven é conhecida por partir corações – replicou Kell secamente. – Suponho que corro mais perigo que ela.

– Mesmo assim... Se não acha que possa chegar a gostar de Raven em algum momento, então será melhor que apenas se mantenha longe dela.

Foi a vez de o jogador hesitar.

– Fui convidado pelo avô dela a passar as comemorações de Natal em sua casa.

Dare arqueou uma sobrancelha.

– Então Luttrell deve ter decidido aceitar seu casamento. E você pretende ir?

– Ainda tenho que decidir.

Para sua surpresa, Sean tinha escrito manifestando seu desejo de ficar na Irlanda durante o Natal, e Kell não sabia ao certo se devia reunir-se com ele ou dar ao irmão a distância que ele parecia desejar.

– Bem, você é muito bem-vindo na casa da família Wolverton durante as festas – disse Dare. – Francamente, eu gostaria de sua companhia, porque será uma visita obrigatória. Só estive ali uma vez desde que herdei essa mansão de meu avô, porque ela abriga muitas lembranças desagradáveis do velho, de modo que você me faria um favor.

– Obrigado. Terei sua oferta em mente.

Observando as ruas escuras, Kell mergulhou na contemplação. Ele também tinha lembranças desagradáveis, tanto de seu tio miserável quanto do Natal. Foi durante as festas natalinas que descobriu a terrível verdade sobre seu pobre irmão. E então ambos fugiram para a Irlanda e foram engolidos pela miséria de viver nas ruas... Sem dúvida a pior época de sua vida.

Não queria passar o Natal sozinho. Agora, se correria ou não o risco de passar essas festas com Raven, era uma questão completamente diferente. Ela o deixava totalmente vulnerável.

E havia demonstrado pouco entusiasmo sobre sua companhia na casa do avô. Ainda precisava levar em conta os sentimentos do irmão. Sean ficaria furioso se retornasse e descobrisse que sua previsão tinha se cumprido... que o irmão tinha sucumbido à mesma mulher que Sean acusava de causar sua desgraça.

Kell sacudiu a cabeça mentalmente. Não poderia permitir que seu irmão continuasse a controlar todos os aspectos de sua vida, especialmente este tão particular, o seu casamento. E apesar dos perigos, ele queria ir.

A tentação de estar perto de Raven, mesmo por um período de tempo tão curto, era implacável, arrasadora. Era como se fosse um marinheiro possuído, conduzido pelo chamado de uma sereia em direção às rochas mortais. Não podia voltar atrás.

Ele apertou os lábios numa linha fina. Sem dúvida era uma loucura, mas pretendia acompanhar a esposa ao campo durante as festas. E que Deus o ajudasse se não conseguisse evitar que seu desejo por ela superasse seu autocontrole.



Se Raven pretendia evitar intimidades com Kell durante as festas de Natal, compreendeu seu engano no mesmo momento em que se instalou na carruagem de viagem.

A casa de seu avô, em East Sussex, ficava só a sessenta quilômetros ao sul de Londres, mas passar grande parte do dia sozinha com Kell lhe daria mais oportunidade de manter conversas privadas do que durante todas as semanas de seu casamento. Infelizmente, O'Malley não estava presente para que as conversas pudessem se manter impessoais. Ele estava viajando em outra carruagem, com os demais serviçais, sua criada e o valete de Kell.

O tempo frio tampouco contribuía para manter a distância desejada, porque as janelas do veículo tinham que ficar fechadas para proteger os passageiros da neve fina que caía. Raven, desacostumada a essas temperaturas tão baixas, não conseguia parar de tremer, apesar dos tijolos aquecidos aos pés e das várias mantas de lã da carruagem.

– Nunca tinha imaginado que o inverno pudesse ser tão frio – queixou-se ela, vendo como seu hálito embaçava o interior da vidro das janelas.

– As Antilhas não são exatamente conhecidas pela neve – disse Kell achando graça.

– Não. Até que vim à Inglaterra, eu nunca tinha visto neve.

– É provável que piore muito. Venha aqui – disse ele, estendendo o braço.

Ela protestou quando Kell a puxou para o refúgio de seu corpo para compartilhar de seu calor, mas logo ele perguntou sobre os invernos nas Antilhas britânicas, e Raven se viu contando sobre sua criação na ilha caribenha de Montserrat e revelando coisas que nunca tinha pretendido revelar. Por exemplo, contou como brincava de pirata nas praias brancas e de água cristalina, como nadava em mares quase transparentes e galopava sobre as muitas colinas verdejantes.

– Ouvi dizer que Montserrat se parece bastante com a Irlanda – observou Kell pensativo.

– Não sei, porque nunca estive na Irlanda, mas o maior número de colonos da ilha eram irlandeses. E você, passou muito tempo na Irlanda quando era jovem?

Ela imediatamente se arrependeu de ter feito essa pergunta, porque era perturbador ouvir Kell contar de suas visitas à Irlanda enquanto os pais ainda estavam vivos, especialmente quando ela notou seus olhos negros sorrindo com as afetuosas lembranças.

– Quando era menino, minha mãe me entretinha com relatos do povo pequenino, por isso sempre que visitávamos a Irlanda eu passava a maior parte das horas do dia procurando essa gente – Seu sorriso tinha um charme irresistível. – Juro que acreditei nos leprechauns até quase a idade adulta...

Raven afastou-se com incômodo e se libertou do abraço de Kell, alegando já estar bastante aquecida. Embora fosse mentira, sabia que seria mais prudente manter uma reserva formal entre eles.

A situação piorou quando chegaram à propriedade de Luttrell. Aconteceram alguns embaraçosos momentos iniciais quando sua senhoria saudou Kell, e Raven se preocupou em ter que sair em defesa de seu marido. Logo foram conduzidos ao andar de acima, e Raven descobriu que seu avô tinha lhes reservado um único quarto, apesar da imensa casa

de campo ter dúzias de cômodos vazios para os hóspedes.

Ao vê-la descontente com o fato de que só havia uma cama, Kell simplesmente deu de ombros.

– Podemos nos arranjar, para salvar as aparências.

Vestir-se para o jantar se mostrou um exercício adicional de intimidade, porque tiveram que compartilhar o pequeno quarto de vestir sob o curioso olhar dos criados. Raven ficou quase agradecida quando por fim puderam descer ao andar inferior para o jantar.

Toda a casa estava enfeitada para o Natal, com azevinho e hera e ramos verdes que decoravam a moldura dos quadros e o corrimão de escada. Raven viu Kell admirando os enfeites e se perguntou o que ele poderia estar pensando.

– Não via estas decorações desde a minha infância – disse ele diante da pergunta implícita. – Minha mãe gostava de celebrar o Natal deste modo.

O prazer de sua voz continha uma nota de tristeza que Raven pôde compreender muito bem. Ela mesma tinha poucas lembranças agradáveis do Natal, mas sentia terrivelmente a falta de sua mãe.

Entraram no salão de festas. Um imenso tronco ardia na lareira enquanto o suporte da chaminé estava coroadado por fitas vermelhas e ramos de azevinho.

Seu avô a esperava sentado em sua cadeira preferida. Quando ela apareceu de braço dado com Kell, Luttrell procurou sua bengala e começou a se levantar, mas Raven o impediu com rapidez.

– A decoração está encantadora, vovô – disse, inclinando-se para dar um beijo no rosto enrugado.

– Queria que você se sentisse bem-recebida, minha filha, para que venha me visitar com mais frequência. Sou um ancião solitário.

Ele desviou o olhar para seu marido.

– Bem, me diga, senhor Lasseter – disse o visconde, com um claro intento de incluir Kell na conversa –, como está se saindo com a atrevida da minha neta? Espero que ela não esteja sendo muito incômoda.

Kell lançou um olhar provocador a Raven e de repente seus olhos brilharam satisfeitos.

– Oh, ela tem sido um terrível incômodo, senhor, mas estou conseguindo levar as coisas bem...

Seu avô soltou uma risada e então perguntou por sua irmã Catherine, que tinha ficado em Londres durante os festejos.

– Confesso que não a convidei – acrescentou Luttrell em um tom conspiratório. – Não queria que ela estragasse a ocasião. A resmungona da Catherine conseguiria irritar até o diabo, não é, minha neta?

Raven esboçou um sorriso ambivalente, embora por dentro estivesse contente por não ter que lidar com a tia Catherine e, ao mesmo tempo, com seu avô e seu marido.

O jantar se revelou muito mais agradável do que tinha esperado, notou Raven com remorso e surpresa. Embora os dois cavalheiros tivessem pouco em comum, ambos se esforçaram para mostrar seu melhor comportamento.

Depois que as sobremesas foram servidas, Raven olhou para o avô, perguntando-se se observariam o costume formal de as damas se dirigirem ao salão enquanto os cavalheiros se demoravam mais, para desfrutar de um digestivo depois do jantar e possivelmente de um charuto.

– Pode ir em frente, minha menina – apressou o avô. – Já estamos indo. Tenho um

excelente vinho do Porto que gostaria que o senhor Lasseter provasse.

Raven conteve suas reservas e os deixou juntos, ocupando-se em tocar algumas notas no piano do salão, lendo as partituras que ali havia, mas se viu olhando para o relógio de bronze no aparador da lareira com cada vez mais frequência.

Na sala de jantar, entretanto, a conversa posterior do visconde tinha deixado Kell de certa forma surpreso.

Luttrell começou oferecendo uma sincera desculpa pela fria recepção que a família lhe tinha dispensado.

– Fiquei alarmado ao pensar que minha neta se casava com um homem de sua reputação, senhor Lasseter. Mas cheguei a compreender o quanto lhe devo por tê-la salvo. E Raven parece bastante contente. Confio que ela não esteja me enganando.

Kell não tinha nenhum desejo de responder a essas perguntas sobre o estado de seu casamento, e evitou a questão com cortesia.

– Terá que perguntar isso a Raven, milorde.

Luttrell agitou a mão impaciente.

– Duvido que ela me contasse se estivesse infeliz, uma vez que não quer me desapontar – inclinou-se para a frente e fixou em Kell um olhar atento. – Espero que me permita ser franco, senhor. Sou um ancião e temo que não ficarei muito mais tempo neste mundo. Desejo que minha neta esteja bem-cuidada quando eu me for, e não só no sentido monetário. Raven estará totalmente sozinha, com a exceção de minha irmã Catherine, que tem os instintos maternos de uma górgona.

– Pelo que sei, Raven tem um meio-irmão – disse Kell com cautela.

Luttrell franziu a testa.

– Está informado disso, então? Bem, é verdade, ela tem um meio-irmão, mas não pode reconhecer esse parentesco sem desenterrar o passado. Além disso, Sabine está na América, e este conflito infernal torna os mares muito perigosos para navegar. Você será o único amparo que ela terá neste mundo cruel.

– Asseguro que cuidarei de Raven o melhor que puder – prometeu Kell honestamente. Fez uma pausa antes de acrescentar: – Embora estivesse mais bem preparado se conhecesse melhor sua história.

– Você quer saber sobre a mãe de Raven?

– Entendi que o senhor não se dava com ela.

– Sim – os olhos do visconde se encheram de lágrimas. – Eu tratei a minha filha muito mal. Quem me dera Deus que eu tivesse agido de modo diferente... – As lágrimas desciam pelo rosto enrugado enquanto falava dos arrependimentos de uma vida. – Repudiei minha única filha por causa de meu orgulho estúpido, e nunca mais a vi. Que maldito tolo eu fui! – fechou os olhos cansados. – Quando tiver a minha idade, compreenderá a importância da família. Só posso culpar a mim mesmo de minha solidão.

Eles continuaram assim durante mais de meia hora, com Luttrell lamentando-se de seus erros passados e revelando quão pouco sabia da educação e da criação de sua neta. Quando por fim ele se acalmou, ambos se juntaram a Raven no salão.

Ela procurou o olhar de Kell, mas ele manteve uma expressão deliberadamente enigmática. No semblante de Raven, no entanto, podia-se ver claramente o alívio que sentia que os dois homens não tivessem travado uma batalha mortal.

Lorde Luttrell foi diretamente para sua cadeira e soltou um suspiro enquanto se deixou cair nela.

– Toque uma canção de Natal, querida, enquanto esquento meus velhos ossos junto

ao fogo. Estes malditos invernos estão ficando mais brutais a cada ano. Sabe cantar, senhor Lasseter?

– Faz anos que não o faço – respondeu Kell, aproximando-se de Raven, que estava sentada ao piano. – Não desde que minha mãe estava viva.

– Bem, estou um pouco enferrujado, mas Raven tem uma voz angelical e pode nos manter afinados. Se estiver disposto a arriscar-se a bancar o bobo, eu também estou.

E foi assim, para a surpresa de Kell, que ele se viu virando as páginas das partituras para Raven e entoando canções de Natal que não cantava desde criança.

A noite foi estranha para ele, inquietante em muitos aspectos, porque lhe recordava tudo o que tivera em outro tempo e havia perdido. Kell não desfrutava desse calor familiar desde que seu pai morreu.

Ele se viu de repente participando das risadas entre avô e neta. Era evidente que, para Luttrell, Raven era muito importante, e que lamentava profundamente ter perdido a oportunidade de ser testemunha de sua infância e de vê-la crescer até tornar-se uma linda mulher.

As tristes declarações anteriores do visconde sobre a solidão ressoavam na mente de Kell enquanto estava diante do piano, junto a Raven, sentindo uma estranha melancolia. O calor e a intimidade da noite apenas enfatizavam seu próprio isolamento, enquanto a conversa familiar despertava lembranças indesejadas de seu doloroso passado e o tinham feito sentir-se profundamente consciente de tudo o que faltava em sua vida.

Durante muitos anos, ele havia tido Sean e ninguém mais... Mas agora tinha uma esposa, Raven. Inexplicavelmente, ela o enchia de desejos sem nome, desejos que ele não se permitira ter fazia uma eternidade, que iam muito além dos desejos físicos. Quando estava com ela, sua terrível sensação de solidão desaparecia, e quase podia imaginar um futuro que fosse algo mais que um vazio estéril.

Kell a olhou enquanto entoava a última estrofe de uma canção de Natal, e seu desejo se intensificou. Ele tinha se equivocado muito sobre ela. No início, ele a havia considerado uma intrigante caçadora de títulos e a classificado do mesmo modo que a elite que desprezava. Mas Raven havia provado que ele estava totalmente errado, encantando-o e surpreendendo-o constantemente. De maneira deliberada ou não, sua esposa o tinha desafiado, provocado e excitado... Tanto seu corpo quanto seu coração.

Um lampejo de ternura percorreu seu corpo, e ele se viu desejando que as circunstâncias pudessem ser diferentes, que pudesse haver entre eles algo mais que um frio casamento por conveniência.

Mentalmente, ele afastou essa ideia absurda. Raven não desejava um verdadeiro casamento. Na realidade, não desejava amor, nem sequer desejava paixão. Preferia refugiar-se em suas fantasias com seu amante imaginário.

Uma renovada flechada de ciúmes o atingiu de repente, e Kell percebeu que sua boca se curvava em um sorriso sarcástico. Por todos os infernos! Devia estar louco por sentir ciúmes de uma maldita fantasia! Entretanto, desejava ferozmente afastar Raven de seu amor fictício, arrancá-lo de sua mente e ocupar seu lugar...

Ela o olhou naquele exato momento, com seus olhos de um azul incrível sob seus impressionantes cílios escuros. Ele tinha poucas defesas contra aqueles olhos... E contra a própria Raven. Ficou assustado ao notar que sua resistência diante dela estivesse desmoronando...

Ambos ficaram em silêncio, olhando-se fixamente. Um tronco rangeu na lareira e rompeu o feitiço, mas Kell demorou alguns instantes para notar que o salão ficou

silencioso. Olhou para o visconde e viu que lorde Luttrell estava dormindo em sua cadeira. Era evidente que eles dois eram os únicos que estavam cantando fazia algum tempo.

O ligeiro rubor que coloriu as bochechas de Raven sugeria que ela também havia se dado conta daquela situação.

– Acho que deveríamos avisar a alguém para o levarem para a cama – sussurrou ela. Kell negou com a cabeça.

– Deixe-o dormir. Provavelmente despertará por si só e, se não, seus empregados sem dúvida devem conhecer seus hábitos e cuidarão dele.

Raven hesitou, olhando o relógio acima da lareira, que marcava as dez horas.

– É tarde. Talvez eu devesse me retirar.

Kell compreendeu que não era um convite para juntar-se a ela. Raven pretendia impor a maior distância física possível. E ele compreendeu que era o modo de manter intactas as suas defesas emocionais.

Prudentemente, Kell abafou seu instinto de protestar. Seria muito melhor se não a tocasse. Já tinha sido bastante difícil manter suas próprias defesas sem cair na tentação de fazer amor com Raven e continuar despertando os desejos de seu coração.

Devolveu-lhe um sorriso seco.

– Para mim é cedo, comparado com as horas que estou acostumado a me retirar. Em uma noite de atividade no clube, é raro que eu vá para a cama antes das três ou quatro da manhã. Acho que ficarei por mais um tempo, talvez encontre um livro que me distraia.

– A biblioteca de meu avô está muito bem provida – observou Raven.

– Ótimo, verei que material de leitura está disponível.

Concordando, os dois saíram silenciosamente da sala. Ao ver que Kell a acompanhou até o pé da escada, Raven se deteve com um olhar nervoso, como se perguntasse o que ele pretendia.

– Durma bem – foi tudo o que ele disse, refreando seus desejos.

Ele queria mais do que tudo no mundo acompanhá-la até o quarto, e retomar o que tinham interrompido na semana anterior. Mas primeiro teria que responder a duas perguntas prementes:

Como ele poderia romper a decidida reserva de Raven, estando ela tão empenhada em resistir?

E ele estaria disposto a pôr em jogo o seu coração contra probabilidades tão formidáveis de perdê-lo?

Raven descobriu, consternada, que manter a distância de Kell foi impossível durante a visita, especialmente quando eles foram obrigados a passar as noites juntos, em forçosa intimidade.

Embora ela se retirasse muito antes de Kell e se colocasse bem longe em seu lado da cama, assim que o fogo da lareira se apagava o frio gelado do quarto a fazia de maneira inconsciente procurar o calor do corpo do marido. A cada manhã, despertava apertada contra ele, deleitando-se em sua quentura.

Na primeira vez, isso a sobressaltou. Raven ficou olhando Kell dormir, com a respiração vacilante, estudando seus belos traços. Ele parecia levemente perigoso com sua cicatriz e a incipiente barba matinal sombreando sua mandíbula. Entretanto, a intensidade habitual dele estava ausente. Seu repouso sereno o fazia parecer mais jovem, mais vulnerável, e suscitava um malquistado desejo e uma ternura dentro dela.

Contendo seu impulso selvagem, Raven levantou-se e foi se vestir, tremendo de frio.

Durante o dia, o tempo pesava muito. Começou a nevar com intensidade, com as nevascas às vezes se transformando em tempestades de neve, e então sua fascinação pela novidade desapareceu rapidamente. Normalmente ela passaria as manhãs cavalgando, embora os estábulos de seu avô fossem escassos, mas aventurar-se naquelas traiçoeiras condições teria sido uma loucura.

Raven ficava desocupada até o visconde se levantar tarde, e então ela podia lhe fazer companhia, ler em voz alta ou jogar cartas com ele. Mas, então, seu marido geralmente se juntava a eles, e estar no mesmo ambiente com Kell, em circunstâncias tão íntimas, durante tantas horas todo dia, testava seriamente seus nervos.

Ela estava ainda mais desconcertada pelos vislumbres do passado dele, quando Kell compartilhava suas lembranças afetivas. Uma delas veio à luz durante uma tarde especialmente gelada, quando estavam todos reunidos diante da lareira do salão, para desfrutar de uma cidra quente com canela.

– Pode beber, meu rapaz – ordenou Luttrell. – Aposto como nunca provou algo melhor.

Kell sorriu enquanto contemplava sua xícara fumegante.

– Sem faltar com respeito, milorde, mas provei, sim. Minha mãe nutria uma decidida afeição pela cidra picante e tinha sua própria receita de família. No Natal, ela nos agasalhava e nos enviava com meu pai para pegar lenha para a véspera, e, quando voltávamos, nos recebia com cidra quente. Aquilo parecia néctar para mim. Depois que ela morreu, porém... – Kell deu de ombros, fazendo Raven suspeitar que ele nunca mais tinha desfrutado daquele costume. Mas ele logo se recuperou e levantou sua xícara para o visconde, numa saudação. – Mas isso são recordações antigas.

O Natal veio quatro dias depois de sua chegada e atacou ainda mais os nervos de Raven. Mas tudo ficou bem na hora da troca de presentes.

Ela havia comprado um jogo de lâminas do mais fino aço para Kell, e ele parecia contente ao examiná-lo.

– São de notável qualidade. Como encontrou isso? Não tinha ideia de que você entendesse alguma coisa de esgrima.

– De fato não entendo. Foi Dare quem escolheu para mim.

A boca de Kell ficou rígida momentaneamente, mas logo depois ele entregou seu presente.

Raven abriu o grande pacote, descobrindo uma luxuosa capa azul de caxemira enfeitada com pele de marta, com mangas e um chapéu de pele combinando.

– Quem escolheu foi Emma – informou, despreocupado.

Raven ficou feliz que o presente dele tivesse sido relativamente impessoal, entretanto sentiu uma pontada de ciúmes familiar quando ele mencionou a linda anfitriã do clube.

Para sua maior mortificação, o jantar de Natal foi caracterizado por uma inquietante proximidade e afetividade. Eles desfrutaram de uma refeição composta por ganso assado e pudim, seguido de mais canções natalinas. Então, seu avô os surpreendeu contando histórias de fantasmas, que provocaram grande diversão. Consternada, Raven compreendeu que ficaria feliz em voltar para Londres.

No dia seguinte, porém, dia de Natal, era o momento em que lorde Luttrell distribuía dinheiro aos pobres e a seus próprios empregados e abria sua casa para um grande baile aos colonos. Raven se viu obrigada a dançar várias vezes com seu marido, o que a fez recordar o sacrifício que Kell tinha feito ao casar-se com ela.

Pouco depois do baile, o inverno intensificou seu rigor no campo, não só fazendo a neve ficar profunda demais para cavalgar, mas atrasando indefinidamente a partida, porque as estradas para Londres se tornaram intransitáveis.

Impaciente e inquieta, Raven começou a pensar que tinha sido um erro ir até lá com Kell, porque não havia modo de evitar sua companhia. Ao compartilhar a cama com o marido, ela nem sequer podia refugiar-se nos sonhos de seu amante imaginário e tentar assim tirar seu marido da mente.

E, finalmente, lá estava o próprio Kell. Parecia um homem mais amável e mais atencioso do que aquele com quem tinha se casado... Ou pelo menos estava fazendo um esforço para abafar o lado mais mordaz de sua inteligência sarcástica.

Ele, ao que parecia, notou sua inquietação, porque quando Raven se queixou de não ter nada com que ocupar seu tempo, ofereceu-se para aplacar seu aborrecimento ensinando esgrima. Ela aceitou de imediato, precisando desesperadamente de alguma distração.

E então, durante várias horas a cada manhã, Kell dava instruções quanto ao uso das espadas, cujas pontas estavam protegidas por botões. Kell exigia que ela se esforçasse, e Raven se pegou esperando receber seus elogios. Mesmo o menor dos cumprimentos a alegrava.

Ela se provou uma ótima aluna, aprendendo rápido, e o surpreendeu com sua agilidade e rapidez, mas sem dúvida, para seu olhar inexperiente, a perícia de Kell parecia realmente notável. Quando, em um tom ligeiramente brusco, ela lhe perguntou como tinha se tornado tão bom, Kell a surpreendeu com uma resposta sincera:

– Foi uma questão de retaliação contra meu tio. Ele era um campeão de esgrima, e eu estava ansioso para ganhar dele e acabar com sua arrogância. Então eu me forcei a treinar para competir em seu nível e superá-lo. E festejei o dia em que estava pronto para desafiá-lo e vencer – a boca se curvou, evidentemente diante alguma lembrança sombria. – O tio William me considerava em parte um demônio, então decidi fazer jus a essa reputação.

Raven teria gostado de ouvir algo mais, mas se conteve, lamentando já ter dado a Kell uma oportunidade de compartilhar mais confidências.

Na semana seguinte, ela pensou que finalmente teria uma breve pausa da companhia de Kell quando o sol fez sua aparição numa tarde. Disse que tinha que sair senão ficaria louca. Envolveu-se em sua nova capa e enfrentou as temperaturas geladas, percorrendo a densa neve.

Entretanto, para sua consternação, Kell a acompanhou.

O campo cintilava com um branco cristalino e oferecia um cenário impressionante, mas Raven só podia pensar no homem que estava com ela, em especial quando ele a agarrou pelo cotovelo para ajudá-la a manter o equilíbrio pelos escorregadios atalhos recentemente limpos pelos jardineiros de Luttrell. Ela começava a habituar-se à textura e profundidade dos montes gelados quando se surpreendeu ao receber um golpe seco no ombro antes que uma explosão de neve salpicasse o seu rosto.

Kell havia atirado uma bola de neve nela, compreendeu surpresa.

– Suponho que você nunca tenha participado de uma batalha de bolas de neve – disse ele, com uma careta desafiadora.

– E onde eu iria aprender isso? – respondeu Raven, colocado as mãos na cintura, irritada.

– Fazer uma bola de neve é uma arte. Quer que eu lhe ensine?

– Acho que sim... – respondeu ela, intrigada e surpresa consigo mesma.

Muito contra a sua vontade, Raven permitiu que seu marido a apresentasse ao delicioso passatempo infantil de guerra de bolas de neve.

Durante um tempo, o ar se encheu de neve voando, de risadas e gritos de protesto. Raven não se lembrava da última vez que tinha se divertido tanto, nem de quando Kell tinha parecido mais feliz. Ela se sentia confortada ao ver aquele homem tão alegre. Seu sorriso era sempre tão esquivo, que estava encantada com sua expressão diabólica enquanto se aproximava dela furtivamente.

Mas então ela lançou um bem dirigido míssil que mandou o chapéu dele pelos ares, e Kell retaliou afundando seu rosto em um montão de neve.

– Trégua! – pediu Raven fraca pelas risadas, enquanto lutava para virar o corpo.

Ao se ver presa no chão pelo peso do corpo do marido, ela de repente ficou imóvel, olhando para Kell. O sol deixava reflexos nas ondas negras de seu cabelo, enquanto o frio tinha avermelhado suas bochechas e a boca sensual...

Kell também se deteve, imóvel, olhando para ela. Ele estava se afogando lentamente no resplandecente oceano de seus olhos. Ao sentir que Raven se movia inquieta embaixo dele, o penetrante desejo o inundou de modo doloroso. Ele queria demais fazer valer seu direito a ela. O que não daria para estar naquele momento em uma cama com ela, dando-lhe prazer e recebendo prazer de volta.

Vendo que a risada dela tinha cessado, Kell soube imediatamente que tinha deixado sua luxúria aparente demais. Abruptamente, ele rolou de lado, separando-se de Raven e ajudando-a a se levantar. Eles retomaram a luta. Entretanto, a situação já não era tão alegre e natural entre eles como antes.

Kell praguejou entre dentes sem saber por quanto tempo mais poderia suportar aquela situação. Os dias anteriores tinham sido uma tortura para ele, assim como um severo exercício de autocontrole. Ele tinha se esforçado ao máximo para ir dormir tarde e se levantar cedo a fim de reduzir a quantidade de tempo que passava junto de Raven, ardendo de desejo e sem se permitir fazer nada mais do que apenas compartilhar o calor de seu corpo.

Pensou que tinha sido de fato uma sorte o fato de ela ter erguido um muro entre eles, enquanto a via limpando a neve de sua capa nova. Ele poderia apaixonar-se por Raven muito facilmente. Nunca tinha conhecido uma mulher que o atraísse com tanta intensidade. Seu simples sorriso o deixava sem fôlego, enquanto seu contato enviava um violento fogo por todo o seu corpo.

Mas não poderia cometer o grave erro de apaixonar-se por ela. Aquele seria o atalho mais seguro para a angústia, porque Raven provavelmente o evitaria... E, ao mesmo tempo, ele ganharia o ressentimento eterno do irmão.

Entretanto, quanto mais decidido Kell estava em negar sua paixão, mais ferozmente crescia sua necessidade de possuir Raven. Ao final de três dias, ele desistiu de lutar contra o desejo quando despertou para encontrar Raven deitada enrolada contra seu corpo e sua ereção pulsando. Ficou imóvel, olhando com uma poderosa ternura para a mulher que era sua esposa.

Seu coração deu um salto quando ela se moveu lentamente e acordou. Estava incrivelmente atraente, delicada e sonolenta, as defesas baixas, o cabelo solto sobre os ombros como uma juba selvagem.

Kell decidiu então vencer aquela resistência, custasse o que custasse... E sabia que custaria muitíssimo quando ela reagisse. Ao vê-lo observando-a, Raven se foi bruscamente para trás.

Kell prendeu os dedos em seus cabelos.

– Não vá – murmurou. – Fique e me esquente.

Ela ficou onde estava, obedecendo, mas ele pôde sentir a tensão em todas as partes do corpo de Raven.

Kell acariciou um cacho de seus cabelos negros.

– Ainda não sei o que faz você ter tanto medo de se entregar a mim.

O olhar dela desceu para o peito nu de Kell.

– Já expliquei. Eu nunca pretendo sucumbir a uma paixão impossível, como minha mãe fez.

– Você nunca me falou de seu pai – observou Kell calmamente.

O tom dela ficou cauteloso.

– E o que há para dizer dele?

– Sei que ele não era seu pai verdadeiro.

– Foi meu avô quem lhe contou? – A consternação se refletiu em seus belos traços.

– Ele me contou que lamentava muito ter forçado sua mãe a casar-se com esse homem. Eu gostaria de ouvir você falar de Kendrick. Acho que não gostava muito dele.

Kell viu seus olhos azuis cintilarem antes que ela desviasse o olhar.

– Eu não gostava dele, e ele também não gostava de mim. Jamais deixou de me lembrar de que eu não era sua filha.

– Ele foi cruel com você?

Ela hesitou, e Kell notou a dor simplesmente com seu silêncio.

– Não no sentido físico – sussurrou por fim com voz fria. – Nunca bateu em mim.

Só recordava constantemente minha ilegitimidade. Em público, dizia que eu era sua filha, mas em particular me chamava de bastarda. – A voz trêmula tinha um toque de amargura. – Suponho que ele me ridicularizava simplesmente para ferir minha mãe, porque ele estava ferido pela tristeza dela. Minha mãe o ignorava e o magoava com seus contínuos suspiros por seu verdadeiro amor, e isso o deixou ressentido.

Kell pôs um dedo sob o queixo dela, erguendo sua cabeça e obrigando-a a olhá-lo.

– Então foi essa a verdadeira razão de querer se casar com seu duque?

– Sim, em grande parte, foi – ela curvou a boca em um sorriso triste, antes de prosseguir em tom rouco. – A filha do amor, era assim que minha mãe sempre me chamava. Mas nunca pude deixar de me sentir envergonhada por ter sido concebida fora do casamento. Ter um título de nobreza me teria assegurado a respeitabilidade, mesmo que a questão de minha origem nunca chegasse a ser de conhecimento público.

Raven falava numa voz tão baixa que Kell mal conseguia ouvir o que estava dizendo.

– Mamãe também desejava enterrar esse temor, mas estava mais preocupada que eu ocupasse minha posição devida na sociedade... Dizia que era para aliviar a sua culpa por me negar meus direitos por nascimento – O olhar de Raven ganhou uma expressão angustiada e ausente, como se estivesse inundada em dolorosas lembranças. – Eu dizia que isso não me importava, mas ela insistia. Segurei sua mão quando ela estava morrendo, e ela me fez jurar que me casaria com alguém que tivesse um grande título... Mas, no final, não pude cumprir minha promessa.

As lágrimas ardiam em seus olhos azuis, e um tremor percorreu seu corpo.

Kell passou os braços pelos ombros de Raven e a puxou para mais perto. Uma onda de desejo percorreu seu corpo diante do íntimo contato, mas misturada com essa luxúria havia uma dolorosa ternura por ela, um instinto primitivo de protegê-la e amá-la. Seu

coração ficou apertado quando compreendeu como os sonhos de Raven foram destruídos e soube que seu próprio irmão tinha sido o responsável. Kell havia fingido que não se importava, mas se importava sim... Profundamente.

– Não pode se culpar por não ter cumprido sua promessa – disse ele.

– Não – disse ela em um áspero sussurro. – Não estava em minhas mãos. Mas posso manter a promessa que fiz para mim mesma: nunca cometer o mesmo engano de minha mãe, me entregando a um homem e permitindo que essa entrega me deixe impotente. Nunca permitirei que o amor destrua minha vida.

Kell deu um lento suspiro, falou entre seus cabelos e mentiu.

– Você não precisa se preocupar que o amor surja entre nós dois. Já lhe disse que não estou interessado em amor. – Afastando-se, ele se levantou apoiado em um braço. – Você só tem que me dar seu delicioso corpo.

Raven hesitou, ansiava se entregar ao desejo sombrio que as palavras de seu marido tinham despertado nela, queria se entregar a Kell. Ainda assim, não tinha certeza se podia confiar em si mesma para fazer amor e não almejar algo mais, alguma coisa mais profunda que a intimidade, o consolo e o calor que Raven já cobiçava dele.

Involuntariamente, ela passou os dedos por sua boca sensual e logo mais acima, ao longo de sua face e da cicatriz que quase nem notava mais, que parecia já fazer tão parte dele...

Quando viu que ela estava em silêncio, Kell se afastou, interrompendo os pensamentos revoltos. Ela observou surpresa que ele se levantou da cama. Não vestia camisa, só ceroula e, como de costume, a visão de sua musculosa estrutura, esbelta, elegante e soberbamente atlética fez sua respiração falhar.

Kell foi para a lareira, reavivou o fogo até ganhar um resplendor crepitante e logo foi para o quarto de vestir. Depois de alguns momentos, retornou com a bolsa de cetim que continha as esponjas.

– A decisão é sua – disse ele, estendendo-lhe a bolsa.

E se juntou a ela sob os lençóis e deitou a seu lado, próximo, mas sem tocá-la. Durante um longo momento, Kell ficou apenas ali, observando-a. Aguardando sua resposta.

O quarto estava mais quente, percebeu Raven. Ou talvez fosse ela quem estivesse mais quente. O fogo dos olhos de Kell era tão abrasador que parecia suficiente para queimá-la.

O calor ficou ainda maior quando ela murmurou sua resposta em um sussurro.

– Talvez só esta vez.

Kell sorriu e a envolveu em seus braços, procurando sua boca.

– Kell...

Suavemente, ele silenciou seu protesto com um beijo ardente. Ao ver que ela cedia com um gemido, seus lábios deixaram os de Raven para roçar seu pescoço, enviando uma selvagem onda de desejo pelo corpo da esposa.

– Isto é só sexo – sussurrou ele enquanto a pressionava contra os travesseiros. – Sabe disso, não sabe?

– Sim – gemeu Raven em resposta, mas sem acreditar nisso totalmente, enquanto se entregava a um abandono delicioso.



As pesadas nevascas finalmente cessaram, permitindo que eles retornassem a Londres. Kell voltou a passar as noites em seu próprio quarto e seus dias no clube, e Raven se sentiu menos contente do que esperava, porque, sem a companhia dele, a solidão parecia avassaladora.

Além disso, embora o novo ano tivesse amanhecido radiante, com a esperança de que logo a interminável guerra contra Napoleão tivesse fim, o inverno foi o mais frio de que as pessoas se lembravam. Tão gelado que até o rio Tâmesa começou a congelar.

A ausência de seus amigos mais próximos na cidade também não contribuía para melhorar seu ânimo. Ela estava com tempo livre demais para recordar Kell e suas noites de amor, o delicioso tormento, o prazer paralisante e a perigosa tentação que ele representava. Durante seu íntimo interlúdio durante as festas de final de ano, ele havia vasculhado suas emoções mais profundas, exposto suas maiores dores e agora ela tinha ficado com a dor, obrigada a enfrentar uma situação em que seus desejos mais íntimos lutavam contra seus mais antigos temores.

Kell também estava travando sua batalha pessoal. Os negócios tinham diminuído de modo significativo no Golden Fleece, tanto por causa das festas quanto pelo mau tempo, e ele estava com pouca ocupação para ajudá-lo a tirar os pensamentos de Raven da mente, ou para fazê-lo esquecer sua recente confissão sobre sua descendência.

Kell sabia que Raven não queria revelar tanto sobre si mesma. Ela mantinha suas lembranças tristes encerradas nas profundezas de seu ser, assim como Kell fazia. Mas havia percebido a dor de sua voz quando falava de sua ilegitimidade, visto o pesar em seus olhos por ter quebrado a promessa feita à sua mãe... E havia sido movido por uma profunda ternura por essa mulher.

Já havia tentado fazer as preocupações de Raven não se tornarem importantes para ele, mas não tinha conseguido. E agora queria fazer o que pudesse para compensar tudo isso.

Pelo menos os danos que seu irmão havia causado ele poderia consertar, nem que fosse em parte. Ele era rico o suficiente para comprar um título para Raven. Os cofres do príncipe regente sempre estavam precisando ser enchidos novamente, uma vez que o Parlamento estava acostumado a recusar suas exorbitantes solicitações de recursos. E a Coroa era conhecida por criar novos títulos, por voltar a outorgar os extintos e por recomendar títulos de nobreza em troca de serviços prestados. Para Kell, não havia muita dúvida de que ele poderia ser nomeado cavaleiro ou barão pelo preço adequado.

Dare foi consultado sobre isso quando retornou a Londres, no fim de janeiro.

– Não, não seria difícil arranjar-lhe um título – respondeu Dare, arqueando ligeiramente uma sobrancelha. – Blessingham obteve seu título de conde concedendo ao príncipe regente um empréstimo que não espera ser devolvido algum dia. Se o desejar, posso fazer chegar uma palavra discreta aos ouvidos do príncipe. Mas pensei que você desdenhasse a nossa esnobe classe aristocrática.

Kell devolveu um sorriso seco.

– De fato, eu desprezo isso. Mas se Raven puder acrescentar um “lady” antes de seu

nome, isso deve apaziguar sua mente e permitir que cumpra a promessa que ela fez à mãe de obter um título.

Dare assentiu com um ar de aprovação, mas o brilho jocoso de seus olhos deixou clara a incredulidade de que Kell um dia considerasse dar tal passo.

E isso surpreendeu a Kell também. Ele nunca tinha aspirado juntar-se aos estratos superiores da sociedade, entretanto estava realmente considerando desprender-se de sua raiva pelo bem de Raven, renunciando à sua solitária sentença autoimposta de ser um pária na sociedade.

Na verdade, toda a maneira como ele via a sua vida tinha mudado desde que havia se casado com ela. Antes do casamento, dois meses atrás, ele nunca teria considerado a que extremos chegaria só pela esperança de vê-la sorrir.

Na altura dos primeiros dias de fevereiro, o Tâmisia tinha congelado e se tornado uma superfície sólida, e Kell surpreendeu a ambos, a ele mesmo e a Raven, convidando-a para ir à feira improvisada sobre o gelo que os jornais chamavam de Feira Gelada. Kell pensou que era indício de seu desassossego o fato de Raven ter aceitado o convite tão depressa.

A cena que se via entre as pontes de Londres e dos Blackfriars de fato se parecia com uma imensa feira, com imensas multidões passeando sobre o rio gelado, desfrutando das espontâneas festividades. Havia numerosas barracas e tendas que vendiam comida, bebidas e mercadorias.

Balanços e carrosséis. Pessoas dançando e jogando boliche. Até mesmo prensas que imprimiam panfletos e notas para comemorar a ocasião.

Raven parecia encantada com a novidade, em especial com os jogos, que incluíam, entre outros, a Roda da Fortuna.

– Tem certeza de que você não quer instalar sua própria barraca? – perguntou ela, rindo. – Você poderia instalar sua mesa de dados aqui e ter lucros escandalosos, como parece ser o caso dos outros donos de barraca.

– Acho que prefiro evitar esse trabalho todo. Parece que o gelo não vai durar muito tempo, e prefiro não correr o risco de ver minha cara mesa de jogo de dados afundar no Tâmisia.

Eles caminharam por ali, comendo torradas com queijo, castanhas assadas e pão de gengibre. Fascinada pelos patinadores, Raven fez Kell parar de andar para observá-los. Alguns pareciam muito habilidosos, deslizando pelo gelo como dançarinos, enquanto outros apenas pulavam ali alegres como amadores que eram, exibindo suas palhaçadas e suas quedas no gelo.

– Eu nunca teria visto algo parecido com isso nas Antilhas! – murmurou Raven encantada.

Kell contemplava com silenciosa admiração seu rosto em forma de coração, emoldurado por brilhantes mechas negras. Com as faces rosadas pelo frio e os olhos brilhantes, Raven parecia mais uma garotinha encantadora do que uma mulher deslumbrante.

– Sente falta de sua ilha? – perguntou ele.

– Às vezes – respondeu Raven quase melancólica. – Certamente, sinto falta do calor. Mas depois que a minha mãe morreu, sem ela por lá... tenho uma nova vida aqui.

– Talvez pudesse voltar algum dia.

– Quem sabe. Não sinto de fato que a Inglaterra seja meu lar – ela olhou para ele. – E você, considera a Inglaterra o seu lar?

Kell refletiu sobre a pergunta.

– Na verdade não. Não considero nenhum lugar o meu lar.

– Nem sequer a Irlanda?

– Não. Minhas lembranças mais felizes da Irlanda são da infância, as de quando minha mãe morreu... – ele deixou implícito o amargo pensamento.

– Quando retornei adulto, a magia tinha desaparecido, além disso, foi difícil encontrar um meio de vida naquele lugar. Dublin não é Londres.

– Mas agora que seu clube é próspero, você gostaria de voltar?

– Acho que não. Depois de apenas alguns meses vivendo aqui, na agitação da cidade, compreendi que eu tinha criado uma visão idealizada do campo pelas histórias que minha mãe me contava. E ser meio inglês é um inconveniente. Os irlandeses não pensam muito diferente dos ingleses... E vice-versa.

– Você gostaria de visitar o Caribe algum dia?

– Gostaria – Kell sorriu. – Neste momento, suas histórias sobre o sol e as praias convidativas me parecem extremamente atraentes!

Passaram mais uma hora aproveitando a Feira Gelada, até que Raven começou a tremer. Quando Kell insistiu em levá-la para casa, ela pensou que seria cortês oferecer uma pausa do frio convidando-o para o chá.

Estavam ambos acomodados na sala, junto ao fogo, tomando chá quente, quando ele reparou em um jogo de espadas que havia sobre uma mesa auxiliar, espadas que pertenciam a ele.

Raven se ruborizou.

– Achei que não se importaria se eu as pegasse emprestadas...

– Quer dizer que você tem praticado esgrima?

– Um pouco. Só não tenho certeza se estou fazendo as coisas direito. Dare se ofereceu para continuar minhas lições, mas ainda não encontrou tempo.

Ela observou que Kell semicerrava os olhos.

– Sou perfeitamente capaz de continuar suas lições – disse ele, quase como se estivesse enciumado.

– Não quis incomodá-lo com isso.

– Pois eu só estava aguardando um convite. Você gostaria de receber uma lição agora?

Embora surpresa, Raven assentiu.

– Sim, claro. Além de gostar, seria algo que me ajudaria a esquentar depois do frio que passei.

E assim, ela se viu inesperadamente dançando pelo salão, praticando os movimentos de ataque, parada e defesa com Kell.

Raven levou só alguns momentos para compreender seu erro. Durante toda a visita à feira, ela tinha estado fisicamente ligada com ele... Com seus olhares casuais, o mais leve contato das mãos. Mas agora sua consciência sexual se intensificava.

Kell tinha tirado a jaqueta e o colete, e a malha de sua camisa se esticava agora, revelando os músculos rijos de seus ombros e de seus braços. Aquela imagem a distraiu de tal modo que Raven teve que esforçar-se para recordar todos os passos de esgrima que o marido lhe tinha ensinado. E quando ela investiu contra ele e chocou sua virilha contra a firmeza da coxa dele, essa impressão sensual distraiu seus pensamentos tão intensamente que ela baixou a guarda por completo.

Imediatamente, viu-se desarmada, com a ponta da espada pressionada contra a

garganta.

Kell sorriu, e seu olhar provocador a fez lembrar seu pirata com tanta intensidade que sua respiração falhou. Deliberadamente, ele a pressionou contra a parede, os olhos pretos brilhando em desafio. A pulsação de Raven assumiu um ritmo errático quando o florete de Kell desceu por seu corpo, roçando a ondulação de sua roupa de maneira provocante.

Então, de repente, toda essa provocação desapareceu. Quando seus olhares se cruzaram, uma faísca de tensão surgiu entre ambos, o resultado de uma necessidade feroz sendo reprimida.

Kell pronunciou seu nome com um áspero sussurro e jogou a espada para um lado. Com olhos ardentes, puxou Raven para seu peito, esmagando-a contra ele.

Seu beijo foi carnal desde o começo, abertamente sexual, sua boca a machucou com deliciosa força, o joelho entre as coxas de Raven.

Raven gemeu. Ela não pretendia fazer amor com ele, mas quando a língua de Kell invadiu sua boca, sua hesitação se dissolveu em fogo líquido. Desejava senti-lo profundamente dentro dela, necessitava o calor de sua paixão selvagem.

Ela deveria ter ficado escandalizada quando ele rasgou os botões do vestido de gola alta, levando os seios firmes para sua boca faminta e exigente, mas estava perturbada demais para protestar. A sensação daquele ataque brusco a deixou molhada naquele mesmo instante.

Com surpreendente rapidez, ela se viu deitada de costas sobre o tapete, coberta por Kell, que lambia a pele sedosa de seus seios firmes. Ela sabia que deveria detê-lo, mas a urgência era muito forte, muito imediata.

Ele levantou as saias e ficou sobre ela, os olhos brilhantes como brasas, queimando a tênue aparência de gentileza até o fim. Ela se arqueou quando seu calor penetrou fundo seu corpo, gritando de prazer quando ele deslizou seu membro implacavelmente para dentro dela.

Kell a possuiu com a paixão de um pirata, e Raven respondeu com igual ferocidade, retorcendo-se debaixo dele enquanto ele a atacava intensamente repetidas vezes, apertando os dentes. Ele era fogo, calor e a chama abrasadora que a consumia.

Um instante depois, uma explosão a arrebatou, erótica e incrivelmente intensa, e o levou junto. Os sons roucos que surgiam de sua garganta, durante aquele ato rude e frenético, igualavam-se com os gritos de prazer de Raven enquanto ele a penetrava ardentemente, agitando o corpo com os atormentados tremores de sua fogosa necessidade.

Depois que os últimos tremores se esvaíram, ele caiu pesadamente nos braços de Raven. Ela, com suas próprias forças já diminuídas, estava imóvel, adorando a sensação de seu duro corpo oprimindo-a. Ela ainda segurava seus cabelos, aquela suavidade negra, sensual, viva, enquanto Kell ofegava rapidamente contra sua pele úmida.

Raven deixou escapar um profundo suspiro. Deplorava o que tinha feito.

Tinha se entregado a Kell completamente, sem a menor tentativa de se proteger.

Como podia ser tão tola? Quando estava com ele, Raven se esquecia do comportamento adequado a uma dama que sua mãe tinha lhe ensinado. Quando ele a tocava, era como se ela se transformasse em outra pessoa, alguém que se esquecia da vergonha e das inibições. O resto do mundo desaparecia e só o desejo inspirava seu corpo e sua mente.

Raven fechou os olhos com força, lutando contra uma urgência desesperada. Uma parte secreta dela se entusiasmava ao ser desejada tão ferozmente por aquele homem, por

experimentalizar seu doce e selvagem domínio, enquanto outra, uma parte mais profunda, quase se desesperava. Ele era tudo aquilo contra o que o seu coração a havia alertado.

Por todos os céus! Tinha que se controlar. Não podia permitir que Kell a levasse dessa maneira a um caos emocional. Se não tomasse cuidado, poderia muito em breve estar à sua mercê, procurando amor sem obter em troca nada mais que dor.

Entretanto, quando ele levantou a cabeça e a olhou nos olhos com seu ardor, sua resistência desapareceu.

– Pretendo passar a noite em sua cama – advertiu ele, com a voz rouca de paixão.

Raven consentiu em silêncio, sabendo que não podia negar a ele.

Várias horas mais tarde, Kell estava com Raven na escuridão, examinando a estranheza de seus sentimentos. Eles se recolheram para a cama dela logo depois do jantar e retomaram os apaixonados movimentos que inesperadamente tinham começado no salão. Mas só depois que ela dormiu, deitada de costas na curva de seu corpo, ele reconheceu o calor pouco familiar que emanava por seu corpo como uma deliciosa torrente.

Felicidade. Sentia-se feliz pela primeira vez desde a infância. Tudo por causa de Raven.

Sua solidão desvaneceu enquanto a casa adquiria uma nova vida com a encantadora presença dela. Sua singularidade era surpreendente, pensou Kell, enquanto inspirava a fragrância de seus cabelos escuros. Lutar esgrima com ela era mais estimulante que fazer amor com outras mulheres, e fazer amor com ela era... incrível.

Kell não sabia quantas amantes tinha tido durante a vida, mas sabia que o que tinha sentido com elas não era nada comparado ao que sentia agora. Aquele sentimento de perfeição. De plenitude. Raven o fazia sentir alegria, como se fosse explodir de contentamento simplesmente quando o olhasse.

Ele roçou suavemente os dedos em seu braço nu, desfrutando lentamente da textura sedosa de sua pele. Não havia planejado fazer amor com ela naquela tarde, pelo menos não com tamanha paixão. Mas uma ardente necessidade tomou conta dele no instante em que a tocou, e um instinto masculino feroz o invadiu quando ela respondeu com tanto entusiasmo. Seus suaves gemidos de excitação quase o levaram à loucura. Mesmo agora, depois de uma noite de ardente paixão, ele queria voltar a possuí-la.

Foi pego no calor de seus próprios desejos... ele sabia. E tinha mais alguma coisa. Seria amor?

O pensamento o sobressaltou. Quando surgiu uma imagem acusadora de Sean para criticá-lo, ele expulsou aquele maldito pensamento. A lealdade para com seu irmão não tinha nada a ver com seus sentimentos por Raven.

Mas o que sentia por ela?

Kell sabia que esperava mais do que apenas possuir Raven. Desejava consumi-la total, absoluta, profundamente. Desejava que ela ardesse como uma chama. Ela era linda, tentadora, tudo o que ele desejava neste mundo. Mas tão forte quanto o desejo físico era a necessidade de estar com ela, de rir e lutar a seu lado, de embalá-la entre seus braços, de protegê-la, de fazê-la feliz, de conhecer a felicidade com ela...

O desejo que crescia em seu peito era tão poderoso, que Kell teve que fechar os olhos.

Amor.

Era esse o nome daquele sentimento que o estava inundando? A emoção que sempre pensou que não precisava ter?

Kell respirou fundo, reconhecendo a verdade. Ele a amava. Reconhecer aquilo era

aterrador, estimulante, irreal. Tinha perdido a batalha contra si mesmo.

Entretanto, Raven ainda continuava nessa batalha. Embora abraçada contra seu peito, continuava mantendo-se afastada. Tinha muito medo dele.

Medo de entregar-se, perder-se, de amar.

Precisamente nesse momento ela se agitou em sonhos, deixando-o insuportavelmente consciente de sua nudez, de suas nádegas pressionando-se contra sua virilha. Como podia continuar excitado desse jeito depois de ter-se satisfeito tão completamente com essa mulher?

Mesmo depois de uma imprecação em voz baixa, ele cedeu ao seu apetite. Espalmando a mão naquelas curvas femininas, percorrendo o quadril, logo deslizou a mão por seu ventre e mais embaixo... Encontrando a cálida fenda de sua feminilidade, acariciou-a até que notou a umidade que proclamava seu desejo.

Raven ainda dormia quando, por trás, deslizou seu membro entre suas coxas; quando ele se introduziu na suavidade de seu corpo, ela se agitou, despertando com um gemido e se apertando contra ele, querendo mais.

Kell deixou escapar um suspiro rouco de prazer e deslizou mais profundamente na abertura quente, úmida e incrivelmente apertada dela, com um ritmo lento e suave, entrando e recuando-se até que esse movimento se transformou em uma doce e enlevada tortura para ambos.

Em apenas alguns instantes, o prazer voltou feroz demais para ser suportado. Kell estremeceu, e sua ternura deu lugar a uma selvagem exigência. Mexendo o quadril, ele a conduziu a um trêmulo clímax antes de encontrar sua própria liberação, agitando-se enquanto sua semente jorrava de seu corpo para dentro dela.

Segurando o corpo trêmulo dela em seus braços, Kell afundou o rosto em seus cabelos. Tinha encontrado o seu par, sabia disso sem dúvida nenhuma. Mas faltava convencer Raven.

Até então, sua relação tinha sido puramente carnal, baseada somente em satisfazer as necessidades sexuais de ambos. Ele suspeitava que tivesse despertado uma paixão oculta no coração dela, mas para que chegassem a ter um casamento verdadeiro, teria que fazer Raven superar seu medo do amor. Teria que demonstrar que amar não significaria se perder.

Quando os espasmos finais de paixão desapareceram, ela se livrou de seu aperto e se virou em seus braços, levantando seu rosto meio adormecida. Sua boca era quente e delicada, flexível e disposta, e havia tal doçura em seu beijo que esquentou o coração dele. Kell a trouxe ainda para mais perto e devolveu o beijo com suavidade, abrigando o suave suspiro de Raven quando ela passou o braço por seu pescoço e afundou a cabeça em seu ombro.

E enquanto estava com ela, envolto nas sombras de seu cabelo, Kell proferiu um silencioso juramento. Algum dia eles seriam marido e mulher de verdade. Nem que isso levasse até o fim de seus dias, ele convenceria Raven a se permitir amá-lo.

Um bem-vindo degelo pôs fim à Feira Gelada pouco depois de sua visita, mas aquele dia teve um decisivo ponto de inflexão em seu casamento. Para a consternação de Raven, Kell começou a passar as noites no quarto dela. Chegava em casa do clube tarde da noite e se deitava com ela na cama, despertando-a de seu sono e levando-a até novas alturas de abandono apaixonado.

Ele desfrutava de sua companhia também durante o dia. Quando Raven retornava de suas cavalgadas no parque, acabou se acostumando a ver Kell ainda na mesa do café da

manhã, lendo os jornais matinais. Acompanhava-a aos diversos eventos sociais que ela decidia frequentar. E, de vez em quando, a convidava a encontrar-se com ele no clube.

Raven se viu então lutando desesperadamente contra seus próprios desejos. Kell a preenchia de êxtase e de impossíveis desejos, dominando seus pensamentos, acordada ou dormindo. Desejava tocá-lo cem vezes ao dia.

Mesmo quando ela procurava refúgio em suas fantasias, ele a frustrava. Fazia tanto tempo desde a última vez que sonhara com seu amante pirata que, quando tentou trazê-lo aos seus sonhos, a imagem que veio foi a de Kell.

Seu amante imaginário se converteu no Kell em carne e osso.

A constatação de que tinha se tornado tão vulnerável a ele a assustava. Mas nunca antes tinha estado submetida a um Kell decidido a seduzi-la e só podia oferecer pouca resistência a seu encanto tão decidido. Ele parecia estar cercando seu coração, destruindo os muros de suas defesas, pedra por pedra.

E suas defesas desmoronaram ainda mais um dia, por volta do fim de fevereiro. Estavam acabando de tomar o café da manhã quando Kell pediu que se encontrasse com ele em sua biblioteca.

Depois de inspecionar o primeiro documento que ele lhe entregou, Raven comprovou que era a escritura de um imóvel. O segundo documento era uma cópia de cartas de privilégio de um baronato.

– Milady Frayne – murmurou Kell, dedicando-lhe uma graciosa reverência.

Ela o olhou com surpresa.

– Eu... não estou entendendo.

– Agora somos o barão e a baronesa Frayne. Você desejava se casar com um cavalheiro de categoria e, então, consegui realizar seus desejos.

– Mas como?

– Custou menos esforço de que imaginava – explicou Kell, curvando cinicamente a boca. – Dare tinha razão. Os cofres do regente estão tão vazios, que então ele aceitou minha ajuda financeira. Posteriormente, comprei uma propriedade nas áreas remotas de Northumberland, e agora tenho o título de barão que a acompanha.

Raven agitou a cabeça estupefata, sem ainda acreditar no que ouvia. Kell era agora lorde Frayne, e ela era sua lady? Seu generoso gesto devia ter custado uma fortuna, e ele tinha feito aquele esforço por ela, embora desprezasse coisas como diferenças sociais e privilégios aristocráticos.

– A alta classe agora vai nos adular, sem dúvida – disse ela devagar –, mas sei o quanto tudo isso lhe desagrade. Você não deveria se sentir obrigado a assumir um título se não o deseja.

Ele deu de ombros.

– Até onde sei, é apenas uma questão de nome e título. Isso não muda quem sou.

– E acho que tampouco muda quem eu sou – acrescentou Raven em tom pensativo.

– Isso não me converte em uma autêntica lady. Sempre serei uma bastarda.

Kell arqueou uma sobrancelha e a olhou com atenção.

– E realmente importa quem foi ou não foi o seu pai? – ao ver que ela não respondia, ele prosseguiu – Lamento que baronesa não seja um título tão ilustre como duquesa, mas eu esperava que isso pudesse cumprir a promessa que fez a sua mãe.

Raven exibiu um sorriso trêmulo. Ele tinha razão, claro. O título em si não era tão importante quanto o que representava: ela podia realmente cumprir a promessa que tinha feito a sua mãe.

Sentiu as lágrimas nos olhos.

– Kell, não sei como agradecer, minha mãe teria apreciado muito o que fez.

Ele esboçou um sorriso seco.

– Minha mãe também teria ficado agradecida. Ela nunca procurou vingança, mas tenho certeza de que gostaria de ver seu filho ser um lorde depois de todo o desprezo que recebeu por causa de suas origens modestas. Quem dera estivesse viva para vê-lo.

Raven distinguiu o pesar em sua voz e compreendeu que era uma demonstração de quão longe eles tinham chegado, a ponto de Kell permitir que ela visse sua dor em vez de tentar escondê-la.

Raven se virou para esconder sua consternação diante de outra descoberta. Ela sabia, com nítida clareza, que, se deixasse, poderia amar Kell.

Não posso me apaixonar por ele, murmurou ferozmente para si mesma. Amar Kell seria imprudente, insensato, louco.

Ele havia dito com clareza que só desejava seu corpo. Não era o tipo de homem que oferecia seu coração a uma paixão eterna, muito menos à mulher a quem se viu obrigado a oferecer seu nome em casamento.

Perder o controle sobre seu próprio coração seria desastroso. Podia passar o resto da vida ansiando o que nunca poderia ter.

Entretanto, estava com muito medo de que ele não lhe deixasse escolha.

Naquele exato momento, sentiu sua presença atrás dela. Quando Kell deslizou seus braços em volta de seu corpo e se inclinou para roçar sua nuca, Raven ficou tensa, apelando até a última grama de força de vontade que possuía para não reagir.

Por sorte, não foi necessário, porque ouviu alguém pigarrear na porta. Raven, sentindo uma onda de alívio com a interrupção, virou-se e viu o mordomo aguardando com o olhar discretamente voltado para o outro lado.

– O que foi, Knowles? – perguntou Kell sem muita paciência.

O criado adotou um ar de desculpa e estendeu uma folha de papel dobrado.

– Uma mensagem da senhorita Walsh, senhor.

Raven observou como Kell examinava o conteúdo do bilhete e como seu rosto adotava a mesma máscara sombria que tinha exibido em outro tempo.

– O que aconteceu? – perguntou ela, sem saber se devia alarmar-se.

– Ao que parece, meu irmão retornou a Londres – disse Kell gravemente, com os olhos pretos e sombrios enquanto se fixava nos dela.



Kell esperava ficar feliz com a volta de seu irmão, mas não conseguia sentir nenhuma alegria com a notícia. Em vez disso, sua emoção mais evidente foi culpa por se esquivar de seu dever.

Durante os dois últimos meses, tinha tentado evitar pensar muito em Sean. Mesmo há quinze dias, quando recebeu uma alarmante queixa da fazenda da Irlanda, ele não tinha feito nenhuma intervenção. Segundo o encarregado, Sean tinha açoitado uma égua até fazê-la sangrar.

Kell sabia que teria que ir à Irlanda, mas estava muito ocupado com as atenções a Raven para dedicar tempo a seu irmão. O máximo que tinha feito fora investigar um novo médico e consultar sobre novos tratamentos para alguém com os comportamentos selvagens de Sean.

E Sean ficaria sem dúvida ainda mais selvagem quando Kell não pudesse negar que tinha se apaixonado. Certamente, ele iria se sentir traído.

Kell tinha pensado que poderia discutir o assunto em particular, mas seu irmão não estava no clube, tampouco se encontrava em sua residência.

Decidiu não percorrer toda Londres a procura de Sean, mas pediu a Raven que não se encontrasse com ele no clube aquela noite. Não iria se esconder, mas preferia que ela estivesse a salvo, fora de vista, caso a reação de Sean fosse explosiva.

Entretanto, não pôde se livrar do pressentimento quando começaram os jogos naquela noite.

Passou a metade da noite recebendo felicitações porque a notícia de seu novo título tinha se espalhado pela cidade. Infelizmente, seu irmão também havia sido informado disso.

Quando Sean chegou, quase à meia-noite, já estava bastante bêbado.

Kell o interceptou quando ele ia entrar na sala de jogo de dados.

– Bem-vindo – disse ele, agarrando o cotovelo do irmão para ampará-lo.

Sean, zangado, livrou-se de sua ajuda.

– Fiquei sabendo que agora você é um maldito lorde.

– Por que não vamos lá para cima para falar sobre isso?

– Não quero falar de nada – ele olhou em volta com o olhar nublado. – Onde está ela?

– Onde está quem?

– Aquela puta que você transformou em sua esposa. Ouvi dizer que está louco por ela.

– Já basta, *Sean*!

Seu irmão dirigiu um olhar cheio de fúria e de pena.

– Maldito seja, Kell! Eu avisei o que aconteceria.

Virando-se, ele deu um tropeção e saiu. Kell o seguiu até a porta de entrada e viu Sean subir tropegamente em uma carruagem de aluguel que o aguardava.

Incapaz de superar sua inquietação, Kell chamou outro carro de aluguel e pediu ao porteiro do clube para que fosse com ele como precaução. Raven estava sozinha em casa,

com apenas uns poucos empregados para protegê-la.

Chegou a tempo de ver Sean golpear a porta principal, vociferando obscenidades com toda a força de seus pulmões. Kell saltou da carruagem alugada enquanto se acendiam luzes em várias janelas. Um instante depois, a porta se abriu, e nela apareceu O'Malley.

Sem avisar, Sean avançou contra o serviçal. Incapaz de se esquivar das mãos que iam direto à sua garganta para asfixiá-lo, o irlandês desferiu um soco à mandíbula de Sean que o fez cambalear para trás e cair pela escada.

Depois de rolar vários degraus, ele aterrissou de cabeça com um gemido. Quando Kell se aproximou, Sean estava amaldiçoando a todos violentamente, mas evitou qualquer ajuda enquanto tentava se sentar.

– Não vou pedir perdão, milorde – declarou O'Malley flexionando os dedos. – Não permitirei que ele faça nenhum mal à senhora Raven.

Kell levantou os olhos, compreendendo tardiamente que era a ele que o empregado se dirigia como “milorde”. Viu que Raven estava na porta. Trazia uma vela em uma das mãos, e agarrava as lapelas de seu roupão com a outra, os cabelos soltos sobre os ombros.

Sean ficou de joelhos e agitou os punhos diante do mordomo.

– Você vai pagar por isso! – grunhiu. E logo apontou para Raven.

– E você também!

Com uma maldição saindo pelos lábios cerrados, Kell ajudou o irmão a levantar e o obrigou a entrar na primeira carruagem de aluguel. Pagou ao cocheiro o dobro dos honorários habituais para se encarregar de levá-lo para casa em segurança e ordenou a Belker, seu homem de confiança, que vigiasse Sean até que pudesse visitá-lo pela manhã. O porteiro do clube era um ex-lutador de boxe e podia facilmente dominá-lo se necessário.

Quando a carruagem se perdeu de vista pela rua escura, Kell dispensou o segundo veículo. Logo retornou à casa, onde Raven aguardava com seu mordomo e uma dúzia de outros empregados preocupados. Kell fez todos voltarem para a cama, mas O'Malley ficou ali, o corpo maciço com os ombros beligerantes.

– Não tive outro remédio senão usar os punhos – insistiu o criado em um brusco tom defensivo.

– Estou de acordo – respondeu sinceramente Kell.

– Não vou permitir que ele faça algum mal a ela.

– Sei que não. Estou muito agradecido de que Raven tenha você para protegê-la, senhor O'Malley.

O irlandês dirigiu um olhar grato e finalmente assentiu.

Raven não conseguiu conter a própria ira tão rápido, mas não desejava dar asas à sua fúria diante do criado.

– Eu também agradeço, O'Malley – interveio. – Mas por que não volta para a cama?

Com um meneio de cabeça, o homem desapareceu pela escada de serviço.

Ela dirigiu um olhar flamejante ao marido quando ficaram a sós.

– Kell, você precisa fazer alguma coisa. Isso não pode continuar assim.

Ele apertou a boca.

– Eu sei.

Girando sobre os calcanhares, ele foi para a biblioteca.

Raven o seguiu quase tremendo de fúria. Fechou a porta cuidadosamente atrás deles e depositou sua vela antes de falar.

– O que pretende fazer com ele? – perguntou enquanto Kell ia diretamente à licoreira de conhaque e se servia de uma taça. – Ele não passa de um brutamontes perigoso.

Kell fez uma careta, como se tivesse sido golpeado no estômago. Contemplou o conhaque e falou em voz baixa.

– Eu esperava que Sean tivesse a oportunidade de melhorar na Irlanda, mas o tempo que passou lá não parece tê-lo ajudado.

– Não, de jeito nenhum! – Ao ver que ele não respondia, Raven se esforçou para se controlar. – Você não pretende defender o seu comportamento, não é? Embora ele tenha sido espancado tão terrivelmente durante o período em que foi recrutado à força, sua violência é indesculpável.

– Não – retrucou Kell sombriamente. – Já não posso mais continuar desculpando-o. Mas Sean estava lutando contra seus demônios muito antes de ser recrutado pela Marinha.

– E que diferença isso faz?

Um sorriso amargo se formou nos lábios de Kell.

– Porque não posso me perdoar.

– O que quer dizer?

– Não é uma história agradável.

Tomou um longo gole de conhaque e logo se deixou cair em uma cadeira. Raven se sentou diante dele, com as mãos estreitamente enlaçadas enquanto aguardava que ele falasse.

Kell ficou em silêncio por longos momentos antes de falar, em um murmúrio rouco.

– Sean não foi sempre assim. Meu tio é extremamente culpado por seus atuais sofrimentos. Uma vez você me perguntou como consegui esta cicatriz, e eu disse que foi lutando com meu tio William. Mas não disse por quê. Durante meses, enquanto eu estava na universidade, meu tio... sodomizou meu irmão. Sean tinha só treze anos na época.

Ela distinguiu a repugnância e o ódio que impregnavam a voz de Kell e sentiu seu próprio estômago revolver-se com o horror. A sodomia era um crime grave, mas contra um garoto indefeso era abominável.

Raven engoliu em seco, notando o sabor da bÍlis na garganta. Sempre tinha suspeitado de que Sean tivesse um passado atormentado, mas ele estava mais afligido pela dor e pela desolação do que imaginava. E começou a compreender que Kell também se sentia assim.

Ele olhava sem ver a taça de conhaque, com o rosto devastado pela dor.

– Viver com sua vergonha... transformou Sean. Mas eu tenho tanta culpa quanto meu tio por tudo o que aconteceu. Deixei-o sozinho com aquele monstro.

– Kell, você não pode se culpar pelo que seu tio fez.

– Não? – Seu tom foi cáustico enquanto lançou um olhar a ela. – Você deveria entender de promessas, Raven. Você fez uma a sua mãe. Bem, também fiz uma à minha. Prometi a ela que cuidaria de meu irmão. Mas falhei completamente. E escapei ileso enquanto ele sofria.

Sua voz se reduziu de novo a um murmúrio angustiado.

– Sean nunca me perdoou por tê-lo abandonado... E não posso perdoar a mim mesmo.

Raven, sem palavras, mordeu o lábio. De fato ela podia com grande clareza entender o dilema de Kell. Ele se sentia terrivelmente culpado por ter escapado das perversões de seu tio e não ter protegido seu irmão mais novo. Muito provavelmente, tinha se penitenciado durante todo aquele tempo.

Ela se perguntou se um dia Kell poderia se libertar da culpa, mas sabia que o temor por seu irmão estava justificado. Sean havia se tornado alguém muito perigoso. E ela tinha

que fazer Kell enxergar isso. Precisava evitar que Sean se tornasse mais destrutivo, mesmo que isso significasse ferir Kell mais do que com uma espada.

– O que aconteceu a Sean é realmente terrível, Kell – disse ela com suavidade –, mas não desculpa sua violência. Não pode permitir que ele continue ameaçando as pessoas. E você parece ser o único que pode controlá-lo.

– Eu sei – a voz dele era um sussurro rouco. Esfregou os olhos com a mão. – Eu devia ter feito algo quando ele raptou você. Mas as alternativas eram tão desanimadoras... Prisão ou hospício. Não tinha certeza se suportaria ser o responsável por trancar o meu próprio irmão em um asilo de loucos.

– Parece que agora não há escolha – disse ela.

Kell a olhou nos olhos, e ela pôde ver o sofrimento. Entretanto, ele não refutou suas palavras.

Depois de um momento, ele desviou o olhar.

– Arranjei que Sean vá a uma casa particular nos subúrbios de Londres para ser tratado por um doutor especializado em desordens mentais. Se isso não funcionar... – seu tom de voz se tornou mais sombrio – terei que colocá-lo em Bedlam.

Na manhã seguinte, Kell foi buscar seu irmão para acompanhá-lo a sua nova residência no campo.

Ao inteirar-se dos planos do irmão de trancafiá-lo, Sean empalideceu e apertou os punhos com fúria, com uma expressão visível de raiva no rosto. Mas só disse uma palavra.

– Traidor.

Entretanto, duas noites depois, Kell compreendeu que tinha tomado a decisão tarde demais. Estava em seu clube, atuando como anfitrião de uma multidão considerável na sala de jogos de dados quando Timmons se aproximou e murmurou algo em seu ouvido.

– Senhor Lasseter, milorde, tem que ver algo.

– Meu irmão? – perguntou Kell enquanto o coração disparava.

Seu primeiro pensamento foi que Sean tinha escapado de algum modo dos cuidados do novo médico e veio para criar mais problemas do que em sua última aparição, bêbado.

– Não, não se trata do senhor Sean.

O mordomo parecia estranhamente pálido, mas Kell controlou seu alarme e seguiu o criado pelo corredor. Timmons levava um lenço à boca e parecia ter problemas para falar.

– Bem, o que aconteceu? – perguntou Kell. – Diga logo.

– Há um homem... na rua de trás. Eu acho que... está morto...

– Morto? – Kell sentiu seu estômago revirar. – Não é meu irmão?

– Não... Parece ser o mordomo de sua esposa, O'Malley.

Kell sentiu sua respiração dar um salto. Rapidamente abriu caminho para a rua que ficava atrás do clube. Vários de seus empregados estavam reunidos em torno de uma figura estendida de barriga para baixo no chão. À luz das lanternas, ele pôde comprovar que o homem morto de fato era Michael O'Malley. Estava sem jaqueta, e uma escura mancha de sangue cobria seu peito.

Kell se ajoelhou. Por Cristo! Teria sido Sean o assassino? Ele apertou a boca em rígida negação. Mas, então, quem poderia ter cometido tal atrocidade ou sequer desejado algum mal ao mordomo? Sean tinha jurado se vingar do irlandês por tê-lo socado duas noites atrás e por ter sido o causador de seu serviço na Marinha à força no verão anterior.

Não havia sangue no chão. O corpo evidentemente tinha sido transportado até ali de outro lugar. Inclinou-se para a frente em busca de ferimentos. Tratando-se de seu irmão, não duvidaria que ele tivesse intencionalmente procurado briga com o mordomo de

Raven...

Kell de repente congelou ao descobrir com os dedos o diminuto buraco que a vítima tinha no peito. O'Malley tinha sido apunhalado nas costelas com algum tipo de espada. Era muito similar à mortal ferida de seu tio William.

De repente, sentiu-se enjoado, aturdido, enquanto a garganta ardia.

– Senhor? – disse alguém com uma tosse respeitosa.

Esforçou-se para olhar para cima enquanto tentava absorver o acontecido.

– O que faremos com o corpo?

Era difícil falar.

– Procurem... o coveiro... E avisem o vigário. Prepararemos um enterro decente.

Ele teria que contar a Raven.

Naquele momento, Emma Walsh apareceu diante dele.

– Kell – começou, mas seu firme murmúrio se converteu em um grito sufocado. –

Oh, Meu Deus!

Aturdido, Kell se levantou, puxando Emma para trás e se colocando entre ela e o corpo do homem.

– Esse é...

– O'Malley – respondeu, enquanto a acompanhava de volta para dentro da casa. – O que você queria?

Ela estremeceu visivelmente e parecia tentar recordar o que a tinha levado até a rua.

– Raven, ela... está aqui... e parece angustiada. Pedi que aguardasse lá em cima, em seu quarto.

– Vou ver o que houve – foi tudo o que conseguiu dizer.

Raven estava caminhando pelo escritório quando ele entrou. Com expressão de ansiedade no rosto, ela se voltou para Kell.

– Kell, estou preocupada com O'Malley. Não voltou para casa, aliás não o vejo desde nosso passeio matinal. É muito estranho que ele desapareça assim, sem dizer nada.

– Raven, sinto muito... – disse ele, segurando-a pelos ombros.

– Sente muito... ?

– Tenho más notícias... O'Malley está morto.

Ela se limitou a olhá-lo fixamente.

– Não. Não é possível. Não pode estar *morto*.

– Acabo de examinar seu corpo. Deixaram-no na rua atrás do clube.

Ela levou uma mão à boca com os olhos cheios de angústia enquanto parecia absorver o que ele dizia.

– *Nããããão!* – Seu grito de negação foi um gemido agudo de dor. Recuou um passo com o rosto deformado pelo sofrimento.

Kell sentiu que uma dor idêntica rasgava seu peito. Desejando desesperadamente consolá-la, tentou envolvê-la entre seus braços, mas ela se afastou com brutalidade, negando-se a ser confortada por ele. Em lugar disso, desabou no chão, cobrindo o rosto com as mãos. Começou a sacudir os ombros enquanto soluços mudos agitavam seu corpo, e ela liberava sua dor.

Raven chorou por um longo tempo enquanto Kell a observava impotente, até que começou a se acalmar. Seu corpo ainda estava agitado por leves tremores, mas pelo menos desta vez ela não protestou quando Kell tocou seu ombro com suavidade. Ele a levantou e se sentou em uma cadeira com Raven em seu colo.

Mesmo quando Kell beijou sua boca trêmula, Raven não olhou para ele. Seu rosto

estava molhado pelas lágrimas, os cílios escuros apertados pelo horror.

– Não posso acreditar que O'Malley esteja realmente morto. Ele era como um pai para mim. Ele me ensinou a montar meu primeiro cavalo e me ensinou a nadar... Oh, Deus, não posso suportar isso!

Novas lágrimas correram por suas bochechas enquanto ocultava seu rosto na curva do ombro de Kell.

Ele a envolveu nos braços e falou com voz suave entre os cabelos dela.

– Sinto muito – disse ele em voz baixa.

– A culpa foi minha, ele morreu me protegendo.

Seu pesar fez os olhos de Kell arderem, e seu coração doer. Estreitou-a com mais força, sentindo uma ternura angustiada por ela... E uma raiva feroz e desesperada por seu irmão.

Passou um longo momento até que ela deixasse escapar um estremecido suspiro.

– Como... Como o mataram?

– Acho que foi com uma facada no peito, ou algo parecido.

Kell sentiu que ela ficou tensa e se afastou.

– Emma disse que foi assim que seu tio foi morto.

Ele estremeceu ao ouvi-la colocar em palavras a temida conclusão a que já tinha chegado. Presumia, ou rezava, durante todo esse tempo que a morte de seu tio tivesse sido um acidente, porque, durante todos aqueles anos, Sean tinha alegado defesa própria. Agora não estava tão convencido assim. As semelhanças entre as duas mortes eram muita coincidência.

Raven olhava para Kell com compreensão, as bochechas pálidas molhadas pelas lágrimas.

– Não foi você quem matou seu tio, não é? Foi Sean.

Kell fechou os olhos, incapaz de responder.

– Você assumiu a culpa...

– Não queria que Sean sofresse mais – finalmente respondeu. – Eu era forte o bastante para suportar os rumores e as acusações, mas Sean ficaria despedaçado.

– Todo esse tempo... você deixou as pessoas acreditarem que era um assassino. Mas Sean é o verdadeiro assassino.

– Raven!

– Não! – Ela empurrou Kell pelo peito, tentando se libertar. Quando ele a soltou, Raven ficou em pé de um salto com aspecto desolado e indignado ao mesmo tempo. – Ele não vai escapar impune desta vez! Juro que vou persegui-lo e vê-lo punido por esse crime!

– Farei meu irmão ser castigado – disse Kell, superando o intenso nó que tinha na garganta.

– Como, Kell? Como posso confiar que você vá enfrentá-lo? Você jurou protegê-lo, como tem feito todo esse tempo!

Raven levantou o queixo enquanto as lágrimas caíam sem parar de seus olhos.

– Sean é um homem adulto, Kell! É responsável por seus atos!

Kell assentiu, hesitando entre o amor a seu volúvel irmão mais novo e a necessidade de enfrentar a verdade. Era difícil acreditar que Sean pudesse ser tão perverso, que tivesse se transformado em um monstro. Entretanto, se era realmente um assassino, não poderia ser salvo.

E Raven tinha razão. Sean não podia sair impune do assassinato que tinha cometido. Sem responder, Kell ficou em pé e se virou para a porta.

– Aonde você vai? – perguntou Raven.
– Vou atrás de Sean.
– Eu vou com você.
– Não, não quero você a um quilômetro de distância de meu irmão. Quero você a salvo. Farei Belker levá-la até em casa. – O olhar sombrio de Kell encontrou o dela. – Prometo, Raven, vou cuidar de meu irmão.

Raven estava profundamente desolada quando subiu a escada da frente da casa de Kell. Quando o mordomo abriu a porta com uma saudação, ela respondeu apenas com meneio de cabeça. Teria que informar, a ele e aos outros empregados, da morte de O'Malley, mas em outro momento. Agora era incapaz de falar disso.

Foi a seu quarto para chorar a sós. O fogo ardia na lareira, e ela se deixou cair em uma cadeira, contemplando cegamente as chamas que flutuavam sobre a lenha. Sentia-se machucada, vazia por dentro.

Deus, quem dera tudo isso fosse um terrível pesadelo! E que fosse despertar a qualquer momento...

Sentiu as lágrimas escorrerem pelo rosto enquanto as lembranças de O'Malley se amontoavam em sua mente. Sua fortaleza e seu consolo a tinham apoiado e sustentado durante todos esses anos, desde o primeiro momento em que seu suposto pai a tinha repudiado por ser uma bastarda. O'Malley tinha lhe ensinado sobre a vida, como suportar a dor e enfrentar o destino com fortaleza de espírito...

As cinzas de sua dor preencheram sua garganta e a sufocaram.

Raven inclinou a cabeça e chorou de novo em silêncio, seus soluços ofegantes na escuridão.

Não notou o tempo passar, mas provavelmente tinham transcorrido só uns poucos minutos quando distinguiu uma suave risada atrás dela.

Raven ficou tensa, o sangue congelando nas veias.

– Eu disse que faria você pagar por isso.

Raven conteve as lágrimas e, com o coração batendo apressadamente no peito, olhou por sobre o ombro. Sean estava encostado na porta do quarto de vestir, apontando uma pistola para ela.

– Se eu fosse você, não gritaria – disse ele, com suavidade. – Não quer me obrigar a usar isto com seus outros empregados.

Raven afundou os dedos nos braços da poltrona.

– O que deseja?

– Bem, pretendo tomar você como minha refém, minha querida. Tenho uma carruagem esperando na rua do lado – ele fez um gesto com a arma e direção à porta do quarto. – Sairemos pela porta da frente, se me fizer o favor.

Ela se levantou e virou o rosto para seu carrasco, dirigindo-lhe um olhar cheio de desdém.

– Você espera que eu o obedeça assim, tão docilmente?

– Oh, sim, sei que fará isso. De outro modo, matarei qualquer um que interfira.

– Você não vai se safar! – declarou Raven. – Kell vai deter você.

O sorriso de Sean gelou o sangue nas veias da jovem.

– Talvez. Eu realmente espero que ele tente. Veja, quero que meu querido irmão também pague por escolher você em meu lugar.



Raven pensou que nunca havia sentido tanto frio em toda sua vida enquanto estava sentada na cadeira onde Sean a tinha mantido amarrada durante a última hora. Depois de viajar durante a noite em uma carruagem chacoalhante, chegaram a uma casa no campo que, conforme disse Sean, pertencia a ele. Imediatamente dispensou todos os empregados com uma ordem brusca e instalou Raven em um quarto sem calefação, sem nem uma capa para cobrir-se.

Pelo menos desta vez ele não a tinha drogado nem deixado inconsciente, mas suas pernas estavam tão dormentes que mal conseguia senti-las.

Sean a tinha deixado sozinha apenas em uma ocasião, para que fosse ao lavabo, desatando-a por completo exceto as mãos e fechando a porta atrás dele. Entretanto, um olhar para a paisagem gelada lá fora a fez reconsiderar qualquer tentativa de fuga, pois a neve caía forte em redemoinhos. Mesmo que conseguisse se livrar de Sean de algum modo e fugisse da casa, naquelas condições de quase tempestade, com toda probabilidade morreria congelada antes de percorrer um quilômetro sequer.

Por isso não enfrentou Sean quando ele voltou a amarrá-la na cadeira. Ele se mantinha vigilante diante da janela, enquanto as emoções de Raven oscilavam fortemente entre a fúria violenta e o desespero. Quando ele se dignava a lhe dirigir algum olhar ocasional, ela procurava não encará-lo, com medo de que demonstrar sua indignação só lhe traria mais dor.

Ele não hesitaria em lhe machucar mais, Raven não tinha dúvidas. Desde sua chegada, Sean tinha afundado numa calma fria, desprovida de qualquer emoção. Seu isolamento insensível a assustava mais que qualquer discussão que ele pudesse ter começado. Seus olhos pareciam sem alma, quase mortos.

Raven teve um sobressalto quando ele por fim rompeu o silêncio.

– Kell não deve estar muito longe – murmurou sem inflexões na voz, olhando para a neve. – Deixei um rastro que até um cego poderia seguir.

Era a primeira vez em quase uma hora que ele lhe dirigia a palavra.

– E o que vai fazer quando ele chegar? – ela se atreveu a perguntar.

Sean lhe dirigiu um olhar frio.

– Isso não interessa a você.

– Você não vai mesmo machucar seu irmão, vai? Seu próprio irmão?

Sean inclinou a boca com desdém, provocando um novo calafrio no peito de Raven.

– Mas que doce! Fingindo se preocupar com ele. Sei que seu coração é feito de gelo.

– Eu me preocupo, sim, com o que possa acontecer com ele. Ele é meu marido.

Ao ver que Sean semicerrava os olhos, ela compreendeu seu erro. Quaisquer que fossem seus sentimentos por Kell, ela não deveria declará-los se não queria provocar mais o cunhado.

– Mas ele não se importa muito comigo – acrescentou. – Temos um casamento de conveniência, nada mais.

– Mentira.

Atravessando a sala até ela, ele calmamente esbofeteou seu rosto com a palma da

mão, jogando sua cabeça para trás.

Raven sufocou um grito de dor e apertou os dentes.

– Kell vem atrás de você como um cão. Você o seduziu, e ele se apaixonou por você. Então, pagará por isso.

O tom de voz dele era tão controlado, tão calmo, que ele poderia estar fazendo uma observação sobre o tempo. Os músculos do estômago de Raven se retorceram de temor.

Ela sabia que não deveria desafiar Sean mais uma vez, sabia que ele seria insensível aos seus pedidos, mas não conseguiu se conter.

– Por favor, Sean, seja o que for que esteja planejando, Kell não merece que lhe faça mal!

– Ele roubou você de mim.

Raven mordeu a língua, reconhecendo que qualquer outro argumento seria inútil. Sean estava tão transtornado por seu passado atormentado, tão cheio de amargura e ódio, que ela questionava sinceramente sua sanidade mental. Entretanto, não podia permitir que Kell se metesse às cegas em uma armadilha.

– O que é que você quer? A mim? Se for assim, então... – ela engoliu em seco com dificuldade. – Pode ter...

Seu gélido sorriso arrepiou o pelo da sua nuca.

– Ah, mas eu não a quero mais. Agora, cale a boca.

Sean se virou para a janela. Transcorreram outros dez minutos antes que voltasse a falar.

– Aí vem ele, afinal.

Sua declaração cheia de satisfação a encheu de alarme, e Raven se encolheu na cadeira quando Sean virou-se para ela.

Com metódica eficiência, ele a desamarrou da cadeira mas deixou as mãos atadas. Ela não se conteve quando ele a colocou selvagememente de pé.

– Aonde está me levando? – balbuciou Raven enquanto ele a conduzia à força para a porta.

– Você verá muito em breve.

Kell blasfemou enquanto caminhava com dificuldade entre os montes de neve na parte dos fundos da propriedade dos Lasseter. Encontrou a casa vazia, exceto por quatro empregados amontoados na cozinha. Eles tinham recebido a ordem de ficar fora de vista, mas quando foram questionados, apontaram a saída de trás, indicando a direção que Sean tinha tomado com a refém.

Seguindo seus rastros, Kell se inclinou contra o vento cortante enquanto as lapelas de seu capote se agitavam. Ele mal podia enxergar entre os redemoinhos de neve, mas sabia para onde Sean tinha ido. Tinha escolhido o gazebo com um propósito, porque foi ali que começaram os abusos de William.

Uma doentia sensação de inevitabilidade sacudiu o corpo de Kell enquanto ele compreendia que o passado estava completando um círculo.

Em alguns momentos, pôde distinguir o delicado teto em forma de cúpula e os corrimões encaixados do pavilhão. O lago ornamental que ficava ali estava congelado, enquanto um bosque de árvores desfolhadas se levantava atrás como sentinelas fantasmagóricas, seus ramos nus cobertos por cristais de gelo.

Quando chegou ao gazebo, Kell sentiu o mesmo gelo em suas veias. Duas figuras estavam sentadas em um banco, Sean empunhando uma espada contra a garganta de Raven.

Ficou sem fôlego enquanto se esforçava lentamente para subir os degraus

escorregadios pela neve. O coração batia como se tivesse percorrido uma longa distância, enquanto o estômago revirava com um tumulto de emoções: temor por Raven, ódio pelo monstro que tinha destruído a inocência de seu jovem irmão, angústia diante do que Sean o obrigaria a fazer.

Kell sabia o que seu irmão se propunha a fazer. Ele o faria escolher entre os dois. Seu irmão ou sua esposa. Mas, na realidade, não tinha escolha.

Não desejando provocar seu irmão, Kell se deteve e observou sua mulher. Tinha os lábios roxos, e o corpo tremia de frio, embora não pudesse dizer pela sua expressão se ela estava sentindo dor, medo ou ambos.

– Deixe-a livre, Sean. Sua disputa é comigo.

– Sim, é com você, querido irmão. Você quer me trancar para sempre.

– Você já feriu muitas pessoas inocentes. Não posso permitir que faça mal a mais alguém.

– E o que aconteceu comigo? Eu era inocente quando aquele monstro me violou.

Kell sentiu a familiar angústia crescer em seu corpo.

– Eu sei.

– Sabe? – A palavra era amarga. – Você não sabe nada, Kell. Você não pode compreender o que era suportar o contato dele, de ter aquele homem dentro de mim... Ele me trouxe aqui, sabia disso? Ele me obrigava a me despir para ele, e então subia em mim... No começo eu vomitava. Uma vez eu vomitei em cima dele quando se introduziu na minha boca. E ele me bateu tão forte que desmaiei. Depois disso, aprendi a aceitar as perversões. A ocultar minha vergonha. Embora na verdade eu quisesse matá-lo.

Sean inclinou a boca em um triste sorriso.

– No final, fiz isso. Eu o fiz pagar pelo que me tinha feito – ele baixou a voz, que agora parecia preocupada. – Também matei O'Malley, embora não quisesse fazer isso, mas não consegui parar.

Raven deixou escapar um contido gemido de pesar, e Sean jogou a cabeça para trás, pressionando a lâmina com mais força contra sua pele.

Kell apertou os dentes até que eles doeram. Era a única coisa que podia fazer para evitar lançar-se contra seu irmão.

Sean baixou ainda mais seu tom de voz até torná-la um sussurro áspero.

– Achei que queria fazer você pagar também, Kell. Era meu irmão. Deveria ter me salvado dele, e eu odiei você por isso.

Kell sentiu a acusação como uma punhalada. O ressentimento de Sean se inflamou durante todos aqueles anos e agora, como uma ferida pestilenta, estava se esvaziando.

– Sean, você não sabe o quanto eu odiei a mim mesmo.

O jovem negou com a cabeça.

– Não, eu estava errado. Você não podia ter me salvado na época – e sussurrou de forma entrecortada. – Mas agora você pode. Você precisa me ajudar, Kell.

– Claro que eu ajudarei.

Seus olhos verdes adquiriram uma expressão desolada.

– Como? Me colocando na prisão?

– Pensei que um asilo seria mais humano.

Sean negou com a cabeça, com olhos sombrios.

– Não posso passar o resto da vida trancafiado.

– E não posso permitir que continue em liberdade, que mate de novo.

– Só há um modo de me deter, Kell. Você sabe disso. – Com um gesto de cabeça,

ele apontou a segunda espada que estava pousada no banco. – Reconhece? São as espadas de duelo do tio William.

– Quer que eu duela com você? Mas você tem pouca habilidade em esgrima. Não quero feri-lo.

– Bem, a escolha é sua – e Sean voltou o olhar para sua refém. – Se não quiser que eu atravesse a garganta dela, terá que lutar comigo, irmão.

Kell hesitou com o temor corroendo-o por dentro diante do que Sean estava dando a entender. Mas não podia permitir que Raven fosse ferida.

– Muito bem.

Sean se virou para pegar a outra espada, dando uma pequena oportunidade para Kell agir.

Entretanto, Raven se moveu antes que ele pudesse fazê-lo. Ela ergueu as duas mãos amarradas e golpeou Sean no ombro, evidentemente achando que o faria perder o equilíbrio. Mas a única coisa que conseguiu foi receber um soco violento. Sean levantou o braço e a golpeou, derrubando-a no chão de madeira.

Kell tinha começado a avançar, cheio de raiva e medo, mas se deteve bruscamente quando viu Sean sustentando a ponta de sua espada na nuca de Raven.

– Pegue sua arma – ordenou seu irmão com voz rouca.

O olhar de Kell estava fixo na espada de Sean, tão perigosamente perto de atravessar a carne de Raven.

– Não tem por que ser assim, Sean.

– Sabe que sim. Você tem que pôr fim a isto. – Curvou a boca em um sorriso sombrio. – Você sempre tentou cuidar de mim. Por favor... Faça isso pela última vez. Pegue a espada.

Kell tristemente cumpriu a ordem do irmão, recolhendo a espada.

– Então, *en garde*.

Sean levantou a própria arma e se adiantou.

De sua dolorosa posição no chão, Raven observou com o coração na garganta enquanto os dois irmãos lutavam naquele que poderia ser um combate mortal. Desde o começo ficou evidente que a perícia de Kell era muito maior que a de seu irmão. Os movimentos de Sean eram atrapalhados, lentos, como se estivessem expondo deliberadamente as suas defesas. Transcorreram alguns poucos momentos até que Kell alcançou a lâmina de Sean e, com um poderoso giro de braço, lançou-a por cima das ripas de madeira do gazebo.

O brilho nos olhos de Sean era quase triunfante, pensou Raven. Ele queria perder a luta, queria morrer, queria que seu irmão o matasse.

Foi então que Sean inclinou a cabeça e arremeteu, avançando contra Kell como um touro enlouquecido, tentando ser atravessado pelo aço afiado. Kell conseguiu desviar a ponta no último segundo, mas Sean explodiu contra ele, e seu ímpeto impulsionou Kell para trás. Ambos se chocaram contra o corrimão de madeira com um ruído surdo e voaram por cima da borda, caindo sobre o chão gelado abaixo.

Raven abafou um grito, alarmada, compreendendo que Sean ainda poderia vencer a luta. Fez um esforço doloroso para ficar em pé e avançou aos tropeços até o corrimão. Embora a queda tivesse sido de uma altura relativamente baixa, os dois homens pareciam aturdidos e sem fôlego enquanto lutavam pela posse da espada, rolando pela encosta coberta de neve em direção ao lago congelado, grunhindo e ofegando, suas baforadas como pequenas nuvens de vapor no ar frio.

Tremendo de medo e de frio, Raven esticou os pulsos inutilmente, tentando escapar das amarras. Ela queria desesperadamente ajudar Kell, mas não tinha nenhuma ideia de como fazê-lo sem provocar uma distração fatal. Deu um forte grito quando Sean atacou o rosto do irmão, tentando enfiar os dedos nos olhos, mas Kell girou a cabeça e se esquivou do golpe. De algum jeito, conseguiu até mesmo afastar a espada para longe, graças a Deus.

Seu alívio tinha sido prematuro. Sean deu um selvagem murro no rosto de Kell. Então, vendo-se livre, ficou em pé e avançou cambaleando pela neve espessa, dirigindo-se ao centro do pequeno lago congelado.

Kell foi atrás dele. Quase tinha alcançado Sean quando chegou aos ouvidos de Raven o sinistro rangido do gelo se partindo. Sean cambaleou de repente para a frente, primeiro com uma perna, logo com a outra, rompendo a superfície gelada.

Raven agarrou o corrimão com o coração agitado pelo horror, enquanto via o jovem desaparecer na água gelada.

– Sean! – O grito de Kell ficou quase abafado pelas rajadas de vento. Ele se deixou cair de joelhos e rastejou até o buraco no gelo.

A cabeça de Sean apareceu, a boca escancarada com o choque e resfolegando em busca de ar, os braços agitando. Os dedos encontraram apoio na borda do gelo exatamente quando Kell se estendeu por completo na direção dele.

A visão de Raven foi atrapalhada pelos redemoinhos de neve, mas conseguiu distinguir Kell esforçando-se para alcançar o irmão, apressando Sean a agarrar-se à mão estendida.

Por um momento, pareceu que ele ia conseguir, mas então Sean o golpeou ferozmente, atacando o mesmo homem que tentava salvá-lo.

– Sean! – sem pretender desistir, Kell tentou mais uma vez, agarrando a blusa do irmão.

Resistindo, ele segurou o braço de Kell com ambas as mãos para soltar-se. Raven ofegou horrorizada, sabendo que Sean podia levar Kell junto, afogando os dois.

Pelo espaço de poucos minutos, nenhum deles cedeu. Raven mordeu o lábio até sangrar, mas só pôde observar aterrorizada enquanto a silenciosa e violenta batalha prosseguia entre os dois irmãos.

Kell tinha o braço submerso até o cotovelo e o outro esticado, tentando se agarrar ao gelo, quando ela viu Sean pronunciar as palavras:

– Por favor!

Ele estava implorando que Kell o soltasse, ela compreendeu.

Apertando a mandíbula, Kell se negou a fazê-lo, mas então sofreu uma repentina sacudida. A borda do buraco no gelo se quebrou, tirando seu equilíbrio. Sean se liberou com um safanão. Um instante depois, ele afundou sob a superfície da água gelada e desapareceu.

Kell ficou paralisado, negando com a cabeça enquanto Raven observava. Quando transcorreram longos momentos sem sinais de seu irmão, Kell apertou os olhos, angustiado. O grito que surgiu de sua garganta era o lamento de um animal ferido.

Raven deixou escapar um soluço enquanto soava outro sinistro estouro na superfície do lago. O gelo estava rachando sob o peso de Kell. Meu Deus! Se ele caísse pelas rachaduras, a água gelada o tragara, como tinha feito com seu irmão...

Gritando seu nome, Raven se precipitou pelo gazebo e pelos traiçoeiros degraus, quase caindo enquanto corria. Ela se endireitou, deu a volta na estrutura e deslizou pela encosta, entrando pelo lago gelado.

– Por Deus, Raven, fique aí! A superfície pode ceder a qualquer momento.

Ela se deteve, indecisa. O gelo talvez não suportasse seu peso combinado, e, se ela seguisse em frente, poderia fazer os dois caírem nas profundezas geladas. Mas se não fizesse nada, Kell tinha poucas chances de sobreviver.

Com o canto dos olhos, notou um movimento à distância e concluiu que eram os empregados da casa. Mas eles não chegariam a tempo para ajudar. Ela mesma tinha que tentar salvar Kell.

Ajoelhou-se na superfície, como Kell tinha feito, e arrastou-se para a frente, rezando a cada tentativa que não chegasse tarde demais, soluçando e amaldiçoando suas amarras o tempo todo.

– Demônios, Raven, você pode morrer!

Mas ela não podia abandonar Kell, embora isso pudesse significar afogar-se com ele. Ela o amava mais do que a própria vida.

Em meio às lágrimas, pôde ver que as pernas de Kell estavam bem próximas dela. Podia ver suas botas a um metro de distância.

– Kell... Me ajude...

Ele praguejou, mas estendeu uma perna para trás o quanto pôde. Raven tinha os dedos tão frios e insensíveis que mal conseguia agarrar a ponta de sua bota, mas de algum modo conseguiu prendê-la.

Sem respirar, ela puxou a perna, tentando se escorar contra a superfície escorregadia. Era quase impossível: Kell apenas se moveu alguns centímetros.

– Tente de novo! – disse ele.

Sufocando um soluço, ela puxou uma vez mais, com todas as forças. Desta vez o resultado foi melhor, e ele se moveu bem mais.

Murmurando uma oração desesperada, ela reuniu todas as suas forças nessa tarefa. Seus avanços pareciam imensamente lentos, mas centímetro a centímetro, com os braços doloridos, e os pulmões a ponto de estourar, conseguiu afastar Kell da traiçoeira borda e trazê-lo para uma superfície mais sólida.

Uma eternidade depois, sentiu que outras mãos os agarravam e os levavam para a segurança. Enquanto o esgotamento minava o resto de sua vontade, Raven compreendeu que eram os empregados.

Kell não tinha mais forças do que ela. Quando chegaram à borda do lago, ele desabou sobre os joelhos, incapaz de seguir adiante.

Com um esforço sobre-humano, Raven se liberou das mãos que a sustentavam e avançou cambaleando para se colocar a seu lado. Ajoelhando-se diante dele, agarrou seu pescoço com toda a força que suas mãos amarradas permitiam, enquanto as lágrimas deslizavam pelo seu rosto e se transformavam em gelo.

Ele a abraçou, e a apertou sem dizer nada, com o rosto afundando em seus cabelos e os ombros tremendo.

Raven compreendeu que ele também estava chorando. Chorando pelo irmão que não tinha conseguido salvar.



Raven parou diante da porta da biblioteca, tentando reunir sua coragem para entrar. Não tinha visto Kell durante as duas últimas horas, e sua inquietação aumentava a cada momento que ele a evitava.

Seu marido estava agora diante das portas de vidro, de costas para ela, contemplando a paisagem gelada. Tinha se trocado, e sua impecável jaqueta cor de chocolate e suas calças bufantes não permitiam adivinhar que ele tinha acabado de travar uma batalha com a morte.

Suas próprias circunstâncias físicas também tinham melhorado. Os empregados tinham encontrado roupas para ela que, apesar da simplicidade, eram quentes e estavam secas. E suas feridas nos pulsos tinham sido tratadas e revestidas com bandagens. Embora nenhum curativo pudesse aliviar a dor em seu coração.

Raven sentia-se esgotada, dolorida, cheia de pesar. Não por Sean, mas por Kell. Era difícil lamentar a morte de Sean depois de seus atos hediondos, mas sofria por Kell.

Ele parecia tão distante, tão inacessível, tão dolorosamente sozinho...

Enquanto o olhava, Raven sentiu que seus olhos se encheram de lágrimas. Tinha estado tão cega durante todo esse tempo. *Amava* Kell.

Compreender essa verdade a havia surpreendido. Ficou abalada ao pensar que ele podia ter morrido sem saber quão profundamente ela o desejava. Mas agora não tinha como contar a ele. Kell não iria querer ouvir Raven falar sobre seus sentimentos quando se sentia tão desolado pela morte do irmão.

Talvez nunca fosse capaz de dizer isso a ele e descobrir se Kell poderia amá-la também... Talvez a morte de Sean fosse obscurecer para sempre a vida deles dois. Aquele irmão vingativo talvez tivesse destruído qualquer esperança de amor entre eles.

Como se pressentisse sua presença, Kell olhou por sobre o ombro, avaliando o rosto machucado dela, a pele ferida de seu pescoço e os punhos enfaixados. Uma sombra atravessou seus olhos.

– Você está bem? – perguntou ele.

– Sim – mentiu ela, desejando tranquilizá-lo.

– Lamento ter permitido que Sean machucasse você – disse ele, a voz baixa e áspera.

Eu lamento mais que ele tenha machucado você, pensou Raven.

– Esses machucados se curam, Kell. E você não poderia adivinhar o que ele faria.

O marido apertou a mandíbula com expressão de pura dor.

– Prometi proteger você. Prometi proteger Sean.

Raven percebeu o desespero que Kell sentia, viu-o na frieza de seus olhos antes que ele se voltasse para a janela.

Raven deu um passo na direção dele. Queria desesperadamente abraçá-lo, consolá-lo, mas não estava segura de por onde começar.

– Você fez todo o possível, Kell – disse ela por fim. – Sean não queria ser salvo, ele queria... queria pôr fim à sua tortura.

Kell não respondeu, mas seu silêncio estava repleto de angústia.

Ela umedeceu os lábios ressecados.

– Você não pode se culpar. Não se esperaria que sacrificasse sua vida pela de seu irmão.

– Não? – perguntou ele calmamente, e inclinou a cabeça.

Com as lágrimas ardendo nos olhos, Raven olhou para suas mãos entrelaçadas. Seu coração estava partido por ele. A dor que ele sentia, sua absoluta solidão, causava-lhe uma agonia intensa. O sofrimento daquele homem era uma ferida aberta, sangrando, que ela não sabia como curar.

De repente, sentiu uma onda de raiva por William Lasseter. Ele tinha assolado a vida de Kell de maneira quase tão selvagem quanto tinha destruído a de Sean.

Com firmeza, Raven engoliu a angústia que sufocava sua garganta e tentou de novo.

– Kell, não havia mais nada que pudesse fazer.

– Eu podia ter feito muito mais para ajudá-lo. *Deveria* ter feito mais.

– Mas ele não teria permitido isso! Sean desejava morrer, Kell. E não lhe deu nenhuma escolha.

– Ele me deu uma escolha. – A voz de Kell era apenas um leve sussurro. – E eu escolhi você.

Um fio de amargura em sua voz a golpeou como se fosse um disparo. Ele a estaria culpando pela morte de Sean? Certamente, não poderia negar essa acusação. O seu casamento que tinha conduzido à morte de Sean, pelo menos indiretamente. Se não tivesse se colocado entre os dois irmãos, Sean ainda estaria vivo. Se, antes de tudo, Kell não tivesse se casado com ela...

– Você me odeia? – perguntou do fundo de sua garganta.

– Não. A você, não – a resposta dele foi tão firme que Raven se perguntou se poderia acreditar nela. – Eu odeio a mim mesmo – acrescentou. – Não consigo me perdoar.

– Kell...

Ele levantou a mão, como se não pudesse suportar ouvir mais nenhuma palavra.

Kell estava torturando a si mesmo com a culpa, ela compreendeu. Não aceitaria consolo. Ela não podia curar sua ferida. Tampouco poderia se defender se ele a considerasse culpada pelo trágico fim de seu irmão.

Pelo menos Kell não seria acusado de assassinato. Havia testemunhas da morte de Sean, pelo menos meia dúzia de empregados podiam testemunhar sobre a luta que tinha ocorrido entre os dois irmãos. Ainda que certamente fosse haver uma investigação pelo assassinato de Michael O'Malley e, com toda chance, Sean seria declarado o assassino do mordomo.

Talvez até fosse possível que, finalmente, a verdade sobre a morte do tio fosse revelada. Mas ela duvidava que Kell oferecesse a informação. Ele não revelaria ao mundo os crimes de Sean. Continuaria permitindo que todos o considerassem um assassino.

Mas agora não era momento de discutir com possibilidades tão remotas.

As palavras que Kell pronunciou em seguida a encheram de temor.

– Quero que vá para casa, Raven. Minha carruagem a levará para Londres.

Ela levou a mão ao estômago, pressionando-o, tratando de sufocar a inquieta irritação que sentia em seu interior.

– Você não virá comigo?

– Não, não posso.

– E o que vai fazer, então?

– Preciso encontrar o corpo de Sean... Tomar providências para seu enterro. Talvez

eu o leve para a Irlanda. Talvez sua alma possa encontrar paz naquele lugar.

E você, algum dia encontrará a paz?, desejou perguntar Raven.

– E depois disso...?

– Não sei.

Raven tentou dizer a si mesma que talvez seu temor fosse infundado. Talvez Kell só precisasse de um pouco de tempo para chorar por seu irmão. Tempo para enfrentar seus próprios demônios, sua culpa e sua dor.

Ou talvez fosse algo mais agourento. Ele poderia estar mandando-a embora porque não desejava ter nada mais a ver com ela. Apesar de seu comportamento frequentemente rude, Kell era um homem galante. Ele não diria na cara dela que não podia mais suportar vê-la.

Então Kell se virou e avançou para ela. Raven conteve a respiração, mas ele não se deteve. Sem dizer nada, sem nem sequer lhe dirigir um olhar, passou a seu lado e saiu da sala.

Raven inclinou a cabeça, esforçando-se para não chorar. Talvez Sean tivesse vencido, depois de tudo, mesmo depois de sua morte.

Ela sentiu um violento calafrio. Achou que nunca mais fosse sentir calor.

Ela voltou sozinha a Londres, como Kell desejava. A viagem foi quase tão infeliz quanto a última, quando esteve à mercê de um louco, mas desta vez seu sofrimento não era físico. A dor e o medo que tinha vivido durante as horas esgotantes de seu rapto não podiam se comparar com a tortura que sentia em seu coração, porque Raven não podia evitar a certeza de que tinha perdido Kell para sempre.

Quando chegou a Londres, soube que teria que enfrentar mais que um justificado escândalo: o assassinato de seu mordomo, seu próprio rapto, a morte de seu cunhado, o aparente abandono de seu marido... Nada daquilo podia ser silenciosamente escondido sob o tapete.

Por outro lado, Raven tinha poucos aliados para consolá-la, porque seus amigos mais íntimos ainda estavam ausentes. Brynn tinha se retirado à casa da família Wycliff com Lucian para passar os últimos meses antes do parto, embora o trabalho de Lucian no Ministério de Relações Exteriores exigisse sua presença frequente em Londres. Dare, conforme se dizia, estava seguindo seus libertinos instintos pelo norte do país.

Só Catherine, a tia de Raven, permanecia na cidade, e aquela indignada senhora lavava totalmente as mãos para a sobrinha com uma atitude que, três meses antes, a faria tremer de raiva. Agora, o abandono de sua tia não a preocupava.

Emma a visitou várias vezes para oferecer simpatia e apoio, mas a mulher estava enormemente ocupada, devido à nova notoriedade da casa de jogo. O Golden Fleece era agora a última moda entre a alta sociedade, tendo rapidamente recuperado sua fama; todos os que tinham pretensões de ser conhecidos desejavam ser vistos ali.

Raven avaliou que era melhor evitar a casa de jogo, porque sua presença só contribuiria para alimentar o escândalo. Além disso, o clube só lhe traria muitas lembranças dolorosas de Kell.

Tinha ficado consternada ao compreender que o amava, que estava negando cegamente seus sentimentos durante todo aquele tempo. Raven havia tentado mantê-lo à distância, tentando proteger-se com indiferença para não se tornar vulnerável à terrível dor que o amor podia oferecer. Mas fracassara miseravelmente. E agora, quando por fim tinha compreendido seu próprio coração, talvez fosse tarde demais.

Raven desejava desesperadamente acreditar que Kell a tinha afastado porque

precisava estar sozinho. Porém, quando a alma atormentada de seu irmão tivesse encontrado repouso, a sua poderia começar a se curar. Mas ao ver que não chegavam notícias dele, começou a compreender que estava se enganando de modo deliberado, que talvez ele não conseguisse perdoá-la jamais pela morte de seu irmão.

Pelo menos teve outra preocupação para distrair-se dois dias depois de sua volta, porque seu avô chegou para lhe dar mostras de apoio. A viagem foi um grande esforço para a saúde do lorde Luttrell, assim como sua ansiedade por ela. Embora Raven tivesse mentido assegurando que estava bem, ele continuou preocupado, expressando sua aflição pelo fato de a neta vagar como uma alma penada pela casa o dia todo, compreendendo, entretanto, por que não se atrevia a mostrar o rosto em público.

Mas ela também não conseguia cavalgar, como fazia sempre pelas manhãs. O'Malley fora seu acompanhante e protetor nos passeios matinais e sua única excursão ao parque com um criado diferente fez o pesar ficar muito mais agudo. Ela garantiu que seus cavalos fossem adequadamente exercitados, mas, além de visitar com regularidade a tumba de O'Malley, que tinha sido enterrado em um funeral tranquilo, permanecia em casa o tempo todo.

Quinze dias depois, lorde Luttrell ainda continuava preocupado com ela. Ele tentou convencê-la a acompanhá-lo a East Sussex, mas ela desejava ficar em Londres se por acaso Kell retornasse inesperadamente.

Quando por fim seu avô partiu, voltou a ficar sozinha. Os dias avançavam lentamente, e ela continuava sem notícias de Kell. A casa estava muito vazia sem ele. Ela se sentia muito vazia.

Nem mesmo seu amante imaginário podia consolá-la, porque já não ansiava pelo seu pirata. Só desejava Kell.

A cidade começou a sair do cruel inverno, mas o frio de sua alma não passava. Começou a escrever uma dúzia de cartas para ele, e logo as destruía. O que poderia dizer realmente?

Kell não iria querer ouvir falar de seu amor. Só tinha casado com ela para aliviar sua consciência e para salvar seu irmão da vingança da família de Raven. E agora Sean estava morto. Sua dor sem dúvida obscurecia qualquer sentimento de amor que pudesse sentir por ela.

Mesmo que Kell um dia finalmente aceitasse sua perda e fizesse as pazes com sua dor, mesmo que não a odiasse nem a culpasse por seu papel na tragédia, a morte de Sean poderia ser demais para que ele a superasse, porque sempre associaria sua perda a ela. Raven sempre seria uma lembrança de sua culpa.

E Raven queria que Kell escrevesse, que lhe desse alguma vaga ideia do que estava pensando. Precisava desesperadamente pôr fim ao temor e à insegurança que a corroíam. Ela nem sequer sabia se ele estava bem, nem se tinha ido à Irlanda, como tinha se proposto. Kell a deixara completamente de fora de sua vida.

A primavera finalmente deu sinais de que estava chegando quando Raven encontrou ânimo para perguntar a Emma o que sabia a respeito dos planos de Kell.

Raven convidou a linda anfitriã do clube a visitá-la e se esforçou para esperar até que o chá fosse servido antes de fazer a pergunta que a vinha assombrando.

– Você tem alguma notícia de Kell?

Emma baixou o olhar, parecendo um tanto embaraçada com a pergunta.

– Para ser sincera, tenho.

Raven sentiu um vazio doloroso no peito.

– Ele está na Irlanda?

Por um momento, Emma lhe dirigiu um olhar surpreso.

– Sim, em sua fazenda de cavalos. Achei que soubesse...

– Não, ele não entrou em contato comigo – Raven sentiu um tremor e desviou o olhar. – Sabe quando ele pretende retornar a Londres?

– Raven, eu... não estou certa de que ele pretende retornar. Kell falou com seus advogados para me vender o clube... A mim, ou a Halford.

Raven a encarou, tentando absorver aquela notícia inquietante. Kell não pretendia voltar para Londres?

– O duque de Halford? – disse ela finalmente.

Emma curvou a boca em um tênue sorriso.

– Parece inverossímil, mas Halford é na realidade um homem muito amável – disse, repetindo as palavras que Raven tinha usado certa vez para descrever o duque. – Ele vai comprar o clube para mim.

Raven mordeu o lábio para evitar o tremor.

– Sinto muito, Raven. Imagino que Kell deseje se livrar do Golden Fleece por causa das dolorosas lembranças que trazem a ele.

– Não, não, não se lamente, Emma – murmurou Raven. – Você não deve se censurar de jeito nenhum se Kell...

Apertou os olhos com os dedos.

– Você está bem?

Ela se sacudiu e ergueu o queixo.

– Sim, estou muito bem. Por que não me conta de seus planos para o clube? Disse que Halford está financiando sua compra? Isso deve significar que você e ele estão se dando bem, o que é uma maravilha.

O sorriso de Emma desta vez foi tímido, mas ela estava claramente gostando de sua relação com o duque e de suas boas perspectivas no mundo do jogo. Raven ficou feliz por ela, entretanto mal conseguia manter sua atenção na conversa, pois seu coração se achava numa tremenda confusão.

Quando por fim Emma se despediu, Raven se sentou, olhando para o chão sem enxergar. Kell não pretendia voltar.

Mas por acaso tinha pensado em dizer isso a ela? Se ele se importasse com ela de verdade, certamente teria revelado algo tão crucial como suas intenções de abandonar a vida de Londres, e não deixar que ela descobrisse isso pelos outros. De que outra prova precisava de que ele não a desejava em seu futuro?

Raven cobriu a boca com a mão para conter um soluço. Afinal, ele de fato a culpava pelo que tinha acontecido ao irmão. Claramente, Kell não queria ter mais nada com ela. Não havia esperanças.

Alguns momentos depois, suas emoções se transformaram do desespero para a raiva com sua própria estupidez. Ela estava fazendo exatamente o que se prometeu nunca fazer: seguir os rastros de sua mãe. Apaixonou-se perdidamente por um homem cujo coração nunca poderia ter, e trouxe a si mesma mais dor do que acreditava ser possível suportar.

Raven ficou em pé, enxugando as lágrimas que escorriam pelo rosto.

Ela não seria como sua mãe! Não seria! Estragando sua vida e adoecendo por um homem. Tinha que evitar aquele destino terrível a todo custo. Tinha que fazer algo, qualquer coisa para escapar desse futuro horrível.

Sentindo-se um animal enjaulado, Raven começou a andar pela sala. Precisava agir.

Ela não poderia ficar ali por muito mais tempo, isso era evidente. Tudo fazia lembrar Kell. Se queria ter alguma chance de esquecer aquele homem, de aprender a viver sem ele, teria que romper todos os vínculos que os uniam. Teria que abandonar Londres.

Mas, em nome de Deus! Para onde ela poderia ir? Seu avô a acolheria, certamente, mas nem sequer na casa no campo seria capaz de escapar das lembranças de Kell... Nem de sua dor.

Talvez fosse melhor ir embora da Inglaterra. Sua vida ali estava arruinada, de todas as maneiras. Poderia ir para algum lugar e recomeçar sua vida. Algum lugar quente, algum lugar onde seu coração não fosse assolado por lembranças a cada minuto do dia.

Algum lugar sem Kell.

Lágrimas ardentes encheram seus olhos de novo. Talvez aquilo também fosse o melhor para Kell. Se o abandonasse, ela lhe daria motivos para acabar com um casamento que ele nunca tinha desejado. Ele era rico o bastante para dar início ao absurdamente caro processo de divórcio...

As lágrimas escorreram com mais intensidade. Então ela já não poderia mais reclamar seus direitos por usar o nome dele, nem seu título. E uma mulher divorciada era algo ainda mais escandaloso do que uma bastarda. Mas o que importava o que o mundo pudesse pensar dela se não podia ter Kell?

Raven afundou o rosto entre suas mãos e chorou.

Uma vez decidida de seu plano, Raven estava quase desesperada para colocá-lo em prática. Não via nenhuma razão para adiar a partida. E, quanto antes saísse da Inglaterra, mais cedo poderia começar a esquecer Kell e seguir adiante com sua vida.

Raven sabia que seu avô não iria gostar da decisão. Já tinha falhado com ele ao se envolver em outro escândalo. Simplesmente, teria que fazê-lo compreender que não podia suportar ficar ali por mais tempo.

Seu destino seria a ilha de Montserrat, onde foi criada. Ali se sentiria confortável porque ainda contava com numerosos amigos e conhecidos nas Antilhas Britânicas, e o clima seria mais quente. Podia comprar uma casa de frente para o mar e viver em paz.

O obstáculo mais concreto para seu plano era que a Inglaterra ainda estava comprometida em um feroz conflito com a América, o que tornava as viagens em alto-mar perigosas. Quando fez indagações entre as diversas empresas de navegação comercial sobre as datas de viagens, ficou desmotivada ao descobrir que não havia navios de passageiros programados para partir para as Antilhas ao menos durante várias semanas.

Por sorte, Lucian retornou a Londres. O conde possuía uma grande frota mercante e, quando compreendeu que ela estava totalmente decidida a voltar para o Caribe, insistiu em emprestar um de seus navios armados para a viagem.

Aconselhada por ele, Raven marcou sua partida para a semana seguinte e então começou a colocar seus assuntos em ordem, começando por escrever cartas de despedidas para amigos e parentes.

A resposta de seu avô chegou quase imediatamente:

Sua decisão me causa muito pesar, minha querida menina, mas não tentarei fazê-la mudar de ideia, porque sei das dificuldades que teria que enfrentar se permanecesse aqui como uma pária.

Sentirei falta de você mais do que posso expressar. Obrigado por trazer alegria à minha vida nesses meses que passaram. Para o que necessitar, tem minha bênção.

Ela remeteu a carta de Dare à sua casa de Londres, pedindo que a enviassem a ele aonde quer que estivesse.

Sua carta para Brynn foi entregue em mãos na casa de campo por Lucian, e ela respondeu de imediato, dizendo que retornaria a Londres para se despedir em pessoa.

Raven visitou sua tia, impulsionada pela cortesia habitual e o vago desejo de fazer as pazes com ela, se pudesse. Entretanto, em vez de ser recusada como esperava, ficou surpresa ao ser recebida pela velha dama.

– Vai ser o melhor – disse lady Dalrymple, concordando com a decisão de Raven de sair da Inglaterra. – Você não pode mais se mostrar em companhia de gente de estirpe, e isso só a deixaria mais infeliz.

Raven engoliu uma resposta de que sua infelicidade nada tinha a ver com ser repudiada pela elite à qual sempre tinha aspirado. Que compreendia agora o pouco que lhe importava sua aceitação. Em vez disso, mudou de assunto, expressando sua preocupação de como seu avô se sentiria com sua ausência.

Para sua grande surpresa, Halford a visitou depois de inteirar-se da notícia. Seu comportamento foi muito mais agradável que em conversas anteriores. Ele ainda não a tinha perdoado totalmente por tê-lo deixado plantado no altar, mas estava encontrando consolo com Emma.

– Nunca poderei me casar com ela devido a meu título, mas ela é um verdadeiro consolo para mim – disse Halford com inesperada alegria. Ele olhou para Raven com um sorriso nostálgico. – É estranho como os eventos se desenrolaram...

– Sim, realmente estranho – murmurou Raven, preferindo não refletir sobre lamentações ou sobre como as coisas poderiam ter sido.

Sua carta para Kell foi a mais difícil de escrever e ficou reservada para o final. Nela, Raven expressava seu pesar pela perda de seu irmão e lamentava sinceramente ter envolvido Kell em sua vida. E tratou de expor com clareza seu desejo de divórcio. Enviou a carta dois dias antes de sua data de partida. Sabia que, quando ele a recebesse na Irlanda, ela já teria zarpado.

Passou os dois últimos dias na Inglaterra fazendo as malas e resolvendo os últimos detalhes. Nan, sua criada, tinha decidido ir com ela ao Caribe, de modo que teria acompanhante durante a longa viagem. Sua maior preocupação eram seus cavalos, mas Halford se ofereceu para levá-los a seus excelentes estábulos, de modo que Raven ficou tranquila com relação a eles.

Dessa forma, ela procurou se manter ocupada para não sentir a dor que palpitava em seu peito como uma ferida aberta.

Ficou enternecida ao saber que os empregados de Lasseter pareciam genuinamente tristes com sua partida. E para sua surpresa, um grande número de amigos a visitou para se despedir.

Na terça-feira, jantou com Brynn e Lucian em sua residência de Londres, e voltou para casa silenciosa. Já não tinha nada mais que fazer. Os Wycliff se propuseram a ir se despedir dela no dia seguinte. Os baús com suas coisas já tinham sido enviados às docas, e ela embarcaria depois do meio-dia e zarparia com a maré da tarde.

Gostaria de ter se despedido de Dare, mas evidentemente ele ainda estava fora da cidade, porque não tinha recebido nenhuma notícia dele.

Naquela noite, Raven foi se deitar com o coração dolorido. Quando se preparou para dormir, porém, forçou-se para fechar os olhos e ignorar seus atormentadores pensamentos sobre Kell.

No dia seguinte ela daria as costas à Inglaterra, onde tinha conhecido tanta felicidade e tanta desolação. Deixaria o passado para trás e embarcaria em sua nova vida. E

faria todo esforço possível para esquecer Kell Lasseter... se conseguisse.

Ele foi até ela naquela noite, seu amante imaginário. Nu, estendeu-se a seu lado na cama, passando sua mão lentamente por seu corpo, acariciando-a, tomando seus seios.

Quando ela se oscilou diante de seu toque, ele se levantou sobre ela, contemplando-a com ardente intensidade. Seus olhos pretos estavam cheios de perguntas e, logo depois, de dor ao compreender a verdade. Não era mais tão bem-vindo.

Ela se virou sem dizer uma palavra.

– Então isso é o adeus? – sussurrou ele, com voz tênue. – Você está me mandando embora?

– Sinto muito.

Sua mão puxou o rosto de Raven e o virou para ele. Com a ponta dos dedos, acariciou seus lábios com uma ternura dilaceradora.

– Você não está triste por mim. Você não precisa mais de mim. Você precisa dele. Você o ama.

– Sim, que os céus me ajudem, eu o amo.

– Mas você não pode tê-lo. Nem o amor dele.

– Não.

Ela baixou a cabeça, tentando afundar o rosto contra seu peito, mas teve um sobressalto ao encontrar só o ar. Ele tinha desaparecido.

Raven fechou os olhos com força. O anseio que sentia em seu peito era como uma faca, afiada, cortante, insuportável. Só podia esperar que algum dia, com o tempo, a dor se transformasse em uma lembrança distante e se tornasse tão ilusória como seu amante imaginário.



– *T* em certeza de que isto é o que realmente deseja? perguntou Brynn enquanto se despedia de Raven na plataforma de embarque.

Por causa do estado avançado de sua gravidez, Lucian não tinha permitido que sua esposa subisse ao navio, então as duas mulheres estavam se despedindo na intimidade da carruagem dos Wycliff.

Não, não tenho certeza, era o que Raven queria responder. Quanto mais sua partida se aproximava, mais seu estômago se revirava com as dúvidas. Estaria cometendo um grande engano partindo da Inglaterra?

– Não acha que deveria aguardar um pouco? – acrescentou Brynn. – Kell não teria gostado de saber dos seus planos?

Raven negou com a cabeça. Seus planos importavam pouco para ele. Não havia nenhuma razão para demorar-se mais. Não podia imaginar que Kell fosse um dia perdoá-la, que pudesse chegar a amá-la tal como ela o amava. Tampouco podia suportar ver a dor e a acusação em seus olhos. Ele a culpava da morte de seu irmão, e aquela era uma barreira muito grande para ser superada pelo amor. Com sua partida, seria muito mais fácil para Kell anular o casamento.

– Deste modo, será menos doloroso para nós dois – disse ela, por fim.

Brynn a envolveu com seus braços, trazendo-a para si.

– Ficarei com muitas saudades de você.

– Também sentirei muitas saudades suas – respondeu Raven, notando que começavam a brotar lágrimas dos olhos.

Decidida, ela se afastou e pegou sua bolsa.

– Você vai prometer que me escreverá com frequência, e que me informará imediatamente assim que o bebê nascer, para eu saber se é menino ou menina.

Com um sorriso sereno, Brynn apertou a mão sobre seu volumoso abdômen.

– É menino, não tenho dúvida.

Raven se esforçou para engolir uma pontada de inveja pela felicidade de sua amiga e desembarcou da carruagem para juntar-se a Lucian.

– Pronta? – perguntou ele, oferecendo seu braço.

– Sim – mentiu ela.

Ele a acompanhou até o alto veleiro de três mastros e a ajudou a subir a bordo. Ela já tinha inspecionado o navio mais cedo, guiada pelo capitão, e Nan estava a bordo, desfazendo sua bagagem nos dois diminutos camarins que constituiriam seu mundo durante seis semanas de viagem ou mais pelo oceano.

Lucian a entregou ao capitão, recomendando-lhe que cuidasse bem de sua preciosa carga, e logo deu a Raven um abraço fraterno.

Ela se agarrou ao amigo durante um longo momento, surpreendendo um inquisitivo olhar de seus olhos azuis quando se afastou. Por sorte, ele não fez nenhuma das inquietantes perguntas que tinha feito sua mulher, mas simplesmente a beijou no rosto.

– Cuide-se, minha querida. E mande minhas melhores lembranças a Nick. Provavelmente você o verá muito antes que eu.

Raven esboçou um sorriso ao pensar nisso. Seu meio-irmão normalmente vivia na Virgínia, mas as tropas britânicas tinham chegado ameaçadoramente nas cercanias, de modo que Nicholas tinha se mudado com a família para uma das ilhas americanas do Caribe. Estava muito ansiosa para vê-lo, a ele e a sua esposa Aurora. Aqueles eram os poucos raios de luz em seu mundo cheio de sombras.

– Pode deixar, farei isso – prometeu.

Foi para o corrimão e observou Lucian desembarcar e entrar na carruagem que o esperava. Seus olhos se encharcaram de lágrimas quando devolveu o aceno de despedida a Brynn, enquanto a penetrante dor do vazio a preencheu quando viu seus amigos se afastarem. Sentiria falta deles desesperadamente! Entretanto, havia pouco mais na Inglaterra que lamentasse deixar, e certamente o frio não era uma das coisas.

Tremendo com o vento frio de março, Raven ajustou mais estreitamente a sua capa e ficou observando as docas, recordando sua chegada na primavera anterior. Ela havia chegado à Inglaterra decidida a estabelecer seu futuro exatamente de acordo com suas determinações. Mas nada tinha saído como planejado. Apaixonou-se tolamente contra sua vontade por um homem que não podia amá-la.

Mas, ainda assim, mudaria seu destino se pudesse? Preferia nunca ter conhecido Kell? Jamais ter sentido seu toque? Apesar da dor, ela não podia desejar nunca tê-lo amado.

– Lady Frayne – disse o capitão perto dela, interrompendo seus pensamentos desolados. – A senhora poderia descer, por favor? Começaremos a viagem daqui meia hora.

Raven assentiu e o atendeu, não desejando ver-se pisoteada pela tripulação, que estava ocupada desdobrando as velas e soltando os cabos.

No porão, foi para seu pequeno camarote e se sentiu agradecida ao encontrá-lo aquecido por um braseiro. Tirou as luvas e a capa e as deixou de lado, e logo teve que se escorar contra o movimento e a oscilação do navio enquanto ele se preparava para zarpar.

Raven, enfrentando uma onda de desespero, agarrou o livro com a capa brocada que tinha pertencido à sua mãe e se sentou no beliche para ler. Seu olhar foi parar numa página muito desgastada pelas inúmeras vezes que sua mãe passara ali para ler...

O amor é êxtase e tortura. O amor me enche de alegria selvagem e temor doloroso...

Fechou bruscamente o livro, incapaz de suportar mais. Para ela o amor era mais tortura que êxtase.

Deitou-se no beliche, dobrando os joelhos contra o peito. Sentiu uma profunda dor dentro de si. Agora compreendia o amor. Compreendia muito melhor o que sua mãe havia enfrentado. E muito melhor do que realmente desejava.

Raven tinha chegado à Inglaterra para realizar o sonho de sua mãe, mas agora compreendia que não podia viver o sonho de outra pessoa. Não podia viver sua vida por ninguém além de si mesma. O sonho de sua mãe não era o seu.

Entretanto, alcançar seu próprio objetivo de conseguir um título de nobreza tampouco havia lhe proporcionado uma real satisfação. Tinha sido uma tola ao acreditar que um título seria tão importante assim para sua vida.

Raven tinha pensado que aquilo evitaria a dor e a vergonha de ser uma bastarda, que faria dela alguém bom o bastante para ser aceita pela sociedade que tinha sido negada à sua mãe. Em certos aspectos, toda sua vida tinha consistido em demonstrar que estava à altura dos outros. Mas já não se sentia mais envergonhada por ser quem era: uma filha do amor. Agora que sabia o que era o amor, só podia se considerar abençoada.

Mas também não conseguia mais negar outro anseio. Desejava um filho de Kell. Só

que agora já não havia mais essa possibilidade.

Raven fechou os olhos, sentindo que as lágrimas começavam a cair. Quando em alguns momentos desabou em soluços, afundou o rosto no travesseiro para abafar o som. Fazia muito tempo que não se permitia chorar. Odiava as demonstrações de debilidade. Sua própria mãe passou muitíssimas noites soluçando contra seu travesseiro...

De repente, veio a imagem de sua mãe chorando por seu amor perdido, e Raven deixou escapar um profundo suspiro. Oh, Deus! Teria se tornado exatamente como ela?

E então, reprimiu brutalmente aquelas lágrimas. Era diferente de sua mãe. Não era uma vítima indefesa, que deixaria que a vida impusesse suas condições em vez de enfrentar os desafios com coragem.

Ainda assim, o que ela estava fazendo fugindo desse jeito? Não estava se comportando como uma covarde?

Raven engoliu com dificuldade, tentando conter o fluxo de lágrimas. O'Malley teria se envergonhado dela por render-se sem lutar e, de repente, começou a sentir vergonha de si mesma. Não podia negar a selvagem angústia que a tinha dominado ao perder Kell, mas ela podia escolher como enfrentá-la.

Fugir não era a resposta.

Também não era muito tarde para mudar de ideia sobre partir. E se ficasse? Podia ir em busca de Kell. Pelo menos podia dizer a ele que o amava.

Seria covarde fugir desse jeito antes de saber com certeza o que ele sentia realmente por ela. Raven podia pedir que ele lhe dissesse de maneira inequívoca, cara a cara, que não podia perdôá-la, que nunca poderia amá-la, que a queria fora de sua vida.

E se ele dissesse todas essas coisas? O medo encolheu o estômago de Raven com essa possibilidade.

Bem, se fosse assim, então ela teria de fazê-lo mudar de ideia. Teria que lutar para ganhar seu amor. Mas primeiro teria que encontrar seu marido. Diria ao capitão que o navio não podia zarpar e...

Nesse momento, ela sentiu um peso acomodando-se a seu lado.

Raven ficou tensa, certa de que estava imaginando os fortes braços que a levantavam e a puxavam estreitamente para um peito masculino quente, os ferventes lábios que acariciavam sua têmpora...

– Raven...! Por Deus, querida...! Não chore!

Kell.

Com as lágrimas a dominando completamente, ela ficou olhando os ângulos esculpidos daquele rosto tão querido. Por todos os céus! Seria sua imaginação que estava brincando com ela? Era uma simples fantasia?

Sem nem se atrever a respirar, Raven tocou a cicatriz de seu rosto, sentindo a rugosidade na ponta dos dedos, a cálida textura de sua pele. Ele era real.

Uma imensa alegria se estendeu por todo o corpo, seguida instantaneamente por um profundo desespero ao recordar suas circunstâncias.

– O que está fazendo aqui?

Ele inclinou a boca, naquilo que tinha a aparência de um sorriso.

– No momento, abraçando você.

– Não, quero dizer... Por que você está aqui?

A intensidade de seus negros olhos não oscilou.

– Porque me chegaram notícias de que minha linda esposa tentava me abandonar, e eu acreditei desesperadamente que poderia detê-la.

Ela se sentou no estreito beliche, enxugando as lágrimas distraidamente.

Kell se recostou contra o biombo, observando-a.

– Eu estava na Irlanda, fazendo planos para retornar a Londres, quando Dare foi me buscar.

– Dare foi à Irlanda para buscar você? – perguntou ela, de olhos arregalados.

– Sim... E parece que bem a tempo. Cavalguei como um louco para chegar aqui antes que seu navio zarpasse.

Pela primeira vez, reparou nas roupas salpicadas de barro de Kell, na barba crescida de seu rosto e em seus olhos turvos de quem não dormia há dias.

Uma sombra passou pelo rosto de Kell.

– Tive medo de que fosse tarde demais. Mas mesmo que fosse, se o navio já tivesse partido, eu a teria seguido.

Raven fechou os olhos com força, sem saber direito como interpretar sua declaração.

– Pensei que você me odiasse por ter perdido seu irmão.

– Oh, Deus, eu nunca poderia odiar você, Raven! Venha aqui.

Kell a puxou de novo para seus braços, apertando-a contra seu peito e apoiando o queixo no topo de sua cabeça.

– Eu precisava de um tempo para resolver algumas coisas em minha mente. Tinha que tentar aceitar a morte de Sean e sua consequência.

Raven inspirou profundamente, com medo de ter esperanças.

– E você... você conseguiu fazer isso?

Kell suspirou.

– Na medida do possível. Sei que Sean era uma alma atormentada, mas fiquei angustiado de não poder ajudá-lo. Agora vejo que eu estava me punindo por ter sido incapaz de salvá-lo.

Ela permaneceu em silêncio um momento, escutando as batidas constantes do coração de Kell. Será que se atreveria a acreditar que Kell tinha finalmente aceitado seu pesar e sua dor? Que tinha sido capaz de renunciar ao seu sentimento de culpa?

Raven podia sentir seu próprio coração batendo enquanto procurava as palavras adequadas.

– Emma disse que você tem uma enorme necessidade de resgatar as pessoas em perigo, mas não acredito que pudesse ter feito alguma coisa para salvar Sean.

– Sim, agora entendo isso. Se eu tivesse agido antes, quem sabe... Mas somente Sean foi responsável por suas ações destrutivas – Kell inclinou seu rosto para ela, olhando-a profundamente nos olhos. – Sinto muito por tudo o que ele lhe fez, Raven. Lamento a morte de O'Malley...

Raven sentiu uma dor agonizante com aquela lembrança. A dor pela morte de O'Malley sempre estaria com ela, mas sabia também que seu amigo não teria desejado que ela passasse sua vida lamentando-se por ele.

– Eu nunca o esquecerei – disse Raven suavemente, levando a mão ao peito. – Sempre guardarei sua lembrança aqui, no coração.

Kell cobriu a mão dela com a sua com uma expressão séria que Raven nunca tinha visto nele.

– E acha que poderia encontrar um lugar em seu coração também para mim, Raven? Por favor, me diga que não cheguei tarde demais.

Um estremecimento de esperança percorreu seu corpo. Esperança, desejo e alegria.

– Não – Com a garganta oprimida de alívio, ela conseguiu proferir um rouco suspiro. – Não chegou tarde.

Os longos cílios de Kell cobriram seus olhos negros.

– E, ainda assim, você pretendia me deixar. Pretendia colocar um oceano entre nós...

Ela se negou a desviar o olhar.

– Porque eu não podia suportar ficar, acreditando que você me odiava. Pensei que, indo embora, seria mais fácil para você conseguir o divórcio.

– Mas é isso que você quer? O divórcio?

– Não. – respondeu ela enfaticamente. – Não quero! Só que pensei que você seria mais feliz sem me possuir como esposa.

Ele apertou seus dedos sobre os dela.

– Eu preferiria arrancar meu coração do peito a perder você, Raven. Não acredito que pudesse viver sem você quando a amo tanto.

Raven ficou sem fôlego.

– O que disse?

– Eu disse que a amo tanto...

O olhar dela se prendeu ao olhar de Kell.

– Está falando sério?

– Estou. Amo você há muito tempo. – E ele fechou as mãos em concha sobre o rosto dela. – Você me fez amá-la, minha megera. Virou meu coração de cabeça para baixo e trouxe luz à minha vida. Como poderia não amar você?

Uma sensação de felicidade irrompeu pelo corpo dela, mas Raven continuou sem palavras.

– Eu deveria ter lhe dito isso antes – murmurou Kell, acariciando o rosto dela com seus dedos. – Eu não me atrevia a admitir meus sentimentos com medo de amedrontá-la. Você havia dito numerosas vezes que nunca se permitiria amar a alguém, e eu não via como superar sua resistência. Você tinha se casado comigo apenas para escapar do escândalo. E permiti que Sean voltasse a lhe ferir mais uma vez. Você perdeu O'Malley por causa dele. Então, não pude acreditar que pudesse me perdoar por isso, nem que merecesse seu perdão.

– Não há nada que perdoar, Kell. Você não podia ser o guardião de seu irmão.

– Agora eu sei disso. Sean causou muita dor – disse ele. – Mas de certo modo estou agradecido a ele. Sean trouxe você para mim. Se não fosse por ele, nunca teríamos nos conhecido, e muito menos nos casado... – Kell hesitou, mantendo o olhar fixo em Raven, sua voz baixando de tom, como se fosse agora uma fervorosa oração. – Quando soube que você estava indo embora, tive que assumir o risco. Desejo que o nosso casamento seja real, Raven. Desejo que seja minha esposa de verdade. Desejo ser seu marido, seu amante, o pai de seus filhos. Por favor, me diga que me dará outra oportunidade.

O desejo de seus olhos surgia do fundo de sua alma e a fez querer tranquilizá-lo.

– Sim, Kell. Oh, sim!

O rosto dele relaxou como se tivesse sido indultado da pena de morte.

– Eu só desejo... só espero que algum dia você também possa me amar. Sei quanto teme isso, mas...

Raven tocou os sensuais lábios com o dedo, silenciando-o.

– Eu já amo você, Kell. Com todo o meu coração.

O fogo se acendeu em seus olhos, e Kell emitiu um som rouco ao inclinar a cabeça

para beijá-la. Quando sua boca cobriu a dela em um murmúrio de desejo, necessidade e esperança, mas sem palavras, Raven se agarrou a ele, devolvendo o beijo com o mesmo ardor.

Ambos respiravam rapidamente quando ele por fim separou-se dela. Mas não a soltou. Em vez disso, puxou-a com mais força para perto.

– Deus, como senti sua falta! – sussurrou Kell entre seus cabelos.

Raven suspirou, pressionando o rosto contra seu ombro.

– Eu não esperava voltar a te encontrar nunca mais. Pensei que nunca mais fosse revê-lo. Emma disse que você pretendia vender o clube para ela.

– Não, eu estava planejando voltar a Londres mesmo antes de Dare chegar. Eu esperava convencê-la a partir comigo.

– Partir para onde? – o comentário dele a deixou perplexa. – Mas para onde você queria ir?

– Para qualquer lugar onde não tivesse lembranças de meu irmão. De fato, o Caribe me parece o lugar ideal. Você se importaria muito se eu a acompanhasse?

Ela sentiu seu coração se encher de alegria.

– Eu gostaria disso mais que tudo no mundo.

– E não se importaria de sair da Inglaterra?

– Não, não quero ficar aqui por mais tempo...

– Mas e o seu sonho? Pensei que reclamar seu lugar na sociedade fosse algo crucial para você.

– Já não é mais. Compreendi não faz muito tempo que isso não significa quase nada para mim. – Ela levantou seu rosto para ele. – Consegui entender muitas coisas nestes últimos meses, Kell. Acreditei que realizar o sonho de minha mãe me traria felicidade, que obter um título de nobreza fosse o que eu queria. Mas ter o seu amor é realmente o que mais me importa. Ficarei satisfeita sendo simplesmente a senhora Lasseter, se você me permitir.

O fogo ardia com mais força, mas ele arqueou uma sobrancelha.

– E o seu amante imaginário?

Com a ponta dos dedos, Raven acariciou a barba que fazia sombra em seu queixo. Ele se parecia demais com o perigoso rebelde que tinha sido, em outros tempos, o amante de seus sonhos.

– Faz muito tempo que não quero mais essa fantasia. Tudo o que eu quero é você.

Kell pressionou a palma da mão dela em seu rosto.

– Então, estamos de acordo? Recomeçaremos nosso casamento em Montserrat.

Deixaremos atrás o passado e começaremos de novo.

– Sim, estamos de acordo.

Ela ficou cega com o sorriso de Kell. Ele lhe deu um beijo lento, cheio de promessas e de esperança. Quando se afastou, tinha os olhos brilhando de desejo. Raven agitou a cabeça.

– Ainda acho que estou imaginando isto. Você tem certeza de que me ama?

– Mais certeza do que qualquer outra coisa em toda minha vida. – Curvou a boca em um sorriso terno. – Acho que amei você desde o momento em que me deu um tiro.

Raven fechou os olhos, ruborizando.

– Por favor, não me lembre disso.

Kell voltou a rir e estendeu seus braços em volta dela, deleitando-se com o intenso prazer de abraçá-la. Ele a amava mais que a vida. Mas teria que demonstrar. Fazê-la

acreditar. Pelo menos, teria bastante tempo para isso durante a longa viagem.

Ele beijou sua fronte suavemente.

– Sei que lhe dei poucas razões para acreditar em meu amor até agora, mas prometo que vou compensá-la.

– Então, pode dizer isso de novo?

– Eu amo você, minha querida megera. Tanto, que me dói o coração.

Ela sorriu contra seu ombro, estremecida pela enorme emoção que explodia em seu corpo.

– Eu sinto a mesma coisa.

– Então fale – e inclinou seu rosto para ela. – Preciso ouvir você me dizer.

– Eu amo você, Kell – declarou Raven com devoção e alegria enquanto enlaçava os braços atrás de sua nuca. – Amo você, amo você, amo você – murmurou, entregando-se a seu beijo apaixonado.

Epílogo



Montserrat, Caribe britânico, julho de 1814

Raven ficou sem fôlego quando Kell surgiu da espuma com seu magnífico corpo delineando-se contra as águas. Era tão lindo que quase doía vê-lo.

Ele a olhou fascinado, seus olhos perdidos em sua figura na praia, sob uma palmeira, e Raven sorriu com uma alegria secreta. Seu amante pirata tinha se transformado em Kell, de carne e osso, que tinha saído do mar para reclamar seu coração feminino, como nas suas fantasias.

Quando ela se encontrou com seus intensos olhos profundamente pretos, sentiu que seu amor por ele crescia até tornar-se algo doloroso. Ela o queria como queria a luz do sol e o ar que respirava.

Quão perigosamente perto ela havia chegado de perder o seu amor! Raven sentira tanto medo de se perder no amor como tinha acontecido com sua mãe, de se ver assombrada pelo poder entorpecedor da paixão. Mas tinha errado ao ter medo disso. O amor era parte vital da existência, a paixão era a alegria. E era, além disso, a principal lição do livro.

Valia muito a pena correr o risco da dor para encontrar o tipo de união que tinha descoberto com Kell. Sem se arriscar, nunca teria conhecido o êxtase do verdadeiro amor. Na realidade, a dor e o pesar de seu passado faziam seus atuais sentimentos por Kell serem ainda mais profundos e intensos.

E as coisas que uma dia pareceram tão importantes a ela, como a riqueza, as posses, os títulos de nobreza, a posição social, tudo isso contava pouco se estivesse sozinha, se não fosse amada.

Kell havia lhe mostrado isso. Ela havia tentado se tornar aquilo que a sociedade esperava, algo que não era, mas ele a havia libertado das falsas ideias e das restrições opressivas que haviam governado sua vida.

O amor dele tinha liberado seu coração solitário e aprisionado, e ela não poderia amá-lo mais do que a amava.

Raven observou com ansiedade como ele avançava entre a espuma do mar e atravessava a areia branca e fina até onde ela o esperava. Num instante, lá estava ele sobre ela, vibrante, magnético, intenso, seus cabelos muito negros contra a luz dourada do sol, seu olhar quente, sua carne máscula proclamando claramente seu desejo. Ela só tinha que contemplar seu corpo viril e excitado para ficar molhada, e seus mamilos, endurecidos nos seios túrgidos.

Kell compreendia perfeitamente o efeito que produzia nela. O desejo crepitava nas profundezas escuras de seus olhos enquanto se ajoelhava a seu lado sobre a toalha.

Eles iam ali com frequência, sua praia particular sob sua nova casa, para mergulhar na lagoa de água salgada, procurar navios afundados ou varrer a areia das praias atrás de tesouros piratas enterrados.

– Teve sorte? – perguntou Raven enquanto ele se esticava a seu lado.

– Tenho aqui toda a sorte de que preciso – murmurou com voz rouca. – Você é o tesouro em que quero me enterrar.

Seu corpo musculoso e molhado estava frio em contato com a pele aquecida de Raven, mas sua boca estava cálida e úmida quando se inclinou para beijar seu seio nu.

Um gemido de prazer surgiu das profundezas da garganta de Raven. Sua pele ficava sensível em qualquer lugar onde ele a tocasse, e ele a tocava em toda parte com carícias perigosas, selvagem e sensuais, enquanto explorava seu corpo.

Logo, a boca de Kell foi parar na parte feminina mais intumescida e pulsante dela. Sufocando um grito, arqueou-se contra ele e se agarrou a seus cabelos. Seus lábios estavam mais ardentes que o sol, o abrasador calor se espalhando em sua pele. E sua língua... sentia sua carícia, rodeando, enviando ondas de prazer por sua carne ansiosa.

Quando Raven tentou afastá-lo, ele agarrou suas mãos e as segurou ao lado do corpo. Ela soltou um gemido penetrante enquanto Kell afundava a língua profundamente nela, ao mesmo tempo que contorcia seus quadris.

Raven resistiu ao ataque primitivo até que não pôde mais suportar.

– Kell...! Oh, Deus...! Por favor!

Ele a olhou com olhos ardentes, com uma paixão incontida. Seu sorriso era cúmplice enquanto cobria o corpo dela com o seu. Kell separou totalmente as pernas dela e, devagar, a empalou com sua latejante carne masculina.

Ela estava tão excitada quando Kell tocou seu corpo que quase chegou ao clímax imediatamente. Com um soluço, Raven se arqueou para recebê-lo, precisando que ele a penetrasse. Com seu intenso olhar fixo no dela, Kell retirou seu membro escorregadio e voltou a mergulhar dentro dela, empurrando com força.

Raven quase gritou de prazer.

Já desesperada, envolveu o quadril dele com as pernas para aproximá-lo ainda mais, recebendo suas poderosas estocadas, rivalizando seu apetite com o de Kell, enquanto sua boca se fundia com força na dela.

Seu beijo foi selvagem e profundo, a intimidade a impulsionava com cada vez mais intensidade até o exaustivo apogeu.

Respirando entre soluços de desejo frenético, Raven se agarrou mais a ele, misturando as palpitações dos corações enquanto seus espíritos se elevavam. Kell não só a tomou, ele a reclamou, a possuiu, a envolveu. A essência dele era fogo, um fogo irresistível que a consumia.

Eles alcançaram o clímax de uma vez, juntos e fundidos em um incrível calor, um delicioso arrebatamento. Quando, por fim, os últimos tremores diminuíram, Kell desabou sobre Raven, ofegando com ela, seu feroz apetite momentaneamente satisfeito.

Pouco depois, uma cálida maresia soprou sobre os corpos aquecidos. Raven suspirou, satisfeita, enquanto Kell a acolhia entre os braços. Havia uma maravilhosa paixão animal em sua união, no entanto era o amor entre eles o que provocava aquela felicidade arrebatadora.

Com o coração doendo de tanto amor e ternura, Raven roçou a mão na cicatriz da face de Kell. Ela pertencia àquele homem. Precisava dele como precisava do batimento do próprio coração.

Longos momento depois, Raven se viu perdida em meio a seus pensamentos, voltando para os meses que haviam transcorrido desde a sua chegada.

A ilha de Montserrat tinha provado ser uma boa escolha para que eles se instalassem ali. Com uma população de maioria irlandesa, Kell foi bem recebido, em lugar de ser desprezado pelo que os ingleses consideravam uma raça inferior. E, embora os rumores dos escândalos os tivessem seguido, a alta burguesia local era mais tolerante que a elite da

sociedade inglesa. O título de nobreza ajudava, sem dúvida. O barão e a baronesa Frayne eram convidados a toda parte, e seus convites eram ansiosamente esperados.

Eles compraram uma grande casa com uma vista magnífica para o mar do Caribe e já começavam a se sentir em casa. Kell tinha enchido os estábulos, para que ela pudesse cavalgar o quanto quisesse.

Ele não tinha sido capaz de esquecer Sean nem o papel que tinha desempenhado na morte dele, mas estava aprendendo a se perdoar. Quanto a Michael O'Malley, Raven sentia muita falta de seu velho amigo. Mas eles tinham erguido um pequeno memorial para o irlandês nos jardins, e Raven levava flores ali com frequência.

Ela também sentia falta de outros amigos, mas estava animada com as cartas que tinha começado a receber de Brynn, de Emma e do avô. De Dare não tinha tido nenhuma notícia, talvez porque estivesse muito ocupado.

Raven ficou assombrada quando Kell contou como Dare usava seu tempo: perseguindo um traidor, um perigoso inglês conhecido como Caliban. Era difícil imaginar o libertino encantador e travesso, conhecido como o Príncipe do Prazer, envolvido com espionagem. Mas Dare tinha se empenhado na busca de Caliban a pedido de Lucian. Tinha interrompido sua tarefa para ir buscar Kell na Irlanda, e Raven estava agradecida que o amigo o tivesse ajudado a alcançar o navio a tempo de embarcarem juntos.

A viagem pelo oceano tinha sido mágica. Passaram as longas horas no mar não só fazendo amor e permitindo-se apaixonados prazeres, mas também aproveitando para se conhecer: seus segredos, suas esperanças, seus temores, suas mais profundas emoções. O amor parecia crescer dia após dia.

Raven não acreditava que sua taça de felicidade pudesse estar mais cheia.

Mas não estava tão segura quanto a Kell. Ele a amava profundamente, disse não tinha dúvida alguma, mas preocupava-a que o amor não bastasse para mantê-lo satisfeito com o passar dos anos. Já parecia estar ficando inquieto com a vida ociosa de um nobre.

Ele precisava de mais alguma coisa, ela sabia. Assim como a nova missão de Dare tinha lhe trazido um novo propósito.

– Kell, estive pensando... – disse ela finalmente.

– O quê? – o murmúrio sugeria que estava quase dormindo.

– O que diria se eu lhe sugerisse abrir um orfanato?

Kell abriu os olhos, de repente acordando.

– Um orfanato?

– Sim. Há muitas crianças no Caribe que perderam a família. É um crime que fiquem vagando pelas docas tentando sobreviver. Alguns inclusive são obrigados a trabalhar a bordo de navios mercantes.

Intrigado, ele separou-se do corpo nu de Raven e se apoiou em um cotovelo para olhá-la.

– Quer dizer, abrir uma casa aqui, em Montserrat?

– Poderia ser, embora talvez fosse melhor em uma das ilhas maiores, onde seria mais fácil contratar professores e os membros de uma equipe... Talvez Antígua.

Ele a contemplou durante alguns momentos, percebendo como seus olhos azuis estavam sérios.

– Ao que parece, você já passou muitas horas pensando nesse assunto.

– Bem, reconheço que estou preocupada com você. Fundar uma casa de refúgio para crianças vai lhe dar uma ocupação. Sem o clube de jogo para empregar seu tempo, você tem estado ocioso desde que viemos morar aqui.

Kell não pôde conter um sorriso.

– Está querendo se livrar de mim, minha megera?

– Não, claro que não. Apenas acho que você seria mais feliz com um desafio que lhe desse um propósito. Resgatar criaturas em perigo é o que você mais gosta de fazer. E, ao mesmo tempo, estaria fazendo um grande bem para muita gente.

Kell a olhou com um assombro silencioso, perguntando-se o que teria feito de tão bom na vida para merecê-la. Talvez de fato fosse o destino que a tivesse levado à sua cama, como resultado das destrutivas maquinacões de seu irmão.

Admirou sua vívida beleza. Uma ligeira brisa brincou com seus cabelos pretos, fazendo-os voar ao redor daquele lindo rosto.

– Eu o ajudaria, claro – acrescentou Raven ao ver que ele continuava silencioso. – Não sei muito a respeito de educar crianças, mas sei como tomar conta de uma casa. E seria uma excelente prática para quando tivermos nossos próprios filhos.

Aquele pensamento o confortou. Não apenas a perspectiva de ter filhos com Raven, e sim que ela tivesse mudado de ideia tão profundamente. Ela era inflexível sobre nenhum filho seu passar pela amarga experiência que ela tinha vivido nas mãos de seu padrasto. Kell se alegrou que ela o desejasse como pai de seus filhos, que confiasse nele tanto assim.

Era impressionante como o amava de verdade.

Com ternura, ele a bebeu com os olhos, repassando cada curva tentadora de seu corpo. Ele tinha prometido manter o coração dela a salvo e renovava sua promessa em silêncio enquanto se inclinava para beijar seu pescoço.

Mas Raven ainda tentava falar.

– Podemos começar primeiro com meninos e, em pouco tempo, se der certo, poderíamos acrescentar uma ala para meninas... Inclusive poderíamos dar o nome de Sean, se você quiser...

Ele emitiu um som de prazer enquanto saboreava o salgado gosto de sua pele cor de marfim.

– Escutou, Kell?

– Sim, escutei você avidamente, minha cara.

– Então, o que acha?

– Eu acho que você é incrivelmente perfeita.

– Kell, estou falando sério!

– Mas eu também estou, querida, também estou – ele segurou o rosto dela entre as mãos. – Já lhe disse ultimamente o quanto eu amo você?

– Não nas últimas horas...

– Bem, então permita que eu conserte meu lapso.

Sua boca encontrou o rosado mamilo de seu seio direito.

– Kell, eu acho que precisamos falar do futuro... Kell...

Ela deu um profundo suspiro enquanto ele passava a língua por seu seio.

– Haverá tempo de sobra para falar do nosso futuro – sussurrou ele com a voz rouca contra sua carne. – Mas agora eu quero fazer amor com a minha linda esposa, por isso agradeceria se parasse de falar...

– Eu, falar? – respondeu Raven com uma risada, que logo se tornou um suspiro de êxtase enquanto se rendia às exigentes carícias de seu marido.

Êxtase

Um romance ardente sobre uma paixão de tirar o fôlego. Desejos sedutores e um amor profundo...

“Seu beijo foi devastador, não só pela intensidade, mas também pelas consequências; seu contato era perigoso, selvagem e sensual, enquanto suas mãos percorriam o corpo dela sem descanso.”

“Ele sabia que não devia tocá-la, entretanto o impulso era irresistível. Ele a agarrou suavemente pelos ombros e a puxou para si...”

“O calor animal que irradiava de seu corpo, o almiscarado perfume masculino de sua pele, o delicioso sabor de sua boca. A deliciosa ternura de suas carícias... Quase tremendo de desejo, ela o buscou com uma necessidade cega e feroz.”

Depois de ver sua mãe definhando por causa de um amor perdido, Raven Kendrick jurou nunca entregar seu coração. Mas quando sua vida se transforma em um escândalo, ela é forçada a aceitar uma proposta de casamento do sensual proprietário da casa de jogos mais conhecida de Londres. Embora fortemente atraída por seu enigmático salvador, Raven luta para resistir ao marido, cujas carícias prometem um êxtase além de suas fantasias mais selvagens.

Para salvar a reputação da inocente jovem, Kell Lasseter se vê obrigado a sacrificar sua liberdade casando-se com a deslumbrante garota, uma vez que o irmão dele foi o causador da ruína de Raven. Desprezado por seu sangue irlandês e seu passado obscuro, Kell não pode negar que essa mulher geniosa e encantadora é diferente de todas as outras que já conheceu... Assim como não pode reprimir o desejo ardente que sente por ela.

Dividido entre a lealdade para com o irmão e seus sentimentos crescentes por sua noiva rebelde, Kell precisa libertar o coração relutante de Raven de alguma forma, para que eles possam conhecer o êxtase do verdadeiro amor.

Autora de vários romances de muito sucesso, Nicole Jordan tem grande habilidade na criação de fascinantes histórias marcadas pela sensualidade e pela paixão desenfreada.

Seus ousados livros aparecem com frequência nas listas de best-sellers dos jornais *The New York Times* e *USA Today*, assim como na lista da Amazon. Nicole Jordan foi

finalista do prêmio Rita Awards concedido pelo Romance Writers of America e ganhou o Dorothy Parker, concedido pela Reviewers International Organization, uma associação que reúne centenas de críticos de obras românticas.

Atualmente mora nas Montanhas Rochosas de Utah com seu herói particular – o marido – e seu cavalo de sonho, um puro-sangue irlandês. No Brasil, a Editora Planeta publicou os livros *Sedução* (2009), *Paixão* (2013) e *Desejo* (2013).